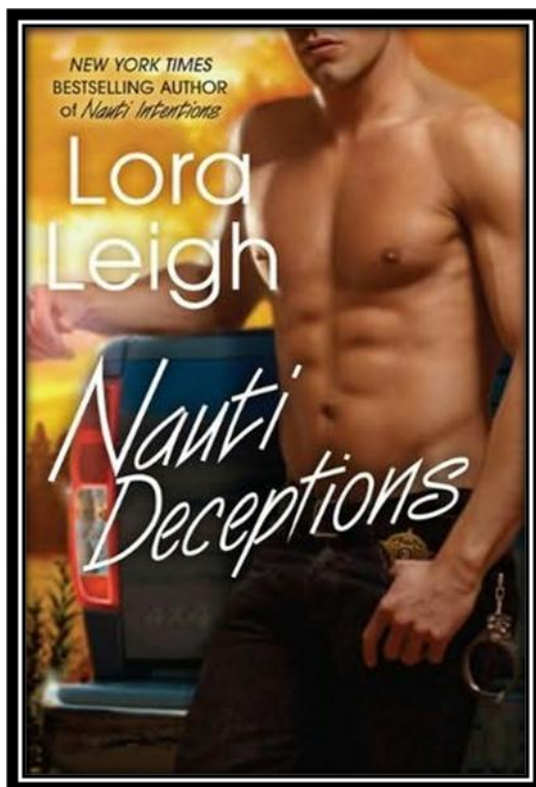




Enganos travessos

Lora Leigh

Nauti Boys 05

Caitlyn "Rogue" Walker deixou sua vida em Boston para tornar-se professora em uma cidadezinha de Kentucky. Mas seu sonho se fez em pedaços quando a incriminaram em um escândalo sexual. Negando-se a fugir da cidade, Caitlyn se despojou de sua identidade e se converteu em Rogue.

O xerife Zeke Mayes sabe que há mais que olhares cruzados, apesar desses olhares fazerem fumaça. Ele se preparou para uma longa batalha, conseguir que Rogue deixasse cair suas defesas e cedesse ao desejo. Mas logo Zeke se viu enredado em um jogo mortal que varria Rogue em sua esteira. E quando tudo parece ser uma questão de vida ou morte, não há razão para vacilar...







Comentários

Comentário da Revisora Sandra Maia: Achei o livro muito legal. A Rogue é tudo de bom. Não leva desaforo para casa, e o Zeke, apesar de ser o macho dominante acaba comendo na mão dela.

Comentário da Revisora Lucilene Vieira: Quando Rogue apareceu no livro Nauti 3, confesso que não fui com a cara da personagem e não via sentido em ela ter uma história só dela com o xerife tudibão! Mas amei a personagem, a história é muito boa. Tem as "cenas clássicas" de sexo da Lora, então boa pedida para quem curte livros hot.

Prólogo

Quatro anos atrás.

Bom, como sabia que o dia acabava de ir para a merda? Caitlyn Lena Rogue Walker observou como o diretor Thompson entrou na classe depois que seus alunos do primeiro ano acabaram esse dia. Em seus calcanhares estava a devota Nadine Grace e o valentão de seu irmão, Dayle Mackay.

Sabia o que ia acontecer. De algum modo tinham encontrado uma maneira de castigá-la por sair em defesa de um aluno no mês anterior. Tinha esperado que viessem em cima, e tinha tido o pressentimento que quando viessem, seria um terremoto em sua pequena existência.

Pelo menos não tinha que preocupar-se mais pelo que acontecesse.

Possivelmente deveria ter prestado atenção ao aviso de seu pai sobre vir aqui, à sua cidade natal para ensinar. Ele queria que permanecesse em Boston; queria que fosse advogada em vez de professora. Ou melhor ainda, a mulher de um advogado. Entretanto, ser advogada ou a esposa de um advogado não encaixava com Caitlyn Rogue. Nem o nome de Lena, e seus amigos e familiares tinham melhor critério que chamá-la Lena se queriam que respondesse. Ela queria ensinar, e queria ensinar na cidadezinha pitoresca de que seu pai tinha contado tantas histórias.

Talvez devesse ter feito caso das histórias que tinha contado de Dayle Mackay e Nadine Grace, assim como das advertências de assegurar-se em permanecer fora de seu radar. Mas permanecer fora de seu radar não tinha sido tão fácil como pensou.

E embora seu pai a tivesse advertido, eles a teriam convertido em seu alvo simplesmente porque era uma Walker. Nadine Grace e Dayle Mackay tinham tentado destruir seu pai quando era jovem, e parecia que estavam mais que decididos a destruí-la.



Tinha vivido em Somerset durante um ano escasso. O bastante para saber que adorava. O bastante para plantar umas quantas e rápidas raízes, sonhar e conhecer o xerife mais-que-sexy do condado.

A professora e o xerife. Que fantasia. Porque em uns meses, aprendeu que seu pai não tinha exagerado com Dayle e Nadine. Ao final do período escolar do ano anterior, tinha sido obrigada a entrar em seu radar para defender um dos alunos contra as acusações de Nadine. Que tinha copiado um exame, fiscalizado por Nadine, como membro da Junta de Educação. Caitlyn sabia que o menino não tinha copiado, como que nenhuma defesa a ajudaria agora.

Quando seu olhar se encontrou com o deles, pôde sentir que o estômago encolhia em advertência enquanto o coração começava a pulsar com um pesado e lento batimento.

Irmão e irmã se pareciam um com o outro de muitas maneiras. O mesmo cabelo negro, os mesmos traços quadrados. Nadine era de constituição menor, e seus olhos eram mais avelã que verdes. Dayle Mackay era mais alto, com um espesso cabelo negro e olhos verde bosque. Teria sido atrativo se a maldade que formava parte de sua alma não se refletisse em seus olhos.

Nem Dayle nem Nadine falaram quando entraram na sala com o diretor. Rogue permaneceu em seu assento, observando-os cautelosamente enquanto Nadine se adiantava e deixava cair um pequeno monte de fotos diante dela.

Uma olhada à primeira foi suficiente para saber exatamente como Dayle e Nadine pretendiam destruí-la.

Caitlyn baixou o olhar para elas, sentindo vergonha, humilhação, mas em sua maior parte frustração. Nunca tinha conhecido a frustração até que olhou as fotos que sabia que não podia refutar. Não porque não o tivesse feito, mas porque tinha sido incapaz de detê-lo.

Lentamente abriu as fotos em leque, e teve que conter um grito que apertava o peito, suas mãos tremeram. De algum modo devia saber que essa noite, que não podia recordar toda, tinha sido uma montagem. Tinha tido a sensação então, agora sabia, e a raiva e a dor se inflamavam em seu peito como uma ferida, perguntando se alguma vez sanaria.

Rogue engoliu a bÍlis que subia pela garganta e ordenou a si mesma não reagir, não mostrar dor, nem medo, nem ira. Tinha seu orgulho e que a amaldiçoassem se deixasse esses dois saber o muito que a tinham ferido. O muito que estavam roubando.

—Como pode ver, senhorita Walker, não há modo de que possamos permitir sua permanência no sistema educativo. — a informou o diretor Thompson em um tom enfeitado com arrepiante moralidade— Tais ações não podem acontecer.

Não, não podiam, Caitlyn seria a primeira a estar de acordo com ele. Se o houvesse feito voluntariamente.

As fotos a mostravam meio nua, a saia levantada muito acima das coxas, as pernas abertas pelo homem entre elas. Mais acima, a blusa estava desabotoada; uma mulher, com o comprido cabelo ocultando seu rosto, obviamente, acariciava os peitos nus de Caitlyn com os lábios.

Caitlyn piscou diante das fotos. Não havia sinais de luta nelas, entretanto sabia que o que tinha acontecido nessa noite, não tinha sido sexo. Quando despertou no desconhecido quarto de hotel, a primeira coisa que fez foi programar um encontro de emergência com seu médico. Mas à



junta escolar não importaria isso. Não mais do que importaria as análises de sangue que tinham demonstrado que fosse o que fosse que aconteceu, não tinha sido por vontade própria. Rogue tinha sido drogada e traída.

Ainda era virgem, mas seria marcada como uma puta.

Lutaria. Podia chamar seus pais. Nadine Grace e Dayle Mackay não tinham nem ideia de tão poderosos eram agora seus pais, tão eloquentemente podiam seduzir um jurado, tão enfurecidos estariam se alguma vez os deixasse saber o que tinha acontecido aqui. Brianna e Calvin Walker desceriam sobre este condado como espectros do inferno com toda a poderosa riqueza de Boston que tinham atrás deles.

Seus avós, os Evansworths, eram ícones em Boston. Os pais de sua mãe destruiriam Grace e Mackay sem pensar.

Mas seu pai a tinha advertido, e tinha prometido que já era adulta, e como seu irmão e irmã, faria seu próprio futuro e teria êxito. Tinha prometido que não havia nada nesta cidade que pudesse destruí-la.

la ensinar, casar e criar bebês nas montanhas. Aquele era seu sonho. E o sonho estava desmoronando aos seus pés. Sentiu o mundo movendo-se de seus eixos, sentiu a vergonha e a raiva formando-se em seu interior até que se perguntou se a cabeça explodiria.

Nadine inalou.

—Tem uma semana para partir e não colocaremos as fotos na internet.

Contemplou a cara amargurada da puta que tanto odiava seu aluno Shane Mayes simplesmente porque era filho do xerife, e o xerife se negava a dobrar-se diante dela ou de seu irmão. Se falasse que o xerife Zeke Mayes não se dobrava diante de nenhum homem ou mulher.

—Em realidade me importa uma merda onde as ponha. —Não serviria de nada, de toda forma Nadine o faria se desejasse. — Não vou abandonar Somerset.

—Minha querida senhorita Walker, seu emprego aqui... —começou o diretor.

—Obviamente acabou. —Caitlyn sorriu forçadamente enquanto recolhia as fotos e as metia em sua mala.

—Limparei minha mesa esta tarde, senhor Thompson.

—Abandonará a cidade —afirmou Dayle Mackay, com a voz como gelo.

O homem era uma víbora. Seu filho, o menino mau da cidade, tinha um coração de ouro. Mas o deste homem, era negro, malvado.

Estava em seus olhos, em seu rosto. Quase era suficiente para enviar um calafrio coluna abaixo. Mas não estremeceu, endireitou a coluna e a pura arrogância Walker e o orgulho obstinado a chutaram. Seu pai tinha advertido uma vez que o orgulho seria sua morte.

—Vá pro inferno, Mackay. —Mal podia falar. A ira a rasgava, dividindo-a.

—Sua reputação será menos que nada quando acabarmos com você, Caitlyn. —O sorriso forçado e de superioridade de Nadine se parecia com o de um lobo curvando o lábio. Antecipando. Preparado para golpear. — Não quer ficar aqui.

—Não, você não quer que fique porque está aterrorizada que se uma pessoa fizer frente a sua crueldade, então outros o farão —afirmou com calma — Vou fazer mais que enfrentá-la,



Nadine, advirto isso agora, não pode me machucar.

O sorriso do Nadine foi frio.

—Seu posto no sistema escolar foi rescindido, senhorita Walker, e seu prestígio neste condado será história. —O tom assegurou a Rogue que ela sentia que havia feito o dano que queria fazer.

Caitlyn obrigou a si mesma a rir. Seu pai a tinha ensinado como ser forte; sua mãe tinha ensinado como ser uma dama. Mas sua avó... sua avó tinha ensinado como ser uma esperta e fez que Caitlyn desfrutasse com cada lição.

Bess Evansworth era uma força da natureza e uma lei por si mesma. E Caitlyn tinha sido sua favorita. Sempre permitiu a Caitlyn acompanhá-la e a seus comparsas aos almoços e chás. E Caitlyn aprendeu.

—Ponha na internet. —O sorriso de Caitlyn era todo dentes—Desafio você. Melhor ainda, as envie a meus avós. Seu endereço é fácil de encontrar. Evansworth. Taite e Bessamine Evansworth, Boston. Estou segura que minha avó terá cócegas. Entretanto, papai voltaria para Somerset. —Ela deu de ombros como se não importasse— Pode se arriscar.

Colocou as poucas posses da mesa dentro de sua bolsa. Não tinha muito. Em realidade não tinham lhe dado tempo para que se instalasse. Podia lutar contra o conselho escolar, mas de verdade queria fazê-lo? Tinha chegado aqui com sonhos, e durante os últimos meses tinha aprendido o quanto eram vãos esses sonhos nestas montanhas.

Somerset era bonita, inspiradora e cheia de pequenos seres escuros e venenosos esperando para golpear. Tinha-o sentido durante os primeiros meses. Soube no momento em que conheceu estes dois, e agora sentiu seu rápido e afiado ataque.

As fotos estavam em sua bolsa, mas sabia que isso significava muito pouco. Simplesmente que ela tinha suas próprias cópias. Malditos fossem.

—Permanecer aqui não servirá de nada —bufou Dayle Mackay— Não a querem, putinha, mais do que queriam seu ignorante pai ou qualquer um do clã Walker. Todos vocês não são mais que lixo branco, putas e bastardos drogados.

OH, um dia, ele pagaria por isso. Ambos pagariam por isso.

—Oh bem, longe de mim provar que está equivocado —respondeu maliciosamente— Faça o que demônios queiram com as fotos. Mas —Fez uma pausa enquanto levantava a descomunal bolsa até o lado— Fique atento a mim. Quando menos esperar. —Olhou entre os dois— Quando menos esperarem isso, estarei ali. E não haverá fotos falsificadas que sejam usadas para arruinar a nenhum dos dois. Será a verdade.

Abandonou a escola e abandonou os sonhos atrás dela. Afastou seus sonhos, e se negou a chamar seus pais. Esta era sua vida, e o pensamento de arrastá-los dentro desta confusão que tinha permitido desenvolver a fez envergonhar-se.

Foi por sua culpa. Deveria ter feito, como advertiu seu pai, e deixar que seus amigos, que cuidavam do bar que ainda lhe pertencia na cidade soubessem quem era ela quando chegou, em vez de ocultar-se deles. Então não teria acontecido porque teriam velado por ela.

O problema era, que não queria que ninguém cuidasse dela. Estava muito confiante que



poderia velar por si mesma. Era adulta. Era capaz de se defender por si mesma. Com a arrogância da juventude se convenceu que nada nem ninguém podia tocá-la.

Tinha entrado nesse bar, tão confiante e arrogante como qualquer jovem que acabasse de completar os vinte e um anos, observou a excitação e a diversão com uma sensação de antecipação. E tinha se deixado trair e quase usar. Ela tinha cometido esse engano. Não era culpa de ninguém a não ser dela. Viveria com isso.

Entretanto não ia abandonar o condado Pulaski. Enquanto conduzia para casa contemplou as montanhas, observou o completo resplendor e brilho do sol enquanto começava a descer no céu da tarde, e soube que não podia ir.

Tinha crescido na cidade, mas estas montanhas formavam parte dela. Do momento em que entrou nelas, soube que tinha voltado para casa, e soube que nunca queria estar em nenhum outro lugar.

Mas agora, sabia que teria que fazer alguns ajustes.

Entrecerrou os olhos, apertou a mandíbula. Malditos Nadine Grace e Dayle Mackay. Não ia sair correndo da cidade. Não ia ser derrotada assim. Eles tinham ganhado este round, e essas fotos certamente estariam na internet em horas. Mas isso não significava que a tivessem golpeado.

Apertou as mãos no volante enquanto inalava um forte e profundo fôlego. Seu pai sempre a tinha chamado de sua pequena pícara¹. Ele sorria com carinho quando se vestia com suas roupas de “boa menina”, como ele as chamava, e seus olhos sempre brilhavam como se soubesse algo que ela não.

—É tão selvagem como o vento. —dizia, e ela sempre negava.

Mas agora, podia sentir essa parte de si mesmo ardendo sob a superfície de “boa menina”. Os sonhos de ensinar sempre a tinham contido. Um professor tinha que ser circunspeto. Tinha que ser cuidadoso. Mas Caitlyn Rogue Walker já não era uma professora. Já não tinha que preocupar-se mais em ser circunspeta. Não tinha que preocupar-se em proteger um trabalho que não tinha.

Pôs a luz de alerta e tomou a estrada que se dirigia ao pequeno bar nos subúrbios da cidade. Tinha começado ali, de alguma maneira tinham jogado algo na bebida nessa noite, e se seu pai soubesse o que tinha acontecido, queimaria até os alicerces. Infelizmente, ela adorava esse maldito bar.

Sentou-se no canto, observando, devorando a atmosfera e desejando ser algo mais que uma “boa menina” enquanto estava ali.

Acima havia um apartamento. O gerente, Jonesy, era um bom amigo de seu pai, assim como os gorilas que trabalhavam ali. Unicamente tinha que entrar, anunciar quem era e assumir a propriedade.

Seu pai de algum modo havia sentido que seus sonhos se torceriam aqui mais do que havia dito? Porque tinha lhe dado o bar. Havia-lhe dito que quando se cansasse da politicagem do sistema educativo, sempre poderia cuidar do bar. E seus olhos tinham estado cheios de sabedoria, como se soubesse que a natureza selvagem no interior de sua filha no final sairia à luz.

¹ Pícara: Astuciosa, perspicaz, artilosa.



Sua reputação tinha sido arruinada por causa do que fosse que tivesse acontecido ali, na única noite que não tinha sido o suficientemente precavida. Agora era o momento de refazer essa reputação.

Rogue era jovem, mas pragmática. Agora estava amargurada, e sabia que essa amargura se inflamaria até que Nadine Grace e Dayle Mackay tivessem pago pelo que tinham feito. Mas não ia deixar que aquilo a destruísse. Não ia lhes dar a satisfação de destruí-la.

Sorriu com antecipação e ira. Nadine Grace e Dayle Mackay não tinham nem ideia do que tinham feito.

Tinham arruinado Caitlyn Walker, mas nada nem ninguém podiam destruir a Rogue² em que tinha a intenção de converter-se.

* * *

Uma semana depois

O xerife Ezekiel Mayes saiu da cama de sua amante atual e atravessou o quarto para a ducha. A viúva que estava vendo atualmente dormia, ignorante de sua ausência enquanto tomava banho e se vestia.

Seria a última noite que passava com ela, sabia. Zeke insistia na intimidade de suas relações. Não tinha encontros em público; não reclamava nenhuma mulher. Não havia espaço em sua vida, em seu coração, ou em seus segredos para uma mulher. E ela pressionava por mais sem parar. Sabia que se não rompesse agora, então só se tornaria uma confusão que não queria confrontar.

Não queria ataduras. Não queria as complicações que chegavam ao reclamar qualquer mulher como própria.

Não queria o perigo que sabia que sua mulher podia confrontar. Estava caminhando sobre uma fina linha e sabia; não faria seu equilíbrio mais precário tomando uma amante que poderia converter-se em uma debilidade.

A filha de Calvin Walker era definitivamente uma debilidade, simplesmente por sua filiação com os Walkers e outros odiados por eles. Seu trabalho exigia um frágil equilíbrio neste momento.

Manter esse equilíbrio seria impossível se sucumbisse às necessidades que se cravavam em suas vísceras agora mesmo por uma pequena e inocente professora.

Enquanto saía do banheiro, Mina deu a volta e piscou sonolenta. Olhos sonolentos e escuros o fitaram enquanto franzia seus lábios cheios e sensuais.

—Não amanheceu ainda. —murmurou, obviamente menos que contente de saber que ia embora.

Ela deveria esperar. Sempre ia antes do amanhecer.

—Tenho que chegar logo ao escritório —disse. E tinha, mas podia ter esperado.

Mina Harlow era uma amante cálida e generosa, mas queria uma relação, e Zeke não estava

² Rogue: Trapaceira, safada, vagabunda



preparado para complicar sua vida até esse ponto. Ocultava bastante de si mesmo deste modo, não estava interessado em ocultá-lo com regularidade.

—Que seja. —Ela se estirou sob as mantas antes de olhá-lo com um brilho de diversão— Oh, esqueci de dizer. Essa pequena professora que o olha com estrelas nos olhos, a senhorita Walker. O conselho escolar a despediu na semana passada.

Não queria ouvir essa fofoca em particular de novo. E mais que certo que não queria ouvir a satisfação no tom de Mina com o fato de que a pequena professora tinha sido machucada. Mina estava desfrutando com isso, simplesmente porque Caitlyn não tinha ocultado seu interesse por ele.

Isto era uma estupidez. Malicioso, insidioso e ofensivo. Tinha pensado melhor de Mina no passado.

—Eu não gosto de intrigas, Mina. —recordou.

Brindou-lhe com uma suave risada.

—Vamos, Zeke, corre por toda a cidade e agora está na internet. As fotos dela em um lindo trio com outro casal. Quem teria adivinhado o que levava dentro.

Zeke não, e ainda não acreditava. Tinha ouvido sobre as fotos mais do que queria.

Negou-se a olhar.

—A senhorita Hipócrita pega em plena diversão. —disse Mina sem problemas— Não posso acreditar que pensasse que podia escapar agindo desse modo. Deveria ter pensado melhor.

Os lábios de Zeke se afinaram enquanto sentava nos pés da cama e calçava as botas. Maldição! Não precisava ouvir de novo. Podia sentir esse fio de ira candente em suas vísceras, o que o advertia que estava deixando aproximar-se muito de uma mulher.

Caitlyn Rogue Walker não era nada para ele, disse a si mesmo. Não podia tampouco deixá-la converter-se em algo para ele. Era tão malditamente inocente, sem importar o que essas fotos pudessem mostrar. Sem mencionar o quão malditamente jovem era.

—Que mal que o fotógrafo não tirasse mais algumas. —Bocejou então Mina— A senhorita Walker não está nua de tudo, mas indubitavelmente estava preparada para passar um bom momento.

A mandíbula de Zeke se apertou. A inocente senhorita Walker tinha enchido o saco das pessoas equivocadas, e Zeke se sentiu responsável por isso. Diabos, era justo o que precisava. Tinha-a evitado com o propósito rápido de assegurar-se que nunca fosse o alvo por sua causa, e em troca tinha acabado como alvo por causa de seu filho.

Ela tinha captado a atenção de dois dos piores habitantes da cidade. Um irmão e irmã que gozavam destruindo o que podiam. Tinha captado sua atenção ao defender seu filho na escola.

Sentia-se responsável. Era seu filho, e apesar de saber que lhe tinham preparado uma armadilha, ainda não tinha conseguido encontrar a maneira de castigar esses dois que a tinham machucado ou sossegar seu crescente interesse por uma mulher que não devia tocar.

Podia sentir o nó enroscado de ira, um sinal de possessividade territorial no que concernia à professora e o suprimiu imediatamente. A senhorita Walker era muito jovem, muito inocente. Não era uma mulher que aceitasse uma relação só de sexo, nem era uma mulher a que Zeke fosse



capaz de ocultar o lado escuro de sua sexualidade, como fez com as outras mulheres. Mulheres como Mina. Mulheres que tocavam só seu corpo, nunca seu coração. A senhorita Walker tinha o potencial de tocar um homem no seu interior, e negava-se a lhe dar a oportunidade.

Já tinha falhado em proteger uma mulher em sua vida; não cometeria de novo esse engano.

—É a filha de Calvin Walker, sabe? —continuou Mina— Caramba, pensei que estava morto. O que faz ele com uma filha? Malditos Walkers, nunca valeram uma merda, assim que isto não deveria ser uma surpresa.

Zeke se levantou e girou para ela.

—Estou indo, Mina. Cuide-se.

Sua relação estava terminada. Mal podia agir com civilidade. Mina sempre pareceu uma mulher de bom coração. Com um sorriso a ponto, compassivos olhos avelã, um rosto doce. E uma nervura mesquinha de um quilômetro de largura. Inteirou-se disso nos últimos meses. Quando se tratava de outras mulheres, jovens mulheres, qualquer uma que ela considerasse uma ameaça ao que queria nesse momento, tornava-se viperina.

—E não vai voltar. —Sua expressão perdeu a diversão agora—Acredita que não sei que sua atenção está diminuindo, Zeke?

—Tínhamos um acordo, Mina. —assegurou-se disso antes de começar a relação.

Ela sentou na cama, desavergonhadamente nua, o cabelo curto castanho despenteado atrativamente ao redor do rosto.

—Sua atenção não valeu uma merda desde que conheceu essa garota —o acusou sarcasticamente— Funciona por inércia, mas não duvido que pensa nela enquanto está me fodendo.

Zeke elevou a sobrancelha.

—O ciúme não lhe favorece, Mina, e não faz parte do que temos. Neste caso está equivocada. Não há nada entre a senhorita Walker e eu.

E nunca haveria. Era muito jovem, muito terna. Zeke não queria prender-se com mulheres cuja inocência iluminasse seus olhos como estrelas no céu. Caitlyn Walker era da espécie para sempre, e Zeke simplesmente não tinha nada a oferecer. Para sempre requeria a verdade, requeria que partes de si mesmo fossem reveladas, e tinha aprendido a tenra idade que a verdade nem sempre era aceitável.

—Não há nada entre os dois porque é um sacana reservado, resolvido em se assegurar que nunca dará mais que um pinga de si mesmo —espetou ela— O que está errado, Zeke, ninguém poderá se igualar à memória dessa incomparável com quem se casou? Ou simplesmente passou muito tempo em Los Angeles, em festa com todos esses gays?

Zeke a olhou em silêncio. O preconceito nas montanhas ainda estava vivo e abanando o rabo; sabia antes de voltar para casa.

—Adeus, Mina.

Girou e abandonou o quarto. Que o amaldiçoaram se deixava se arrastar em uma discussão com ela, especialmente uma que ela podia usar contra ele no futuro.

Zeke ainda tinha muitos amigos que viviam em Los Angeles, e sim, alguns eram gays. Ele e



sua esposa anterior, Elaina, não tinham tido esse preconceito que prosperava aqui. Não tinha importado um caralho as preferências sexuais que tinham um homem ou uma mulher. Não tinham importado então, e não o faziam agora.

Quando deixou a pequena casa de Mina nos subúrbios da cidade, recordou-se que estava ali para fazer um trabalho, não para fazer amigos ou encontrar outra esposa. Tinha nascido e se criado nestas montanhas; conhecia cada precipício e terreno baixo, cada fôlego de brisa e suspiro do vento. E tinha sentido muitíssima saudade quando foi obrigado a partir. Não que tivesse opção nesse momento. Era partir com sua mãe ou encarar a destruição total de sua alma.

Aos quatorze, sua vida tinha mudado para sempre. Um instante no tempo o tinha amaldiçoado e tinha provocado o divórcio de seus pais. Mudar-se para Los Angeles com sua mãe e conhecer Elaina, a mulher com quem se casou, tinha-o mudado mais. Aos dezessete anos se converteu em pai, e com o passar dos anos tinha aprendido da maneira difícil que não podia escapar de seu passado. Tinha que encontrar-se, e sua mulher tinha morrido por isso.

Tinha voltado para Kentucky por isso. Porque estava cansado de fugir, cansado de lutar para esquecer o que não podia ser esquecido.

Embora, maldição, amava estas montanhas, pensava enquanto punha em marcha a caminhonete e saía do caminho traseiro de Mina. O sol se elevava sobre os picos de pinheiros, carvalhos e olmos que cobriam as ondulantes colinas. Havia uma bruma no ar que se dispersava do lago próximo, e a essência do verão enchia seus sentidos.

A visão de Rogue, não podia vê-la como Caitlyn, enchia sua cabeça, sem importar quão arduamente tinha tentado fazê-la retroceder. Tinha trinta e dois anos, um homem adulto ao lado dos tenros vinte e um dela. Era tão malditamente pequena que o fazia pensar duas vezes por sua força e tão malditamente inocente que todo homem pensaria em ser o primeiro a lhe ensinar como pecar.

Algum outro teria que ensiná-la, pensou, se alguém não o havia feito já. Permanecia tão longe possível desse campo minado. Ela seria a única mulher que o tentaria. Se atrevia-se a tocá-la, se considerasse tomá-la, nunca seria capaz de lhe dar só uma parte de si mesmo. E por isso, nunca a poderia ter. Não tinha ficado muito dele para oferecer, às vezes sentia como se nunca tivesse se encontrado de todo e nunca o faria até que os demônios do passado fossem destruídos.

Conseguir esse final não seria fácil, sabia desde o começo. Navegar as águas do engano podia suportar um preço muito alto. Já era bastante difícil proteger seu filho disto; não podia encarregar-se também do amparo de uma mulher.

Vencer esses inimigos significava fazer o trabalho sozinho. E até uma pequena professora de olhos violetas, não tinha se importado em pagar o preço.



Capítulo 1

Na atualidade.

O xerife Zeke Mayes deu um passo dentro do miserável trailer e fez um gesto ante o aroma de sangue e morte que o enchia. O metal oxidado do exterior do trailer oferecia só um indício do deprimente interior. Não mais de doze por quatorze, a diminuta casa estava cheia de lixo, pratos velhos, comida passada, cheirando a uísque e tabaco, sangue coagulado e matéria cerebral salpicada pelas paredes, pelos tapetes puídos e sujos.

Cerveja e comida rançosa, manchas de vômitos tingiam o chão onde havia jornais, pratos e roupas sujas que não tinham sido jogadas. Era uma condenada desordem. E bem no centro disto estava o desastre maior.

—Merda. —Deu um passo mais, com cuidado para evitar o corpo estendido no chão—Que venham os forenses, Gene, e chama o juiz de instrução.

O ajudante de xerife Gene Maynard olhou pelo quarto com um cenho franzido e confuso. Da pistola presa ainda por uma das mãos do morto à matéria cerebral espalhada pelo chão.

—Os forenses? Diabos, Zeke, isto não é um homicídio. Estes meninos brigaram entre eles — cuspiu com asco— Se trouxer aqui os forenses, Alex vai chutá-lo por ocupar seus rapazes desta maneira.

Zeke girou e olhou o ajudante. Em alguns dias, Gene achava que conhecia o trabalho de Zeke melhor que ele. Zeke o contemplou em silêncio, desafiando-o a que não fizesse o que havia dito. Seria um assunto simples neste momento suspendê-lo. Diabos, poderia acelerar as coisas, inclusive se recolhia mais suspeitas das que Zeke precisava.

Gene suspirou, brindando um rápido assentimento com sua cabeça morena, logo abandonou o trailer e correu a grandes passos para o carro em que tinha chegado, para fazer a chamada. Zeke girou e contemplou de novo a desordem. Bem, tinha o aspecto do que pôde ter sido. Um irmão matando o outro, logo suicidando-se, mas talvez esse fosse o problema. Parecia muito com isso. E os meninos Walker estavam mais frequentemente em problemas do que longe deles, mas isto cheirava mal. Parecia muito com vários outros crimes sem resolver dos últimos dez anos e tinha pontadas de advertência no estômago.

Diabos, não tinha esperado isto quando mais cedo respondeu à chamada da irmã destes dois, pedindo que o xerife fosse dar uma olhada. Lisa Walker estava retida em Louisville cuidando de sua avó no hospital e necessitava algumas coisas da casa da anciã. Estava tentando conseguir que Joe ou Jaime as trouxessem e o telefone esteve incomunicável todo o fim de semana.

Zeke contemplou o quarto, encontrando o telefone na poltrona reclinável, e entrecerrou os olhos ante a base antiquada. O auricular estava solto, mal se mostrando sob o jornal que jazia



sobre ele.

Joe e Jaime Walker não eram exatamente filhos da comunidade. Às vezes eram uma chateação, normalmente inofensivos, farristas da cidade. Joe trabalhava em uma loja de óleos e lubrificantes na cidade e Jaime o fazia, quando tinha vontade, onde pudesse conseguir um trabalho no momento. E durante os últimos anos estiveram proporcionando a Zeke informação com relação a um grupo de terroristas nacionais que tinham sido dissolvidos no ano anterior.

Isto não era um assassinato-suicídio, e Zeke sabia; pressentia.

Jaimie estava esparramado em uma desmantelada poltrona diante do silencioso televisor, com um pequeno buraco limpo no centro da cabeça. O cabelo escuro revoava por cima da testa e emoldurava sua cara atraente. Os olhos azuis uma vez brilhantes e risonhos estavam vazios e frios pela morte, mas sua expressão parecia de surpresa.

Os braços musculosos descansavam na cadeira, o sangue tingia a camiseta branca. Ainda estava vestido com jeans e botas; trocou-se para a noite, talvez preparado para sair mais tarde.

A televisão estava desligada. Zeke a contemplou, logo o controle que jazia no chão ao lado da poltrona reclinável. Também havia ali uma garrafa meio vazia de cerveja.

Joe Walker estava desmoronado no chão, a parte traseira de sua cabeça em pedaços. O rosto estava de perfil e o horror parecia enrugá-lo.

Ele também estava vestido em jeans bem engomados e uma camiseta branca, botas nos pés. Os meninos tinham intenção de sair, pensou Zeke. Estavam vestidos para um sábado à noite na cidade.

Entretanto não haviam saído na noite anterior. Por alguma razão, parecia que um irmão tinha matado o outro, logo a si mesmo. Matéria cinza e sangue manchavam o chão e as paredes. O fedor da morte era sufocante.

Filho da puta.

—Ao final se mataram um ao outro. —Gene deu um passo na porta e contemplou os corpos dissipados. —Brigaram por alguma mulher, no bar dos Walker nos subúrbios da cidade, na quinta-feira de noite. Rogue fez que uns gorilas os expulsassem e os enviou para casa.

Zeke girou para contemplar com frieza o ajudante.

—Matar um ao outro encaixa com a personalidade de ambos, Gene?

Parecia como se Joe tivesse entrado, fechado a porta, e disparado em seu irmão, logo em si mesmo. Um assassinato-suicídio. Simples e não realmente inusitado. Ocorria muito frequentemente. Mas isso não era o que tinha ocorrido aqui.

—Parece que o bom Joe no final se cansou que Jaime roubasse suas mulheres. —Gene suspirou e sacudiu a cabeça—Esses meninos nunca chegaram a nada apesar de Calvin Walker tentar enviá-los à escola. Graduaram-se, mas nunca fizeram muito mais, não?

Zeke mordeu a língua. Não sabia o que Calvin Walker fazia por seus primos longínquos mais do que sabia por que demônios deixava sua filha, Rogue, sofrer nesse maldito bar nos subúrbios da cidade.

Tampouco não é que fosse assunto dele, disse Zeke a si mesmo, além de perguntar o necessário para fechar este caso.



Contemplou ao redor de novo e sacudiu a cabeça. Merda, Joe e Jaime eram unidos. Gêmeos não idênticos, mas ainda assim, muito parecidos um ao outro. As garotas os adoravam. Jovens, mais velhas ou casadas, não fazia diferença. Os gêmeos Walker eram tranquilos, despreocupados, risonhos e eram unha e carne. Atiça um irmão e também atiçaria o outro. E sim, eram conhecidos por brigar por suas mulheres, mas nunca a sério.

Simplesmente isto não tinha sentido.

—Os forenses se aproximam, o juiz de instrução atrás deles. Parece que o novo chefe de polícia está aqui para fiscalizar como está utilizando seus rapazes. —anunciou Gene com mofa enquanto Zeke dava um passo para a porta aberta e ia para o desvencilhado alpendre dianteiro, antes de dirigir-se para o caminho de entrada.

Alex Jansen se deteve atrás da equipe forense e do juiz de instrução. O novo chefe de polícia era um ex-militar e condenadamente ardiloso.

Zeke levantou a mão, detendo a equipe forense enquanto Alex andava a grandes passos para ele. Ainda havia uma ligeira claudicação no passo longo de Alex, por uma ferida recebida durante uma missão nas forças especiais antes que se ocupasse do trabalho de chefe de polícia, mas a claudicação estava se fazendo menos perceptível.

Vestido com uma camiseta azul de manga curta, jeans e botas, Alex tinha o aspecto do que era exatamente. Um animal rondando no corpo de um homem.

—Zeke. —Alex estendeu a mão, os olhos cinza preocupados— Temos problemas aqui?

—Parece que tenho. —Zeke pôs de novo o chapéu na cabeça enquanto contemplava a pradaria ensolarada em que se assentava o trailer dos Walker. —Entre comigo. Preciso de outro par de olhos. Iremos até a porta e isso deverá ser suficiente para evitar danificar a área para seus rapazes.

Alex assentiu e seguiu atrás dele enquanto Zeke encabeçava o caminho de volta ao trailer e logo se afastou quando Alex deu um passo na entrada. Zeke não falou. Em vez disso, permaneceu ao lado da entrada, contemplando a cena outra vez.

—Impecável. —murmurou Alex, e Zeke soube que Alex não estava falando do estado da moradia, mas sim da cena da morte em si mesmo—Sem vacilação aparente por parte de quem disparou. Entrou, apontou e disparou. Jaime não lutou, nem tampouco Joe. —girou para Zeke— Algum sinal de drogas?

Zeke deu de ombros.

—Deixarei esse assunto para seus meninos e o juiz. Pedirei uma autópsia para estar certo. O resto. —Só sacudiu a cabeça— Não tem boa aparência, Alex.

Alex olhou ao redor de novo, com os braços cruzados sobre o peito, os olhos entrecerrados.

—Não —disse afinal lentamente, com cuidado— Não tem boa aparência, mas às vezes, não tem.

E aqui não havia nenhuma maldita coisa que pudesse fazer tampouco, Zeke terminou silenciosamente. Não seria a primeira vez que alguém tinha morrido em seu condado sem respostas, e não seria a última. Mas isto o tocava de perto, era mais pessoal, apesar da distância que tentava manter entre ele e Rogue Walker, prima dos dois gêmeos mortos.



Deslocou-se quando Alex deu um passo ao exterior e contemplou ao redor da clareira cheia de mato. O lar dos Walker se assentava em um pequeno vale rodeado de carvalhos, pinheiros, olmos e cornisos³. Era fim de abril e a primavera estava se dando a conhecer com vontade. Já chegavam aos vinte e um graus, o sol tinha uma força abrasadora e esquentava a terra ao redor deles.

—Então, saíamos do caminho. —Alex suspirou enquanto se moviam do alpendre— Os forenses farão seu trabalho, olhe se conseguem algumas respostas para você.

Zeke quase suspirou de alívio. O predecessor de Alex se queixava e gritava por semanas quando tinha que emprestar a equipe forense ao condado.

—Obrigado pelo empréstimo, Alex. —disse, vigiando as palavras, as respostas. Alex sabia o mesmo que Zeke. Isto era um assassinato, simples e puro, cometido por um homem em concreto, de uma maneira muito concreta.

—Precisa de ajuda com isto? —perguntou Alex enquanto voltava aos veículos estacionados. Zeke negou com a cabeça, consciente agora de Gene seguindo-os.

—Ainda não. Embora o mantereii informado. Gene disse que houve um rumor de que os meninos brigaram no bar na outra noite. Irei ali mais tarde e falarei com Rogue.

Alex se deteve e contemplou Zeke, o regozijo de repente brilhou em seus olhos.

—Está ajudando Janey no restaurante. —informou então à Zeke— Não esteve a recolhendo ultimamente?

Zeke levantou a mão e esfregou a nuca. Rogue era um ponto espinhoso para ele; era uma das razões pelas quais odiava encontrar Joe e Jaime como o fez. Esses meninos eram os favoritos dela, e maldita fosse se alguém não ia começar a perguntar se Zeke estava gastando o prezado dinheiro do condado, pelos rumores que se dispersavam pela cidade que o xerife e a proprietária do bar estavam farejando um ao outro.

—Ultimamente não —admitiu afinal— As noites são mais cálidas, está indo em sua Harley. —Isso não significava que não desse uma olhada na diabinha vestida de couro montada na moto tão frequentemente quando tinha tempo para fazê-lo.

Merda, odiava admitir que sentia falta dessas chamadas altas horas da noite, como se fosse uma obrigação, pedindo um veículo do restaurante, onde estava ajudando a amante de Alex, de volta ao bar que possuía. A mulher era um lince na gerência, embora tivesse chegado ali como professora de matemática do ensino médio cinco anos atrás.

Era um enigma para ele. Amarrava-lhe a cabeça a cada maldita oportunidade que tinha, e ele não era um homem que gostasse de ter que questionar a parte de si mesmo que nunca tinha tido que questionar antes. Tomou uma decisão antes de voltar para Kentucky, e agora não tinha nenhuma opção exceto seguir assim. Até que isto tivesse acabado, não havia tempo para os sentimentos que Rogue Walker lhe inspirava. Não havia tempo para o amor.

E que demônios estava fazendo pensando no amor? Era onze anos mais velho que a vivaz fantasia de diabo e com mais anos de experiência. A última coisa que precisava era permitir que

³ Tipos de arvores



seu coração se envolvesse na montanha russa que tinha com ela.

—Então me faça saber se precisar de ajuda. —Assentiu Alex— Rogue trabalha no restaurante esta noite e também nas duas tardes seguintes, se por acaso perguntar por seu horário.

Um sorriso zombador inclinou os lábios de Alex enquanto Zeke o contemplava em silêncio. Não tinha nenhuma maldita palavra a dizer sobre isso.

Quando Janey abriu o restaurante seis noites em vez de quatro, tinha contratado Rogue para ajudá-la até encontrar um encarregado de confiança.

Alex riu entre dentes, indo para o carro, e deslizou dentro antes de pôr o veículo em movimento e afastar-se. Girando, Zeke inspecionou os veículos no prado e observou como seu ajudante corria para ele.

—O juiz está preparado para levar os corpos e os forenses estão preparados para soltá-los. Está preparado? —Havia um ligeiro sarcasmo na voz de Gene.

—Modera o sarcasmo, Gene, está me enchendo o saco —disse Zeke—Se tiver algum problema de como dirijo meu escritório então vá em frente.

Os lábios de Gene se apertaram enquanto fulminava Zeke.

—Está se tornando um idiota, Zeke —o acusou— Está esbanjando o dinheiro dos contribuintes em um caso rotineiro de assassinato-suicídio. Age como se esses Walkers fossem filhos do condado e tivesse provas do assassinato.

—São cidadãos deste condado, e pagavam seus impostos —informou Zeke— Suponho que podemos atribuir uma certa soma para nos assegurar do que aconteceu aqui; o que acha?

Gene fez uma contração nervosa do lábio, uma tímida expressão desdenhosa.

—Bem, evidentemente não precisa de mim aqui perdendo tempo. Voltarei para o escritório enquanto fiscaliza isto.

—Sairá de patrulha —disse Zeke em voz baixa— Eu tenho que me ocupar disto. Faça o relatório antes que acabe o turno, e eu o verificarei quando chegar mais tarde.

Os olhos azuis de Gene reluziram calculistas durante um ínfimo segundo.

—Vai interrogar à garota Walker? Ela é família destes ratos, Zeke.

—Outra palavra e vai lamentar—espetou Zeke— Arrasta seu traseiro fora daqui e saia de patrulha. Não preciso de seu conselho ou sua opinião dos Walkers ou desta investigação.

—O assassinato-suicídio não constitui uma investigação —discutiu Gene, a cara ruborizada sob o quente sol da primavera— Filho da puta, Zeke. Só porque tem um assunto com Rogue Walker não significa que sua família não seja merda dos bairros baixos.

Um assunto com Rogue Walker. Aqui estava, saber que obviamente alguém tinha equivocado sua amizade com Rogue por algo mais do que era. Simples amizade, disse a si mesmo.

Assim por que demônios estava obrigando-se a se conter, evitando apertar os punhos e acertar o rosto zombador de seu ajudante?

—Precisa descansar uns dias —disse Zeke atentamente—Em realidade, vários. Até que possa controlar a boca, Gene. Preencherei os papéis quando voltar ao escritório. Talvez, em alguns dias, possamos discutir seus problemas de como dirijo meu departamento e minha vida e se pode ou



não manter seu maldito nariz fora deles.

Do contrário, o homem ia ter um nariz quebrado. Antes que pudesse seguir com esse pensamento, Zeke se afastou a grandes passos de seu ajudante e se dirigiu ao trailer, onde o forense estava movendo os corpos.

Era uma maldita pena, pensou Zeke. Esses dois meninos, tão selvagens como eram, não eram do tipo assassinato-suicídio. Na maior parte do tempo os Walkers eram intratáveis. Não tão preguiçosos como farristas e tranquilos. Jogavam duro, trabalhavam tanto como precisavam, e se divertiam. Não eram bagunceiros, nem violentos. Mas eram valiosas fontes em uma investigação silenciosa que ainda estava em marcha.

E tinham sido assassinados.

—Xerife. —O juiz Jay Adams assentiu quando Zeke se aproximou dele— Farei a autópsia, só para estar certo que as drogas não foram parte, mas parece bastante concludente.

Jay era de meia idade com uma juba cheia de brilhante cabelo cinza e espessas sobrancelhas cinza. O rosto curtido estava enrugado com linhas de expressão e seus olhos avelã estavam sombrios. Tinha sido juiz tanto tempo como Zeke tinha sido xerife, e era muito bom em seu trabalho.

—Agradeço, Jay. —Zeke assentiu enquanto observava os ajudantes carregar os corpos no carro fúnebre do juiz.

—Acredita que precisamos chamar o investigador forense da cidade? —perguntou então Jay— Podemos levá-lo às suas instalações. Poderia obter mais informação para você.

Zeke cruzou os braços sobre o peito e esfregou a mandíbula durante um longo momento antes de assentir.

—Obterei a aprovação do chefe. —Alex não discutiria a decisão; sabia tão bem como Zeke o que viram— Leve-os para suas instalações e olhe o que podemos conseguir.

—Seu instinto trabalha nisso, não é? —grunhiu Jay— Odeio quando o faz. Significa que vamos acabar brigando com a prefeitura. Sabe o quanto gostam de meter-se com as coisas.

—Sim, sei —Zeke respirou bruscamente, desejando poder confiar em Jay, poder discutir suas suspeitas com o ancião— Mas como disse, me ardem as vísceras Jay, e eu não gosto.

—Não. De todo modo isto me parece um pouco suspeito. —Jay sorriu de repente— Diabos, sabe que um corpo não vai ficar sentado quando alguém irrompe na sala com uma arma. E conhece a distância entre aqui e a cidade. Estou seguro que teria em conta o fato de que algo não tem boa pinta sobre essas feridas. Não podem negar-se a mim como podem a você.

—É isso, Jay. —Bateu no ombro do outro homem— Me faça saber como posso te devolver o favor. Estarei esperando seu relatório.

—Tentarei me apressar —disse Jay arrastando as palavras— Entretanto ajuda quando o forense da cidade resulta ser sua filha, não é?

—Isso não faz mal. —Zeke esteve de acordo com uma risada entre dentes antes de voltar sua atenção para o trailer.

Esperou até que os forenses limpassem a área antes de revistá-la e explorá-la. Não só investigá-la, mas explorá-la, só para estar certo que era o trabalho do mesmo homem que tinha



cometido outros inumeráveis assassinatos no condado durante os últimos vinte anos mais ou menos.

Possivelmente fosse mais que o caso o que o deixava relutante para partir e começar a investigação, pensou enquanto a equipe forense começava a desfilar. Este caso significava ir até Rogue quando não a tinha visto em mais de um mês, merda, quase dois meses. Não desde que o ar quente da primavera desceu sobre as montanhas e tinha começado a ir na Harley ao restaurante. E odiava admitir que tinha sentido falta desses dias da semana que tinha que levá-la de volta ao bar a cada noite. Sentia falta de suas brincadeiras e sua risada quando não tinha direito a isso.

Não tinha vontade de lhe contar sobre Joe e Jaime. Não queria mentir para Rogue, e não tinha opção senão ocultar certas informações. Informação como o fato que seus primos estavam reunindo informação para ele e o agente especial da Segurança Nacional Timothy Cranston. Informação como o fato que sabia até a sola de seus pés que esses meninos tinham sido assassinados pelo mesmo homem que tinha matado a mulher de Zeke e seu pai. O mesmo homem que a Segurança Nacional estava procurando desde a detenção e morte de Dayle Mackay e Nadine Grace.

O homem conhecido unicamente como o exterminador. A coluna vertebral da Liga pela Liberdade. Um homem que matava sem remorsos, sem piedade, e sem deixar rastro.

Capítulo 2

Assassinato-suicídio?

Não era possível.

Rogue estava sentada em seu bar, num canto do fundo, contemplando quem dançava, os que bebiam, os motoqueiros, e os bons meninos e garotas da área que enchiam o estabelecimento chamado simplesmente Bar. Era o que era. Simplesmente um bar. Um salão de dança. Um lugar onde beber. Era o lugar onde o laçao de Nadine Grace e Dayle Mackay tinha drogado sua bebida quase cinco anos antes.

As peças que tinha reunido durante os anos indicavam que o casal das fotos a tinha ajudado a chegar em casa.

Que bonito de sua parte. Logo deixaram entrar Nadine e Dayle em sua casa onde essas fotos foram tiradas.

Tinha identificado o casal em um ano. Jonesy, o amigo de seu pai, se ocupou discretamente de assegurar-se que esse casal em especial nunca voltasse outra vez a Somerset. A polícia tinha recebido uma denúncia sobre uma compra de drogas, e uma longuíssima sentença para ambos. Mas seu pai não tinha descoberto, isso Rogue sabia. É obvio, Jonesy, o amigo de seu pai e logo de Rogue, tinha prometido que se asseguraria que seu pai não soubesse. Como tinha conseguido, não sabia. Simplesmente estava agradecida que o fizesse.



E agora o Bar era seu lar. Pertencia-lhe. Tinha pertencido a seu pai antes de Rogue, seu último vínculo com o condado que o tinha visto como nada exceto lixo branco. Eles a viam como algo menos que nada, pensava algumas vezes. Como viam o resto do clã Walker, como Joe e Jaime.

Ao passar uma unha escarlate ao redor da borda do copo de uísque na frente dela, tentava esmagar o conhecimento que ali, neste condado, o nome Walker tinha, como seu pai a tinha advertido, menos valor que uma libra esterlina. Folgados era uma descrição. Ladrões e lixo do rio era outra. Mas Rogue conhecia sua família.

Família como Joe e Jaime. Tinham estado cheios de risadas e encanto. Tinham um sentido de diversão em seu interior que não estava relacionado com o estilo de vida de nove as cinco de que outros tinham tão alta opinião.

Jaime era constante em suas amizades, suas risadas. Gostava de embriagar-se e levantar um pequeno inferno aos sábados à noite, e amava às mulheres. Joe tinha sido igual. Nenhum dos dois tinha nenhuma nervura cruel nem mesquinha no corpo. Não eram intrigantes e não tinham roubado nenhuma coisa em sua vida.

E agora, estavam mortos.

Esteve no hospital quando sua irmã, Lisa, contou à avó Walker que os meninos estavam mortos. Uma luz se apagou nos olhos da mulher.

—Ah! Rogue.

Elevou a cabeça ante o som da voz do garçom ao seu lado. Levantando os olhos, encontrou-se com o olhar compassivo de Jonesy.

Jonesy sentou tranquilamente seu corpo robusto no assento ao lado, os olhos avelãs sombrios enquanto a olhava.

Gostava de Danny “Jonesy” Jones. Um motoqueiro com um coração de ouro, um humor incompreendido e a cabeça como um tijolo. Um acidente o atirou da moto e lhe deu de presente uma claudicação, mas ainda era tão duro e tão pouco dado a tolices como quando o conheceu pela primeira vez há cinco anos.

—Kent vigia o bar? —Olhou sobre o longo balcão de teca cheio de clientes.

—Kent e a nova garota, Lea. É uma boa garçonete.

Rogue assentiu. Levantando o copo engoliu o uísque antigo, deixou que as pestanas revoassem ante o ardor, logo colocou o copo de volta na mesa cheia de marcas.

—Teve uma chamada —disse a ela então— A noiva de Alex Jansen. Pediu que te dissesse que o xerife vem para cá. Está preocupada com você. Perguntou se podia ligar para você esta noite.

Viu, esse era o problema com os amigos, queriam saber cada porra de coisa. Onde tinha a cabeça, onde foi, o que estava pensando e o que estava sentindo. Cometeu o engano de se fazer amiga de Janey Mackay e sua cunhada Chaya no ano passado. Grande erro. Nunca se misture com os Mackays, recordou-se.

—Ligarei mais tarde. —Disse tirando importância.

—O xerife estará logo aqui. —Jonesy cruzou os braços sobre a mesa—Zeke não se engana



com nenhum homem, Rogue. Nenhuma mulher. Se está fazendo perguntas, é porque algo vai mal. Ela negou com a cabeça diante daquilo.

—Não. Simplesmente está se assegurando. É assim meticuloso, Jonesy.

Serviu-se de outro gole, desta vez bebeu o líquido e contemplou a cheia pista de dança.

Normalmente, teria saído, dançado, rido, fingido. Sempre fingia.

—Eram bons meninos, Rogue. —Deu tapinhas na sua mão torpemente e franziu o cenho— Fez o que pôde por eles, garota, inclusive quando disse que iam acabar mal com toda sua promiscuidade. Não se pode pedir mais que isso. O que seja que aconteceu ali com eles, não pesa sobre seus ombros.

Possivelmente ela não havia feito o suficiente. Joe e Jaime com suas risadas e suas atitudes temerárias.

Possivelmente tinha perdido algo, estando muito ocupada, muito envolvida para ver algo que pudesse tê-los salvado.

Não podia ver claro. Simplesmente não podia encontrar sentido. Esse era o porquê estava sentada aqui nessa mesa escura contemplando a atmosfera cheia de fumaça de seu bar, em vez de escandalizar o condado como anfitriã do mais exclusivo e notório restaurante da cidade, o Mackay. Em troca estava aqui, oculta, escondendo-se dos falsos pêsames e das perguntas que sabia vir de qualquer parte.

Era uma Walker. Lixo branco, uma imoral do rio, era uma das mais agradáveis descrições que tinha ouvido.

Às vezes, ria em público daquilo. Derramava lágrimas em privado e se perguntava por que demônios ficava.

O condado Pulaski não era o centro do universo, havia dito a si mesma incontáveis noites. Podia voltar para Boston, ensinar em qualquer lugar que quisesse, e escapar da hipocrisia e das crueldades dos nascidos na montanha, que tinha conhecido neste lugar. Mas inclusive em Boston, nunca tinha encaixado.

E Boston não tinha o xerife Zeke Mayes.

Deus, era tão tola. Se alguma vez um homem tinha provado que não tinha intenção de tocá-la, esse era o xerife Mayes. Olhava-a às vezes como se o mero pensamento de estar ao seu redor fosse horrível.

E havia vezes em que seus olhos marrons se obscureciam ainda mais, baixava as pestanas, e podia ver a fome que ele pensava que estava ocultando.

Havia vezes em que queria avançar para ele e simplesmente apoiar-se. Noites que sonhava em ser rodeada por esses fortes braços musculosos. E havia noites em que encarava a verdade de que se alguma vez acontecesse, nunca seria a última. E se perguntava o que era pior. Não ter nenhuma vez? Ou ter e perder?

—Preocupa-me, garota —disse Jonesy afinal com um suspiro— Sentada sem falar, bebendo e meditando, não é seu estilo. Recorda? Não pode se deprimir e sentir pena de si. A ensinamos melhor, recorda?

Os lábios de Rogue se inclinaram.



—Eles. —O pequeno clube de motoqueiros da montanha que nunca teve um nome. Treze adolescentes crescidinhos em corpos de homens e mulheres que tinham conhecido seu pai em uma ocasião ou outra. Congregaram-se ao seu redor e ensinaram a branda professora como ser a pícara pelo qual era chamada.

Tinham sido habituais no bar. Tinham visto o casal com que partiu nessa noite, e a ajudaram a planejar a vingança contra eles. Tinham-na protegido durante o primeiro ano sob seu amparo, e a tinham ensinado como ser dura. Como brigar. Como rir ante os insultos e como maturar.

—Estou bem, Jonesy —prometeu— Só um pouco bêbada.

Bebeu o uísque. Não bebia frequentemente. Necessitava um certo humor, uma certa ira para permitir-se desfrutar da bebida. Era uma garota de cervejas, até que a ira transbordava seu controle e tinha que encarar mais do que queria encarar.

—Um pouco muito bêbada para enfrentar o xerife. —Jonesy retirou a garrafa de uísque de seu alcance com um temperamental cenho franzido—Nunca enfrente seu inimigo estando fraca, garota. Ensinei melhor que isso.

—Zeke não é meu inimigo. —Mas não tentou pegar a garrafa de novo.

Zeke não era seu inimigo, mas era sua fraqueza. Ele a fazia fraca por dentro, a fazia sofrer e excitar-se, e a fazia desejar coisas que sabia não poder ter.

—O xerife Mayes vai quebrar seu coração —advertiu Jonesy com um olhar de aborrecimento—Pare agora mesmo. Vai estar aqui logo, e não quer que a veja enquanto está sentindo pena de si mesma e sentindo falta desses moços.

Ela sacudiu a cabeça, quase sorrindo. Esse era Jonesy. Nunca os deixe vê-la sangrar. E estava sangrando. Podia sentir, de uma ferida dentro do coração que parecia não poder fechar-se.

Rogue negou com a cabeça.

—Joe não dispararia em Jaime —disse em voz baixa— Nenhum desses meninos machucaria o outro, Jonesy, e muito menos alguém mais.

—Se houver algo mais envolvido, então não tenho nenhuma dúvida que o xerife Mayes o encontrará, garota —resmungou Jonesy, a voz se tornou mais feroz— Vamos, Rogue. Estará aqui em um minuto. Para isto ou vai se odiar pela manhã. Sabe que sempre acaba se chutando cada vez que deixa Mayes vê-la fraca.

Sempre estava fraca ao redor de Zeke. Era um fato inevitável. Como os impostos e respirar.

—Vá atender o bar, Jonesy. —Suspirou ela—Estarei bem.

Jonesy a contemplou durante um longo momento e em silêncio. Rogue pôde sentir sua preocupação e seu aborrecimento. Jonesy sempre se preocupava com ela, e sempre conseguia irritá-la. E esta noite depois de fechar, certamente ligaria para seu pai, e seus pais então também se preocupariam. Se não tomasse cuidado, seu pai acabaria na soleira e logo falariam sobre provocar algum escândalo. O mais perto que tinha chegado de Somerset desde que partiu há tanto tempo era Louisville. Sempre se encontrava ali com ele. Que Deus a ajudasse se alguma vez realmente viesse aqui.

Jonesy ficou em pé. Sua forte mão lhe aferrou o ombro durante um segundo em um treno aperto antes de soltar um forte suspiro e atravessar a multidão, de volta ao bar.



Zeke estava chegando, e ela estava fraca. Estaria aqui logo, e ela se sentia perdida, só e insegura.

Odiava sentir-se dessa maneira; evitava-o a qualquer preço quando se sentia assim, porque não queria mais que aconchegar-se contra seu amplo peito e fazer que toda a escuridão que parecia rodeá-la sumisse.

Como se ele pudesse fazer isso.

Terminou o uísque do copo, tampou a garrafa e fez gestos à garçonete que o levasse antes de ficar em pé.

Dez centímetros de salto eram como uma segunda pele para seus pés. Vermelho intenso que combinava com as bordas de renda da regata escarlata que usava sob o colete negro de couro. Em conjunto com uma saia curta de couro que ressaltava suas pernas e mostrava a parte superior das coxas. Empurrando para trás os descontrolados cachos acobreados dourados que fluíam sobre seu ombro, inalou um profundo fôlego. Encaminhou-se cruzando o bar para a porta que levava às cozinhas e às escadas que subiam ao seu apartamento.

Não ia enfrentar Zeke enquanto os clientes do Bar observavam. Jonesy o mandaria a cima.

Viria de uniforme, perguntou-se? Ou naqueles jeans desbotados e camisetas folgadas que sempre faziam água na boca? Queria despi-lo com tanta intensidade, que mal podia respirar pela necessidade quando não estava de uniforme.

Nem sequer queria considerar o que provocava quando usava o uniforme. Tentava ignorar os maliciosos pequenos impulsos que tinha então, porque era muitíssimo pior que sem o uniforme.

Talvez tivesse algo a ver com essas algemas penduradas no lado do cinturão, pensou maliciosamente enquanto subia as escadas para seu apartamento. Sim, deviam ser as algemas. Tinha algumas fantasias interessantes no que se referia a essas algemas.

Abrindo o ferrolho do apartamento, empurrou a porta e deu um passo dentro. As luzes estavam acesas. Deixava-as acesas porque não gostava da escuridão. Ela e sua amiga Janey Mackay eram muito parecidas nesse aspecto. Para Rogue a escuridão era um lugar solitário em que ficar.

O grande salão aberto e a cozinha a receberam. Impecavelmente limpos porque em realidade não passava muito tempo em seu assim chamado lar. O sofá de couro marrom escuro e as cadeiras eram cômodos. A mesa de café cheia de marcas era uma antiguidade que não tinha tido tempo de restaurar. Ou talvez não tivesse arranjado tempo.

Havia algo nessas marcas do tempo nela que a atraíam.

As portas duplas em seu quarto estavam abertas, uma luz tênue na mesinha de noite brilhava no aposento. E estava silencioso. Tão silencioso.

Possivelmente precisava de um gato. Um gato que ao menos miasse quando entrasse, ou assim tinha assegurado Janey.

Sacudindo a cabeça, passou até as altas e amplas janelas e correu uma cortina o suficiente para contemplar o estacionamento abaixo. Bem a tempo de ver Zeke Mayes estacionando, na área de estacionamento, a enorme caminhonete que dirigia quando não estava de serviço.



Merda. Usava roupa de passeio.

Observou-o de perto enquanto estacionava, abria a porta, e saía sob uma das fortes luzes que brilhavam acima. Fez água na boca.

Uma camisa abotoada de manga longa estava metida nos jeans desbotados. Ela pensou que talvez usasse botas.

Houve um brilho de sua insígnia no bolso dos jeans. Levava-a assim às vezes, e Rogue pensou que era a coisa mais malditamente sexy que tinha visto.

Perguntou-se onde estavam as algemas.

Apertou os dedos no tecido das cortinas enquanto ficava quente diante da visão de Zeke. Talvez fosse virgem, mas conhecia todos os sinais da excitação. E seria uma noite provavelmente em que usaria os brinquedos.

Seu clitóris inchou, as dobras nuas de seu sexo se sentiam avivadas e úmidas. Seus mamilos estavam apertados sob a regata e o colete, e sentia esse pequeno bater de asas nervoso que atacava seu estômago e coxas. Só vê-lo era suficiente para sensibilizar seu corpo.

Era luxúria. A luxúria era uma força poderosa, recordou. Não tinha nada a ver com a necessidade de aconchegar-se em seus braços e ficar ali. Isso era debilidade, não luxúria. Era solidão. Separou-se da maioria de amizades, não se tinha permitido um amante porque não podia ter o amante que queria. Assim que o consolo não era algo de que soubesse muito. Mas era algo que sentia falta mais frequentemente que não.

Passando as mãos pelos lados da saia, Rogue se afastou da janela e respirou profundamente. Quase podia senti-lo aproximando-se. Através do bar, os ombros roçando contra as mulheres que se amontoavam mais perto, só para sentir o calor e a dureza de seu volumoso corpo musculoso.

Ela fechou os olhos, recordando como era. A maneira que seu corpo parecia rodeá-la quando quase, só quase se roçou com ela. Zeke sempre se assegurava de realmente não tocá-la a menos que não tivesse opção.

O discordante som do telefone a fez abrir bruscamente os olhos. Franzindo o cenho, tirou o telefone preso a seu lado e o desprende depois de comprovar o número.

—Sim, Jonesy?

—O xerife quer falar com você —grunhiu— Está?

Seus lábios quase se arquearam ante seu afã protetor.

—Sim, Jonesy. Mande-o para cima.

Jonesy grunhiu e ela quase pôde ver as rugas de sua testa enquanto franzia o cenho.

Fechando o telefone, deixou-o sobre a mesa ao lado do sofá e foi para a porta. Abriu-a, bem aberta, e voltou para a cozinha por uma garrafa de água. Algo a fazer enquanto esperava. Para acalmar-se, para dissipar suas vulnerabilidades até que pudesse restabelecer os escudos.

As mortes de Joe e Jaime a tinham desconcertado. Tinham-na deixado à deriva, insegura, questionando-se muitas coisas de sua vida. Os gêmeos eram duas das poucas pessoas que se permitiu amar nos últimos anos. Mantinha a maioria das pessoas a distância, assim simplesmente não podiam machucá-la, assim não podiam ser utilizadas para machucá-la. Assim era mais fácil. Mais fácil em seu coração e em sua vida.



Maldição! Não tinha se dado conta do quanto se deixou preocupar com as pessoas até hoje.

—Deixar a porta aberta assim poderia ser perigoso. —A escura voz de Zeke encheu a sala enquanto ela esticava a mão dentro da geladeira pela garrafa de água.

Rogue fez uma pausa, fechou os olhos, e tomou um profundo e forte fôlego antes de pegar a água e tirá-la. Girou para enfrentá-lo, deixando que a porta da geladeira se fechasse enquanto seus olhos se encontravam com os dele.

Havia ferocidade aquilina em sua cara bronzada pelo sol. O cabelo castanho escuro estava cortado curto, quase um corte militar.

Havia as mais leves salpicaduras de cinza em suas têmporas. Era sexy.

Esses malditos jeans moldavam suas coxas. O tecido da camisa estava um pouco solto, mas não fazia nada para ocultar o poder do amplo peito e ombros. E sim, usava botas. Botas desgastadas de trabalho.

O qual só fazia que as pernas de um homem parecessem fortes e robustas.

—Sabia que estava subindo. —Ela deu de ombros— Feche a porta atrás de você.

Ele permaneceu ali, contemplando-a.

—A menos que se assuste por estar a sós aqui comigo. —Atravessou lentamente a cozinha para a sala— Assustado por sua reputação, xerife?

Os lábios de Zeke se arquearam. Rogue observou enquanto esticava o braço, os dedos seguravam a maçaneta, e fechava a porta lentamente. Um segundo depois, esses dedos esbeltos puseram os ferrolhos sem que seu olhar se separasse do seu.

—Que valente. —Fingiu um calafrio—Está vivendo perigosamente esta semana.

Ele a contemplou como fazia normalmente a menos que o pressionasse. Como se estivesse na borda de estar aborrecido com ela. Maldito fosse. Ela não o aborrecia. Deixava-o duro. Enchia esses malditos jeans de maneiras que ela sabia que não se pensava ser cheios. Isso não era aborrecimento.

—Ouvii sobre Joe e Jaime —expôs enquanto entrava na sala— Tentei encontrar tempo para vir e dizer isso eu mesmo, mas estava ocupado com os forenses e a prefeitura.

—Nenhum problema. —Ela deu de ombros enquanto desenroscava a tampa da água— Estou segura que ouvi antes que o juiz inclusive tivesse carregado os corpos e estivesse preparado para partir. O seu ajudante gosta do boca a boca, xerife. Parece que pensa que conduzir lixo como os Walkers não justifica uma equipe de forenses. Ter mau sangue e tudo isso. Por que deveria a cidade gastar seu dinheiro com dois homens que tiveram só o que mereciam.

Zeke apertou os lábios. Aborrecimento possivelmente. Definitivamente irritado enquanto ia a grandes passos para onde ela estava.

—Sente-se, Rogue. Encarregarei-me de meu ajudante e da prefeitura. Até então, eu gostaria de averiguar que demônios aconteceu com Joe e Jaime.

Ela sentou no sofá e teria rido com diversão zombadora quando ele tomou a cadeira ao seu lado, exceto que a decepção era muito grande. Teria sentido sua calidez se tivesse sentado no sofá. E se sentia fria por dentro. Por alguma razão, sentia-se perdida. Como se tivesse viajado muito longe e muito tempo de alguma visão de segurança e agora encontrava a si mesma



afundada em um território desconhecido.

—Lamento por Joe e Jaime, Rogue. —Então Zeke suspirou, esfregando a nuca com a mão— Sei que esses meninos estavam mais unidos a você do que sabia a maioria das pessoas. Esse é o porquê preciso falar com você. Ver se pode me ajudar a descobrir o que aconteceu.

Rogue deslizou os altos saltos dos pés e dobrou as pernas debaixo dela. Sem a mínima preocupação sobre se suas pernas estavam bem ou não na frente de Zeke. Ele mantinha o olhar firmemente no rosto dela. Além disso, sentir-se sexy e recordar o porquê de ele estar aqui não estavam de mãos dadas.

—Joe não teria matado Jaime —disse com uma firme sacudida de cabeça— Joe e Jaime eram muito unidos, Zeke. Talvez brigassem por uma mulher de vez em quando, ou por alguma outra coisa, mas nunca teriam feito dano um ao outro. Por nada.

—E drogas? —inclinou-se para a frente e a contemplou com exigência. Uma demanda da verdade, como se ela fosse mentir.

—Não tinham dinheiro para drogas —disse—Um pouco de haxixe de vez em quando, claro. Mas nada forte. Não se metiam com drogas fortes.

—Mas fumavam haxixe? —perguntou.

—Certamente. —Ela elevou os ombros— Nunca os vi fazendo, mas suponho que fumavam por algumas brincadeiras que se fizeram nestes anos. Entretanto nunca vi nenhuma evidência. O que vi foram muitas cervejas e umas poucas brigas aqui e lá por uma garota. Normalmente balançavam um pouco um ao outro, começavam a rir e logo iam para casa juntos com a garota. Eram assim. Nada sério durante muito tempo.

—E tinham inimigos? —perguntou Zeke— Tinha alguém que acreditasse que queria machucá-los?

Ela o olhou intensamente.

—Não posso pensar em um só inimigo que esses dois meninos tivessem. Embora fossem tão mulherengos eram muito queridos. Nunca soube de ninguém que queria machucá-los. E por que essas perguntas se é um assassinato-suicídio rotineiro como acredita seu ajudante?

Ela agora observava Zeke com suspeita. Por que as perguntas, se acreditava que Joe tinha matado Jaime, e logo a si mesmo?

—Houve um assassinato, sem importar o que ou por que aconteceu—disse Zeke— Preciso averiguar o que e o porquê para fechar este caso, Rogue. Eu não gosto de deixar questões pendentes.

—Então tem um monte de questões em marcha —disse— Porque digo a você que Joe não faria mal a Jaime. Era o gêmeo mais velho. Era mais protetor para Jaime. Ninguém machucava Jaime sem que Joe não viesse correndo.

Zeke ainda a observava de perto, esse olhar sombrio percorrendo seu rosto quase até o pescoço. Por um segundo, ela teve a sensação que teria olhado mais abaixo, mas não o fez. Manteve o olhar em seu rosto, e isso a irritou.

Estava aqui sentado interrogando-a sobre as mortes de seus primos, mortes que tinha que suspeitar não podiam ter ocorrido como parecia. Ele tinha que interrogá-la em algum momento,



mas veio tarde, depois de acabar o turno, em roupas de passeio e excitado.

Diferente dele, Rogue não tinha problemas em olhar para baixo do pescoço. Ou da cintura. E por certo que não tinha problema em olhar abaixo do cinturão.

—Olhe, Zeke, não posso dizer nada que já não saiba. —disse— Sei que nem Joe nem Jaime, nenhum dos dois teria machucado um ao outro. O que seja que aconteceu ali é falso. Foi uma montagem e não posso averiguar o porquê, já que Joe e Jaime não eram uma ameaça para ninguém.

—Nós pensamos que você não era uma ameaça para ninguém no ano passado quando também foi atacada. —recordou— Não foi pelo que sabia de Mackay e Grace que acabou no hospital, Rogue. Foi por que eles tiveram medo do que sabia. De que teria medo Joe para matar seu irmão e logo a si mesmo?

No ano passado ela tinha conseguido se encontrar metida em uma investigação da Segurança Nacional sobre Nadine Grace e Dayle Mackay. Como havia dito ele, não foi pelo que sabia, mas pelo que Grace e Mackay pensavam que podia saber, esse tinha sido o problema. Quando a investigadora, a amante do filho de Dayle, Chaya Dane, a interrogou, tinha arrastado Rogue para dentro do ponto do alvo uma vez mais.

Passou uma semana no hospital, machucada, com uma costela quebrada e um galo na cabeça, mas saiu com vida.

—Alguém matou Joe e Jaime —disse ela— Coloque isto na cabeça, Zeke. Alguém montou essa cena. Porque ponho a mão no fogo que nenhum desses meninos teria feito dano ao outro. Não combina com eles.

Zeke apertou a mandíbula, e seu olhar foi bruscamente aos seus pés onde descansavam ao lado de seu corpo, logo de volta ao rosto. Que interessante.

Deus, deixava-a louca. Entretanto nunca tão louca como esta noite. Ele quase jogava espuma pela boca por tocá-la, tão desesperado como ela, e ainda assim, o negava a ambos.

Zeke assentiu.

—Seguirei comprovando coisas —disse— Mas a menos que os forenses ou o juiz venham com algo, então o assassinato-suicídio é o que parece. E parece malditamente certo que Joe matou Jaime e logo a si mesmo.

Os lábios de Rogue se arquearam zombadores.

—Sim, e há fotos na internet que me fazem parecer uma puta de primeira categoria —recordou— Confia em mim, as aparências são incrivelmente enganosas.

O olhar de Zeke se obscureceu, embora nunca se separou dela. Às vezes, perguntava-se exatamente o que havia atrás desse feroz olhar. Olhos de falcão cor marrom clara que pareciam refletir as sombras de uns sentimentos que ela não podia na verdade decifrar.

—Nunca vi as fotos —disse ele afinal, surpreendendo-a.

A sobrancelha de Rogue se elevou.

—De verdade? Deve ser o único homem do condado que não conseguiu encontrá-las.

Zeke não era um homem que mentisse, em nada.

—Nunca as procurei —disse—Não quis ver, Rogue, porque não têm importância entre você



e eu.

Capítulo 3

É obvio que não. Essas fotos, de uma maneira ou de outra, nunca mudariam o fato de que a desejava, mas que não tinha intenção de tocá-la.

Rogue comprovou essa teoria durante o inverno. Todas as viagens que pediu depois das longas horas que tinha dedicado ao restaurante Mackay. As noites em que o tinha convidado para uma bebida ou tentado permanecer mais tempo no veículo para falar, flertar. Rendeu-se. Deixava-o passar. Não ia pedir.

Estirou as pernas no sofá, agachou-se e recolheu os sapatos antes de olhá-lo.

—Tem mais perguntas, Zeke? É tarde, preciso de um gole, e tenho vontade de um banho de espuma. Sinceramente, não sei o que mais posso dizer a você de Joe e Jaime que já não saiba. Ou acredita que sabe.

E não podia estar na mesma sala com ele esta noite. Não estava tão forte como no inverno. Talvez esses meses inverniais a tivessem debilitado. Esperando cada noite que flertava no caminho em seu carro contra todo prognóstico que algo, algo acontecesse. Só tinha esperanças de migalhas uma e outra vez.

—Está me expulsando? —Zeke inclinou a cabeça e elevou a vista para Rogue, o olhar cintilante com paixão, em que ela tinha medo de pinçar muito profundamente— Após semanas tentando me fazer subir aqui ao seu apartamento, nem sequer vai me oferecer uma cerveja?

—Não. Não vou oferecer isso. Boa noite, Zeke. Fecha a porta quando sair.

Rogue deu a volta e caminhou para a porta aberta do quarto. Podia sentir seu olhar sobre ela, sentia-o a observando, os olhos a queimando. De repente, a saia era muito curta, o colete mostrava muita pele de seu estômago e costas. Sentiu-se exposta, vulnerável. Sentiu-se fraca.

—Grande mudança, Rogue. Tentou me seduzir durante meio inverno. O que aconteceu?

Deteve-se e girou lentamente para vê-lo de pé, seguro, confiante.

—Rendi-me —respondeu sucinta. Como disse, tentei seduzi-lo. Você não estava disposto. Não suplico. Fim da história.

A expressão de Zeke se esticou, um músculo saltou em sua mandíbula enquanto a repassava com o olhar.

—É malditamente jovem. —a repreendeu afinal, e talvez, também a si mesmo, pensou ela. Ou estava tentando convencer-se a si mesmo.

—Estou muito cansada para brincar. —Era tudo o que podia fazer para manter os ombros erguidos e lutar contra as lágrimas— Joe e Jaime eram família. Isto me golpeou bastante duro, e como vê —elevou os braços amplamente abrangendo o apartamento vazio—, estou eu e o banho de espuma para consolo. Se não se importar, não preciso acrescentar brincadeiras ao estresse desta noite.



Zeke observou Rogue atentamente. Então viu. A sombra nesses profundos olhos violetas que tinha chamado sua atenção. Uma sombra que não tinha visto nunca antes. Solidão. Perda. Conhecía esse sentimento. E nos últimos cinco anos sempre que o golpeava, era Rogue quem lhe vinha à mente. Seu sorriso, a promessa de paixão em seus olhos, a necessidade de tocá-la, a segurança de que ela podia acalmar à besta que rugia em seu interior.

Maldita fosse. Ela conseguiu penetrar em sua vida, não havia nenhuma dúvida. Sentiu sua falta durante as últimas semanas desde que começou a ir com a Harley para o restaurante, em vez de chamá-lo e pegar uma carona. Diabos, tinha sentido muito sua falta. Era como se algo tivesse desaparecido de repente em sua vida. Havia um vazio onde jaziam agora essas horas. Uma sensação de espera.

—Rogue, por que não tem um amante? —Olhou ao redor do apartamento. Pelo que sabia, durante todo o tempo que ela tinha vivido em Somerset, nunca teve um amante.

Não contavam as fotos que tinham acabado na internet. Investigou-as por sua conta, e embora nunca encontrou provas, havia suficientes suspeitas para provar que Rogue tinha sido utilizada de algum modo. O rumor era que Nadine Grace e Dayle Mackay a tinham posto como alvo quando ela defendeu o filho de Zeke em um exame da escola. Nadine nunca tinha gostado de Shane porque Zeke se negou a ir pelo mesmo caminho que seu pai tinha percorrido. Thad Meyes manteve o posto de xerife durante anos, e todo esse tempo protegeu Dayle Mackay e o coletivo de imbecis da Liga pela Liberdade. Não só os tinha protegido, tinha formado parte deles. Zeke se negou a seguir esse caminho, e Nadine afinal encontrou a maneira de devolver o golpe, através de Shane.

Um mês depois de defender seu filho, Rogue abandonou o bar com um estranho casal. Então não era muito conhecida; ninguém pensou em questioná-la quando saiu. E então Rogue foi despedida do trabalho na escola e as fotos tinham aparecido na internet.

Oh, sei como funcionam Grace e Mackay, pensou Zeke enquanto se encontrava cruzando a sala, o olhar vagando de novo, para as pontas de renda que apareciam por cima do colete de couro.

Sutiã ou regata? Perguntou-se. Certamente uma dessas pequenas regatas curtas. Vermelho escarlate e sedutora.

Igual aos sapatos que levava na mão.

—Não me respondeu, Rogue —recordou— Por que não tem um amante?

E não estava seguro se queria ouvir a resposta a essa pergunta. Talvez a mesma razão pela qual ele não tinha um amante. Porque não podia ter Rogue.

—Importa o por quê? —Permaneceu imóvel, decidida; enquanto ele ia até ela, detendo-se a um suspiro de tocá-la.

Zeke baixou o olhar, sentindo coisas que sabia não ter direito sentir. Coisas que sabia não dever sentir, não por essa vivaz menina-mulher que era muito jovem para ele.

Estava praticando um jogo perigoso essa noite e sabia. Mas precisava prová-la. O suficiente para controlar-se, para sufocar a luxúria que o atravessava enlouquecidamente.

—Não brinque comigo, Zeke —exalou com cansaço— Sinceramente, não tenho tempo. Não



tenho força para brincar agora mesmo.

—Brinquei alguma vez com você, Rogue? —perguntou, estendendo a mão para tocar sua bochecha, sabendo, maldição, que isso era um erro. O pior erro que certamente podia cometer agora mesmo. Porque não podia concluí-lo. Não podia tê-la e à vingança. Era impossível.

Não respondeu. Zeke podia ter usado um de seus comentários inteligentes neste momento. Algo que recordasse que era muito, muito jovem. Vinte e seis, inclusive se fossem quase vinte e sete, estavam muito longe de seus trinta e sete. Onze anos. Dois anos menos que separavam Alex Jansen e sua noiva, Janey Mackay, pensou Zeke. Mas só porque Alex pôde lidar com isso não significava que ele pudesse.

Diabos, seu filho, Shane, tinha dezenove anos. Estava mais perto da idade de Rogue que Zeke.

—Você não brinca. —sussurrou ela, sua expressão se abrandou, transformando-se, tornando-se sensual, tentadora.

Malditas as coisas que queria fazer. As maneiras em que desejava fazer. Estava aqui para interrogá-la sobre as mortes de seus primos; em troca, encontrou-se desfrutando da suavidade de sua bochecha. Pele como cetim e seda combinados. E enquanto a olhava, deu-se conta que estava desprovida de maquiagem.

Entretanto tinha um aspecto sedutor com esses olhos violetas. Esses compridos e descontrolados cachos acobreados dourados fluindo ao seu redor, fazendo que um homem se perguntasse como seria estar envolvido neles.

—Isto é uma má ideia. —Suspirou, baixando a cabeça e permitindo que sua áspera bochecha acariciasse a dela— Diga-me que vá.

—Vá. —disse em voz baixa enquanto se abrandava contra ele.

Zeke quase riu. Maldita fosse, podia fazê-lo rir quando ninguém mais podia.

—Isso não foi uma ordem, Rogue.

—Oh. Supunha-se que era uma ordem? —Um sorrisinho cúmplice saiu de seus lábios.

Oh bem, ela sabia que a desejava até doer. E ela o desejava. Desejava-o com a mesma ânsia. Zeke pôde vê-lo em seus olhos.

Os sapatos caíram no tapete, o leve ruído mal foi registrado em sua cabeça. Diabos, mal podia ouvir acima do batimento acelerado de seu próprio pulso e o estrondo da luxúria em suas veias.

Deixou que seus lábios passassem quase roçando pela bochecha de Rogue. A necessidade dela ameaçava destruir seu controle e sentidos.

—Vou embora. —disse— Isto é condenadamente perigoso.

—É obvio que sim. —Uma pequena mão segurava seu antebraço. Os dedos da outra pressionavam contra o estômago de Zeke. Ela pôde notar os abdominais avultando-se; ele pôde sentir a calidez dela através do tecido da camisa.

Seu membro pressionava imperiosamente contra os jeans. O forte batimento o estava deixando louco. Havia o tornado louco toda a noite. Quanto mais se supunha que um homem tinha que suportar antes que a fome invalidasse o controle?, perguntou-se. E o que tinha esta



mulher que ameaçava seu controle?

Deixou que seus lábios acariciassem os cachos ao lado do rosto. Eram suaves, cheirosos. Como seda que cheirava a amanhecer. Queria esmagá-los entre seus dedos, segurá-la no lugar, e consumi-la beijo após beijo. Desejava saborear esses sensuais lábios exuberantes. Desejava sentir sua língua contra a dele, demônios, desejava-a inteira.

—Está brincando comigo. —Sua voz era fraca, um quê de necessidade agitando-se nela enquanto se aproximava dele— Não brinque comigo, Zeke. Beije-me ou me solte.

—Creio que me diga que vá embora.—recordou.

—Beije-me ou vá embora. Faz uma coisa ou outra.

—Beijá-la seria uma ideia muito má. —Então, por que não dava um passo atrás? Por que não a soltava? Em troca, aproximou-se mais, um braço a rodeou pelas costas enquanto agarrava a mandíbula com a mão e levantava a cabeça.

—Ou uma de suas melhores ideias —respondeu ela sem respiração.

Zeke não se deu a oportunidade de pensar, mas deveria. Deveria ter considerado as consequências, e estava malditamente seguro que deveria ter considerado a faísca que ardia entre eles inclusive quando não estavam se tocando.

Deveria ter considerado, porque cada vez que o fez, teve melhor critério que arrastar-se mais perto do fogo.

Tinha melhor critério que deixar que sua fome tirasse o melhor dele. Mas não o considerou.

Acariciou-a com os lábios enquanto se abriam. Leve como um sussurro, permitiu-se sentir os lábios de Rogue. Retornou para uma degustação. A degustação mais pura desse cheio lábio inferior, e foi ambrósia. Néctar. Foi a degustação mais doce de carne que jamais tinha conhecido. Se não estava equivocado, o mais leve sabor de sua bebida favorita persistia ali. O mais leve toque de uísque escuro e potente que preferia.

—Zeke. —sussurrou seu nome contra os lábios—Por favor, não brinque.

Não se queixou, não rogou. Era uma exigência dada no tom de uma mulher que aceitava que a brincadeira seria tudo o que receberia.

Mas o homem não estava brincando. Zeke não brincava. Ele estava quase tão indefeso no agarre da sensualidade entrelaçando-se ao redor deles como ela estava em seu abraço. Levantou-a mais perto, marcando a dura grossura de seu membro contra ela enquanto girava e a pressionava contra a parede, com os lábios abertos, a língua empurrando entre eles, a necessidade controlando cada objeção que sua cabeça estava enumerando enquanto se permitia afundar-se no beijo.

Os braços de Rogue estavam em seu pescoço. As pernas levantadas até que os joelhos montaram seus quadris, e caramba, estava perdido. Era apenas consciente do fato de que estava levantando sua saia por cima dos quadris. Saia muito curta. Tentava-o. Provocava-o. Fez que suas mãos desejassem levantá-la e ver o que usava debaixo.

Notar o que usava também funcionava. Ou não notar. Tudo o que pôde encontrar foi a tira mais fina de tecido passando entre os sulcos do traseiro, um diminuto triângulo cobrindo as dobras sem pelo de sua vagina.



Estava perdido. Ia ao inferno. Ia ser esfolado pelas chicotadas da culpa e do remorso no segundo em que conseguisse afastar os lábios dela. Assim, por que demônios deveria incomodar-se agora? Continuou beijando-a, beijando-a até que a culpa e o remorso se queimassem até as cinzas sob a fome ardendo fora de controle.

Porque Rogue tinha gosto tão selvagem como seu nome, tão livre como o sol. Era a promessa de uma chama eterna, a ilusão de algo que sabia não existir. A ilusão da emoção verdadeira. Porque neste beijo havia mais que prazer. Fazia que a escuridão que mantinha dentro subisse à superfície, e as fantasias que sabia não poder nem pensar com esta mulher tentassem sua mente.

—Maldita seja! —Resmungou a maldição contra seus lábios, porque não podia obter o bastante. Não podia degustar o suficiente dela, não podia beijá-la o suficientemente profundo, o bastante selvagem. Não podia apertar o membro coberto pelos jeans o suficiente entre as coxas de Rogue, não podia sentir sua calidez o bastante perto. Estavam malditos.

Porque não podia parar. Porque sentir sua suavidade era muito. Beijava como um sonho, e Deus sabia, que tinha se rendido aos sonhos anos atrás.

—Maldita eu? —gritou afogadamente Rogue, sem respiração, quase ofegando enquanto ardentes e pequenos dedos de sensações a percorriam apressadamente pelo corpo.

Tinha os lábios inchados; podia senti-los sensíveis enquanto seus beijos foram dos lábios para a mandíbula, para o pescoço. Seus lábios acariciavam; talvez a mordiscou com os dentes. Ela estava segura de que o fez. Mas, Deus, sua língua. Estava lambendo o pescoço como se tomasse ávidas e diminutas degustações de sua pele. E entre as coxas. Os dedos estavam entre as coxas, colocados sob o traseiro enquanto seus joelhos aferravam os quadris dele, acariciando, revoando sobre o triângulo de seda da tanga que usava. Acariciando o tecido umedecido enquanto os sucos desprendiam de seu sexo.

Podia notar o quão escorregadia estava, úmida. Sua carne estava inchada, o clitóris pulsando. O pulso acelerado, acrescentando sensibilidade a sua pele, a dor da necessidade entre as coxas.

Gemendo seu nome, jogou a cabeça contra a parede, os olhos fechados enquanto sentia os lábios na parte superior dos seios, por cima da borda rendada de sua regata. O botão de cima do colete se abriu.

—Isto é loucura. —As palavras soaram como se as arrancassem.

Loucura? Era o prazer maior que ela tinha conhecido em sua vida.

—Maldição. Rogue. Isto tem que parar.

Ela manteve os olhos fechados, as mãos na cabeça dele, segurando os lábios onde estavam, roçando entre os seios. Senti-los, como áspero veludo acariciando-a era uma sensação embriagadora.

Ia ter que soltá-lo. Sabia. Podia senti-lo. Ia ter que deixar que se fosse e passar a noite sozinha. Outra vez. Sem ele. Sem o consolo que necessitava, sem o homem que precisava para apoiar-se.

Ela lutou contra a opressão no peito, a garganta. As lágrimas que queriam encher seus olhos



e as reteve, as apanhando no interior de seu coração.

—Então para. —Deixou cair a cabeça adiante, os lábios pousados contra a testa dele, os dedos ainda agarrados em seu pescoço— Tudo o que tem que fazer é parar.

E matá-la. E tirar algo que não sabia que estava perdendo até agora. Não sabia o quão bom podia ser, quão quente podia ser. Não tinha imaginado que seu contato pudesse não só enviar o prazer apressado através do corpo, mas também mais profundo, para seu coração intacto. Por volta dessa parte dela que sempre tinha ocultado, que sempre tinha permanecido distante.

Ela não era distante com Zeke. Desejava rogar. Desejava suplicar que não parasse, que não afastasse a calidez dela. Que não roubasse seu toque quando tinha esperado durante tantíssimo tempo.

Um segundo depois, estava se afastando dela lentamente. Rogue obrigou os joelhos a soltar-se, obrigou-se a si mesma a encontrar o equilíbrio enquanto ele lentamente, muito lentamente a soltava, logo retrocedeu um passo.

—Consegui tudo o que queria? —Rogue recorreu ao sarcasmo para evitar chorar—Se for assim, como disse antes, já sabe onde está a porta.

Girou, em realidade quase tropeçando, para afastar-se dele e encontrar o consolo relativo de seu quarto, a grande banheira, borbulhas quentes que de maneira nenhuma substituiriam seu toque.

—Sou muito velho para você, Rogue. Sabe tão bem quanto eu.

Um segundo mais tarde encontrou a si mesma atraída contra seu peito, as costas nivelada contra ele, absorvendo seu calor e sua fúria.

Rogue negou com a cabeça lentamente.

—Não é a idade, Zeke —disse em voz baixa—Essa é sua desculpa. Por que não admite? Sua reputação não permite estar comigo, e ambos sabemos.

O silêncio encheu o ar entre eles. Ela sentiu seus dedos apertando os quadris, o peito alargando-se atrás dela.

—Acredita que não foderei você porque pode danificar minha reputação? —Houve um fio de brincadeira em sua voz que foi cortante—Oh, Rogue, querida, não tem nem ideia de quão equivocada está. Não foderei você, meu bem, porque sei o que ninguém sabe. Sei exatamente por que uma relação comigo destruiria a ambos.

—De verdade? —Ela não via a destruição. Via a necessidade, o sofrimento, a escura solidão que ninguém mais podia acalmar. Uma fome que só Zeke podia satisfazer. Que sempre soube que só Zeke podia satisfazer.

—E o que acredita que sabe?

—Sei, Caitlyn Rogue, o muito inocente que é comparada comigo e o que sei é que acabaria tirando isso de você. Não é uma mulher que permitiria a um homem fodê-la pelo prazer disso, sem sentimento. Não é uma mulher que pode alguma vez dar com facilidade o que eu necessito. E não é uma mulher que um homem possa afastar-se sem lamentar. É muito jovem para esses lamentos. E eu muito velho para querer ver como a atam. Pensa nisso. Recorda. Porque da próxima vez que me convidar à sua cama, pode encontrar mais do que esperava.



Se ele esperava que tomasse as ameaças veladas e a indireta como uma desculpa, então seria melhor que pensasse de novo.

Lançou-lhe um pequeno grunhido de aborrecimento enquanto se soltava de seus braços.

—O que, Zeke, você gosta de brincar com suas algemas? —espetou-o, girando para ele, quase ardendo em chamas ante o olhar em seu rosto—Você gosta de brincar de xerife grande e mau quando fode suas mulheres?

Os lábios dele se arquearam com um pouco de diversão que ela simplesmente não apreciou. Quase um sorriso enquanto esses predadores olhos marrons vagavam sobre a frente do desabotoado colete de couro.

—Brincar com as algemas seria o menor de seus problemas? —grunhiu em resposta, e quase acreditou.

Fingiu um calafrio.

—Deveria gemer e rogar piedade?

—Provavelmente. —Houve um grunhido de risada— Uma coisa é muito certa, acabaria com umas palmadas no traseiro. Essa sua boquinha para alguma vez?

—Só quando estou beijando xerifes covardes com mais desculpas que algemas. —Sorriu ela forçada— Vá para casa, Zeke. Estou cansada de brincar com você esta noite. Direi a você a próxima vez que estiver de humor para umas bofetadas e cócegas. Parece que isso é tudo o que está disposto a me dar no momento.

Oh, estava irritada. Fulminou-o com o olhar, vendo a diversão, a cuidadosa vigilância que manifestava. Ele pensou que poderia entrar em sua casa e simplesmente brincar de amante grande e mau arrojando suas pequenas advertências? Quem demônios era ele esta semana? O senhor do inferno? Tolices. Ouviu durante anos como o xerife gostava de foder. Toda a noite. Duro e forte. Era como um garanhão preparado para montar e cavalgar a qualquer momento, uma viúva tinha falado a rastros e tombos durante um banquete de autocomiseração de épicas proporções quando o garanhão do xerife tinha deixado de ir para sua cama. Rogue estava cansada de ouvir as malditas histórias de mulheres afogando suas penas em uísque.

—Sabichona. —Baixou a voz, mais profunda— Essa foi grátis, querida. Continua assim e deixarei a conta aberta. Farei a arrecadação.

Ela fingiu um calafrio.

—Estou tremendo em meus sapatos.

Ele olhou os sapatos no chão, logo de volta aos seus pés antes que os lábios se apertassem e desse uma forte sacudida com a cabeça.

—Tenho que sair daqui —disse ele—Se ouvir algo sobre os gêmeos, a farei saber disso.

—Simplesmente manda um de seus pequenos ajudantes —ordenou furiosa. Decidi que depois de tudo eu não gosto de brincar com você, Zeke. Penso que já é hora de que considere a outros homens potenciais.

Ele se deteve.

Zeke pôde sentir o sangue estalando na cabeça diante da pequena e irada ameaça, e o fato de que fora a sério. Era sério? Olhou-a fixamente nos olhos, mantendo os olhos entrecerrados



enquanto julgava sua expressão.

Sim, talvez fosse a sério.

—Não me precipitaria em nada se fosse você. —a advertiu. Tentou manter a advertência leve, mas falhou miseravelmente. Sabia como soou. Como um homem advertindo sua mulher que recuasse de um limite que estava a ponto de cruzar.

Ele não podia tê-la, mas que o amaldiçoassem se ia permanecer de lado e observar algum outro bastardo tomá-la agora que a tinha provado.

Esse pensamento o congelou com tanta efetividade como o fez a advertência de Rogue. Demônios, estava perdendo a fodida cabeça.

—Merda —grunhiu de repente— Não é da minha conta.

—Não é da sua conta. —esteve de acordo ela, evidentemente mais zangada agora do que quando começou.

Zeke observou o rubor que subiu por suas bochechas, o brilho da batalha em seus olhos violetas e quase, só quase, se perguntou pela faísca dominante que parecia desencadear uma cascata de luxúria em suas vísceras.

Maldita fosse. Não achava que o desafiasse. Que o irritasse, sim. Mas que o desafiasse? Diabos, não. Era a única coisa que tinha lutado por evitar que acontecesse por anos. Rogue o desafiando não era algo que nenhum deles queria pôr a prova agora mesmo. Não enquanto o sabor de seus lábios permanecia nos seus, enquanto ainda notava os sedosos e escorregadios sucos de sua vagina nas pontas dos dedos.

—Tenha cuidado pequena —disse amavelmente— Desafiar um cão grande é muito diferente de desafiar esses pequenos chihuahuas com quem vai às vezes. Ladram ao vento, colocam os rabos entre as pernas e fogem quando eu lhes grunho em resposta. Recorda. E melhor considerar que há uma razão para isso. Não sou um filhote mulherengo que possa escolher, acariciar e passar a mão algumas vezes, e considerá-lo um trato feito. É uma menina ao meu lado, Rogue. Não são os anos entre nós o que me retém; é o fato de que você e eu, ambos sabemos que há coisas sobre mim que não quer tentar. Do contrário, não estaria tão malditamente decidida a me pressionar.

Ela elevou a sobrancelha de repente. Um pequeno arco perfeito de sarcasmo.

—Estou segura que terei pesadelos esta noite. —disse arrastando as palavras— Fecha quando sair, xerife. Já tive o bastante de profundas e escuras advertências e tolices masculinas dominantes. Farei você saber quando estiver preparada para mais.

Passou-o tranquilamente, e ele a soltou. Teve que obrigar seus dedos a não curvar-se em punhos para conter o impulso de esticar a mão para agarrá-la. Teve que obrigar-se a não segui-la quando a porta do quarto se fechou.

Demônios, teve que obrigar-se a sair do apartamento. Cruzar a grandes passos a sala, girar a fechadura da porta, e sair antes de fechá-la atrás dele. Obrigar-se a descer as escadas e atravessar o bar foi inclusive mais difícil.

Porque sabia o que ela estava fazendo. Não estava em um maldito banho de espuma. Sentiu seu olhar no minuto em que saiu do bar. Estava em cima o observando, como o tinha observado entrar no bar incontáveis vezes. E se perguntou se ela estava recordando a escura promessa desse



beijo que tinham compartilhado, porque ele sabia com certeza que não poderia ser esquecido.

O beijo em si mesmo foi um desafio. Deveria ter sabido imediatamente quando ela começou a lutar por seu sabor, pressionando por mais, por uma carícia mais profunda, um sabor mais forte. Estava metido em um grande problema no que se referia a essa mulher.

Deveria saber que Rogue não escutaria uma advertência, que não veria a razão. Era jovem, impulsiva, selvagem como o vento. Muito jovem. Filha de puta. Abriu de repente a porta da caminhonete e subiu no assento antes de bater a porta. Queria bater os punhos em algo; queria uivar à fodida lua, voltar para dentro correndo e demonstrar como um homem faminto, como um homem tomava sua mulher, e exatamente como esperava um homem uma resposta.

Não convinha brincar com ele. Não convinha apertar seus botões e deixá-lo com um membro tão malditamente duro que não conseguia que relaxasse, então a safada estaria ainda sensível, ainda pronta para a ação. Não tinha estado tão malditamente a ponto para o sexo em mais anos dos que queria contar.

A mulher endurecia seu membro mais rápido do que o velho Parson jurou que o Viagra fazia. Era uma maldita confusão, e começava a perder não só o controle, mas também o juízo.

Ela era, assim de simples, muito condenadamente jovem para a fome que ele tinha.

Capítulo 4

Rogue despertou na manhã seguinte com dor de cabeça. Duendezinhos demoníacos escavavam em seu cérebro com pequenos martelos diretamente atrás dos olhos. Sabia quando se deitou na noite anterior que o descanso não a seguiria a esse escuro vazio de inconsciência. Fizeram-no os sonhos. Os mesmos sonhos que a tinham atormentado durante anos.

Essas malditas fotos. Essa fatídica noite em que tinha aparecido a mulher que não sabia que residia em seu interior.

David e Amy Kerring. Tinham sido forasteiros na cidade, mas Caitlyn Rogue Walker não se deu a conhecer no bar de seu pai. Não contou a ninguém seu parentesco; gostava de observar e escutar, sem que ninguém soubesse quem era. Essa noite, David e Amy estavam amistosos. Rogue não tinha gostado deles especialmente, mas maldição, tinha sido tão tola. Tinha virado as costas só uns instantes, mas foi tempo suficiente para que jogassem algo na bebida.

A seguinte coisa que soube foi que despertou em uma cama desconhecida, meio vestida, razoavelmente segura que não tinha sido violentada, mas sabendo que algo tinha acontecido.

Nadine Grace e Dayle Mackay tinham aparecido. Tinham estado ali, e seus pesadelos o provavam.

Nadine tinha agido e rido como uma colegial enquanto Dayle Mackay fazia as fotos que foram utilizadas para humilhá-la depois.

Nunca os deixe vê-la suar, sangrar ou chorar, havia dito sua avó uma vez. Rogue manteve a cabeça erguida, mas não tinha sido fácil. Olhar Zeke Mayes na cara depois que essas fotos



estiveram na Internet tinha sido ainda mais difícil.

Agora, hoje, quatro anos depois, descobriu que a fanfarronice era sua segunda natureza, encher o saco das pessoas era fácil, e fingir ser a selvagem e vivaz Rogue era como sua segunda pele. Infelizmente, a ilusão era só superficial. A selvagem, experiente sexualmente, a provocadora diabinha motoqueira era simplesmente isso, um jogo, uma brincadeira do condado e das pessoas que se voltaram contra ela. Sob a superfície Caitlyn ainda estava escondida, esperando, observando e fantasiando com um homem que não podia ter.

Então o que fez depois do melhor beijo de sua vida? Teve sonhos eróticos incríveis tirando seu uniforme e devorando o duro corpo quente? Claro que não; teve pesadelos.

E também tinha um trabalho, fora estar no bar. Janey a substituiu ontem à noite, mas não podia substituí-la hoje ou amanhã. O menu diário era mortal, e a contabilidade no final do dia era algo parecido como se um ciclone tivesse passado por ali se Rogue não colocava a mão logo.

Não é que Janey não pudesse se encarregar da papelada; era só que Rogue era melhor e sabia.

E odiava ter que averiguar o sistema de Janey quando a chamava pedindo ajuda. Era muitíssimo mais fácil quando era o sistema de Rogue.

Abril estava sendo especialmente agradável quando saiu pela porta traseira do bar nessa tarde. A luz do sol das primeiras horas da tarde se vertia e esquentava as montanhas com calorosos dias fora do comum. Dias perfeitos para ir de moto ao restaurante. Embora, as noites fossem mais frias, e muito menos acolhedoras, eram suportáveis.

Sentia falta das noites que Zeke a recolhia depois de acabar o turno. O Tahoe quatro por quatro do xerife era quentinho e cheirava a Zeke. Esse intenso e escuro aroma masculino misturado com um pingo de loção.

Sentada escarranchada na Harley, Rogue deu a si mesma uma sacudida mental, pôs em marcha o motor, e tirou o cavalete com o pé antes de sair do estacionamento traseiro do bar e dirigir-se para Somerset.

O Bar estava só a uns poucos quilômetros da cidade, mas a viagem até o restaurante Mackay era quase de meia hora.

Quando chegou ao estacionamento traseiro do restaurante o vento fresco tinha transpassado suas pernas de couro e a grossa jaqueta. Sentia o rosto gelado e não estava desejando a viagem para casa essa noite.

Maldição, se continuasse assim, ia ter que tirar o feio sedan da garagem onde o tinha guardado e começar a dirigir outra vez. Isso deixaria sua reputação como motoqueira má no chão. Também sua dignidade, porque aquele sedan era muito feio.

Pondo o cavalete, tirou a chave do contato, meteu-a no bolso dianteiro e desmontou com um suave movimento antes de tirar a pequena mochila de couro que levava no porta-malas.

Janey estava no escritório quando Rogue entrou em grandes passadas. A outra mulher estava comodamente sentada, em atitude carinhosa nos braços de seu amante que estava sentado na grande cadeira de couro atrás da mesa.

—O chefe de polícia apanhado vadiando no trabalho. —informou Rogue em tom de



brincadeira— Fontes próximas à proprietária do restaurante e café Mackay, informam que o dito chefe definitivamente sabe como utilizar uma cadeira de couro. As fotos abaixo.

Janey girou os olhos enquanto Alex grunhia, entretanto seus olhos cinza se iluminaram com diversão.

—Fontes próximas a Rogue Walker estão bem a par de certa visita do xerife a altas horas da noite. —expôs ele, entretanto o olhar se tornou sombrio— Já se inteirou de algo?

Rogue negou com a cabeça enquanto afrouxava as fivelas das perneiras e as tirava das pernas cobertas com jeans.

—Nada que eu saiba e ignorei o telefone esta manhã, assim que a fofoca tampouco pôde exatamente me alcançar.

—A fofoca definitivamente podemos passar. —afirmou Janey, com os olhos verde escuro jogando faíscas de aborrecimento. Janey tinha suportado muitas intrigas desde a morte de seu pai. Dayle Mackay tinha sido um verme, sua irmã, Nadine Grace, tinha sido inclusive pior. Às vezes Rogue pensava que era bastante irônico, a amizade que tinha desenvolvido com a outra mulher, tendo em conta sua história com o pai e a tia de Janey.

—OuvIU algo mais? —Ela observava Alex enquanto punha Janey em pé, logo se levantou da cadeira.

O homem era definitivamente uma delícia para a vista. Fez um bom repasse, logo arqueou a sobrancelha ante o cenho de Janey enquanto torcia os lábios divertida. Era um jogo. Rogue não podia evitar. Alex quase sempre ruborizava, e Janey sempre se zangava. Rogue riu.

—Não ouvi nada mais —grunhiu Alex— Para de tentar me envergonhar, Rogue. Não acontecerá.

Rogue deu de ombros.

—Ora, uma garota precisa de um pouco de excitação na vida, sabe?

Janey se apoiou contra a mesa colocada perto da parede e arqueou as sobrancelhas ante o comentário de Rogue.

—Suponho que esse é o porquê de Zeke ligar para Alex menos de cinco minutos antes da sua chegada. Para acrescentar excitação à sua vida?

Rogue a fulminou com o olhar.

—Bem. De acordo. Se ele deixar que minha vida consiga algo mais de excitação, talvez não seja capaz de dirigi-la.

—Ui, ui —murmurou Alex. —Isso explica a vermelhidão de barba sob sua mandíbula.

A mão de Rogue se dirigiu imediatamente para a marca incriminatória, e sentiu o calor subindo em seu rosto. Maldição. Sabia que a tinha coberto com maquiagem.

Alex riu em resposta.

—Bom trabalho de maquiagem, mas vi Janey tentar ocultar as marcas muito frequentemente para não saber o que está escondendo aí. Diga que na próxima vez se barbeie antes de vir.

Nisso, Alex pousou um rápido beijo nos lábios de sua noiva e saiu a passos longos do escritório enquanto Rogue se deixava cair no sofá em frente à mesa de Janey.



—Odeio-o. —resmungou enquanto dirigia a Janey um olhar zombador.

Janey riu enquanto tomava assento ao lado de Rogue no sofá.

—Sim, às vezes produz esse efeito na gente.

Janey inclinou a cabeça para olhar sob a mandíbula de Rogue outra vez enquanto esta entrecerrava os olhos e a contemplava afligida.

—É só uma vermelhidão de barba. —resmungou Rogue— Sairá logo.

—O que acontece com os homens daqui que não podem ficar sem marcar suas mulheres? —perguntou então Janey.

Rogue suspirou.

—Vi as marcas que deixa em Alex, Janey. Juro, acho que tenta comê-lo como aperitivo da meia-noite.

Janey franziu os lábios com um malicioso sorrisinho.

—Às vezes.

Rogue sacudiu a cabeça quando um sentimento de perda a varreu. Estava ciumenta de sua amiga. Janey tinha com Alex o que Rogue só tinha sonhado ter com Zeke durante os últimos cinco anos.

Por que demônios estava tão obcecada neste único homem até o ponto em que nenhum outro faria? O que havia em Zeke Mayes e sua total relutância a tocá-la que a tinha pendurando nesse onipresente fio de atração para ele? O que fosse, ia ter que parar.

—De todo modo não sou sua mulher. —Tirou a importância enquanto levantava do sofá, recolhia a mochila, e se dirigia para a porta que ia ao restaurante— Segundo ele, porque esta gracinha é muito jovem para o imbecil grandalhão e mau do xerife. Parece que quer mais de uma mulher do que acredita que posso lhe dar.

Lançou a Janey um despreocupado sorriso, mas doía. Não, não só doía, irritava. Podia ter tido uma dúzia de amantes nos últimos cinco anos. Não tinha que dormir sozinha. Não tinha que passar dias esperando para ver um homem sobre todos outros.

Não era feia. Ninguém teria que pôr uma bolsa na cabeça para fodê-la.

Rogue abriu a porta de repente e a fechou atrás dela antes de tomar um profundo fôlego reparador. Tinha trabalho a fazer. Três dias na semana era a gerente, e só acontecia que tinha que escolher os três dias mais duros da semana.

Isso significava que tinha muito trabalho a fazer. O primeiro era vestir-se para o papel. Foi para a pequena sala de empregados na parte traseira e o vestuário dali. Os garçons e garçonetes usavam uniforme, mas Rogue se vestia como queria. Vestia-se para atrair a atenção e fazer menear as línguas. Janey jurava que metade da clientela voltava simplesmente para ver o que usaria Rogue na próxima vez. Esta noite, tinha um humor selvagem. Selvagem mas sutil. Sutil significava tudo quando estava de um humor especial, pensou com um tenso sorrisinho enquanto tirava a roupa bem engomada da mochila.

A saia quadriculada de colegial era curta, mas recatada. Cobria o traseiro. Isso era pudico, mas na verdade ia uns poucos centímetros mais abaixo e cobria a parte superior das coxas também. Cheia de dobras e se girava de certo modo, abria-se de modo tentador. Com ela levava



uma blusa branca transparente, uma regata com reflexos cinza, e debaixo, um sutiã negro de renda. Meias e sapatos de agulha cinza completavam o conjunto.

Uma hora depois os cachos que caíam em cascata ao redor de seu rosto foram levantados em massa na cabeça e atados com um fino lenço que deixava uma esteira atrás de sua cabeça. Maquiagem, uma aplicação rápida de batom cor bronze, e teve um aspecto sutilmente tentador e malicioso.

E sabia exatamente quem a veria com seu aspecto jovem e fresco, e desejosa de ser pervertida. Quase ria ante o termo que sua mãe tinha usado uma vez. Assim era exatamente o aspecto que tinha, e o xerife Zeke Mayes acabava de fazer uma reserva para jantar com seu filho e sua tia, Lucinda Mayes-Downes, a irmã de seu pai.

Lucinda Mayes-Downes não era nenhuma tonta, e essa anciã era a mais escandalosa que Rogue jamais conheceu. Shane Mayes, o filho de Zeke era a bomba. O menino ia ser um quebracorações quando fosse maior, se conseguisse dominar essa inclinação a brigar a cada oportunidade que se apresentasse.

Sacudiu a cabeça, e com as mãos despenteou o cabelo de maneira sedutora, logo franziu os lábios e soprou um beijo para o espelho em frente, lançando uma ligeira risada de antecipação e saindo para a sala de jantar. Ao trabalho.

Caramba, como pôde deixar que Janey a convencesse de realmente trabalhar?

* * *

Zeke teve a sensação, quando encontrou com sua tia Lucinda e seu filho no estacionamento do restaurante, que essa noite nada ia ser como planejou. Uma vez ao mês o convenciam a sair para jantar com sua tia e filho. Algo familiar, Lucinda gostava de chamar. Era algo assim como uma desculpa para vir de Louisville onde Shane estava agora na universidade e ficava no quarto de hóspedes dela. Uma desculpa para bisbilhotar, para assinalar o fato que estava ficando mais velho dia após dia e que era o momento de sentar a cabeça e dar a Shane um irmão ou irmã.

Menos mal que Shane não parecia muito entusiasmado com a parte de irmão/irmã. Entretanto achou bastante divertido escutar sua tia avó repreendendo Zeke com delicadeza.

Diabos, se não eram os Mackays deixando-o louco com suas complicações, então eram Shane e Lucinda.

Como diabos supunha que um homem considerasse uma aventura, muito menos uma relação, quando sua tia parecia ter uma infinidade de rumores sobre ele, cada vez que a via?

—Chega tarde, Zeke. —Lucinda saiu de seu mustang vermelho cereja, novo, com um radiante sorriso no rosto enquanto Shane saía do assento do passageiro.

Seu filho não parecia feliz. Evidentemente sua tia, que o adorava, negou-se a permitir dirigir seu novo bebê.

—Por cinco minutos, Lucy —resmungou—Tem sorte de que tenha vindo.

O sorriso de Lucinda só se fez mais radiante.

—É obvio que viria. De outro modo teria começado a fazer ligações, localizá-lo e arrancá-lo



dos braços de qualquer pequena viúva que encontrou para se divertir. É gracioso, embora não ouvi nada sobre viúvas ultimamente.

Zeke lançou um olhar de advertência. Não que Lucinda prestasse muita atenção às suas advertências.

Quando se aproximou, ela enganchou o braço ao redor do dele, a fina seda de sua conservadora blusa azul escorregou contra a camisa de algodão que Zeke usava. Calças negras folgadas e sapatilhas conservadoras completavam o traje.

O cabelo uma vez negro agora era prateado escuro, penteado na moda, emoldurando seu rosto e acrescentando um toque de juventude.

Os olhos marrons escuros faiscavam com calidez e um toque de travessura maliciosa. Ninguém podia acusar Lucinda de ocultar sua alegria sob uma manta. A mulher justamente gritava “bons tempos” com esse sorriso dela.

—Assim, sobrinho, como vai sua vida amorosa? —perguntou enquanto Zeke abria a porta, lhe lançando um olhar turvo.

Porque era mais que consciente da anfitriã que elevou o olhar, sendo mais que óbvio que captou a pergunta de sua tia.

—Não é assunto seu. —disse enquanto Shane suspirava atrás dele.

—Isto nunca a deteve, papai. —disse seu filho— E antes que tente mentir, estive no telefone durante os últimos dois dias falando de você com suas comparsas de Somerset.

—Amigas, Shane. —recordou Lucinda com um olhar sofrido— Já te disse que são amigas, não comparsas.

—Meninos, estamos em público. —recordou Zeke, ignorando o beliscão de sua tia no braço enquanto reprimia a risada.

—Xerife Mayes. —a voz de Rogue deslizou através da brincadeira— É bom ver você e sua família de novo.

Deus, sua voz fazia coisas. Não podia descrever com exatidão o que eram, mas cada célula de seu corpo parecia estar atraída pelo som dela. A visão dela.

Por pouco não engoliu a maldita língua quando saiu detrás da mesa da recepção e fez gestos à garçonete.

—Tabitha se ocupará de vocês esta noite. —Ela sorriu.

—Tabitha não fará tal coisa. —Lucy ficou frente a Zeke— Jovem, passou muito desde que a vi. Pode nos levar a nossa mesa e me saudar por um momento. —Ela apanhou as mãos de Rogue e deixou que seu olhar percorresse a jovem. Demônios, Zeke não podia tirar os olhos de cima.

—Travessa Rogue. —O sorriso de Lucinda era pura malícia— Esse conjunto é mortal.

As sobrancelhas de Rogue se elevaram enquanto aceitava o leve beijo de Lucinda na bochecha e segurava seus dedos.

—Pensei que era particularmente apropriado para minha idade. —Rogue abriu os olhos de par em par, e Zeke teve que lhe dar crédito por nunca olhá-lo desta maneira. A mulher podia dar um golpe com precisão e certa precisão.

Esteve agradecido de conseguir controlar seu coice.



—Para sua idade, é? —Disse Lucinda arrastando as palavras—Esse pequeno chupão sob a mandíbula que tanto tenta ocultar não parece encaixar com a idade apropriada.

O olhar de Zeke deslizou para sua mandíbula. Viu como avermelhava seu rosto e seu olhar foi de repente para ele enquanto Lucinda de repente olhou a ambos. Shane soltou uma estranha risada atrás dele.

—Sim, bem —Rogue clareou a garganta— Mais parecido a uma vermelhidão de barba. Ossos do ofício com alguns homens. Mostrarei sua mesa agora.

Seu sorriso era um pouco mais tenso quando deu as costas, mas maldição, a vista era boa. Merda, não devia olhar. Afastou o olhar dos globos arredondados de seu traseiro sob essa saia curta com voo para seu filho.

Só para ver que os olhos de Shane estavam na mesma direção.

—Ei, pirralho —grunhiu Zeke— Levante a vista.

Shane levantou de repente a cabeça, ruborizou e riu, então para surpresa do Zeke murmurou em resposta:

—Barbeie-se da próxima vez.

Diabos. Deveria ter tido melhor critério para achar que Lucinda não saberia com quem esteve ontem à noite. Sem importar a desculpa que desse, sem importar as razões pelas quais esteve no apartamento de Rogue, ela tinha aparecido com uma vermelhidão no dia seguinte.

Vermelhidão uma merda. Bem, talvez a tinha arranhado com a barba vespertina, mas também recordou a pequena dentada que tinha dado no mesmo lugar.

—Rogue querida, tem que vir a Louisville para jantar. —Lucinda dizia a Rogue enquanto os guiava para sua mesa— Podemos fazer um programa de garotas. Ir às compras.

Os selvagens olhos violetas se voltaram para Zeke enquanto Lucinda girava as costas a Rogue. Zeke quis sorrir, diabos, quis rir. Parecia horrorizada ante a possibilidade.

—Podemos fofocar —expôs Lucinda com petulância enquanto dava uma olhada em Zeke— Conversa de garotas.

—Terei que olhar minha agenda, Lucinda —respondeu, entretanto Zeke jurou que parecia um pouco pálida diante do convite— Janey me mantém bastante ocupada.

—Bem, poderia ter um bate-papo com Janey. —Lucinda olhou fixamente sua vítima com satisfação— Inclusive poderia levá-la com você. Nunca tive oportunidade de chegar a conhecer essa garota. Seu irmão entretanto era um selvagem. Somerset perdeu um solteiro magnífico quando se casou com essa agente dele.

—Sim, estou de acordo por completo —se apressou a afirmar Rogue— Enviarei Janey logo que seja possível. Pode discutir com ela. Entretanto Alex a mantém bastante ocupada.

Diabos. Frase equivocada, pensou Zeke enquanto sentava e viu a satisfação no rosto de Lucinda.

—Sim, um bom homem a manterá muito ocupada —esteve de acordo Lucinda— Diga-me, Rogue, quem foi o animal que te deixou essa encantadora e pequena marca sob a mandíbula? —Ela se deu um toque no queixo pensativamente—Não ouvi que tivesse encontros, querida.

—Não os tenho. —Rogue clareou a garganta— Foi um acidente com o baby liss. —Ela



retorceu nervosamente um cacho enquanto mentia com culpa zero e um encantador sorriso — A natureza não é sempre perfeita. Se me perdoar agora, Tabitha precisa de ajuda.

Rogue escapou, deixando Zeke olhando fixamente sua tia do outro lado da mesa enquanto Shane se esforçava para segurar a risada.

—Vou supor que tem uma razão para torturar Rogue. —expôs ele.

Os olhos de Lucinda se abriram de par em par.

—Querido, não estava torturando Rogue. Simplesmente estava conversando.

Olhou Shane.

—Estava torturando à garota?

Shane se moveu em sua cadeira, fulminou seu pai, e clareou a garganta.

—Possivelmente um pouco —admitiu finalmente antes que Zeke recebesse outro dos olhares acusadores do menino— Talvez deveria torturar o homem que lhe deixou essa marca.

Lucinda suspirou.

—Só se pudesse me inteirar quem fez tal coisa. —disse com calma. —Porque, liguei para todo mundo que conheço desde que me inteirei esta manhã. Não me ouviu no celular querido?

—Ouvi. —Shane passou a mão sobre o recortado cabelo marrom escuro— Muitas horas, tia Lucinda.

—Exatamente. —Suspirou Lucinda— E o único homem com quem se sabe que falou durante mais tempo que uns poucos minutos foi seu pai. —Girou os inocentes olhos de volta a Zeke— Falou com ela ontem à noite sobre as mortes de seus primos, não?

—Sim. —Respondeu Zeke com cautela. Maldita Lucinda, era como um tubarão cheirando sangue.

—Mencionou com quem saía? —Inocência suprema cobria o rosto de sua tia. O olhar era aterrador.

—Não, e não perguntei.

Simplesmente havia mais ou menos ordenado que não considerasse sair com ninguém. Não podia conceber o pensamento de Rogue na cama com outro homem. Durante os anos que estava em Somerset, falou-se muito, especialmente depois que as fotos saíram, mas nada sério.

—Não estou segura que importe. —Lucinda deu de ombros.

—Isso significa? —Zeke por pouco empurrou as palavras além de seus lábios. Que demônios estava fazendo Lucinda? Diabos, ela era perigosa. Deveria apresentá-la a esse agente especial da Segurança Nacional, Timothy Cranston; a tia Lucinda poderia ensinar uma coisa ou duas sobre interrogatório.

—Pergunta errada. —resmungou Shane quando Lucinda sorriu de novo. Esse sorriso era conhecido por fazer choramingar um homem adulto.

—Bem, depois dessas fotos horríveis. —Suspirou ela— Bem, um homem tem que ser cuidadoso, não?

Zeke inspirou um longo e precavido fôlego enquanto Tabitha ia até eles. A garçonete levava os menus, e atrás dela um dos jovens garçons trazia água com gelo.

—Tia Lucinda —disse em voz baixa— Não queremos continuar esta conversa.



—Oh. —Abriu os olhos de par em par— Claro que não, querido. Agora ela é muito amiga sua?

Amiga. Não, nunca tinha chamado Rogue de amiga. Uma fantasia. Uma tentação. A única coisa que não podia ter e desejava mais que seu próximo fôlego. Eram mais que amigos. Não eram amantes. Não podia permitir a si mesmo dar esse passo para ela.

—Já basta. —Olhou-a enquanto Tabitha se aproximava.

Lucinda suspirou. Shane fez esse estranho som de risada de novo enquanto Zeke deslizava o olhar para ele. Seu filho tinha a cabeça abaixada, os lábios apertados, mas se não se enganava, essa apertada linha ameaçava transformar-se em um sorriso.

Quando Shane sabia que demônios estava fazendo Lucinda, e Zeke não, era o momento de preocupar-se.

Mas uma parte dele estava bastante segura que sabia exatamente o que Lucinda estava fazendo. Ninguém tinha visto a marca no pescoço de Rogue antes de sua visita na noite anterior, esta manhã estava ali, e obviamente tinha sido vista por uma das colegas fofoqueiras de Lucinda.

la ter que ser mais cuidadoso com a sedosa pele de Rogue, pensou. Era macia, tão malditamente doce, e obviamente não foi nem de perto tão cuidadoso com ela como tinha sido com suas amantes no passado. Porque Zeke era muito esperto para deixar uma marca. Era muito esperto para deixar alguma prova de que tinha passado a noite com uma mulher, ou que uma mulher ocupasse sua atenção. Especialmente considerando o fato que Lucinda colocava o nariz ao mínimo sinal que Zeke podia estar envolvido com alguém.

Ela acreditava que a única maneira que ele ia ser feliz seria se voltasse a casar. Apesar de seu próprio estado de não casada, Lucinda não era feliz a menos que todo mundo ao seu redor estivesse desfrutando da sorte conjugal.

Como seu pai havia dito uma vez, depois que o marido de Lucinda morreu, ela se tornou malditamente extravagante. Divertida. Mas extravagante demais.

O silêncio encheu a mesa quando o garçom pôs a água diante deles e Tabitha lhes estendeu os menus com sua alegre conversa das especialidades do chef. Tomou o pedido das bebidas, logo se afastou com uma promessa de voltar em pouco tempo com o jantar.

—É uma garotinha bonita, Shane —começou a falar Lucinda— Poderia fazer algo.

—Não, não poderia —resmungou Shane—É mais velha que eu.

—E?

—Tenho namorada.—argumentou Shane.

—E? —pressionou de novo Lucinda.

Shane olhou Zeke com esse rogo inato desesperado de um filho ao seu pai para que o salvasse de afogar-se.

Zeke o contemplou em silêncio. O pirralho o tinha deixado lutando para manter-se flutuando sob a menos que amável opinião de Lucinda. Que amaldiçoassem Zeke se agora salvava seu filho. Deixe para ver como é.

—Sua namorada mal tem dezessete anos, Zeke. Diga a Shane que é muito jovem.

—É muito jovem, Shane. —Zeke desejava que Tabitha voltasse com o uísque que tinha



pedido.

—Não é —expôs Shane com um sofrido suspiro— São só dois anos. Poderia ser pior.

Zeke o contemplou.

Lucinda inclinou a cabeça com curiosidade.

—Como poderia ser pior, querido?

Os lábios de Shane se arquearam.

—Poderiam ser onze anos.

Capítulo 5

Deveria afastar-se.

Zeke estacionou a caminhonete na parte traseira do bar, perguntando porque se incomodava. Não havia modo de esconder o veículo, e todo mundo que o conhecia sabia o que dirigia fora do trabalho.

Não deveria estar aqui.

Flexionando as mãos, recordou a si mesmo que estava aqui só para dar uma olhada, assegurar-se que tudo estava bem. Sua Harley ainda estava no restaurante. Ela tomou um táxi para voltar para casa depois de fechar, em vez de chamá-lo.

Andando para a porta traseira apertou o interfone e esperou. Poderia ter ido pela parte dianteira e subir as escadas, mas maldição se queria escutar mais perguntas de Lucinda amanhã.

A fechadura da porta estalou, um segundo depois o painel se abriu e Rogue estava na frente dele, ainda vestida com essa curta saia quadriculada, os saltos e a fina regata que tinha usado antes debaixo da blusa de mangas longas.

—O que quer, Zeke? —perguntou em voz baixa, cautelosa.

Tinha um aspecto para comer.

Pelo menos ia provar.

Não respondeu. Agarrando a borda da porta entrou antes de envolver os dedos da outra mão no pulso de Rogue. Fechou a porta, passou a chave, e logo olhou para a porta aberta do escritório e a luz no interior da sala.

—Trabalhando? —Olhou-a fixamente enquanto sentia o lento deslizar de seu controle se fazendo pó.

—Importa? —Seus lábios se torceram maliciosamente— Preparado para outro soco e cócegas?

Ele ignorou a acusação; em vez disso foi para a sala, lhe agarrando o pulso com firmeza e a arrastando com ele.

Entrou, fazendo uma brusca parada, os olhos entrecerrados ao ver o homem jogado de costas no sofá que estava contra a parede.

Cranston era baixo, corpulento e com escasso cabelo castanho. A expressão tão inocente e



inofensiva como a de uma criança. Era uma maldita boa coisa que Zeke soubesse o matreiro e ardiloso que o agente da Segurança Nacional podia ser.

—Xerife? Trabalha muitas horas não? —Timothy Cranston se levantou do sofá, endireitou a jaqueta enrugada dos ombros, mostrando a Zeke um sorriso matreiro—Rogue e eu estávamos falando do frio pouco comum.

—Não, não estávamos, estávamos falando de Zeke. —Rogue soltou o pulso de seu apertão e o rodeou enquanto Timothy ria entre dentes ante a revelação.

—Muito bem, estávamos falando de você. —Deu de ombros— Ela tem uma opinião muito alta de você.

—Não, não tenho. Penso que é um idiota. —afirmou ela, com um sorriso forçado curvando os lábios enquanto Timothy ria de novo, com o olhar atento enquanto voltava para Zeke.

—Adeus, agente Cranston. —disse Zeke com voz áspera.

Aguentar as tolices de Cranston não estava agora mesmo no alto de sua lista de prioridades. Ocuparia-se dele mais tarde; por agora, tinha intenção de tratar com Rogue. A pequena descarada provocadora tinha revoado pelo restaurante, como uma sedutora ruiva enquanto esteve ali. A metade dos homens do restaurante tinham estado ofegando sobre seus jantares, a outra metade estavam provavelmente em casa masturbando-se, com as visões de levantar essa pequena saia por cima do traseiro e lhe dar umas bofetadas por deixá-los loucos. Isso era definitivamente o que ele estaria fazendo, masturbando-se. Se tivesse tido bom senso de ir para casa.

—Bem, posso dizer que já não me requerem mais. —Timothy ajustou a frente da jaqueta do traje sobre o peito antes de pegar o casaco que tinha deixado no sofá ao seu lado—Boa noite, querida. —Assentiu a Rogue antes de girar de volta para Zeke—Até mais tarde, xerife.

—Muito mais tarde. —assegurou Zeke.

Timothy sorriu de novo, uma dessas divertidas e condescendentes curvaturas de lábios que nunca falhavam em deixar Zeke furioso.

Tinha assuntos com o agente, assuntos sérios, que não tinham sido resolvidos até agora. Esteve trabalhando com Timothy Cranston durante dez anos para romper a Liga da Liberdade e sua permanência nas montanhas de Kentucky. O que tinha ganho pelos esforços? Durante os últimos dois anos, duas operações tinham sido levadas no condado de Pulaski nas quais Zeke tinha sido mantido às escuras.

Não entendia. E agora, seis meses depois, ele e Cranston ainda estavam em um ponto morto sobre isto.

—Logo —corrigiu Timothy enquanto vestia o casaco e rodeava Zeke para abrir a porta— Muito em breve, xerife.

O agente pelo menos teve a consideração de fechar a porta atrás dele. Zeke fez melhor e fechou com chave antes de girar para Rogue.

Ela já não estava apoiada na mesa. Levantou-se e sentou, apoiada na borda com as torneadas e sedosas pernas cruzadas. Os cachos cobre-dourados caíam em cascata ao redor, como sedosas chamas de tentação.

—E pergunto outra vez o que quer? —perguntou irônica—Ou decidiu vir e me torturar outra



noite? Continua assim, Zeke e poderia se encontrar preso a uma cama em algum lugar, com suas próprias algemas.

Soprou diante da ameaça.

—Não acredito.

Ele a observava, simplesmente a observava enquanto a necessidade de tocá-la crescia como uma enfermidade dentro dele. Afastar-se dela era impossível. Estava se inteirando disso. Quanto mais tentava, mais difícil era. Quanto mais se negava, mais sofria pelo que não podia ter.

—Mais cedo, deliberadamente, me deixou louco. —a acusou com rudeza— Dando voltas pelo restaurante com essa saia curta, me desafiando que a tomasse.

Rogue arqueou a sobrancelha.

—Está paranoico, Zeke? Talvez precise vê-lo como um desafio, assim poderia ter uma desculpa para fazer algo que morre de vontade de fazer de todo modo.

—E isso seria? —obrigou-se a soltar as palavras enquanto se aproximava.

Rogue passou rapidamente a língua úmida e rosada sobre os lábios enquanto baixava o olhar para as coxas de Zeke e logo de volta aos olhos.

—Morre por me ter, não, Zeke? —Sua voz desceu, tornando-se tentadora e sedutora— Deseja-me tanto que não pode suportar, e se nega a admitir.

—Oh, admito abertamente. —Não houve negação nisso.

Antes que pudesse frear o impulso deu os últimos passos para ela, envolveu sua nuca com a mão, inclinou-lhe o queixo para trás com o polegar e baixou a cabeça.

Um sabor de especiarias apaixonado explodiu através de seus sentidos enquanto ela abria os lábios. A fome golpeou suas veias, numa onda para seu endurecido membro, e abriu as pernas de Rogue com a mão livre para conseguir aproximar-se.

O sabor dela era calor líquido quando se arqueou contra ele, o som de um fôlego de surpresa escapando.

Mantendo sua cabeça inclinada para trás, devorou-lhe os lábios, a língua. Deslizou a mão coxa acima, tocando a úmida peça de suas calcinhas e gemeu com o calor que encontrou ali.

—É como um vício. —Mordiscou-lhe os lábios enquanto soltava o pescoço, só para arrastar para cima a beira da regata, sobre o vaporoso sutiã de renda.

—Encontraremos um programa de doze passos. —disse arqueando-se contra ele.

—Doze passos para a loucura total? —perguntou enquanto seus lábios viajavam ao longo da mandíbula— Merda, Rogue. Como demônios supõe que faça meu trabalho quando tudo em que penso é no seu sabor e em senti-la?

—Tirando folgas para alimentar o vício? —A voz entrecortada e sensual fez que seu corpo se endurecesse ainda mais.

—Teriam que ser um monte de folgas. —Era uma ideia muito boa.

Rogue inclinou a cabeça para trás quando os lábios de Zeke continuaram sua campanha de sensorial êxtase total, da mandíbula até a orelha. Estremecimentos de prazer percorriam seu corpo a cada lambida de sua língua, cada beliscão de seus lábios.

Era como ser consumida pela fome, pelo erotismo de senti-lo contra ela. A paixão, o raio do



êxtase. Deus, precisava de mais. Tanto que se arqueou mais perto dele, quase rogando por isso. Enquanto o calor continuava aumentando em sua vagina, a tensão apertando seu clitóris.

Notar as calosas palmas cavando seu peito foi suficiente para roubar a respiração. A carícia do polegar sobre o distendido mamilo enviou pulsos de intensas sensações que atacaram seu útero e clitóris.

Estava afundando em uma sobrecarga sensual. Na fome que a envolvia e transpassava a pele.

Nada importava exceto seu toque, seu beijo. Se ele pensava que era um viciado, não era nada comparado a sua necessidade por ele. Sentiu como se estivesse se afogando no prazer, afogando no completo abandono de seu corpo ao de Zeke.

Sensações sacudiram suas terminações nervosas quando as pontas dos dedos acariciaram entre as coxas, logo sobre a umidade das calcinhas. Quentes e úmidos, os sucos se derramavam dela desavergonhadamente, preparando-a para sua posse.

Caramba!, ela esperava que a possuísse. Estava a ponto de explodir de necessidade. A tensão formando-se em seu interior, pondo-a tensa enquanto levantava os joelhos. Os sapatos caíram de seus pés quando pôs as solas sobre a mesa e apoiou os calcanhares nus na borda.

—Maldita seja! —grunhiu Zeke, levantando a cabeça enquanto ela se inclinava para trás e mostrava um fugaz sorriso malicioso.

Pressionou os dedos contra a vagina, esfregando a seda das calcinhas contra o clitóris enquanto ela elevava os quadris para ele.

—É tão bom. —sussurrou ela entrecortadamente.

—Pode ser melhor. —prometeu ele.

Rogue estremeceu com o pensamento de algo melhor, logo gritou de surpresa quando os lábios desceram para a ponta de seus seios.

Lambeu sobre a inchada elevação de carne por cima do sutiã. Os dentes raspavam a carne sensível, e os dedos desenharam padrões de êxtase apaixonado na seda entre as coxas.

Era muito. Muitas sensações. Muita necessidade.

—Zeke, por favor. —A cabeça caiu para trás enquanto lutava para sustentá-la erguida. Plantou as palmas sobre a mesa, os braços tremendo pelo esforço de permanecer no lugar.

—O que precisa, meu bem? —A bochecha roçando sobre um intumescido mamilo. —Diga o que precisa.

O que precisava? Precisava de tanto. Precisava ser tocada por toda parte. Precisava afundar-se em sua pele e nunca ficar sem ele.

—Diga, Rogue —soprou sobre a dura ponta do mamilo—Diga o que precisa.

Era uma provocação e um desafio.

Rogue elevou a cabeça para olhar para baixo, o esforço que lhe custou manter os olhos abertos por pouco mina toda sua força.

—Chupe o mamilo —exigiu, para não ser menos— Chupa forte e profundo, Zeke.

Zeke apertou a mandíbula, seus olhos marrom dourados pareceram flamejar de paixão enquanto abria os lábios e um suspiro mais tarde cobriu um dos rígidos picos e o chupou, renda e



tudo, dentro da cálida caverna de sua boca.

Os quadris dela se arquearam, empurraram contra os dedos dele enquanto açoitava o mamilo com a língua. O prazer detonou nela, golpeando sem avisar e roubando seu fôlego enquanto as pontas dos dedos de Zeke arranhavam a seda que lhe cobria o clitóris.

—Tira o sutiã —exigiu Rogue enquanto se revolia sob as carícias— Por favor, Zeke. Deixe-me sentir tudo.

Não podia tirar por si mesma. Se movia as mãos de sua posição de apoio se derreteria sobre a mesa como manteiga quente.

—Oh, meu bem —cantorolou ele, enquanto com uma mão acariciava as costas, logo entre os seios— Tudo o que tem a fazer é me dizer como quer.

Estava provocando, queimando-a viva.

O fecho do sutiã se abriu com facilidade. Rogue lutava para respirar enquanto o observava tirar as taças dos seios, observando quando os rosados mamilos pareceram elevar-se para ele.

—Que bonitos. —gemeu Zeke enquanto beliscava uma apertada ponta com os dedos— Tão doces e duros.

—Mais —ofegou ela— Chupa mais.

Baixou a cabeça em volta de um dos mamilos enquanto seus dedos trabalhavam o outro. Rogue sacudiu a cabeça quando um grito se desprende de seus lábios. Não deveria ser assim tão bom. O prazer não deveria ser tão intenso que bordeava a dor. Não deveria dissolver qualquer objeção que ela tivesse.

—Oh sim —gemeu—Oh Deus, Zeke. Preciso de você. Preciso de você todo.

Necessitava-o em seu interior, entre as coxas. Doía-lhe a vagina, ardia. Podia sentir ali o vazio desesperado como nunca antes, e a necessidade de ser cheia crescia até as alturas do desespero.

—Já vai, meu bem. —Levantou a cabeça enquanto que com uma mão lhe pressionava o estômago—Recoste-se para mim.

Se recostasse? Movesse os braços? Estaria perdida se não se concentrasse em ficar erguida. Perderia sua alma para ele, e isso não podia ser uma boa coisa.

Sua escura e conhecedora risada a envolveu enquanto ele movia as mãos; acariciou-a braços abaixo, agarrou-lhe os pulsos, e os soltou. E Rogue derreteu.

Como um sacrifício sensual reclinou as costas ao longo da mesa, seus braços caíram por cima da cabeça enquanto os lábios de Zeke retornavam aos seus seios. Primeiro um, logo o outro. Chupando os mamilos, arrastando-os profundamente dentro de sua boca; esfregando a língua sobre eles, queimando-os com o úmido calor de sua boca.

—Maldição, é fodidamente preciosa. —Sua voz era baixa, sensual, maliciosa, enquanto levantava outra vez a cabeça e tirava a regata pela cabeça— Tão doce e quente. Posso prová-la, meu bem? Provar por toda parte e me embriagar de você?

OH Deus, nunca tinha ouvido algo tão sexy em toda sua vida. Não era justo. Como achava que retivesse algum controle quando falava assim? Quando seus lábios desciam enquanto falava, semeando uma linha de beijos ao longo de seu abdômen para o elástico das calcinhas.



—Zeke. Por Deus. Preciso de você.

Os dedos se engancharam na faixa elástica. Não teve que preocupar-se que as tirasse pelas pernas. O elástico se rompeu e os dedos afastaram o tecido das acaloradas e doloridas dobras de sua vagina.

Foi assim. Com o rasgo do tecido Rogue jurou que perdeu a cabeça. A sensação aumentou repentinamente e explodiu dentro dela enquanto seus quadris se sacudiam para cima e um destorcido gemido saía de seus lábios.

Estava tão excitada que se perguntava como podia respirar. O prazer a açoitou atravessando seu corpo enquanto o desespero começava a tomar o comando. Levantou os braços, as mãos foram para a cabeça de Zeke, os dedos enroscados nos curtos fios de cabelo enquanto tentava empurrá-lo mais abaixo, entre as coxas.

Tinha sonhado com isto, fantasiado, desejosa de saber como seria. Abriu os olhos enquanto observava, observava como ele deixava um rastro de beijos para o acalorado monte, então soprou um fôlego quente sobre a sensível carne.

As coxas se abriram com a insistência das amplas mãos. O ar suspenso em seus pulmões enquanto observava a língua lambe-la, lentamente, muito lentamente ao redor do duro e distendido clitóris. Os olhos de Zeke estavam sobre ela, observando-a enquanto o olhava lambe-la. Observando-a enquanto as pestanas se fechavam e o êxtase a embargava.

Um segundo mais tarde um leve beijo sugador a teve gritando. Logo sua língua se voltou faminta. Fortes mãos deslizaram sob seu traseiro para levantá-la mais perto enquanto ele lambia através da úmida fenda, rodeava a abertura, logo afundava dentro com um forte e faminto impulso.

Rogue sentiu a explosão detonar em seu interior. Sentiu a vagina apertando-se e convulsionando ao redor da língua, sentiu o clitóris explodir de êxtase e se perdeu no fogo cataclismo que a superou.

Estava se afogando em um prazer que beirava a dor enquanto ele continuava fodendo-a com a língua, tirando os sucos enquanto gemia na tenra carne. Cada sensação abrasadora parecia arrancar algo na alma. Cada carícia de sua língua avivava um orgasmo que parecia não querer parar, igual aos seus dedos roçando contra o estremecido clitóris, com estímulos adicionais através de suas terminações nervosas, até que estava a ponto de gritar. Queria gritar. Tentou gritar. Tudo o que saiu foram gemidos entrecortados e gemidos desesperados enquanto a última onda esmagante a rasgava.

Zeke apoiou a cabeça na coxa de Rogue, a luxúria abria caminho através dele até que sentiu como se estivesse em pedaços pela necessidade de fodê-la.

As mãos foram para o cinturão. Tinha que tê-la. Estava soltando o fecho quando o celular a seu lado começou a soar imperiosamente, o tom que emitia assegurava que era uma emergência.

Não estava de serviço, mas não podia ignorar. Havia muito em jogo, muitas coisas começavam a chegar em um ponto crítico para que ele ignorasse as chamadas.

Com uma maldição afogada levantou bruscamente e tirou o telefone da capa.

—O que? —ladrou no receptor enquanto observava as pestanas de Rogue subirem, viu seus



olhos, a cor violeta mais escura, mais intensos que nunca, enquanto o olhava fixamente, confusa.

—Zeke, temos um problema no trailer de Joe e Jaime —expôs Gene— A polícia estadual está aqui e precisam de você.

—Qual é o problema?

—É uma bola de fogo —expôs Gene— Está ardendo até os alicerces enquanto falamos. A maldita coisa explodiu como uma bomba enquanto eu subia no Tahoe depois de receber uma chamada de que aqui havia vândalos. É quatro de julho nesta montanha.

Zeke sentiu a fúria arder em seu interior e viu o desespero no olhar de Rogue, sentiu-a em seu próprio corpo.

—Vou para aí —espetou— Mantenha os estaduais me esperando.

—Estamos todos esperando —prometeu Gene— Entretanto se apresse, porque um dos vizinhos pensa que viu alguém aqui bem antes que aparecêssemos. Poderíamos ter um corpo.

—Estou a caminho. —Zeke fechou o telefone e o colocou de volta na capa enquanto Rogue levantava lentamente até que esteve sentada na mesa.

Zeke apertou os dentes enquanto ela vestia o sutiã sobre os seios e fechava o pequeno clipe antes de baixar o top de seda e alisar a saia sobre a parte superior da coxa.

—Vai voltar? —Não o olhou enquanto fazia a pergunta.

—Cedo ou tarde. —Esta noite não. Se voltasse esta noite, só Deus sabia como dirigiria a luxúria que o rasgava. Precisava de tempo para considerar, tempo para averiguar como poderia protegê-la do perigo que podia sentir gerando-se no condado.

—Cedo ou tarde. —exalou ela, levantando a cabeça, os lábios abertos enquanto um sorriso mordaz se formava em seus lábios— Horas? Dias? Anos?

—Há coisas em jogo que você não entende, Rogue. —disse, tentando manter a voz baixa— Coisas das quais tenho que me ocupar primeiro.

Ela assentiu bruscamente.

—Bem, se ocupe de seus coisas. —Saltou da mesa e foi irada para a porta enquanto ele a observava, lutando com o peso em seu peito e a exigência de seu corpo que ficasse.

Ela abriu a porta de repente e voltou a olhá-lo furiosa.

—Não volte até que tenha congado com sua mente se por acaso pode ficar ou não tempo suficiente para ao menos proporcionar o pum-pam-obrigado-senhora! que qualquer outra mulher conseguiria. Eu não gosto que brinquem comigo, Zeke.

Não gostava que brincassem com ela, mas por Deus, tampouco gostava dos jogos. Nesse momento, o jogo em que estava metido não era um do qual pudesse sair.

—Não pressione, Rogue —advertiu com amabilidade— Não pressione no que se refere a você. Há coisas que não sabe e não entende. Até que possa consertar, não tenho nenhuma maldita coisa para te oferecer.

—Me ouviu te pedindo algo? —perguntou ela com doçura. A parte doce era delatora. Rogue estava zangada. E magoada.

—Voltarei. —Foi a grandes passos para a porta e se deteve na frente dela— E da próxima vez que a pegar em atitude carinhosa com outro homem, sem importar quem seja Rogue, vai ter



violência.

Nem lhe deu a oportunidade de responder. Curvou a mão ao redor do pescoço e seus lábios tomaram os dela em um rápido e forte beijo antes que a soltasse e saísse do escritório. Chegou na porta traseira em segundos e trotou para a caminhonete enquanto lutava consigo mesmo e seu desejo de voltar para dentro, onde ela esperava.

Ela era sua fraqueza. Um homem em sua posição não podia permitir uma fraqueza. Especialmente agora. Zeke podia sentir que aquilo começava a tomar forma. Quem quer que procuravam estava se assustando. As perguntas que tinham sido feitas sobre a morte de Joe e Jaime tinham obtido resposta. Esta era a resposta. Alguém estava assustado que os dois homens tivessem deixado algo, alguma coisa oculta que pudesse revelar o que estavam fazendo ou por que foram assassinados.

Agora, Zeke simplesmente tinha que averiguar o que era, sem esperança de encontrar mais nada.

Capítulo 6

Zeke entrou em seu escritório na manhã seguinte, deteve-se e olhou fixamente as visitas antes de sacudir a cabeça com uma desconcertada aceitação que começava a crescer dentro dele.

O arquivo em sua mão era o relatório do juiz de instrução sobre os meninos Walker. O relatório forense chegaria a qualquer dia destes. Mas não tinha boa aparência. E agora, olhando fixamente os quatro homens que o esperavam, podia sentir seus intestinos ardendo.

—Que porra querem você e seus amigos, Cranston?

Supunha-se que o agente especial Timothy Cranston estava suspenso do Departamento de Segurança Nacional. Zeke tinha melhor critério. Timothy nunca tinha sido suspenso exceto no papel. A atual investigação em curso era uma bomba relógio esperando explodir com o mesmo poder que tinha sido utilizado no trailer de Joe e Jaime Walker. E Timothy Cranston estava bem no meio de toda a maldita coisa.

Baixo, rechonchudo, sua cara a maior parte das vezes com um sorriso que raramente alcançava seus olhos, o agente tinha sido o némesis de Zeke durante muitos anos. Sempre que Cranston estava ao redor, era certo que haveria problemas.

E em qualquer lugar que encontrasse os primos Mackay no condado Pulaski, estava condenadamente certo que encontraria problemas.

Douglas "Rowdy" Mackay, James "Dawg" Mackay, e seu primo mais jovem, casado recentemente com a agente da Segurança Nacional Chaya Dane, Natches Mackay.

Rowdy, Dawg, Natches Mackay e Timothy Cranston. Demônios, não precisava disto. Sua própria investigação começava a chegar a um ponto crítico depois de anos que Cranston continuamente o tinha empurrado ao limite, ignorante, até que foi muito tarde, de que a Segurança Nacional estava trabalhando para derrubar a Liga pela Liberdade sem ele. Cranston e os



primos Mackay tinham cortado a cabeça, agora Zeke ia pela coluna. Sozinho. Não seria afastado disto. Não depois de todos estes anos, pesadelos, ou evidências que Cranston tinha pessoalmente contra ele.

—Quando os quatro aparecem, há problemas. Não preciso de problemas esta semana. — Caminhou a passos longos através do escritório para sua cadeira atrás da grande mesa de madeira diante do conjunto de venezianas.

Aproximando a cadeira da mesa, golpeou a mesa com o arquivo e olhou os quatro homens. Os Mackay eram altos, musculosos e morenos. Rowdy, o primo do meio, era o mais gentil, o pensador do grupo. Dawg, o mais velho era mais gentil agora do que tinha sido antes de seu matrimônio. Já não andava desalinhado, mas seus dias selvagens se refletiam nos olhos verdes claro e em sua dura expressão. Natches, o mais jovem, era agora o selvagem do grupo. O cabeça da maior parte dos problemas e sem arrepende-se por isso.

Dawg e Natches tinham trabalhado com Cranston durante vários anos. Pelo que Zeke sabia Rowdy tinha sido arrastado a isso ultimamente.

—Os meninos Walker —Natches arrastou as palavras—Já tem algo?

Zeke se recostou na cadeira.

—Estão envolvidos com o DSN? —Olhou fixamente o agente. É obvio que estavam, sabia e Cranston sabia, mas não estava tão certo que os Mackay soubessem.

Timothy sorriu. Um brilho de dentes, como um tubarão e uns faiscantes olhos castanhos.

—Não pelo que sei. Não eram um de meus contatos.

Timothy era um consumado mentiroso. Zeke sabia que os Walker proporcionavam informação ao DSN porque tinham trazido a informação a ele primeiro.

Zeke olhou os Mackay.

—Ajudaram-nos a recolher informação na missão do ano passado —revelou Natches. Pelo menos Natches não estava mentindo. Ainda— Joe e Jaime sempre foram fontes seguras de informação.

—Pensa que suas mortes tiveram algo a ver com essa operação? —perguntou Zeke. Sabia que sim, em parte.

Seus assassinatos tinham sido muito semelhantes a outros dos últimos vinte anos.

Esperava pelo bem dos Mackay que não. Zeke se aproximava de seu limite no que se referia a sua completa indiferença pela cadeia de informação. As operações em seu condado, sem seu conhecimento, não uma vez mas duas, tinham empurrado seu nível de resistência ao limite. E o maldito Cranston o levava na mão. Esse filho da puta tinha alistado Zeke dez anos antes quando estava no FBI e Zeke tinha ido procurando um agente em quem pudesse confiar. Quando tinha escolhido Cranston, havia-o fodido. Cranston tinha começado a investigação sem o conhecimento de Zeke e logo teve o descaramento de atrair outros três cidadãos do condado em vez de ir a ele. Marines conhecidos por suas selvagens maneiras.

Os primos Mackay tinham passado os últimos dois anos em uma investigação sobre mísseis roubados e terroristas nacionais que Zeke estava esperando que Cranston começasse a desmontar. E antes disso, Rowdy tinha sido malditamente silencioso a respeito de um incendiário



que se obcecou com sua mulher. Não haviam dito nenhuma merda sobre suas atividades; agora aqui estavam, querendo saber sobre a sua.

Eram selvagens e arrogantes, e haviam feito de sua vida um inferno quando se metiam em problemas. Tinha esperado que o matrimônio os tivesse acalmado.

—Não acredito —respondeu Cranston quando os lábios de Dawg se separaram para responder. Dawg fulminou o homem baixinho com um olhar pensativo. Evidentemente Dawg também era consciente que estava mentindo.

—Você não acredita? —Zeke manteve seu olhar sobre Dawg— Dawg, vocês estão recém casados. Os três têm bebês a caminho. Realmente querem passar umas poucas noites no cárcere por reter informação outra vez?

Os três Mackay o fulminaram.

—Seu cárcere não sobreviveria, Zeke —indicou Rowdy— Não nos ameace. Joe e Jaime eram amigos e suas famílias próximas a nós. A avó Walker e sua irmã, Lisa e seus dois meninos estão muito mais sós agora. Os gêmeos cuidavam deles. Precisamos saber o que aconteceu.

Ele olhou fixamente Rowdy. Normalmente, Zeke teria acreditado, mas vários anos atrás, Rowdy tinha enganado Zeke com sua estupidez. Não tinha esquecido. Às vezes não estava seguro de que o tivesse perdoado. Estava acostumado a acreditar que era amigo destes homens, até que aprendeu com quanta facilidade ocultavam as ameaças ao condado que ele tinha jurado proteger devidamente.

Estavam aqui e não sabiam uma merda a respeito do que ele fazia; só Cranston era consciente disso, e só porque o outro homem estava bem informado de quem e o que estava procurando Zeke. Enquanto eles estivessem aqui, ele também poderia conseguir a informação que pudesse.

—Ainda não sei o que aconteceu. Não tudo. —mentiu enquanto se inclinava para diante e olhava fixamente os primos— Sabem se esses meninos mexiam com drogas pesadas?

Eles olharam um ao outro confusos antes que Rowdy negasse com a cabeça firmemente.

—Joe e Jaime eram rebeldes, mas não usavam coisas fortes.

Bem, demônios, isso não ajudava muito no que se referia ao relatório do juiz.

—Já tem o relatório do forense ou do juiz? —O agente especial Timothy Cranston se inclinou adiante em sua cadeira, o tecido enrugado da jaqueta de seu barato traje cinza se afrouxou sobre os ombros.

—Cranston, no que anda metido? —Zeke se recostou na cadeira com um olhar pensativo— Se isto tiver algo a ver com outra operação em meu condado, então agora é o momento de me dar a notícia. De outro modo, deixarei de jogar limpo.

E essa foi a única advertência à Cranston. O agente ocultava muita informação e Zeke estava perdendo a paciência com ele.

Timothy grunhiu.

—Deixou de jogar limpo quando seus companheiros do Departamento de Justiça chutaram meu traseiro no ano passado. Agora, estou sendo agradável. —O sorriso era todo dentes— Janey está irritada com isto. Rogue é sua amiga e minha. Esses gêmeos eram seus amigos e Janey me



pediu para ver se posso averiguar algo. No momento preferiria não cobrar meus próprios favores em D.C.⁴, xerife. Poderia precisar desses favores para voltar para meu trabalho. —O bastardo mentiroso— Assim, por que todos não jogamos limpo, e vemos se podemos nos ajudar um ao outro.

O que queria dizer que Cranston estava metido nos assuntos de Zeke até as malditas sobrelanças. Jogar juntos era bastante fácil, no momento.

—Bem, demônios. —grunhiu, levantou o arquivo, e o atirou mais perto da borda da mesa— Relatório inicial. Joe se meteu heroína. O juiz instrutor da cidade ainda tem os corpos, mas estas são as conclusões iniciais do juiz do condado. Joe se drogou, entrou, disparou em Jaime, e depois nele mesmo.

Natches levantou o arquivo da mesa, ficou cômodo e o abriu. Os dois primos e o agente corpulento da Segurança Nacional leram rapidamente por cima de seu ombro.

—Não é possível —murmurou Dawg—Joe não fez esta merda, Zeke. E não mataria Jaime.

—Dawg, estou fazendo tudo que posso com o que tenho —suspirou Zeke— O forense não conseguiu nada ainda. Nenhum rastro de veículos fora do reboque dos gêmeos, mais que os dos veículos oficiais que chegaram nesse dia. Houve rumores de briga sobre uma garota, mas ninguém sabe quem era a garota. Não há nada aqui exceto meu instinto e suas suspeitas. Isso não me leva muito longe.

Natches atirou o relatório sobre a mesa antes de exalar com força e passar os dedos pelo desganhado cabelo escuro.

—Se ouvirmos algo o faremos saber. —Dawg sacudiu a cabeça nesse ponto— Mas sei que nem Joe nem Jaime tomavam heroína. Isso é um sinal. Não eram exatamente cidadãos respeitáveis, Zeke, mas não andavam com lixo, tampouco.

Zeke só podia encolher os ombros em resposta.

—Necessito provas, Dawg. Sabe como funciona. Esperarei até que o juiz e o forense terminem seus informes. Mas as chamadas iniciais dos dois não são promissoras. Até então, faço perguntas e tento juntar as peças. Se Joe e Jaime foram assassinados, então alguém sabia que demônios faziam, porque eu não posso encontrar nem um sopro de suspeita. É assim simples. —E foi uma mensagem para Cranston. Zeke sabia a quem perseguia, o agente podia permanecer condenadamente longe de seu caminho se não tinha intenção de jogar limpo com Zeke neste joguinho.

—Maldição. —Dawg esfregou a nuca com um gesto rude.

O intestino de Zeke se retorceu quando soube que as coisas não eram como pareciam. Os pescoços de Dawg e Rowdy ardiavam. Natches era uma bomba relógio com um rifle de assassino. Quem demônios sabia o que Cranston fazia; Zeke estava seguro como o inferno que não podia averiguar.

Os Mackay não estavam contentes. Zeke não estava contente, Cranston sorria e Zeke soube que isso era um mau sinal. Bem-vindo ao Lago Cumberland, pensou causticamente. Os últimos

⁴ Washington D.C



anos tinham sido um verdadeiro inferno para as forças da lei e para os cidadãos. O Condado de Pulaski era um pequeno lugar tranquilo, apesar do turismo do lago.

As montanhas, os vibrantes bosques, a pesca e a atmosfera de vilarejo não tinham compensado a descoberta de um escuro ponto fraco que tinha existido por décadas sem que soubessem. As operações que a Segurança Nacional tinha realizado, utilizando os primos Mackay como agentes, tinham revelado um mal inflamado contra o qual Zeke esteve lutando durante mais tempo do que os Mackay poderiam jamais adivinhar. Tinha chegado a ser sua própria batalha pessoal, a única maneira de compensar seus pecados de menino.

—E a explosão de ontem à noite? —perguntou Natches— Seu trailer voou como foguete. Se foi um assassinato-suicídio em vez de dois homicídios, então por que se incomodariam em fazer voar o lugar?

Zeke levantou as costas em um encolhimento de ombros.

—Repassei tudo com a polícia estadual e o investigador de delitos de incêndio. Não encontramos nada. Foi feita uma chamada ao escritório que havia vândalos no lugar. Elevou-se em chamas quando Gene chegou na entrada com a polícia do estado. Não havia sinais de nenhum corpo. —Levantou outro arquivo enquanto olhava Cranston—Havia uma cozinha de gás no trailer que o investigador de delitos de incêndio acredita que estava defeituosa e causou a explosão.

Zeke não acreditou nem por um momento. Era muito fácil e muito semelhante a como o exterminador da Liga trabalhava. Zeke sabia coisas que os Mackay não.

Sabia que isto era o trabalho de alguém do grupo terrorista nacional que tinha escapado da rede que Cranston tinha usado para apanhar os outros.

—Tenho uma ideia. —Cranston sorriu enquanto se inclinava adiante na cadeira— Neste momento, quem quer que esteja procurando, se isto foi um assassinato, sabe que o está procurando. O deixe pensar que está distraído, ocupado.

—Por que? —chiou Zeke. Cranston era um bastardo ardiloso, mas isso não significava que Zeke gostasse dos jogos que praticava.

—Quero dizer, deixe-os pensar que uma mulher retém sua atenção. Se concentre em algo bonito, finja estar totalmente concentrado ali, dê a seu assassino a oportunidade de distrair-se em vez de vigiar cada movimento e palavra porque está em guarda. —Deu de ombros enquanto se acomodava na cadeira—Não pode fazer mal.

—Só utilizar alguma pobre mulher como instrumento para encontrar um assassino? —bufou Zeke—Como se converteu em agente especial, Cranston? Colou no exame?

Cranston riu com isso.

—Enquanto está ocupado, eu mesmo, Alex Jansen e os Mackay podemos cobrir suas costas. Veremos quem está interessado, e quem faz o que. Podemos fazer as perguntas que necessitamos muito mais facilmente e conseguir mais.

—Esqueça.—chiou Zeke quando viu a brincadeira nos olhos do agente.

Os dois sabiam a quem estava sugerindo exatamente que Zeke usasse. E por certo Zeke não gostava da desculpa que sua luxúria tentava agarrar com ambas as mãos.

—Vamos, Zeke —Dawg o repreendeu duramente— Eram nossos amigos. Deixe-nos ajudar



com isto.

—Não preciso de sua ajuda, Dawg, e é mais que certo que não preciso fingir estar concentrado em uma mulher para resolver este caso. Mas se me inteirar de algo novo, os farei saber—disse Zeke com uma completa falta de sinceridade—Diferente de alguns agentes e idiotas kamikazes, eu não tenho inconveniente com um pouco de cooperação quando a situação o justifica. —O sorriso foi todo dentes desta vez. Um aviso, uma advertência cuidadosa. Ele podia ser um amigo ou um inimigo. Outra operação em seu território sem seu conhecimento, e estes homens se encontrariam no lado inimigo. Esse não era um bom lugar para estar.

—Está preocupado por idiotas kamikazes quando, de acordo com todas as fontes de intriga em Somerset, está rondando a duendezinha maníaca vestida de couro? —bufou Dawg— Demônios, Zeke, inclusive Natches e eu fomos o bastante espertos para não nos misturar com Rogue Walker.

—Ela o repeliu —recordou Natches quando Zeke se esticou— Eu fui mais esperto e não me aproximei.

Todos os olhos giraram para Natches.

—Que demônios significa isso? —As palavras passaram pelos lábios de Zeke sem controle enquanto um núcleo de possessividade parecia estourar em seu peito. Condenaria-se se permitia que esses homens a insultassem.

Natches sorriu.

—Demônios, Zeke, faz cinco anos, quase perdeu a língua quando a conheceu na reunião da prefeitura quando chegou como nova professora. Tenho uma regra, homem. Não me envolvo com a mulher de um companheiro. —levantou-se da cadeira, rindo entre dentes quando Zeke entrecerrou os olhos sobre ele— Já é hora que faça um movimento. Pessoalmente, acredito que ela deveria mandá-lo ao inferno por esperar tanto tempo. Mas essa é minha opinião. E a ideia do Cranston tem mérito. Pegue Rogue com ambas as mãos e a segure como se fosse sua vida. Vigiaremos suas costas e faremos o que tem que ser feito.

—Ninguém perguntou sua opinião. —Zeke soltou as palavras entre os dentes apertados.

—Sim, Chaya me recorda isso frequentemente. —riu enquanto se dirigia à porta, com seus primos e o agente especial do DSN o seguindo—Dê lembranças a Rogue quando a vir.

Saíram do escritório e deixaram Zeke com uma cega sensação em carne viva de necessidade no que se referia a Rogue.

Filho da puta, não tinha tido bastante dela ontem à noite. Tinha desejado que fosse o bastante, convenceu-se que não sentiria o que sabia que ia sentir hoje.

A luxúria o tinha golpeado. Ainda agora, à luz do dia, suas bolas estavam apertadas, seu membro duro. A lembrança de seus lábios, como cetim quente, o sabor dela, a licor e a fêmea em partes iguais, a sensação de seu corpo, quente e moldando-se ao dele, obcecando-o.

Esfregou a cara com as mãos, tentou contê-la, fazendo-a retroceder onde pertencia, onde as outras coisas que sabia que não eram de seu interesse estavam encerradas. Infelizmente, Rogue se negava a permanecer encerrada.

Havia vezes que jurava que quase podia sentir o calor sedoso de seu cabelo entre os dedos



quando acariciava um cacho chamejante. Quase podia sentir os lábios contra os seus. Quase podia imaginar seu sabor. Quase.

Nunca era suficiente, e a necessidade de experimentar outra vez o deixava louco. Lucinda e Shane não tinham ajudado seu autocontrole na outra noite. Demônios, Lucinda, Shane e nada.

Condenados intrometidos da cidade. Muitas pessoas souberam que tinha ido ao seu apartamento na noite anterior, em traje de passeio, e permanecido também muito tempo. E muitos fofoqueiros tinham atado os cabos soltos na manhã seguinte quando ela chegou com essa marca avermelhada sob a mandíbula.

Oh inferno, recordou-lhe deixar essa marca. Recordou saboreá-la um pouco muito profundamente, muito rudemente. E ela tinha adorado. Inclinou a cabeça para trás, o fôlego saiu de seus lábios em um suspiro ofegante. Ela havia feito a mesma coisa ontem à noite. Fundiu-se para ele. Tornou-se escorregadia, quente e pronta para seu toque.

O suor acumulou na espinha enquanto trocava de posição na cadeira, tentando encontrar uma posição mais cômoda para o comprimento erguido de seu membro. Neste passo, ia morrer de uma ereção. Tinha que ser perigoso para um homem de sua idade permanecer duro durante tanto tempo.

Um golpe seco na porta girou sua atenção da raivosa necessidade que o atravessava.

—Sim —gritou.

A porta se abriu e Gene deu um passo lentamente.

Muito bem, não era isto mesmo o que precisava?

Permaneceu silencioso e esperou enquanto o ajudante entrava na sala e fechava a porta atrás dele.

—Posso ter um minuto, Zeke? —perguntou Gene baixinho.

Estava com o uniforme negro e cinza, o chapéu apertado nos dedos enquanto encarava Zeke através do escritório.

—Um minuto. —Assentiu Zeke.

Gene pigarreou.

—Dá tempo. Pensei que poderíamos falar do outro dia. Estive fora do lugar.

Um cenho enrugou a testa de Gene enquanto retirava o cabelo escuro e fazia uma careta exagerada.

Zeke permaneceu em silêncio.

—Não tenho problemas com você, Zeke. —disse finalmente— Tenho assuntos de família em marcha e suponho que estava me desafiando com os Walkers. Eu gostaria de compensá-lo.

Zeke não tinha arquivado o relatório contra ele, não tinha iniciado uma suspensão, simplesmente porque não teve tempo. Gene e ele tinham sido amigos uma vez. Zeke tinha lutado pela posição como xerife e Gene tinha subido a bordo como ajudante pelas mesmas razões de Zeke. Ou assim tinha acreditado. Para limpar o condado, para encontrar um modo de eliminar o domínio de Dayle Mackay aqui, e compensar as injustiças que seus pais tinham cometido.

Gene e ele prometeram a si mesmos que compensariam esses anos mais escuros. Gene era um bom ajudante, e uma vez, Zeke o tinha conhecido como um bom amigo. Mas Zeke suspeitava



agora que a lealdade de Gene possivelmente não fluía tão profunda como tinha acreditado antes.

—Todos merecem justiça, Gene. —Suspirou finalmente enquanto olhava o outro homem de perto—Os Walkers não são diferentes dos outros. Demônios, não estiveram implicados nessa confusão do ano passado como estiveram alguns de nossos destacados cidadãos. Diria que tiveram uma vista condenadamente melhor que alguns por aqui.

—Estou de acordo, Zeke. —Assentiu—Explodi quando não deveria ter feito. Não acontecerá outra vez.

Algo tinha mudado em Gene com o passar dos anos, pensou Zeke. Não era tão compassivo, tão paciente como uma vez tinha sido. Mas demônios, tinha sido alguma vez realmente tão diligente como Zeke sabia que queria que Gene fosse? Não tinha sido e era uma falha que Zeke tinha reconhecido um momento antes.

Não era tanto culpa de Gene como dele. Deveria ter tido melhor critério que pôr Gene contra seu próprio pai e o passado que tinha compartilhado com o pai de Zeke. Gene não tinha os demônios que tinha Zeke; não tinha encarado o inferno e lhe dado as costas.

—Deixaremos passar, Gene. —disse por fim— Ambos veremos se podemos arrumar as coisas no futuro.

—Obrigado, Zeke. —Gene inalou com alívio enquanto se movia para pegar a maçaneta da porta—Vou sair de patrulha então.

—Gene. —Deteve o outro homem antes que deixasse o escritório.

Gene se voltou, seu olhar castanho curioso.

—Disse que os meninos Walker estiveram brigando por uma garota no bar na semana passada. Algum rumor sobre por quem brigaram? —Era um dado que Zeke não tinha conseguido desencavar.

Gene levantou a mão e coçou pensativamente um lado do nariz antes de sacudir a cabeça.

—Não se mencionou nenhum nome, agora que penso nisso. Só que Rogue teve que expulsá-los porque brigaram e a briga foi sobre alguma garota que ambos queriam. —franziu o cenho lentamente—Não ouvi quem era a garota.

Zeke assentiu. Ninguém mais tinha ouvido tampouco. Só que era sobre uma garota.

—Vou então. —Gene abriu a porta, saiu da sala e a fechou atrás dele, deixando Zeke só para olhar fixamente o relatório inicial do juiz que jazia sobre a mesa.

Que Joe se injetou heroína não tinha sentido. Joe e Jaime brigando por uma garota não tinha sentido.

Nada a respeito de suas mortes tinha sentido ou assinalava na direção correta para procurar provas. Tudo o que Zeke tinha era o fato de que era idêntico ao método que o exterminador utilizava. Sabia, porque seu pai tinha falado a respeito disso repetidas vezes quando era adolescente. Quando ele também tinha sido parte da Liga pela Liberdade.

Esfregou a mandíbula, ficou cômodo na cadeira e visualizou a cena do crime outra vez. O controle da televisão e a meia garrafa de cerveja. Mas a televisão estava desligada.

Não havia drogas na casa, embora Joe e Jaime não faziam caso a um pouco de maconha. Deveria haver algo.



Jaime não tinha lutado, nem sequer tentou levantar da cadeira.

Joe tinha posto a arma na boca e apertou o gatilho poucos momentos depois de matar seu irmão.

Não havia sinais de lágrimas em seu rosto nem em seus olhos. Não tinha feridas defensivas que indicassem que tinha sido assassinado. A arma estava em sua mão, com apenas suas digitais nela.

Fechou os olhos e permitiu que a cena tomasse forma em sua cabeça. Havia algo estranho ali. Algo mais que a falta de provas de algo ilegal, algo mais que essa maldita televisão desligada, o controle na posição exata que estaria se tivesse caído da mão de Jaime.

Havia rastros de maconha no corpo de Jaime, mas heroína no de Joe. O relatório do juiz mostrava uma só marca no braço. Nada mais. Injetou só uma vez, e matou seu irmão sob a influência da droga.

Zeke sabia que não tinha acontecido assim.

Abriu os olhos e apertou os lábios enquanto levantava da mesa e pegava o chapéu com um puxão da mesa onde o tinha jogado.

Queria ver a cena outra vez, recordar a disposição dos corpos e resolver isto. O trailer poderia ter queimado até o inferno, mas as cinzas estavam ainda ali, e Zeke podia recordar como estava quando encontrou os corpos.

Joe tinha disparado só uma vez. Uma só vez. E isso era estupidez. Alguém desconhecido tinha conseguido lhe injetar e entrar no trailer com ele. Uma vez ali, o fulano disparou em Jaimie e logo matou Joe.

Zeke abandonou o escritório, saiu do edifício e caminhou ao brilhante e quente sol de abril ignorando a aguda pontada de desejo que sentiu ante o som de uma moto que ronronava na frente do departamento do xerife.

Olhou, mas não era Rogue. Os selvagens cachos do demônio não fluíam por trás do rosto da motorista e um sorriso amante das diversões e ao diabo contudo não apontava em sua direção.

Demônios, sabia que ela estava trabalhando. Era sua tarde no restaurante, e se nada mais, Rogue era malditamente confiável no que fazia.

Ele era o contraditório. Tinha-a desejado durante anos e lutado contra isso. Tinha-a beijado, logo afastado. Tinha-lhe ordenado não trazer outro homem entre eles, mas se assegurou de permanecer tão longe dela como fosse possível. E quando isso não tinha funcionado tinha tentado pelo menos agradá-la e satisfazer antes de partir outra vez. Permanecer longe dela o estava matando.

E tinha que lutar contra si mesmo, diariamente agora, para não ir por ela, não tomar o que sabia que poderia ter, o que de boa vontade lhe daria.

Vinte e seis anos. Ela tinha vinte e seis anos. Esbelta, delicada. Duendezinho não estava muito longe para descrevê-la.

Mal chegava ao seu peito. Era frágil. Não era de ossos fortes; não era das montanhas. Diabos, parecia que uma boa brisa a levaria voando, mas ainda assim, não era magra. Era esbelta.

Arredondada onde uma mulher devia ser arredondada. Curvilínea e tentadora. Mas muito



malditamente frágil, teve que recordar enquanto se metia no Tahoe oficial com o emblema do selo do Xerife do Condado de Pulaski.

Podia fodê-la toda a noite, na maioria das noites. Estava tão malditamente conduzido pela testosterona que havia vezes que o amaldiçoava. Quando homens com quem foi à escola recorriam a tomar Viagra, Zeke ainda tinha a energia de dez anos antes. Demônios, havia vezes que se perguntava se não se tornou pior com a idade.

Era um traço dos homens Mayes, seu pai se gabou disso uma vez. Todos os homens Mayes tinham um membro grande e muito fogo, seu pai tinha sido conhecido por contar a qualquer um que quisesse escutar.

Era definitivamente um traço Mayes e um com o que não estava feliz neste momento. Se tivesse que tomar um pouco de algo para que sua carne ficasse contente, então seria melhor para ele e para Rogue. Nenhum dos dois necessitava das complicações que viriam da relação que temia estar evoluindo.

Porque o fogo não era o único traço dos Mayes. Zeke adorava o sexo; simplesmente mantinha sua luxúria presa e tentava girá-la para mulheres que sabia que não estavam procurando compromisso nem algo mais que a dura cavalgada que podia dar.

A familiaridade podia gerar uma fome maior. Seu casamento com a mãe de Shane tinha sofrido sob os desejos que frequentemente atormentavam Zeke. Nem todas as mulheres tinham a fome nem as necessidades que Zeke tinha; deu-se conta disso com sua mulher antes de sua morte.

Tinha tido que ocultar suas necessidades por causa da aversão dela por estas. Depois de sua morte, tinha aprendido que havia mais mulheres como ela do que se deu conta. Ele era o estranho, que precisava pôr um freio em suas revoltosas fantasias e necessidades.

Não tinha pensado que fosse estranho quando viveu em Los Angeles, quando os amigos que havia feito ali tinham revelado seus próprios desejos mais escuros. Não compartilhava suas mulheres. O que era seu era seu, mas maldição, gostava de empurrá-las sexualmente.

Gostava de jogar, tentar, excitar o corpo de uma mulher e olhá-la ficar louca enquanto ficava mais molhada e selvagem.

Adorava ver uma amante com uma atadura negra, as algemas rodeando os pulsos, a carne nua entre as coxas, o doce creme brilhando nas dobras femininas, e o quente rubor de sua carne por uma palmada íntima.

Ou melhor. Oh, ainda melhor. Um bonito e proporcionado traseiro levantado para ele, apertadas curvas arredondadas tensas enquanto ele invadia o tenro, sensível e pequeno traseiro.

Perverso, tinha-o chamado sua mulher. Tinha protestado furiosamente durante dias quando tentou tocá-la ali. E que Deus proibisse se mencionava lhe enfaixar os olhos ou surrá-la. Os insultos que lançou tinham sido quase tão maus como os que tinham vindo quando sugeriu que raspasse ou depilasse com cera a vagina.

Era um amante duro. Era uma parte dele. Era algo que tinha jurado que não se negaria depois da morte de sua mulher, só para aprender que a maioria das vezes encontrar uma mulher que desfrutasse do sexo mais perverso era mais fácil de dizer que fazer. As mulheres com quem



tinha tido aventuras gostavam da posição do missionário e o amor agradável, o qual poderia ser bom. Mas era como comer pela manhã, ao meio dia e à noite. Às vezes, um homem desejava um pouco de variedade, um pouco de pimenta em sua comida, ou em sua vida sexual.

E Rogue era definitivamente picante. Mais razão para ficar condenadamente longe dela.

Porque tudo o que podia ver era Rogue estendida sobre sua cama, seus bonitos olhos violeta ocultos por uma atadura de seda, as mãos algemadas, o pequeno traseiro levantado para ele.

Ela era uma menina comparada com ele. Zeke não tinha nada a fazer fantasiando com ela, e não tinha nada a fazer tocando-a. Apesar de seu ar de cínica sexualidade, havia uma luz trêmula de inocência em seus olhos que o advertiam que a professora não estava muito longe da superfície.

A voz suave, tentadora e tímida de como era jovem quando tinha vindo ensinar e tinha aprendido os perigos da pequena cidade muito mais rápido do que deveria ter feito. Ainda estava ali, e ainda o olhava da mesma maneira que tinha olhado na reunião da prefeitura. Com estrelas e paixão nos olhos.

Rogue. Ela era definitivamente selvagem como o vento e beirava a lei. Mas essa professora ainda espreitava sob a superfície. Suave, delicada, de sorriso tímido, olhos violeta cheios de curiosa sensualidade.

Era como uma pequena bomba, sensual e delicada esperando estourar em suas mãos. Em suas mãos, sob seu corpo, com seu membro enterrado dentro dela.

E não podia permitir.

Tinha conseguido conter-se por anos. Os rumores de seus desejos nunca se filtraram porque nunca cedia a eles. Não surrava suas amantes, não as algemava e não fodia seus traseiros. Montava-as duro e com força e as deixava ofegando e esgotadas no final da noite.

Essa marca no pescoço de Rogue o tinha deixado surpreso. Nunca tinha marcado o pescoço de sua mulher Elaina. Nunca tinha deixado uma marca na pele de uma mulher. Nenhum arranhão de barba e certo como o inferno nenhuma marca de mordida. Tinha perdido o controle nesses breves segundos em que a tinha abraçado. Perdido o controle de sua necessidade e sua fome. Era hora de contê-los. Era hora de esquecer de Rogue e voltar para o assunto de encontrar um assassino. O mesmo assassino que tinha levado as vidas de sua mulher e sua mãe em Los Angeles, e logo seu pai, aqui em Kentucky.

O assassino não teria remorso para aniquilar a existência de Rogue se pensasse que serviria ao seu propósito. E se soubesse que Zeke o estava procurando antes que conseguisse identificá-lo, então serviria definitivamente ao seu propósito. Destruiria Zeke.

Capítulo 7

Havia muito pouco que encontrar nos restos do trailer de Joe e Jaime. Molas da cama, do sofá e da cadeira. Os aparelhos estavam enegrecidos e fundidos por toda parte, o resto eram só



cinzas. De pé na borda dos restos queimados, Zeke podia recordar o que tinha visto quando esteve ali no dia que encontrou os gêmeos.

O metal queimado e retorcido da poltrona reclinável que foi a cadeira onde Jaime tinha morrido. Surpresa. Havia uma expressão de completa surpresa congelada em sua cara. Houve algo, alguém que ele não esperava ver com seu irmão.

Zeke entrecerrou os olhos enquanto imaginava como poderia ter acontecido. Joe chegando, possivelmente drogado, não exatamente ele mesmo com um amigo. Entram na casa enquanto Jaime olha fixamente seu irmão com surpresa. Um momento depois, estava morto.

Zeke ficou em posição, levantou o braço e apontou com o dedo como se fosse uma arma, imaginou disparando, viu mentalmente onde a bala alcançou Jaime.

Ou o assassino era de apontar rápido, ou era mais alto que Zeke. Mais alto, pensou Zeke. O braço do assassino subiu e disparou, no centro, entre os olhos de Jaime antes que o outro homem pudesse levantar da cadeira.

Joe estava drogado, mas teria ficado surpreso pelo disparo. Girou um pouco, só o bastante. O cano contra sua cabeça. Pop. Zeke imaginou o disparo, viu onde foi e assentiu com a cabeça lentamente.

—Passou muito tempo desde que vi você fazer isso.

Zeke se congelou ante o som da voz de Gene atrás dele. Girando lentamente, encontrou o cruiser de Gene estacionado mais abaixo no caminho de cascalho.

Zeke deu de ombros em resposta ao comentário de Gene.

—Passou muito tempo desde que tive que fazê-lo.

Gene meteu as mãos nos bolsos do uniforme e franziu o cenho quando olhou o pequeno vale.

—Adivinho que tinha razão sobre que algo não estava bem com as mortes desses meninos —disse— Alguém se assegurou que o fogo fosse o suficiente potente para aniquilar esse reboque —girou e olhou Zeke confuso— Por que demônios alguém mataria estes dois meninos?

Zeke respirou pesadamente antes de girar e olhar fixamente o vale.

—Acho que teve algo a ver com a garota. —respondeu finalmente, e o golpeou que estivesse tendo que dizer muitas malditas mentiras ultimamente numa tentativa de proteger a informação que procurava.

Gene não disse nada. Quando Zeke girou, o outro homem o olhava de perto.

—Já não me conta as coisas, Zeke. —suspirou— Compartilhávamos casos como este.

Sim, faziam até que a informação tinha começado a filtrar do escritório, até que perdeu o apoio do DSN e a cooperação. O fodia que os Mackay tivessem participado de investigações das quais Zeke deveria ter formado parte. Nem sequer saberia porquê foi expulso se seu contato em Washington não tivesse sugerido que tinha sido a razão no ano passado.

—Não é nada pessoal, Gene. —disse, embora isso também, fosse uma mentira. Gene tinha tomado parte na Liga pela Liberdade junto com Zeke quando eram jovens. Zeke tinha acreditado que Gene tinha saído depois que ele a deixou, mas a informação que tinha desenterrado com o passar dos anos sugeria outra coisa.



Gene assentiu lentamente como se aceitasse a explicação.

—Tem alguma ideia de quem é a garota? —perguntou Gene finalmente.

Zeke sacudiu a cabeça.

—Nenhuma pista. E isso é malditamente estranho nesta cidade.

—Não brinque —bufou Gene— Perguntei por aí eu mesmo e não consegui nenhuma resposta. Esses meninos não pareciam confiar em ninguém no que se referia a ela.

Zeke sentiu um pulso de energia na declaração de Gene. Se Joe e Jaime não confiavam em ninguém a identidade de sua amante potencial, então era porque tinham medo de alguém. Um membro de sua família. O pai, irmão ou o tio, mais provável.

O método das mortes era parecido com o estilo de matar do exterminador, ou pelo menos de um deles.

Podia o homem que estava procurando ter uma filha? Uma filha com quem os meninos estavam amarrados?

—Adivinho que a mantinham em segredo —disse Zeke lentamente enquanto se voltava para Gene— Ela poderia ser nossa única pista de quem matou estes meninos.

Gene assentiu.

—Sim —passou a mão pelo cabelo antes de colocar o chapéu e fazer uma careta— Fodidamente mau, também. Um homem não merece morrer assim.

Zeke assentiu a isso antes de avançar pelo estacionamento coberto de cascalho de volta ao seu Tahoe.

—Volto para a cidade —disse a seu ajudante—Vejo você amanhã, Gene.

—Sim, claro, Zeke —respondeu Gene pensativamente. —Verei você amanhã.

Que demônios fazia Gene o seguindo? perguntou-se Zeke enquanto se afastava dos restos do trailer. Seu ajudante não quis compartilhar um caso de homicídio com Zeke em um bom tempo. Saía de patrulha enquanto Zeke trabalhava para o estado ou com a polícia de Somerset para resolver os crimes cometidos no condado.

Gene ocultava algo, Zeke sabia. Conhecía o outro homem, às vezes melhor do que queria. E sabia que Gene mantinha um olho sobre ele para outra pessoa. Para os membros restantes da Liga, suspeitava Zeke.

Apesar do conhecimento que podia sentir ardendo em seu intestino, sabia que se não conseguisse algo logo, então teria que abandonar o caso, fechá-lo e deixá-lo ficar como um assassinato-suicídio. E isso o irritava. Havia algo a respeito deste caso que o punha com os nervos em ponta cada vez que pensava nisso. Algo que sabia que não via, mas deveria.

Tinha interrogado todos os colegas dos Walker que pôde pensar. Estava pressionando o juiz para que pressionasse o juiz investigador, e estava acossando o forense para que encontrasse algo mais. Os únicos que não tinha interrogado eram a irmã caçula de Joe e Jaime, Lisa, e sua avó. Encarregaria-se disso logo.

Girando no caminho de cascalho que levava à casa Walker, Zeke fez uma careta ante a visão da Harley negra estacionada no árido caminho.

Parecia antiga e fora de lugar entre o mato que crescia desordenadamente e os montes de



grama que rodeavam a casa e o deteriorado sedan estacionado perto.

A casa precisava de várias mãos de pintura, possivelmente algumas tábuas novas na varanda. Embora a casa em si mesmo era firme. Joe e Jaime sempre se asseguraram de que a casa de sua avó estivesse bem reparada enquanto Lisa fiscalizava seus cuidados.

Quando saiu do Tahoe a porta se abriu e Lisa, arredondada e sombria, saiu na varanda. A pena tinha destruído seu bonito e pálido rosto. A fadiga dava aos olhos azuis um olhar machucado e acossado e afinou os lábios enquanto o via se aproximar.

—A avó está acordada. —respirou cansadamente quando ele subiu à varanda—Esteve pedindo para chamá-lo desde que voltamos de Louisville.

Os olhos de Zeke se estreitaram.

—Está tudo bem?

Lisa sacudiu a cabeça.

—Além desse rumor que um de seus netos favoritos matou seu irmão e logo a ele mesmo? Deus, Zeke, isto a está matando mais rápido que a pneumonia.

As lágrimas faiscaram em seus olhos quando ele envolveu os braços ao redor de seus ombros para um abraço rápido e olhou dentro da casa onde Rogue estava olhando-o em silêncio.

—Tenho que falar com você e sua avó se estiver preparada —disse a Lisa— Você está pronta para isto, Lisa?

Ela assentiu contra seu peito antes de recuar.

—O que precisar para encontrar quem quer que fez isto. Joe não teria matado Jaime. Isso não teria acontecido nunca, Zeke. E agora inclusive nossas lembranças deles estão sendo desmontadas. Que demônios aconteceu com sua casa?

Sim, isso era o que os outros diziam, também. Quanto ao trailer, não tinha as respostas que sabia que ela precisava.

Lisa girou e se dirigiu à casa. Para encarar Rogue. Ele olhou fixamente esses olhos violeta e maldição se sabia o que fazer. Queria-a em seus braços, queria baixar a cabeça e beijar esses brilhantes lábios, e ao mesmo tempo era consciente dos perigos que espreitavam ali.

Zeke Mayes não tinha reclamado publicamente uma mulher desde que sua esposa tinha morrido. Mantinha seus assuntos ocultos e seus desejos cuidadosamente controlados. E controlá-los nunca tinha sido tão difícil como agora.

Enquanto a olhava fixamente, o caloroso assombro no olhar de Rogue pareceu enfraquecer quando ele não fez nada. Girou, suas costas rígidas sob a camiseta branca que usava, os quadris balançando iradamente sob os jeans enquanto se movia para a parte de trás da casa.

Todos esses cachos longos e chamejantes estavam confinados em uma trança que caía por baixo de seus ombros. Parecia mais jovem que sua idade, mas isso não fez nada para refrescar o ardente fogo em seu membro.

—Irei ver a avó, Lisa, logo farei café. Fale com o Zeke. —gritou.

Zeke quase a seguiu. Quase se moveu para agarrá-la, para atraí-la e lhe dar o que sabia que precisava. O que ele precisava. Um toque, uma afirmação de que havia mais entre eles que a simples amizade que tinha reclamado durante tanto tempo.



—Não vai esperá-lo para sempre. —disse Lisa atrás dele com voz tranquila.

Zeke girou e entrecerrou os olhos quando viu como seus lábios se curvavam em um pequeno sorriso triste.

—Esse é o perigo de viver onde todos nos conhecemos —deu de ombros— As pessoas começam a ver coisas quando nos vemos a cada dia. E Rogue não é tão boa em ocultar o que quer como você.

Ele esfregou a nuca, o fôlego saiu com força.

—Preciso falar com você a respeito de Joe e Jaime. —disse, ignorando seu conselho—Sinto, Lisa, mas se não consigo logo alguma evidência contrária, então terei que sentenciar suas mortes como um assassinato-suicídio.

Os lábios de Lisa tremaram, mas assentiu em aceitação.

—Não sei muito, Zeke. Sei que encontravam com alguma garota. Brigaram por ela a princípio. Joe ficou zangado com Jaime durante alguns dias, logo... —ruborizou e deu de ombros— Sabe como eram. Quando discutiam sobre algo como isso, ou acabavam por desistir ou compartilhavam.

Moveu-se à poltrona púda embora limpa quando ela se sentou no sofá combinando.

—Então compartilhavam uma mulher? Sabe quem era? —perguntou.

—Não sei se já tinham ido tão longe —sacudiu a cabeça—E eles não me diriam quem era a garota. Disseram que seu pai teria um ataque se descobrisse. Isso foi alguns dias antes que os encontrasse.

Uma lágrima escorregou pela bochecha.

—Era muito unida a seus irmãos, Lisa. —indicou— Sempre soube o que faziam.

—E com quem faziam —disse ela em tom zombador, amargamente—Mas não falaram desta vez. Faziam isso às vezes, mas se sua amante não desejava que ninguém soubesse, então não diziam nada, Zeke. Sabe como é. Joe e Jaime sabiam como manter seus segredos, mesmo de mim. Grande parte do tempo eu só descobria por acaso quando citavam alguém juntos.

—Disseram algo mais sobre o pai? —perguntou.

—Não disseram nada mais, ponto —sacudiu a cabeça—No dia seguinte estava no hospital com a avó. Não houve tempo de perguntar, e estava preocupada com a avó. Não pensei.

Outra lágrima escorregou.

—Não pensei em perguntar a respeito disso.

Outro maldito beco sem saída e outro segredo que tinha matado. A história de sua vida durante muitos anos para contar.

—Joe e Jaime estavam envolvidos em alguma outra coisa? —perguntou então— Algum assunto de drogas?

Um brilho de ira obscureceu seus olhos.

—Joe e Jaime não usavam drogas, Zeke.

—Encontramos evidência de haxixe na casa, Lisa. Podiam estar usando algo um pouco mais forte?

—Demônios, isso é como encontrar uma cerveja em casa —exclamou—Vamos, Zeke, o



haxixe não é grande coisa por aqui e sabe. Claro que fumavam um pouco, mas nunca muito. E Joe e Jaime não usavam coisas fortes.

Apertou a mandíbula durante um longo momento, olhando-a fixamente, odiando as perguntas que tinha que fazer.

—Lisa, preciso que pense para mim, esteja muito certa. Agora não é o momento de tentar proteger Joe e Jaime, não se quiser que averigue o que aconteceu. Soube alguma vez que usassem heroína ou algo mais forte que um pouco de haxixe?

Olhou-o como se fosse um estranho agora. Como se acusasse seus irmãos de algum crime atroz.

—Nunca, Zeke —respondeu ela por fim—E teria sabido. Simples e sinceramente, eles não tinham dinheiro nem personalidade para esse lixo. Joe e Jaime gostavam de jogar, queriam divertir-se, e não consideravam as drogas pesadas como diversão.

Assentiu a isso. Joe e Jaime não usavam drogas pesadas. Isso era o que todos diziam. Mas alguém tentou fazer parecer que Joe tinha usado algo muito mais forte que um pouco de haxixe.

—Zeke?

Girou à voz melodiosa de Rogue, seu corpo se esticou, seu membro deu um puxão ansioso com o puro som doce que se envolveu ao redor de sua cabeça.

—A avó Walker quer falar com você. Disse que pode entrar e discutir sobre seus meninos com ela ou pode falar com ela uma vez que esteja o bastante forte para ir ao seu escritório. É sua escolha.

Ele fez um gesto diante disso. Callie Walker era um verdadeiro inferno sobre rodas quando estava de saco cheio. Se fosse ao escritório do xerife, seria um acontecimento que provavelmente ninguém esqueceria durante muito tempo. Callie Walker esfolaria um homem a vinte passos com apenas um olhar.

Levantou-se da cadeira.

—Falarei com ela.

Voltando-se para Lisa, sentiu a ira frustrada e insensata que o enchia. Estavam esperando que ele arrumasse isto. Que averiguasse coisas e fizesse alguém pagar. Não poderia fazer que ninguém pagasse sem provas, e as provas tristemente escasseavam.

Rogue olhou Zeke enquanto este entrava no quarto da avó Walker. Ela podia ouvir sua voz, baixa, profunda enquanto falava com a anciã. Era suave, calmante. A avó Walker não estaria com eles muito mais tempo, e sabia, estava doída por isso. A morte de seus dois netos favoritos não tinha ajudado em nada.

Não era avó de Rogue, embora a anciã havia feito tudo exceto adotá-la. A relação era longínqua, era uma prima do pai de Rogue, mas Rogue não poderia amá-la mais se fosse sua própria avó.

—Está louco por você. —disse Lisa brandamente quando Rogar entrou no quarto—Não podia afastar os olhos de você.

Rogue bufou diante disso.

—De jeito nenhum, Lisa.



Lisa sacudiu a cabeça.

—Sempre te olhou com tanta intensidade como você o olha —disse—Gosta de negar com tanta intensidade como você.

Quem disse que ela negava sua parte nisto?

Rogue permitiu que um suave sorriso curvasse seus lábios quando sentou no sofá e atraiu Lisa com ela. A outra garota estava esgotada. Esteve cuidando de sua avó e de seus dois gêmeos ao mesmo tempo durante meses. Divorciada e no limite, a pressão começava a se mostrar no bonito rosto.

—Como estão os meninos?

Uma pequena faísca iluminou os olhos de Lisa. Adorava seus meninos.

—Estão com seu pai esta noite.

Finalmente suspirou.

—Com as mortes de Joe e Jaime e a enfermidade da avó, tive que implorar que me ajudasse com eles. Não há horas suficientes no dia.

—Se precisar de algo, me fará saber? —perguntou Rogue.

—Farei—murmurou Lisa, mas Rogue a conhecia. Lisa não diria se morria de fome; Rogue tinha que adivinhar. Tinha que comprar comida e conseguir que outra pessoa entregasse ou encarar a ira de Lisa. Tinha que deslizar quando Lisa não estava ao redor e pagar os cuidados médicos a domicílio e o hospital da avó Walker. Lisa era condenadamente orgulhosa e odiava tomar dinheiro de qualquer um, especialmente da família.

Girou a cabeça quando Zeke voltou para a sala. Lutou contra sua resposta a ele, lutou por manter sua expressão vazia da necessidade e fome que ardiam em seu interior.

Vestia jeans outra vez e sua camisa do uniforme. O chapéu negro oficial de xerife em sua cabeça e sua insígnia presa no cinturão. Parecia tão condenadamente sexy que lhe fez água na boca. As mãos ardiam por tocá-lo, os lábios pareciam inchados, inflamados para seu beijo.

Levantando-se, olhou-o espectadora. Desejava-o tanto que se consumia por isso, mas também recordava por que estava aqui.

—Disse algo sobre os meninos? —perguntou Rogue enquanto Lisa ficava ao seu lado.

Sacudiu a cabeça, seu feroz olhar de águia ia dela a Lisa.

—Nada —exalou com força—Se o forense ou o juiz investigador não acharem nada, tenho que fechar este caso.

Ele sabia algo, ela sabia. Conhecia esse olhar hermético, essa expressão oficial, e a odiava.

—Devo ir.—disse, dirigindo-se à porta— Se ocorrer algo, não vacilem em me fazer saber.

Com um ligeiro gesto de cabeça caminhou para a porta. Rogue o deixou sair antes de dar a Lisa um rápido adeus, pegar sua mochila e segui-lo.

—Xerife? —manteve sua voz despreocupada, composta.

Não mostre debilidade, advertiu-se. Nenhuma familiaridade. Permaneça distante. Zeke não queria mostras públicas de nada que viesse de mulheres e ela sabia.

Deteve-se ao lado do Tahoe, olhando-a com curiosidade enquanto ela se aproximava.

—Devemos falar. —disse ela, mantendo a voz baixa apesar de que não houvesse vizinhos.



—A respeito de que? —perguntou com cuidado.

—Joe e Jaime —apoiou as mãos nos quadris quando o enfrentou— O que averiguou realmente?

Ele levou os braços ao peito e entrecerrou os olhos.

—Nada concludente. —disse.

—O que tem que não é concludente?

Estreitou ainda mais seus olhos, apertou a mandíbula e por um segundo ela viu uma chama de luxúria em seus olhos.

Ele fez um gesto quando deu uma olhada por cima de seu ombro à casa.

—Está ocupada esta tarde?

Surpreendida, Rogue sacudiu a cabeça.

—Estou livre o resto do dia. Por que?

—Me siga até em casa. —indicou, abrindo a porta e montando no Tahoe— Falaremos ali.

Segui-lo? Até sua casa?

Rogue sabia que sua chácara era bastante perto da avó Walker. Estava resguardada, era privada. Oculta. Justo como suas relações e suas mulheres permaneciam tão ocultas como podia controlar.

Assentiu lentamente antes de partir. Arrancou o Tahoe quando ela partiu e já estava voltando pelo caminho quando ela montou na Harley e a arrancou com um golpezinho de pulso.

O retumbar poderoso encheu seus sentidos, recordando Zeke.

Tirou o cavalete, manobrou a moto, girou e acelerou quando o veículo de Zeke a passou.

Por que sua casa? perguntou-se. O coração golpeava em seu peito enquanto conduzia, as palmas suavam.

Podia sentir o vento contra os seios, seus mamilos se converteram em pontas pela antecipação e soube por que. Não era porque não pudessem falar no caminho de entrada dos Walker, era porque Zeke não tinha intenção de falar.

E suas próprias intenções? Deus, não queria chegar a ser um de seus segredinhos ocultos. Uma dessas mulheres que mantinha a porta fechada e nunca reclamava em público. Mas seu corpo desejava. A lembrança de seu toque, a necessidade que crescia em seu interior era como um vulcão a ponto de estourar.

Sonhava com ele. Doía por ele. Era a maior idiota vivente se permitisse isso.

Quem não arrisca não petisca, discutiu outra parte dela. Nunca saberia se não tentasse.

la quebrar seu coração, advertiu uma voz em sua cabeça, mas maldição se podia impedir que acontecesse. Zeke era sua debilidade e sabia.

Girou para a chácara atrás dele. O caminho coberto de cascalho era comprido e sinuoso, movia-se pelo vale e estava orientado ao redor de outro vale menor e amplo onde se assentava a casa de madeira de dois andares sob o sol ardente. Estava rodeada de bosques por três lados e por trás dava diretamente ao Lago Cumberland.

O brilho da água podia ser visto através das árvores; o aroma a rodeava enquanto Zeke levava o Tahoe a uma garagem aberta para dois carros e logo fazia gestos para que fosse para seu



lado.

Portas se fecharam deslizando quando desligaram os motores. Rogue fechou os olhos durante um segundo, dando-se conta do que ele estava fazendo. Ao ocultar sua Harley, ocultava a ela.

Aspirando profundamente, chutou o suporte no lugar antes de balançar e descer da moto. Tirando a pequena mochila dos ombros, pendurou-a sobre a barra na parte traseira do assento, tudo enquanto olhava como se ele se movia para ela.

Sua expressão era predadora. Faminta.

—Me escondendo, Zeke?

Não pôde conter a pergunta quando ele partiu para ela.

Ele se deteve, olhou-a fixamente enquanto uma sombra de emoção piscava em seus olhos.

Zeke não podia acreditar que tivesse permitido que seu controle escorregasse tão longe. Nunca havia trazido uma mulher para sua casa.

Jamais. Mas não podia suportar mais. A necessidade o comia vivo, a fome por saboreá-la tirava o controle até que era como um homem possuído.

Era trazê-la aqui, ou tomá-la no condenado caminho de entrada em plena vista de Lisa e sua avó. Agora, isso não daria lugar a muitas intrigas para abastecer este condado durante a próxima década?

—Venha.

Não respondeu sua pergunta. Em vez disso, agarrou-a pelo braço e a empurrou para a porta, só distantemente consciente do fato que ela não tinha tentado empurrar suas bolas até a garganta.

Os homens não maltratavam Rogue, ela não permitia. Até ele.

—Está tentando sua sorte. —advertiu ela quando ele fechou a porta da garagem atrás deles e balançou para encará-la.

—Acredita que não sou consciente disso? —perguntou.

Sabia malditamente bem e bom, estava tentando a sorte.

—Prepare-se. —advertiu—Estou a ponto de tentá-la mais.

Parte de seu controle já estava perdido. A capacidade de privar-se dela, de negar a fome que o atravessava o tentava. Ia disparado ao maldito inferno, os limites desfiados e quebrados. Mas outro tipo de controle o chutou. Instintivo. Dominante.

Curvou os dedos ao redor de sua mandíbula, empurrou sua cabeça para trás quando uma rajada de fôlego separou os lábios dela e seus olhos violetas se obscureceram, abrindo-se de par em par.

Gostava?

Seu rosto ruborizou enquanto a segurava. Ele tinha uma mão no quadril, a outra controlando a cabeça. O nariz dilatado enquanto atraía seu aroma a seu interior. O aroma das montanhas que a rodeava junto com a brisa enquanto montava.

Sob isso estava o singelo e limpo aroma de desejo e feminilidade. O aroma da mulher que o tentava em seus sonhos e durante cada segundo da realidade.



—É uma fraqueza. —disse, permitindo que o polegar acariciasse a mandíbula enquanto a apoiava contra a parede.

—De verdade? —sua respiração era profunda, áspera—Estou surpresa, Zeke. Pensei que o xerife grande e mau não tinha nenhuma fraqueza.

—Sabichona.

O olhar caiu em seus lábios. Tentando, doce, Rogue os lambeu com a língua lentamente. Excitando-o.

—Agora também sou uma sabichona.—sussurrou, seu tom sensual, sexualmente débil.

O som de sua necessidade fez que o membro pulsasse. As bolas estavam apertadas, a necessidade se envolvia ao seu redor como algemas enquanto a olhava fixamente, lutando, lutando contra o que sabia que ia fazer.

—Maldição. —grunhiu.

Baixou a cabeça, estava esperando-o. Aguardando.

As coquetes unhas curtas se afundaram em sua cabeleira quando seus lábios cobriram os dela e o fogo explodiu por seu corpo. O calor ardia por suas terminações nervosas, a dominação e a fome sexual entristecedora explodiram por sua mente.

Ela tinha gosto de sol. De primavera. Beijava como a mais quente carícia do sol, abriu os lábios sob os dele, sua língua se encontrou com a dele, arqueou o corpo como uma árvore esbelta ante a força de uma tormenta de verão.

Estava perdido. Filha da puta, estava perdido nela e sabia.

Nada importava exceto beijá-la mais profundamente, mais forte. Alimentar o desejo dentro dela tão profundamente como tinha sido alimentado o seu. Esvaziar sua mente de tudo, de tudo exceto seu toque, seu sabor. Porque isso era o que fazia. Apagava o controle que tanto apreciava e revelava o homem que mantinha oculto do mundo.

Porque Zeke sabia que nunca tinha beijado outra mulher como beijava Rogue agora. Não era só fome, era dominação. Era o escuro centro de sua sexualidade movendo-se e reclamando, quando nunca tinha reclamado nada antes.

Controlou o beijo. Manteve seu rosto quieto, seus dedos nos pontos de pressão da mandíbula, mantendo a boca aberta para ele, controlando a capacidade dela de se afastar dessa dominação. E o tentava. Ela tentava e excitava, lambia-lhe a língua e tentava sugá-la. Chupá-lo. Gemeu quando ele se negou a lhe permitir essa vantagem. Arqueou o corpo, cravou as unhas no crânio e arqueou os quadris para embalar a furiosa ereção sob os jeans.

Só um beijo, havia dito ele uma vez, há muito tempo. Se só pudesse ter este beijo, ficaria satisfeito. Mas o beijo só o empurrou mais perto da borda, fez esse centro dominante mais forte, mais insistente.

Deixou que ela sugasse sua língua ligeiramente antes de recuar. Queria ver seus lábios envoltos ao redor de seu membro dessa maneira. Queria ouvi-la gemer ao redor de seu pau grosso e duro quando disparasse sua liberação na garganta.

—É perigosa.

Recuou, mordiscando seus lábios como aviso quando ela tentou continuar com o beijo.



—Estou perdida. —suspirou, arrastou os dedos por seu pescoço, as unhas arranhavam a carne—Beije-me outra vez, Zeke. Uma vez mais.

Levantou as pálpebras, mostrando o brilho de seus escuros olhos violetas. Os lábios estavam inchados, as bochechas ruborizadas enquanto os seios subiam e desciam com dificuldade.

—Tire a camiseta—a soltou e recuou o bastante para permitir mover-se—Deixe-me vê-la.

Seu rosto se ruborizou mais profundamente, a cor o tentava enquanto subia pelo pescoço e sob a gola da camiseta.

Ela passou a língua pelos lábios. Moveu as mãos para a cintura baixa de seu jeans. O botão metálico saltou livre.

A mão de Zeke a agarrou, seu olhar estreitando-se.

—Só a camiseta, Rogue. Nada mais. Tire isso.

Ela estremeceu, seus olhos escureceram com cautela e excitação enquanto puxava o tecido e a tirava pela cabeça.

Zeke sentiu a mandíbula tensa e tentou fazer retroceder os aspectos mais escuros do homem que deslizavam livres.

—A trança —disse— Afrouxe-a.

—É um mandão.

Sua pequena boca estava cheia de desafio apesar que suas mãos se levantaram para soltar o cabelo.

Olhou seus seios sob a escassa renda branca do sutiã. O tecido apenas cobria as duras pontas de seus mamilos. Essas pontas rosa de algodão açucarado o fizeram apertar os dentes pela necessidade de prová-las.

—Bem —cantorolou quando o cabelo caiu ao redor de seus ombros e pelas costas.

As mãos levantaram as mechas sedosas, embora manteve o olhar em seus seios.

—Agora tire o sutiã.

—Tire sua camisa primeiro —sussurrou ela—Se o deseja, Zeke, pode dar também.

E afastar as mãos de seu cabelo? Isso não ia acontecer. Entrelaçou os dedos nas mechas sedosas, baixou a cabeça e tomou seus lábios outra vez. Tomou com o beijo. Reclamou-a. Inclinou os lábios sobre os dela, a língua trabalhando em sua boca até que ela estava gemendo e se esforçando para se aproximar mais, seus malvados dedinhos nos botões de sua camisa, lutando por desabotoá-los.

Era fogo em seus braços e ele sabia. Controlar a sexualidade de Rogue nunca seria fácil. Demônios, ele nunca a controlaria; não queria controlá-la. Queria embelezá-la. Queria que ardesse fora de controle enquanto permitia que as chamas se retorcessem ao redor dele.

Um segundo depois, sentiu que os botões saltavam enquanto o tecido de sua camisa se abria, revelando seu peito.

Atirou a cabeça para trás, ignorou sua necessidade de mais e a olhou fixamente.

—O sutiã. —exigiu.

Queria chupar essas pontas pequenas, duras e doces com a boca outra vez. Queria saboreá-la, senti-la estremeecer em seus braços.



As mãos de Rogue tremiam, os dedos atrapalhados enquanto afrouxava o fechamento entre os seios e soltava o sutiã.

Demônios sim. Isto era o que ele desejava.

—Que bonitos.

Afastou uma mão do cabelo para afagar com a mão em concha um montículo duro e inchado e o acariciou.

—Zeke?

Ela sussurrou seu nome, sua voz nervosa, insegura.

E inocente. A inocência era como atirar gás no fogo. Maldita fosse. Maldita sua própria depravação porque ele não desejava nada mais que converter essa sombra de inocência em conhecimento sexual.

—Está bem? —deixou que o polegar esfregasse a ponta sensível—Deveria parar, querida?

Ela sacudiu a cabeça, as pálpebras caíram quando ele baixou a cabeça.

—Sabe o que vou fazer, verdade Rogue?

Quanto inocente ela era? Essa pergunta o atormentava. Estava sua experiência limitada ao acontecimento que produziu essas fotos ou tinha tido mais que alguns amantes?

Não muito mais, decidiu quando os lábios acariciaram a curva do seio e ela tremeu sob a carícia.

—Me deixa louca. —acusou ela, sua voz espessa.

Quase riu entre dentes, porque isso era exatamente o que pensava fazer.

Baixou a cabeça enquanto mantinha o olhar centrado no dela, os lábios separados. Olhou-a no rosto, uma louca luxúria se elevou em seu interior quando os lábios se fecharam sobre seu pico apertado e duro.

Rogue gritou. O som não permaneceu dentro, a necessidade não diminuía. Quando os lábios se fecharam sobre a carne ultra sensível do mamilo ela sentiu a eletricidade crepitar da ponta apertada ao broto inchado de seus clitoris.

Baixou o olhar para ele, maravilhada, olhando a maneira que suas grossas e escuras pestanas caíam contra suas bochechas. A maneira que suas bochechas se cavavam e seus lábios a sugavam. As sensações eram incríveis. A eletricidade e o calor crepitaram por ela, incendiando as células e as terminações nervosas, convertendo-a em uma massa tremendo de sensações.

—Zeke.

Ela choramingou seu nome, não pôde evitar. Era incrível. Era um prazer que esvaziava sua mente de todo pensamento racional e a fazia estremecer em reação.

Estava na beira do clímax. Podia sentir as sensações golpeando ao redor do clitoris, empurrando-a mais perto. Tinha uma mão em seu cabelo, puxando as pesadas mechas. A outra estava envolta ao redor de seu seio, os dedos o acariciavam, roçavam. Apertando.

Os estremecimentos a atravessaram. Precisava de mais. Muito mais. Estava tão perto, só um pouquinho mais, só um pouquinho mais. Então os dentes de Zeke agarraram a ponta dura e exerceram suficiente pressão para pô-la nas pontas dos pés e enviar pequenos tremores que quase a liberaram rasgando seu corpo.



Eram raios de excitação envolvendo-se ao redor de seus clitóris. Era calor. Era um comichão vibrante e estremeecedor sob a carne que a fez arquear-se, pressionar seu sexo contra a coxa de Zeke, retorcendo e explodindo em puro prazer candente.

—Isso foi muito, muito mau, Rogue —grunhiu ele— Não estava preparado para que gozasse ainda.

—Oh Deus... —ofegou— Não fui tão má, não?

Os lábios de Rogue se curvaram com satisfeito prazer. Não ia terminar de jeito nenhum, mas vibrava definitivamente pelo prazer que dava voltas em espiral através dela. Estava débil, quase relaxada e esperando mais.

—Minha vez —grunhiu ele e a excitação crepitou pelas veias de Rogue quando a empurrou, girou e inclinou contra a parede.

Rogue se lambeu, então passou os dentes pela curva inferior de seu lábio quando tirou as mãos e as levou para seu cinturão. Zeke estreitou o olhar, observando, comprovando. Algo a advertia que se percebesse que ela nunca tinha feito isto antes, então poderia lhe beijar com um adeus agora mesmo.

Ela não ia dizer nenhuma maldita coisa.

O botão metálico soltou, o zíper raspou para baixo. Um segundo depois ela engolia com dificuldade quando o comprimento escuro de sua ereção saltou livre.

Acariciou o membro com a mão, olhando Rogue tentadoramente.

Bem. Ela tinha lido a respeito disto. Tinha visto em alguns filmes que tinha alugado. Tinha sonhado fazer. Doía para saboreá-lo.

Colocou os lábios contra o peito e o sentiu esticar-se. Uma mão voltou para seu cabelo, os dedos se fecharam em punhos enquanto ele a apertava mais perto, mais abaixo.

Estava quente e masculino, selvagem. Os pelos curtos do peito faziam cócegas no nariz, mas o sabor da pele valia. Sentiu-o esticar-se, sentiu o poder que se encrespava por ela enquanto o gemido de Zeke ressoava ao redor.

Ele desfrutava de seu toque.

Abriu as mãos no abdômen, deslizou-as abaixo lentamente enquanto se movia mais abaixo, mais abaixo. O coração pulsava desenfreado em seu peito, temor e desejo, excitação e incerteza a atravessavam.

Queria que ele desfrutasse de seu toque. Estava aterrorizada de que adivinhasse sua inexperiência.

Lembra dos filmes, pensou. Essas mulheres sabiam o que faziam. Pensa, Rogue. Pensa.

Os lábios deslizaram sobre o abdômen quando se agarrou às coxas. Ele respirava com dificuldade, seus abdominais se flexionavam e suas coxas se apertaram.

Acariciando-se, ele afastou a mão da ereção e ela se permitiu curvar os dedos ao redor e gemeu ante a sensação de ferro quente coberto de seda. O sangue pulsava no pesado membro enquanto uma gota de umidade se reunia na pequena abertura da ponta.

Ela ofegava, hipnotizada. Ajoelhando-se diante dele, segurou o duro comprimento do membro na mão; ela se sentia viva, vigorizada.



Apareceu a língua entre os lábios, lambeu a gota cremosa, e seus cílios revoaram sobre seus olhos com o sabor salgado masculino misturado com o som sensual de uma maldição masculina de prazer.

Bom, estava fazendo bem.

Lambeu e as mãos de Zeke se apertaram em seu cabelo. Ela abriu os lábios e atraiu a dura coroa entre eles, chupou-o com sua boca e sentiu que a outra mão deslizava pelo cabelo, para mantê-la no lugar.

—Maldição, Rogue.

O som de sua voz foi uma faísca de prazer em seu clitóris e no interior de seu dolorido sexo.

—Oh Deus. Isso é bom. Tão fodidamente bom.

Ela era tão fodidamente boa.

Chupou mais profundo, enrolou a língua por baixo da sensível ponta imitando o que tinha lido, e foi recompensada por uma selvagem flexão do membro que ainda segurava.

Oh Deus. Isto era tão bom. Ele estava aqui, o estava tocando, chupando e ele desfrutava. Os quadris se moviam enquanto chupava, fodendo sua boca com movimentos suaves e controlados.

Rogue agora tremia com antecipação. Zeke estava recostado contra a parede, as coxas tensas, o abdômen flexionado, o membro pulsando entre os lábios de Rogue enquanto ela acariciava e lambia, chupava e gemia ao redor da carne que empurrava rapidamente.

Acariciou o membro com ambas as mãos agora, precisando. Queria saboreá-lo, queria senti-lo derramar-se em sua boca, queria uma parte dele que nunca tinha conhecido de qualquer outro homem.

—Maldição. Sim. —gemeu ele quando ela levantou as pálpebras, o olhar centrado no dele.

E era sexy. A estava deixando louca. Podia sentir como se umedecia, saturando suas calcinhas com seus sucos enquanto segurava a cabeça com mais força.

—Rogue, meu bem. Vou gozar. Merda —fez uma careta, sua expressão torturada enquanto a respiração ficava mais áspera— Recua.

Puxou o cabelo quando o desafio cintilou por ela. Ela não ia recuar. Isto era dela. Tinha esperado, fantasiado. Tinha estudado, dolorida. Não ia lhe roubar isto.

—Querida. Maldita seja. Vou gozar, Rogue. Direto por sua condenada garganta se não recuar.

Ela não ia recuar. A língua trabalhou sob o membro que empurrava, a boca sugava, atraindo mais profundamente entre os lábios.

—Merda.

Ela sentiu como o membro se flexionava. Imobilizou-se, perigosamente tenso antes que um gemido baixo precedesse o primeiro jorro de sêmen da pesada ponta de seu membro enquanto afundava quase até a garganta.

Oh Deus. Sentiu-se sacudir, tremer. Estava gozando. Podia sentir. Apertou as coxas enquanto o clitóris vibrava e pulsava e uma chicotada de calor ardia por seu corpo quando a manteve onde estava, grunhindo seu nome, e derramando mais da quente e sedosa liberação em sua boca.

—Oh merda —ofegou— Rogue. Filha da puta, sua boca.



Seu gemido foi seguido por um golpe. O golpe de uma porta, um momento de tensão.

—Oh, demônios —uma voz masculina juvenil chiou— Oh merda! Demônios!

A porta bateu outra vez enquanto Rogue abria os olhos de par em par, olhando fixamente a expressão dura, de granito de Zeke enquanto este olhava fixamente através da sala.

À porta na frente deles. A porta exterior. A que teria dado uma vista clara de que demônios exatamente estava acontecendo. Esse alguém era o filho de Zeke.

Se a mortificação pudesse matar...

Rogue recuou e tropeçou com seus pés, seu olhar horrorizado voou da porta ao Zeke. Ainda estava duro. O peito brilhava com suor e uma fúria gelada marcava sua expressão.

—Bem —ela engoliu. Ainda podia saboreá-lo. Ainda ardia por ele—Adivinho que posso me esquecer de que isto vá mais adiante, não é?

O olhar de Zeke a cortou.

Sim. Isso era o que parecia.

—Vá falar com seu filho, Zeke —recolheu a roupa do chão quando o que realmente queria era afundar-se nos azulejos e soluçar—Vestirei-me e voltarei para casa. Possivelmente o verei outra vez... alguma vez.

Separou-se dele. Desejava que dissesse algo, o que fosse. Que a culpasse, que gritasse, o que fosse.

Depois de tudo, seu filho adolescente o tinha pego tendo uma mamada na cozinha. Tinha que ser a maior catástrofe na vida de qualquer homem. Era, certo como o inferno, a maior catástrofe em sua vida.

—Volta para casa —disse ele, sua voz dura apesar de sua suavidade—Falaremos mais tarde.

Ah. Apostava que o fariam. Como nunca.

Fulminou suas costas enquanto dava um puxão em seu sutiã e apressadamente o colocava. Com mãos trementes jogou a camiseta por cima de sua cabeça e colocou os braços nos buracos apropriados. Conteve as lágrimas.

Conteve sua ira.

Até que retirou a Harley da garagem. Acelerou, jogou bastante cascalho para fazer uma vala, e se apressou para a estrada principal.

Que se foda. Que se foda tudo. Tinha tido o bastante.

Capítulo 8

Shane estava ligeiramente agitado. Caminhou pelo terraço traseiro, passou os dedos pelo cabelo e disse entre dentes outra maldição. Diabos. Havia algumas coisas que um cara não precisava saber. Às vezes, um cara devia ser um pouco mais cuidadoso.

Demônios, tinha visto a Harley na garagem; só que não tinha pensado. Seu pai nunca trazia mulheres para casa. Isso era algo que nunca, jamais acontecia. Especialmente no meio do dia.



O xerife Zeke Mayes não dava rapidinhas no meio do dia. Shane quase riu em voz alta. Merda, não sabia se devia estar mortificado ou rindo. Porque tinha se perguntado se seu pai era algum tipo de fodido monge ou algo assim. Pelo menos agora sabia que não era.

Mas demônios, entrar e encontrar isso. Ele e Rogue Walker?

Merda. Tinha tido suficientes fantasias a respeito de Rogue ele mesmo; não precisava ver seu pai fazendo-o com ela.

Seu pai ia matá-lo. Era simples assim. Shane tinha visto sua cara. Seu pai ia o matá-lo. Estremeceu com o som da porta abrindo-se atrás dele e fechando brandamente. Deteve-se, respirou fundo e deu a volta.

Sim, papai ia matá-lo. Estava franzindo o cenho, os braços cruzados sobre a camisa recém abotoada do uniforme, sua expressão ameaçadora.

—Olhe, eu não pensei. —Shane pigarreou e tentou o caminho da honradez— Simplesmente não me ocorreu, sabe?

Seu pai era malditamente estranho a respeito de sua intimidade de todo modo. Era uma das pessoas mais reservadas que Shane conhecia, especialmente a respeito de sua vida privada.

—Onde está seu carro? —perguntou seu pai com cuidado.

Shane escoiceou.

—Na garagem. Um amigo me trouxe para casa antes. Estalava. Sabe que tinha esse ruído, papai. Voltei para casa para conseguir arrumá-lo. E amanhã não há aulas.

Ele podia sentir o rubor no rosto e esfregou a nuca nervosamente. Queria destrambelhar outra vez, mas conhecia bem seu pai quando franzia o cenho desse modo.

—Sinto muito, papai. —murmurou por fim.

Seu pai inalou um fôlego duro antes de deixar cair os braços e caminhar a passos longos até o corrimão da varanda. Os dois escutaram o som de uma Harley arrancando. A vibração grave de poder, então Shane escoiceou quando rugiu. Oh, demônios, Rogue estava irritada.

Olhou seu pai e viu os ombros tensos, a maneira como apertava a mandíbula quando o motor da moto rasgou o silêncio do vale em sua viagem à estrada principal.

—Está irritada comigo, também? —suspirou.

Zeke sacudiu a cabeça.

—Não está irritada com você.

Estava ferida. Tinha visto o brilho de dor em seus olhos e não soube como lidar com isso. Merda, não era todo dia que o filho de um homem entrava enquanto estava tendo uma mamada.

—Não vi nada. Não muito. —se aventurou Shane com indecisão— Virei a cabeça. Rapidamente.

Zeke lhe deu uma olhada.

—Viu o suficiente.

Shane pigarreou antes de girar e segurar o corrimão. Olhou fixamente para o lago, sua expressão juvenil ainda uma combinação de assombro e surpresa.

—Sim. O suficiente.

Shane balançou contra o corrimão e desta vez, Zeke não reclamou por isso.



—Não acontecerá outra vez —aventurou Shane— Quero dizer, quando vier. Deveria, algo assim, bater primeiro. Não só entrar em turba quando sei que tem companhia.

—Isso seria um começo. —disse Zeke pesadamente. Embora duvidasse que houvesse mais "companhia". Demônios, teria sorte se Rogue não chutasse seu traseiro da próxima vez que a visse. E merecia.

Deveria ter dito algo. Deveria ter prometido ligar mais tarde. Qualquer coisa. Merda, tinha disparado seu sêmen por sua garganta e a tinha posto de lado. Podia sentir-se encolhendo por dentro.

—Sinto muito, papai. —Shane se desculpou outra vez, mas Zeke podia ouvir a diversão na voz do menino. Não o culpou por estar divertido.

—Chutarei seu traseiro se alguma vez trazer uma garota aqui e deixar que o pegue. —adverteu a Shane.

Às vezes, com um menino que pensava que era um homem, era melhor por as regras fora, diante e no centro.

—Ah, sim. Não o culparia. —Shane soou tão horrorizado como Zeke se sentia.

Merda. Era seu filho. Havia coisas que um homem nunca deveria permitir que seu filho, sem importar a idade, soubesse, muito menos vislumbresse. E Rogue. Já fofocavam bastante sobre ela, não precisava que seu nome se sujasse ainda mais.

—E isto não será mencionado —adverteu a Shane— Especialmente para sua tia Lucinda. O horror tomou forma na cara de Shane.

—Oh por Deus, pensa que contaria à tia Bocuda? —ofegou—Vamos, papai. Eu gosto da Rogue. É legal. Muito boa para você, mas é legal.

Zeke arqueou as sobrancelhas quando Shane ruborizou outra vez.

—Não queria que soasse como soou.—murmurou.

—Então como queria que soasse? —perguntou Zeke com cuidado.

Ele falou entre dentes.

—Vamos, Shane. —ordenou—Se vai me jogar isso na cara, seja homem e arque com as consequências.

Nunca tinha permitido que Shane se esquivasse de suas responsabilidades nem seus castigos. Se podia reprovar-lhe então queria recuar.

—Não queria insultá-lo. —Finalmente Shane deu de ombros— Bom, mais ou menos, o fiz.

Zeke olhou fixamente o menino em silêncio quando girou e o encarou. Os olhos de Shane se encontraram com os seus e as sobrancelhas desceram em um cenho violento. Parecia um adulto quando fazia isso. Zeke não gostava de admitir que Shane estava se convertendo em um adulto.

—Olhe, sei que Rogue está meio louca por você —disse Shane então—.Inclusive quando estava na escola e vinha a essas estúpidas reuniões de pais e mestres a cada ano, podia ver. Gosta de você. Possivelmente muito. E você é do tipo de não ataduras. Ela merece algo melhor que isso.

Zeke cruzou os braços sobre o peito e encarou seu filho então. Que o amaldiçoassem se ia permitir que seu filho ficasse ali e o repreendesse por algo que não sabia nem podia compreender.

—Isso não é de sua conta, Shane. —indicou firmemente— O que há entre Rogue e eu



permanece ali. Compreende? Não preciso de seu conselho.

Shane afastou o olhar por um momento, e Zeke foi golpeado pela maturidade que seu filho tinha obtido no ano passado na universidade. Merda, o tinha perdido. A cara de Shane tinha perdido essa plenitude juvenil. Era mais afiada, mais parecida com o aspecto de Zeke que ao pai de sua mãe.

Demônios, era um momento decisivo, pensou Zeke, dando-se conta que seu menino se parecia com ele. E que seu menino o repreendia sobre uma mulher. Havia algo a respeito disso que chocava em sua cabeça.

—Não tento te dar conselhos. —Shane se voltou para ele, o observando violentamente agora com olhos quase da mesma cor que os seus—Estou dizendo, papai. Se quebrar seu coração, não será o homem que sempre respeitei.

Foi tudo o que Zeke pôde fazer para manter a mandíbula em seu lugar. Diabos. Quando tinha mudado a realidade?

Na cozinha com o membro na garganta de Rogue, recordou outra parte dele.

—Filho, está ficando o bastante grande para apanhar. —advertiu Zeke, embora sabia que bater no menino estava fora de questão.

Shane bufou ante isso.

—Sim, certo, papai. E você é o bastante velho para ter melhor critério que se amarrar com uma garota como Rogue sem ser a sério. É mais velho que ela. E sabe coisas que ela não.

—Coisas como o que? —chiou Zeke com um grunhido. Possivelmente deveria voltar a pensar na parte de bater.

Shane ruborizou, logo endireitou os ombros e o fulminou com o olhar.

—Sou seu filho —disse com brutalidade—Não me faça explicar esta merda com detalhe. Já foi bastante mau que o pegasse assim. Sou um homem, não um menino e sei que não sou sempre normal em algumas coisas. Parece que herdei de alguém e é parecido às histórias que o avô contava de sua parte. Viu? Assim tome cuidado. Eu gosto de Rogue. É legal e não me trata como um menino estúpido. Quebre seu coração e vou me irritar. Isso é tudo.

Com isso, Shane girou sobre os calcanhares e entrou na casa batendo a porta até que estalou sobre as dobradiças enquanto Zeke o olhava assombrado.

Merda, precisava de uma cerveja. Precisava de uma cerveja, uma longa soneca e precisava concentrar a cabeça diretamente no que se referia a Rogue. Ela estava irritada. Shane estava irritado. E Zeke não podia culpar nenhum deles. A questão agora era controlar o dano.

Esfregou a nuca e fez uma careta. Quando era casado e enchia o saco de sua esposa, tudo o que tinha a fazer era deixá-la só durante um momento e o perdoava. Quando Chaya estava de saco cheio com Natches, ele dizia que o melhor era deixá-la condenadamente sozinha. Tinha visto vários homens Mackay ficar melancólicos no café quando suas mulheres estavam de mau humor. Rogue não podia ser muito diferente, ou podia?

Demônios, era humilhante dar-se conta do tão pouco que sabia sobre as excentricidades desta fêmea. Tinha trinta e sete anos, foi casado e não tinha sido exatamente celibatário com o passar dos anos desde que sua mulher tinha morrido.



Mas, recordou-se, tampouco tinha tido realmente relações. Tampouco tinha uma agora. Tinha? Sacudiu a cabeça. Merda não, não tinha. Rogue não era uma relação. Mas ia ser definitivamente uma amante. Daria-lhe uns poucos dias, deixaria que superasse e logo a encontraria.

Assentiu para si mesmo. Isso era tudo o que tinha a fazer. Porque da próxima vez que a encontrasse, ia fodê-la.

Era simples assim. Gozou em sua garganta hoje com uma força que não tinha conhecido em toda a sua vida.

Olhando-a, vendo sua inocência, dando-se conta de como mostrava resistência ao ato e tentava ocultar o fato que não tinha a menor ideia do que estava fazendo. E ainda assim, havia-lhe feito uma mamada com uma sensualidade e uma fome que o assombraram.

E quando encheu sua boca, ela tinha gozado com ele. Não da maneira que gozaria uma vez pusesse os lábios entre suas coxas ou enterrasse seu membro até o fundo dessa bocetinha que sabia o deixaria louco. Mas ela gozou com uma completa sensualidade e entusiasmo, com ele. Ele não ia resistir a isto muito mais tempo.

Tinha conseguido ocultar o núcleo mais escuro de sua sexualidade durante a maior parte de sua vida, agora era uma segunda natureza.

Também o ocultaria de Rogue. Teria que fazê-lo, porque sabia que tinha que tê-la. Não havia nenhuma outra opção.

Ocultaria de Shane, ocultaria do condado. Sabia como ocultar suas amantes e sabia como ocultar seus interesses.

Se algo o advertiu que não seria fácil com Rogue, afastou-o. Rogue era mais quente, mais tentação, mais fruta proibida por causa de sua idade, pensou. Não era emoção. Zeke tinha aprendido faz muito tempo a não permitir-se envolver-se emocionalmente. Não estava comprometido agora.

Estava?

Não, decidiu. A ideia de Cranston também tinha mérito. Poderia ter Rogue, poderia permitir que o assassino pensasse que seu foco estava dividido enquanto Cranston e os Mackay faziam suas perguntas. Demônios, iam fazer de todo modo.

E ele não a estaria usando, assegurou a seu sentimento de culpa. Morria por ela. Sua atenção estava dividida, estava muito concentrada em sua fome, e acabaria por perder coisas. Desta maneira, teria pelo menos a cabeça limpa para a investigação.

Estava apresentando desculpas. O fato simples e singelo era que não podia ficar longe dela por mais tempo.

* * *

Rogue apareceu no trabalho no dia seguinte, embora não quisesse. Sentia-se em carne viva por dentro, repelida, usada. Sentia-se como se a tivessem esfolado até o osso e não tinha a menor ideia de como curar as feridas; só sabia como ocultá-las.



Deu um sorriso depois de uma cuidadosa aplicação da maquiagem. Os olhos esfumaçados eram sensuais e ocultavam as sombras da catástrofe emocional. O batom bronze a fazia parecer sedutora.

Usava estilettos amarrados no tornozelo cor de chocolate e um vestido simples da mesma cor que mal ocultava a barra das meias cor de bronze. Passou horas alisando os longos cachos até que a massa de mechas dourada avermelhados pendurou até os quadris como uma fita brilhante. Com a risca de lado, enquadrava-lhe o rosto com uma atração calma e dava pelo menos um leve empurrão ao seu ego.

Não foi na Harley ao trabalho, mas Jonesy a levou com a promessa de recolhê-la mais tarde essa noite. Ele estava calado, de humor mutável e obviamente não estava exatamente feliz com seu estilo de vestir.

Ele aprovava o couro, sem importar como fosse curto. Pensava que era de bom gosto. Para Jonesy, a seda era uma artimanha e o cabelo liso era um truque. Imagine.

Entrou no restaurante cheio, substituiu Tabitha, e manteve um sorriso no rosto. Distribuiu sorrisos, riu dos comentários coquetes, mas algo dentro dela estava como se rompendo.

Bom, já era bastante mau que seu filho entrasse enquanto estava tendo sexo oral. Só podia imaginar o quanto isso era horrível. Era bastante mau ser pega, ponto. Ele estava surpreso, possivelmente precisava gritar com Shane um pouco. Perdoava isso. Ela estava irritada, ferida, mas entendia.

Compreendeu-o toda a noite. Olhou os ponteiros do relógio e sentiu o conhecimento de que não importava o bastante para procurar mais profundamente em seu interior.

A multidão do jantar passou, entrou e saiu até que as portas se fecharam, deu um último olhar enquanto girava o pôster de fechado e se dava conta de que ele não ia aparecer.

Aparecer significaria que outros o veriam. Seria um reconhecimento que ela era mais que só um transa ocasional, admitiu.

Mas como podia ter esperado algo menos?

Ignorando as olhadas preocupadas de Janey e Alex, cruzou o restaurante de volta ao escritório e começou a reunir recibos para começar a papelada da noite.

Frequentemente terminava no escritório enquanto Alex e Janey iam para casa. Ligou para Jonesy e disse que sairia tarde. Conseguiria um táxi. Ele não ficou contente, outra vez. Parecia que Rogue tinha perdido a capacidade de agradar a todos os que lhe importavam nesse dia, pensou com um cenho.

Malditos homens. Quando tinha começado a se preocupar o que sentissem os homens?

No dia que tinha conhecido Zeke Mayes, admitiu para si mesma. Deus, estava tão tola por ele. Era uma loucura, completamente patética realmente.

Levantou o olhar quando a porta do escritório se abriu e Janey e Alex entraram. Conhecia esse olhar na cara de seus amigos, e soube que evidentemente não tinha ocultado suas emoções tão efetivamente como esperava. Genial, agora Janey fazia perguntas. E o que Janey sabia, Alex saberia. O que Alex sabia, provavelmente diria a Zeke. E bem, não sabia o tanto que Zeke era reservado?



—Tudo bem, Rogue? —perguntou Janey com descuido enquanto Alex fechava a porta atrás deles.

—Realmente, não. —Rogue empurrou os recibos enquanto Janey a olhava surpreendida—O xerife Mayes não tem a menor ideia de quem matou Joe e Jaime. A avó Walker não parou de chorar e Lisa não me deixa ajudar. —Esfregou as têmporas. Havia preocupações e havia corações quebrados, mas não era isso o que rasgava sua alma.

—O forense não retornou ainda, Rogue. —indicou Alex—Estive verificando e os investigadores ainda não terminaram as provas sobre os corpos. Devemos saber algo conclusivo logo.

Rogue sacudiu a cabeça.

—A avó não estará conosco muito mais tempo. —O lábio inferior tremeu apesar de sua batalha para manter as emoções controladas. Reconhecer isso era uma sacanagem. Teria que enterrar os meninos sem ninguém para consolá-la e sabia que logo estaria enterrando a avó da mesma maneira.

Como tinha permitido que isto acontecesse? Como podia se permitir preocupar-se por um homem em quem não podia se apoiar em sua dor?

—Há algo que possamos fazer para ajudar? —Janey se moveu na frente da mesa e sentou com cautela em uma das cadeiras.

Seus olhos verde bosque estavam sombrios e cheios de compaixão, mas havia uma borda de suspeita neles também. Sabia quando Rogue ocultava coisas, quando não falava. Esse era o risco quando deixava que alguém se convertesse em sua melhor amiga.

—Sim. —disse brandamente— Não faça perguntas.

Foi o mais perto que pôde chegar sem admitir nada.

Alex bufou enquanto Janey apertava os lábios.

—Isso não é justo, Rogue.

—É muito justo. —disse à sua amiga. —Tenho que cuidar da família neste momento, Janey; não tenho forças para tratar com nada mais.

—Não está dizendo à pessoa errada? —perguntou Janey.

—Não. —Rogue sacudiu a cabeça, sua voz áspera— Digo à única pessoa que compreenderia que necessito de tempo neste momento. E necessito uma oportunidade para resolver coisas por mim mesma.

Janey a olhou fixamente durante um longo e silencioso momento.

—Sabe que estamos aqui —ofereceu—Para coisas da família ou mais.

Ela não podia se arriscar.

—Rogue? —falou Alex então— Posso sair da sala. Algo que diga a Janey não sairá daqui, sabe disso.

Não, não sabia disso. Conhecia os homens. Sabia que falavam e mexericavam pior que as mulheres. E conhecia Janey. Antes que soubesse, todo o clã Mackay estaria a par dos segredos de Zeke, e todas as regras de intimidade que ele tinha voariam ao inferno. Merda, agora sentia compaixão por seu ex-amante.



—Nenhum problema, Alex. —Sorriu tensamente— Só quero acabar com estes recibos e ir para casa, à cama. Foi um dia malditamente longo e não parece que as coisas vão melhorar.

Provavelmente piorariam. Normalmente não era uma coisa boa ameaçar ou tentar provocar danos corporais a um oficial da lei, e ela conhecia um ao que queria disparar com sua própria arma.

Janey suspirou.

—Está segura que não há nada que possamos fazer?

Rogue olhou os recibos, então outra vez sua amiga.

—Na realidade, preciso de uns poucos dias livres. O bar está indo ao inferno agora e preciso endireitar algumas coisas.

O bar era o único lugar onde sabia que Zeke não entraria. O fez essa primeira noite para interrogá-la, mas não faria outra vez. Muito público, e é obvio, ninguém podia saber que tentava foder a putinha do bar.

Fodidos Nadine Grace e Dayle Mackay. Deus, nunca tinha odiado tanto como os odiava agora.

—Quantos dias? —perguntou Janey com cuidado, fazendo que Rogue sorrisse.

—Preciso de pelo menos quatro dias, possivelmente cinco. —disse. O bastante para tirar do corpo a necessidade que a comia viva. O suficiente para que quando voltasse não a estivesse vigiando, esperando. O suficiente para recuperar seu equilíbrio outra vez e endireitar seu coração. O bastante para evitar a prisão por causa de suas tendências homicidas por um homem.

—Cinco dias. —Assentiu Janey—Mas promete que retornará depois disso?

—Retornarei depois disso. —prometeu Rogue—Só preciso enquadrar as coisas. É tudo.

Podia sentir o olhar fixo de Alex, era como um laser que cortava através das mentiras que dizia.

—Bem. Cinco dias. —Janey suspirou enquanto ficava de pé—Pode deixar os recibos desta noite. Perseguirei Natches e farei que se encarregue pela manhã. Pode trabalhar por sua parte dos benefícios durante os próximos dias. Mas não creia que não sei o que está acontecendo, Rogue.

Rogue levantou a cabeça de um puxão e a olhou.

—O que está acontecendo?

Janey se inclinou adiante.

—A peste. Uma peste conhecida como estupidez masculina caipira. Quer saber a cura?

Ah, o sorriso de Janey era todo dentes. Era um sorriso Mackay e nunca pressagiava nada bom.

—Há cura? —perguntou cautelosamente. Estava intrigada agora.

O sorriso de Janey se ampliou.

—Janey. —disse Alex em advertência, o que só fez que Rogue sentisse mais curiosidade.

Arqueou a sobrancelha e olhou fixamente sua amiga.

—Uma garota nunca pode ter suficiente cura para a estupidez masculina caipira. No caso de topar com ela.

Janey se inclinou mais perto.



—Quando lhe puser as mãos em cima, Rogue, e porá as mãos em cima, recorda uma coisa. Murmura-se que tem energia, mas você tem algo que pode pô-lo de joelhos.

—Diga-me. —Respondeu Rogue em tom zombador. Oh sim, definitivamente queria ouvir isso.

—A palavra "não". —Janey recuou, sua expressão esticada com ira —Diga que vá ao inferno e que parta.

—Como fez você? —Rogue arqueou a sobrancelha, recordando bem o quão efetivo tinha sido com Alex.

Janey fez biquinho.

—Era Alex. Ele é diferente.

—Ah. —Rogue assentiu—Diga como era diferente, Janey. —Seu olhar piscou para Alex. Ele parecia menos que cômodo com a direção desta conversa.

—Sim, querida. —disse com esse tom miserável, sua voz sedosa, curiosa e advertindo ao mesmo tempo— Nos diga a diferença.

O sorriso de Janey era satisfeito, sensual, atraente quando olhou seu amante antes de girar para Rogue.

—Sua camisinha se rompeu na primeira vez. —riu, agachando quando Alex se estirou por ela com uma gargalhada— Tive que ter misericórdia dele. Já sabe, no caso de ter que fazer dele um homem honesto.

A risada de Janey estava cheia de felicidade enquanto ressoava no escritório. Seu amante a apanhou em seus braços, levantou-a contra ele, e lhe deu um beijo que estava cheio de seu sorriso.

—Por certo. —giro para Rogue—Levaremos você ao bar.

—Isso não é necessário. —começou Rogue.

—Bem, pode ir conosco ou com ele.

Com ele? Rogue começou a recuar com uma sensação crescente de terror.

—O que quer dizer?

—O Tahoe de certo xerife está estacionado em frente, provavelmente preparado para afastar qualquer táxi. Minha caminhonete está atrás. —O sorriso de Alex era tenso— Poderíamos tirá-la furtivamente.

Rogue engoliu com força. Não podia encarar Zeke, não esta noite, ainda não. Se a estava esperando, então ela sabia exatamente o que aconteceria antes que conseguissem sair do estacionamento.

Recolheu sua bolsa casualmente, cada movimento deliberado.

—Aceito a oferta de me levar, Alex. —disse enquanto ficava de pé— Acredito que aceitarei depois de tudo. Faz bastante frio para esperar um táxi com este tempo.

—Sim. —Assentiu—Pensei que veria assim.

Zeke estava fodido.

Alex guiou Janey e uma Rogue bastante silenciosa para sua caminhonete, ajudou-as a subir, então rodeou o veículo até o lado do condutor com um olhar rápido à lateral da rua. O xerife tinha



escapulido sigilosamente durante as semanas anteriores quando via que Rogue saía. Esta noite, não ia escapular e isso dizia tudo.

Sorriu enquanto arrancava o motor e saía do solar traseiro, descendo com cuidado pela rua, só para assegurar-se de ser visto. Estava seguro que Zeke estava olhando e não importava torturar um pouco seu amigo. Demônios, às vezes, um homem tinha que ser empurrado para seguir seu coração, e Alex não tinha inconveniente em empurrar Zeke mais do que Zeke tinha se importado em empurrá-lo no que se referia a Janey.

Enquanto conduziam mais à frente do estacionamento dianteiro, cronometrou seu bom amigo, mantendo o sorriso e contando os segundos até que o celular soou. Deixou-o soar uma ou duas vezes antes de tirá-lo do cinturão e responder com um breve.

—Sim?

—Rogue está com você? —Zeke não soava feliz, e Alex considerou isso adulator.

—Sim. —respondeu brevemente.

Houve um breve silêncio.

—Leva-a de volta ao seu apartamento?

—Sim.

—Por que?

Foi tudo o que Alex pôde fazer para evitar rir. Podia ouvir a frustração na voz do outro homem, e se compadeceu, de verdade que sim.

—Parecia uma coisa amável a fazer —respondeu Alex—. Há algum problema com isso?

Esse silêncio outra vez. Quase podia sentir Zeke fulminando suas costas. E provavelmente estava, tendo em conta que o Tahoe do xerife tinha saído atrás dele depois que passou o estacionamento.

—Nenhum problema —respondeu Zeke por fim— Diga que falarei logo com ela. —E a linha se desconectou.

As sobrancelhas de Alex se arquearam. Dar-lhe uma mensagem? Não era inusitado para seu reservado xerife?

Fechou o telefone e olhou para o assento traseiro onde Rogue estava sentada em silêncio, olhando.

—Zeke pediu que dissesse que falará com você mais tarde —disse— Esteve falando muito?

—Um pouco. —murmurou, girando para olhar pela janela e mantendo os lábios apertados firmemente.

Alex sorriu, olhou Janey e meneou as sobrancelhas. Isto era muito interessante. Zeke nunca tinha sido conhecido por perseguir nenhuma mulher.

—Me perguntou por que não ligou para seu celular—refletiu depois de uns poucos minutos— Parece estranho que me ligasse.

—O meu possivelmente está desligado. —respondeu.

Ele quase teve que morder o lábio para não rir. Como se isso fosse manter Zeke longe de seu traseiro.

Ela não tinha a menor ideia. Uma vez que um homem como Zeke decidia o que queria, nada



o reteria. E Alex tinha a sensação que Zeke sabia exatamente o que queria.

—Por que está nos seguindo? —perguntou Janey então, sua voz suave, e tão verdadeiramente curiosa quando olhou atrás deles.

—Possivelmente tenho uma lanterna traseira quebrada —sugeriu Alex— Deveria parar?

Riu quando Janey beliscou sua coxa. No espelho retrovisor captou o olhar de Rogue. O que fosse que estava acontecendo, estava certo que se inteiraria disso logo. Até então, levaria sua passageira e se dirigiria para casa com sua própria mulher. Zeke aprenderia o que Alex já sabia. Não havia nada tão satisfatório como abraçar sua própria mulher na quietude da noite e saudar o dia seguinte com ela. Tinha confiança nas habilidades do xerife para averiguar isso. E se não o fizesse, bem, Alex possivelmente teria que ajudá-lo um pouco.

Capítulo 9

A primavera estava em todo seu esplendor nas montanhas, as árvores floresciam, as noites eram ligeiramente frescas, os dias agradáveis, e o Bar, mais conhecido como refúgio de motoqueiros na área do lago Cumberland, estava muito concorrido.

Para uma quinta-feira, estava de arrebentar. As canções country de inverno foram substituídas por músicas mais estridentes e agressivas.

O couro e o jeans roçavam ombros com ombros, coxas com coxas, e as motos enchiam o estacionamento compartilhando-o apertadamente com pick-up e SUVs.

Usando suas costumeiras calças de couro negras e um colete, uma regata violeta de renda aparecendo por cima, Rogue contemplou a multidão. As botas com salto agulha de dez centímetros, apenas lhe davam a suficiente altura, se se esticasse, quase podia ver sobre a massa que se contorcionava.

As canções predominantes, o rock pesado e o metal palpitavam pelos alto-falantes, bebidas fluíam, os gorilas estavam alertas, e Rogue se sentia em seu elemento. Ela amava o ritmo e o compasso da música, as risadas, e às vezes, até desfrutava das brigas.

Tinham passado duas noites desde que viu Zeke pela última vez, e tinha usado o tempo para reagrupar e reconsiderar o dano que tinha permitido em sua vida.

Rogue tinha feito a si mesma depois do fiasco de quatro anos atrás. Não tinha permitido que a destruíssem nessa noite, não tinha deixado que a golpeassem. Às vezes se sentia ressentida, mas só porque uma vez acreditou que Nadine e Dayle tinham arrebatado sua oportunidade com o homem que a fascinava. Já não acreditava que isso fosse verdade. Nunca teve oportunidade, porque Rogue sabia, inclusive então, que a imagem de “menina boa” não teria mudado nada. Com o tempo, de todo modo, ela teria maturado e teria superado esse rol de absoluta submissão.

Tinha estado cabisbaixa nos dois últimos dias. Havia posto má cara. Inclusive tinha derramado uma lágrima ou duas e tinha olhado fora da janela de seu andar enquanto Zeke conduzia pelo estacionamento a cada noite antes de entrar de guarda.



E ela teve uma chama de lucidez.

Rogue não se esconderia. Não seria uma amante de armário, não seria uma das mulheres que Zeke mantinha em segredo, sempre preocupadas, sempre perguntando-se quando ou se lhe concederia alguma outra noite.

Ela não era uma submissa cachorrinha adestrada para esperar sobre os travesseiros a atenção dele.

Mas sua lucidez, não mudava o fato de que ainda sonhava com ele, e não mudava o fato de que ainda despertava molhada e selvagem, procurando-o. Havia outras coisas na vida das que se ocupar.

No momento, a avó Walker, Lisa, e os gêmeos eram sua preocupação. Tinha amigos, tinha uma família. Ela, no passar os anos, tinha conseguido estar contente com sua vida.

—Ei, Rogue —chamou Jonesy do bar enquanto ela se movia através da multidão— Traga aqui seu delicioso traseiro e me ajude.

Jonesy e seu ajudante, como a chamava, trabalhavam freneticamente para servir os pedidos dos clientes alinhados atrás do amplo bar.

Rogue fez o caminho para a entrada atrás do bar, movendo-se rapidamente para tomar pedidos e servi-los.

A noite de quinta-feira não era geralmente assim ocupada, mas os dias inusualmente quentes e as noites tinham a febre da primavera no ar. Os motoqueiros se misturavam com agricultores e turistas, pescadores e excursionistas. A área do Lago Cumberland tinha algo para captar a imaginação e os interesses de uma ampla gama de pessoas.

—Ei, beleza. Perguntava-me onde estava. —Hank Gentry era da Virgínia. Ele e seu pequeno grupo de amigos faziam o trajeto várias vezes ao ano, desde suas casas ao lago onde alugavam uma das casas flutuantes disponíveis.

Hank era muito bonito. Um impecável contador, e um motoqueiro selvagem. Gostava de falar que fingia voltar aos vinte anos quando fazia suas viagens.

—Hank, chegou cedo este ano. —Ela sorriu quando empurrou uma jarra de cerveja de barril em sua direção e deu a volta para servir mais para os amigos que estavam de pé atrás dele —Vejo que tem seus rebeldes com você —gritou ela sobre seu ombro.

Os outros quatro homens riram, obviamente satisfeitos que os chamassem de rebeldes aos seus quarenta e poucos anos.

—Reserva-me uma dança? —O amplo sorriso de Hank a encontrou quando girou, entregou as cervejas, e recebeu o dinheiro.

—Meu cartão de dança está cheio, bombom. —dirigiu-lhe um amplo sorriso—Jonesy me mantém presa no balcão ou servindo bebidas.

Jonesy a observou carrancudo. Ele estava fazendo isso nos últimos dois dias. Seu caráter era irritável, e ela estava pronta para lhe morder o traseiro por isso.

—Quando não se junta com indesejáveis, quase pode se conseguir uma boa noite de trabalho dela. —grunhiu Jonesy, e não estava brincando.

Os olhos verdes de Hank voltaram a ela com surpresa, e as sobrancelhas se elevaram.



—Que vergonha, Rogue. —Ele meneou o dedo em tom de reprimenda—Se juntar com indesejáveis. —Sacudiu a cabeça antes de dar uma olhada ao redor do bar— Surpreende-me. —Deu-lhe uma piscada, tomou sua cerveja e partiu.

—Pare Jonesy. —espetou ela enquanto dava a volta para verter outra cerveja—Não quer brigar comigo neste momento.

—Assim está abandonando a briga? —grunhiu ele— Isso sim me surpreende. Acredito que está colocando o rabo entre as pernas e fazendo xixi.

Deus, havia dias em que odiava os homens; sua TPM⁵ era pior que a de qualquer mulher, e menos compreensível.

—Vou me converter em homicida se não me deixar em paz. —ordenou ela— Espere até o fechamento e resolva seus problemas comigo então.

Ela se afastou antes que ele pudesse grunhir alguma resposta. Tinha tido suficiente de homens resmungões e bruscos que acreditavam poder dirigi-la ou controlar sua maldita vida. Ela esteve controlando-a muito bem durante mais de cinco anos.

—Ronnie está tendo problemas com um casal na área B. —vociferou ele quando ela empurrou um punhado de cervejas através do bar—Temos um cliente habitual e um turista que têm algum problema sobre uma mulher.

Jonesy levava um transmissor na cabeça que o conectava com os outros gorilas.

—Vá ver—advertiu Rogue— Lea e eu podemos dirigir o bar durante um momento.

—Kent está a caminho. —informou Jonesy quando recolheu um pesado taco de beisebol debaixo do balcão e saiu da área do bar para o outro lado rapidamente.

—Esteve morrendo para usar esse taco de beisebol a semana toda. —gritou Lea enquanto trabalhava furiosamente para misturar várias bebidas e deslizar através do bar.

—É um homem. Brincar com seu taco de beisebol é a única coisa que entende. —Rogue riu em resposta, fazendo que Lea quase deixasse cair uma garrafa de uísque ante sua alegria e a maioria dos homens ao redor do bar uivassem e gritassem seu acordo.

Ela recompensou os homens com um apressado floreio com a garrafa, jogou-a para trás e bateu o vidro sobre o balcão com um sorriso diante das aclamações impacientes antes de voltar a trabalhar.

Estava se divertindo. Gostava de divertir-se. Sempre tinha imaginado que qualquer amante que tivesse seria capaz de brincar e paquerar com ela, rir e compartilhar seu prazer no ambiente que ela tinha construído aqui. Não se envergonharia disto. Não ia mudar quem e o que era, e tampouco pediria a Zeke que mudasse suas regras.

Isto deixava as coisas mais leves. Embora a noite não estivesse leve. Trabalhou no bar antes de fazer sua ronda pelo edifício outra vez. Viu as garçonetes e garçons, assegurando-se que tudo funcionava corretamente entre breves danças sacudindo o quadril e rindo. Se Zeke estivesse aqui, perguntou-se ela, o que veria? A puta do bar como se fofocava que era, ou a mulher que na verdade era?

⁵ Síndrome pre-menstrual



Ela rechaçou perguntar isso a si mesma, por que para isso deveria se importar de uma ou outra maneira. Ela era quem era. Não podia ser mais nem menos.

Enquanto avançava a noite, sua frustração com Jonesy só aumentou. Franzia-lhe o cenho mais frequentemente, e cada vez que falava, gritava. Isso minava seus nervos, e ela tinha bom senso para permitir que isso continuasse. Ele tinha seus humores, e se ela os alimentasse, estes só se intensificariam até que ele terminasse em uma briga com alguém. A única forma de acabar com isto era encará-lo, antes que ela terminasse com o bar desmantelado.

Fazendo gestos a Lea e Kent para que se ocupassem do bar, moveu-se para Jonesy.

—Ao meu escritório.—ordenou ela.

—Meu traseiro —resmungou ele, seu olhar castanho brilhava com cólera— Tenho trabalho a fazer.

—Não depois desta noite —gritou ela— Meu escritório agora, ou tire seu traseiro do meu bar. E será foddidamente bom que recorde a quem pertence o lugar.

Ela girou sobre os calcanhares e caminhou com passo majestoso fora da área para a porta traseira marcada com um letreiro de “Privado”. Empurrando-a, caminhou por um breve corredor, girou abruptamente e abriu rapidamente a porta de seu escritório.

Manteve-a aberta antes que Jonesy pudesse irromper nela. Ele entrou com passo irado na sala, tirou seu branco avental e o enrugou em uma bola antes de jogá-lo no chão.

Sua camiseta branca se estirou sobre os músculos avultados de seus braços tatuados. Um bíceps do tamanho de um presunto se dobrou de modo ameaçador enquanto a fulminava com o olhar.

—Deixa essa atitude. —Não tinha medo de Jonesy. Era temperamental, tentava comportar-se como um valentão, e se alvoroçava como uma mamãe galinha raivosa, mas nunca o tinha visto como alguém perigoso.

—Não me diga que deixe minha atitude, pequena. —grunhiu ele, seu rosto avermelhou enquanto suas grossas sobrancelhas baixaram sobre os olhos escuros — Sou o safado bastardo que a vê deprimida com esses grandes e patéticos olhos enquanto observa a porta e reza para que esse xerife desprezível retorne para marcá-la. Onde porra está sua cabeça ao deixar que esse bastardo toque em você?

Rogue retrocedeu surpreendida. Claramente Jonesy também tinha visto a marca avermelhada sob sua mandíbula.

—A marca ou o homem não são da sua maldita conta, Jonesy. —disse ela com voz tensa.

—É da minha maldita conta quando tenho que escutar os rumores e a multidão de perguntas. —gritou ele em resposta, seus lábios retrocederam exibindo os dentes furiosamente.

—Quando me importaram os rumores? —replicou ela—E desde quando importam a você? Merda, Jonesy, eles falam de todos e sobre tudo. É um fato da vida e não me importa uma merda de uma ou outra forma.

—Talvez esse seja seu problema! —disse ele, elevando a voz— Simplesmente não se importa uma merda. Não se importou uma merda quando lhe fizeram parecer uma vagabunda nessas fotografias, e agora se importa uma merda e abrirá as foddidas pernas para esse xerife patife que



não tem uma chance de ser o suficientemente bom para você.

la puxar os cabelos. Olhou-o incrédula, lutando para entender que tipo de inseto o tinha picado para agir desta maneira ou dizer algo tão vil.

—Zeke não é um patife. —chiou ela entre dentes.

—Sim, o defenda, mas não se importe uma merda quando chamá-la de vagabunda. —acusou ele furioso, seus olhos se estreitaram enquanto parecia que todo seu corpo tremia pelo ultraje—Seu pai a criou para algo melhor, moça.

—Meu pai me criou para ter suficiente confiança em mim mesma para fazer o que malditamente quiser com quem quiser. —gritou ela em resposta, quase tremendo com sua própria cólera agora—Como se atreve a pensar que pode me dar sermão, Jonesy? Não tem esse direito, e que me condenem se permitir que acredite que tem.

Ele media um metro e oitenta, mais alto que seu metro e sessenta com seus saltos mais altos. Ela estava contra sua cara, grunhindo, dominada pela cólera.

Ela odiava que lhe dissessem o que fazer ou que a questionassem pelas decisões que tomava. Era adulta. Sabia o que malditamente estava fazendo mesmo que não estivesse segura do modo de chegar ali, e sabia que estava condenadamente enojada e cansada de que outros tentassem dizer que era muito jovem, muito inexperiente, ou claramente expor coisas diferentes do que ela era.

Jonesy ainda a fulminava com o olhar. Sua respiração era áspera, o rosto avermelhado. Aos lados, suas mãos robustas estavam fechadas em punhos como se fosse tudo que podia fazer para impedir-se de golpeá-la.

Ela o conhecia. Conhecia sua raiva e seu afeto, mas não entendia sua animosidade repentina para Zeke.

—Estava acostumado a entender como funciona o mundo por aqui, Rogue. —cuspiu ele—Que demônios aconteceu?

A forma em que funciona o mundo por aqui. Aqui era o condado de Pulaski, como se este fosse uma parte separada do resto do mundo.

—Ah, não se preocupe, Jonesy, entendo as regras muito bem, e tenho a intenção de romper cada uma se puder. —informou ela com um sorriso forçado.

Jonesy e suas malditas regras. Permanece com os de sua própria classe, ele sempre tinha advertido. De lixo branco a lixo branco, de lixo de classe alta a lixo de classe alta, e ela estava em algum lugar entre e sobre todos eles. Poderia voltar para Boston e tomar seu lugar ali como uma princesa da sociedade, ou poderia contentar-se com os de sua própria classe aqui. Isso era um gole duro, motoqueiros e mulheres que converteram o Bar em seu lar longe de casa. Para Jonesy, ela não deveria procurar mais que diversão ou uma relação.

—Isto não é sobre romper regras, pequena imbecil. —grunhiu ele com repugnância.

Seus olhos se estreitaram quando ela começou a tremer de fúria.

—Não me chame de imbecil, Jonesy.

—Então não aja como uma. —mofou ele— Tive suficiente disto. Aquele xerife não vai fazer nada, exceto usá-la, igual faz com suas outras mulheres. Somente é outro entalhe no poste de sua



cama, e será um pequeno.

Rogue não estremeceu diante da acusação, mas doeu. Maldição, esse tinha sido um golpe baixo, e sentia as vibrações da dor correndo por ela. Uma parte dela temia que tivesse razão; outra parte estava decidida a tomar o que queria sem importar o custo.

—Onde faça entalhes não é seu problema, verdade? —perguntou ela—Seu trabalho é dirigir esse bar, não minha vida. Se não pode manter uma linguagem civilizada em sua cabeça de algum modo, então pode ir ao inferno.

Seus olhos se alargaram, obscureceram-se quando a cólera avermelhou seu rosto com mais força e fez que sua cara se enrugasse asperamente.

—Ir ao inferno? Estive aqui desde antes que seu traseiro nascesse —gritou ele, aproximando-se mais— Não me expulsará, garotinha.

—Estou dizendo que se não aprender a conter seus insultos e suas caras de desprezo para você mesmo, substituí-lo será minha primeira prioridade depois que fizer que meus gorilas lancem seu traseiro na calçada.

A surpresa flutuou sobre o rosto dele.

—Contratei esses gorilas. São meus homens.

—Eu assino seus cheques. Farão o que eu disser ou se encontrarão na calçada com você. —gritou ela.

Ela sempre tinha acreditado em Jonesy; nunca tinha sentido medo dele, até esse momento. Essas grandes mãos se estenderam até ela, seus dedos se retorceram severamente ao redor dos antebraços de Rogue antes de sacudi-la como uma boneca de pano.

—Uma merda que o fará. —Ele a empurrou para trás de repente.

Rogue sentiu que seu quadril batia contra o canto da mesa, seu cabelo se derramou ao redor dela enquanto lutava para estabilizar-se e afastá-lo o suficiente para que não pudesse agarrá-la outra vez.

Contemplou-o conturbada e ferida. Jonesy, com todas as suas brigas, nunca tinha posto uma mão em cima dela, nunca havia se tornado ameaçador.

—Ultrapassou a linha, Jonesy. Não quer me tocar outra vez.

Os lábios dele se curvaram furiosamente quando fez uma pausa, e seu olhar se estreitou sobre ela.

—Alguém tem que mantê-la em seu maldito lugar. Tornou-se uma desgraça para seu pai, e estarei maldito se permitir que isto continue por mais tempo.

Ele se aproximou dela outra vez. Rogue sentiu que seu coração acelerava, um formigamento de medo a atravessou quando vislumbrou a raiva pura que parecia lhe transformar a cara. Ela retrocedeu de um salto, só para encontrar-se paralisada enquanto Jonesy repentinamente se afastava dela, e seu pesado corpo se chocava contra a parede depois que um murro foi plantado em sua mandíbula.

Zeke estava de pé diante dela, usando jeans, camisa branca e botas, sua expressão era gelada, seu olhar de falcão ardendo de fúria.

—Vá para o inferno! —A voz de Zeke ressoou com autoridade e com o puro poder



desenfreado—Agora.

Merda. Isto não era bom. Como diabos tinha conseguido que sua discussão com Jonesy terminasse nisto?

Se estes dois homens lutassem, terminaria em um banho de sangue.

—Jonesy, leva seu traseiro ao bar. —espetou ela quando Jonesy ficou lentamente de pé.

O olhar de Zeke se moveu para ela. Não havia comoção nem surpresa em seu rosto, nem fúria. Sua expressão não mostrava emoção, mas seus olhos ardiam.

—Entrou por trás? —Jonesy mofou— Aposto este bar que o fez.

—Não é dono deste bar para apostá-lo. — disse ela, tinha o coração na garganta nesse instante enquanto lutava para conseguir tirá-lo do escritório—Agora volte a trabalhar. E não se preocupe em voltar depois desta noite até que possa conseguir manter sua estupidez sob controle.

Ele a fulminou com um olhar cheio de animosidade.

—Minha estupidez é a menor de suas preocupações. —Isso soou como uma advertência— Mas, diabos sim, sairei de seu escritório. Se quer brincar de puta deste bastardo, então faça. Vejamos quem dá uma merda quando tudo acabar e for você a que estiver chorando com uma cerveja em vez dessas patéticas putinhas a quem consolou durante anos.

Ai!

Rogue ignorou o abrupto olhar penetrante de Zeke enquanto Jonesy endireitava, lançou a ambos um olhar furioso, e saiu furiosamente do escritório. A porta se fechou de repente atrás dele com bastante força para deixar Rogue estremecida.

Ela encarou Zeke. Dois dias. Não o tinha visto ou tido notícias dele em dois dias, e se encontrava em um ponto em que não queria o ver ou ter notícias dele.

Homens. Deixavam loucas suas mulheres por uma razão. Eram tão malditamente fechados de mente e seguros de si mesmos que a deixavam louca. Inclusive seu pai compartilhava essas qualidades até certo ponto.

—Você também pode partir neste momento. —disse a Zeke quando seus amplos ombros mudaram de posição sob a branca camisa.

—Sabe que isso não vai acontecer. —Sua voz era mais rouca do que recordava ou nunca o tinha visto zangado antes?

Rogue sabia que seu efeito nela não se desvaneceu. Seu coração estava leve no peito, o entusiasmo a enchia, e poderia jurar que quase o saboreava em sua boca outra vez. Selvagem, forte e completamente sexy. Desejava mais dele, e sabia que a última coisa que devia permitir-se era estender uma mão.

Mas se sentia dolorida por ele. Dolorida por seu beijo, seu toque. Dolorida por mais que umas pequenas sessões de quarto escondidas e pelo conhecimento, tal como Jonesy acusou, de que não seria nada mais que um pequeno entalhe no poste de sua cama.

—Uma briga por noite é suficiente. —Ela esfregou os braços, conhecedora de que tinha mais a enfrentar esta noite que unicamente essa imperiosa necessidade pelo toque de Zeke.

Ela nunca havia se sentido assustada com Jonesy em todo o longo tempo que o conhecia.



Tinham vociferado, gritado, jogaram-se coisas, mas nunca a tinha sacudido, nunca tinha deixado que sua cólera chegasse ao ponto de converter-se em uma ameaça, em vez de um amigo.

—Deixe-me ver seus braços. —Ele avançou.

Rogue recuou atrás de sua mesa.

—Meus braços estão bem.

—Seus braços estão fodidamente machucados. —grunhiu ele, sua expressão lívida agora —
Acredita que não vejo as contusões formando-se agora mesmo, Rogue? Acredita que tolerarei?

Rogue pressionou os lábios em um esforço para manter o controle. Estava meio tentada a morder a língua só para conter sua própria cólera.

—Acredito que é bastante simples. Isto não é algo de sua maldita conta. —E isso não era menos que a verdade. — Não é meu pai, nem meu irmão, nem meu amante, nem meu marido, assim suponho que está fora do departamento de explicações, verdade?

Que golpe do destino tinha decidido que este homem tinha que fasciná-la como nenhum outro o fazia? Seu beijo, seu toque tinha que atormentá-la, espreitá-la? Ela não queria isto, e sabia que ele tampouco. Ele o tinha demonstrado há dois dias quando a tinha largado sem um beijo de despedida, um abraço. Não havia nada que suavizasse a humilhação que a tinha tomado. Ainda a enchia.

Tê-lo aqui em seu escritório, vê-lo, estar perto dele era uma tortura. Ela tinha fantasiado durante tantos anos, sonhado com ele por tanto tempo. O conhecimento de não poder tê-lo, não totalmente, deslizava por sua alma como uma faca afiada.

—Engana-se. —disse ele, sua voz era rude—Vamos ser amantes, Rogue. Ambos sabemos.

Ela sacudiu a cabeça diante disso.

Deus, estava cansada desta luta interna. Ultimamente, parecia que suas emoções nunca estavam sob controle, e o culpava disto. Ele tinha tirado seu mundo de seu eixo e estava passando um mau momento tentando endireitá-lo.

—Acredito, Zeke, que nos converter em amantes seria a pior decisão que nós dois poderíamos tomar. Tem que dar a volta e partir. Retorna ao seu carro de pequeno e sofisticado xerife, e vá procurar uma de suas antigas amantes de armário ou quem quer que tenha pendente como substituição. Porque isto não vai funcionar.

Ela não se esconderia em um armário. Não poderia. Rogue sabia uma coisa, que ela não podia entrar em uma relação sem sentimento com este homem.

Os lábios dele se inclinaram quando ela o olhou. Meio sorriu, cheio de masculina confiança e certeza. Estava de pé diante dela, o epítome do varão alfa, e um estremecimento percorreu sua coluna quando ele a olhou. Não havia nada oculto, nada latente naquele olhar. Era puro poder masculino e intenção sexual.

Era dominante.

O rubor atravessou seu corpo quando ela retrocedeu. Distância, precisava de distância entre eles antes que pudesse avançar com aquele olhar.

—Realmente pensou que simplesmente deixaria você ir depois do outro dia? —perguntou ele, avançando sobre ela—Estava de joelhos, Rogue. Gozou quando eu gozei fiz em sua boca.



—E me empurrou diretamente à porta cinco segundos mais tarde. —recordou ela—Não só estava envergonhado que seu filho nos pegasse. Estava envergonhado de ser comigo, ponto.

—Não difundo minhas aventuras. —Sua expressão era tensa enquanto Rogue sentiu que lhe doía o peito.

—Então não tenha uma aventura comigo. —disse ela baixinho—Encontre outra, Zeke, porque não posso me permitir ter o coração partido.

Ela acreditou que ele prestaria atenção ao pedido. Uma parte dela estava segura de que ele daria a volta e sairia diretamente de seu escritório e de sua vida.

Nada poderia tê-la preparado para o rápido movimento, sua mão rodeou o pulso, puxando-a para ele um instante antes que a jogasse no ombro e saísse a passos longos do escritório.

Capítulo 10

—Perdeu o juízo? —Furiosa e indignada, Rogue bateu nas costas de Zeke enquanto ele saía a passos largos de seu escritório e girava para a escada que levava ao seu apartamento.

—Solte-me, bastardo! —Beliscou seu traseiro, algo totalmente ineficaz devido à grossura de seu jeans.

—Acalme-se, gatinha selvagem. —A ordem foi seguida por uma ardente palmada no traseiro, não uma autêntica carícia mas bem uma advertência, já que foi muito quente.

Rogue paralisou. Sentiu o calor propagar-se por seu traseiro, subir por sua coluna, retornar e chegar a lugares que não queria considerar. Não enquanto se sentisse tão furiosa como estava. Não na situação em que se encontrava nesse momento.

—Isto é uma loucura —chiou ela— Maldito seja Zeke, solte-me neste instante.

Um musculoso braço a manteve em seu lugar enquanto ele chegava ao patamar e de um empurrão abria a porta do apartamento.

—Precisa de uma surra.—resmungou ele—Deixar sem trancar a porta de seu apartamento é perigoso, Rogue.

—Tão perigoso como me dedicar um pouco de seu tempo? —Ela lutou com seu cabelo. Lutou com a resposta que ardia no estômago. Uma resposta que não queria sentir.

—Tão perigoso para colocá-la de joelhos e fazer chupar meu pau. —A porta se fechou de repente atrás dele enquanto falava.

Um segundo mais tarde ela ricocheteava contra o sofá e lutava com seu cabelo durante preciosos segundos, antes de ficar de novo de pé, equilibrar-se sobre os altos saltos e balançar seu braço para trás enquanto apertava o punho e liberava cada grama de força que possuía para o rosto de Zeke.

Rogue nunca tinha batido em ninguém deliberadamente. Era uma pacifista confessa, a não ser que a encurralassem em um canto. E podia sentir o canto contra suas costas nesse momento.

Os dedos dele capturaram o pulso um segundo antes que ela pudesse fazer contato.



Zeke contemplou seu pequeno punho e sentiu uma fome voraz arder dentro dele. Ela era sua fraqueza e não entendia a razão. Ela tentava a escuridão. Tentava fomes das quais ele não queria confessar-se culpado.

Afastando a vista, capturou seu olhar com o dele, observando-a, vendo a dor e a cólera que obscurecia os olhos de Rogue.

—Não devia deixá-la ir no outro dia. —admitiu ele lutando para conter as necessidades que sabia deviam continuar cuidadosamente escondidas.

—É obvio que devia fazê-lo. —O desdém e a cólera encheram sua voz—Esse foi o maior favor que poderia me ter feito.

Embora soubesse que deveria, não a soltou quando ela puxou seu pulso. Ficou olhando com atenção seu pequeno rosto furioso e viu a dor que ela tentava esconder. Dor que ele tinha causado.

—Deixe de lutar comigo Rogue. —Agarrou o outro pulso quando golpeou seu peito tentando conseguir sua liberdade.

—Acalme-se, falaremos disto.

Deus, necessitava que ela se acalmasse. Agora, antes que ele perdesse por completo o controle.

—Há algo do que falar? —os olhos dela se estreitaram sobre ele, o desafio brilhando nesses olhos violetas— Sinto Zeke, mas suponho que não tenho muito a dizer.

Lutou com ele outra vez. Não era uma luta pouco entusiasta; a pequena descarada se esforçava seriamente em se soltar. E quanto mais forte lutava ela, mais duro ficava ele. Podia sentir a bruma da luxúria queimando as bordas de sua visão. Não havia sentido isso durante anos, não desde que deixou Los Angeles e começou a negar esses impulsos, e se negou a permitir-se amantes que soubessem ativar esses botões. Embora nunca tivesse uma mulher tão inocente, tão ignorante como Rogue despertando esse núcleo de sexualidade que ele possuía.

—Rogue, basta. —Ouvir como sua própria voz se fazia mais profunda e sentiu que seu membro endurecia dolorosamente, palpitando sob o confinamento de seu jeans, enquanto suas bolas se elevavam violentamente.

—Desprezo você, xerife Mayes.—grunhiu ela se rebelando, fulminando-o com o olhar, com seus olhos, esses formosos olhos de sonho olhando-o com cólera e fome. Podia ver a fome; podia senti-la, apalpá-la.

Antes que ela pudesse fugir, Zeke teve os dois pulsos dela em uma mão e com a outra lhe segurava a mandíbula. Sabia que ia arder no inferno por isso. Estava indefeso contra isso. Seu controle era tão malditamente fraco que tudo o que podia fazer era tentar mantê-lo. Mas o sentimento de dominação que o estava invadindo, era outro tipo de controle. Um com o qual se deleitava, um com o qual sabia teria que lutar quando o deixasse surgir.

Só por um segundo, prometeu-se a si mesmo. Só por um momento. Não se permitiria chegar além. Evitaria tomá-la, impediria assustá-la, negaria-se a revelar todas as ações escuras que desejava cometer nesse pequeno e magnífico corpo.

—Eu em troca quero beijá-la.



Segurou os braços nas costas, arqueando-a mais perto, sentindo o ventre dela pressionar contra seu membro enquanto se retorcia contra ele acariciando sua excitação com mais força.

Merda, tinha que ficar quieta. Só por um momento.

Sustentou a mandíbula firmemente, contemplou seus lábios, sentiu que ela se arqueava contra ele e cedeu ante a necessidade que arranhava mente e corpo.

Zeke sabia que beijar Rogue outra vez era uma maldita má ideia. Tinha ido falar com ela, tentar encontrar um modo de tê-la e conter essa parte de si mesmo que agora estava livre.

Mas não havia nenhuma maneira de fazê-lo, admitiu finalmente para si. Quando seus lábios cobriram os dela, quando sentiu seu grito afogado e a apertou em seus braços, sabia que a ter significaria romper cada maldita regra que tinha regido sua vida durante anos.

Não tê-la não era uma opção. Não quando seu beijo era como combustível para o fogo. Não quando o toque dela era tão importante como respirar. Não quando o mesmo ato de possuir sua boca enviava uma onda de adrenalina através dele.

Nesse momento o desafio pairou no ar ao redor dele. Sua língua separou os lábios de Rogue, pressionando por mais, sentindo seu furioso grito. Mas também sentiu sua necessidade. Ela estremecia em seus braços apesar de sua resistência, lutando para não capitular, brigando não só contra ele, mas também contra o prazer que poderia dizer que não havia nenhuma forma de resistir.

O prazer era aditivo. Rogue conduziu seu beijo com desafio. Seus dentes teriam mordido sua língua se não tivesse controlado a grácil linha de sua mandíbula. Em vez disso, sua língua pressionou contra a dele, lutando com ela e sentiu uma onda de calor tão abrasador que fez cinzas ao restante da resistência que tinha construído contra sua necessidade. Ele queria que ela lutasse. Queria que o desafiasse. Queria amarrá-la a sua cama e passar horas fodendo-a até esgotá-la. Até que não houvesse nenhum desafio, até que só houvesse prazer.

Nem medo. Nem cólera.

Deus, tinha que controlar as rédeas. Só um pouco. Ela era virgem. Não tinha nem ideia do que ele poderia exigir.

Tinha que ser suave, tinha que assegurar-se de que ela recordasse esta noite com prazer. A necessidade disto era quase tão aguda como a necessidade de seu toque. Tão aguda como a necessidade de ouvi-la gritar seu nome.

—Maldito seja. — ela tentou gritar quando ele afastou os lábios e baixou o olhar aos seus lábios inchados—O que está tentando fazer comigo Zeke?

—Saboreá-la. —murmurou ele. Os lábios carnudos dela mantinham sua atenção quando ele permitiu que seu polegar percorresse sua curva inferior—Passei dois dias recordando o sabor de seu beijo, a sensação de seus lábios contra os meus, em como envolveram tão apertadamente meu membro. Não consegui o suficiente, Rogue. Preciso de mais.

Outro estremecimento atravessou o corpo dela. O tremor foi duro e contundente. Suas coxas relaxaram contra ele apesar da cólera nos olhos de Rogue e o rechaço que ele podia ver se formar em seus lábios.

—Me diga que parta outra vez e não voltarei. —advertiu ele severamente, seus lábios



descendo outra vez roçando os dela enquanto falava—Tudo é negociável, menos isso. Diga-me que parta e tudo terá acabado antes que comece.

Rogue respirava com dificuldade. As sombras da indecisão encheram seus olhos enquanto o olhava em resposta.

—Não faça isto se espera que eu aja como suas outras mulheres em público Zeke. Fingir que não somos íntimos, que não somos nada um para o outro. Não posso fazer isso. Não sou uma puta a quem está pagando e de quem pode se afastar antes que saia o sol.

Seria muito mais fácil se esse fosse o caso. Mas ele sabia bem que não era. Tinha sabido quando baixou o olhar para ela dois dias atrás, enquanto sua ereção enchia sua boca. Ela nunca esteve com um homem antes. Nunca tinha tomado sua liberação e nunca tinha conhecido o rechaço mordaz com que ele a tratou momentos mais tarde. Ou o remorso que apunhalou as vísceras como uma faca cada vez que pensava no quanto devia havê-la ferido.

Duvidava que ela tivesse confrontado alguma vez uma relação com um homem que exigia tanto de uma mulher como ele sabia que exigiria dela. Tanto que sua primeira esposa tinha rechaçado dormir com ele durante anos.

—Não tenho relações —disse ele—Não tive uma relação desde que retornei de Los Angeles, Rogue, por uma razão.

—Os falatórios? —mofou-se ela.

Ele riu disso.

—Nunca me importou uma merda o que outros pensassem. Preocupei-me mais em me assegurar de não me encontrar nunca preso em uma relação sem amor ou que nenhuma outra mulher jamais pagasse por meus pecados como fez minha esposa. Se ninguém sabia a quem estava fodendo ou pensavam que não importava a quem fodia, então elas estavam seguras.

Viu como ela piscava, esses formosos olhos violetas o olharam intensamente enquanto ele segurava suas mãos contra a parede.

—Está comprometido em uma investigação. —sussurrou ela— Joe e Jaime estavam metidos em algo, não é?

Ele não podia, nãoalaria disso. Não aqui. Ainda não. Em vez disso, sacudiu a cabeça.

—Não sei no que estavam metidos, Rogue. Mas ser cuidadoso é algo que sou. Protegê-la sempre será uma prioridade para mim. Terá que aceitar isto. Não há nenhuma outra opção.

Ela elevou o olhar para ele com os olhos abertos e os lábios separados.

—Eu faço minhas próprias escolhas.

—Não sou um amante fácil —disse ele brandamente então— Não sou o tipo de homem que olhará como sua mulher paquera e ri com outros homens, que permitirá que outros homens a toquem com algo próximo a intimidade ou com alguma aparência de cortesia. É uma moça, Rogue. Doce, coquete e cheia de vida.

—E sei bem como ser uma mulher —informou ferozmente—E conheço as regras do jogo, Zeke. Não me possuirá mais do que eu espero possuí-lo.

Zeke sentiu encolher o estômago, os músculos se apertaram com o olhar em seus olhos. A frustração e a cólera ardente enchiam seu olhar. Era uma mulher pronta para explodir em suas



mãos e de como ele a tocasse, de como ele a tratasse, ela decidiria se explodiria de prazer ou de raiva.

—Não haverá nenhum outro homem. —Zeke se inclinou mais perto, deixando-a sentir sua determinação e a excitação que o embargava.

Não podia permitir que ela sentisse suas mãos tremerem, não permitiria que ela sentisse a adrenalina e a ardente necessidade de seu interior. Tocá-la era como uma descarga de eletricidade ressoando por seu corpo, deixando em alerta máximo cada nervo.

—Não há nenhum outro homem agora. —contra-atacou ela—Não pode mudar quem ou o que sou. Tenho um bar. Falo, dou risada e danço. E você não mudará isso.

Já tinha suspeitado. Poderia aceitar? Poderia conter a possessividade que se elevava dentro dele como um afiado e dentado monstro à espera de destroçar todo homem que sequer pensasse em tocá-la?

Zeke afastou a vista pouco disposto a pinçar muito do que sabia, eram profundos e arraigados traços possessivos. O que era seu pertencimento unicamente a ele. E não era um homem que pudesse ou quisesse compartilhar à mulher que permitia entrar em cheio na sua vida.

E para ter Rogue, teria que permitir entrar por completo em sua vida. Não havia nenhuma outra solução. Uma parte dele, uma parte que apertava o peito e o deixava dolorido por ela durante as noites, advertiu que enchendo sua vida era exatamente onde queria que ela estivesse.

Esse era um problema que teria que abordar mais tarde. Era uma preocupação que havia roído sua mente durante muito mais tempo do que queria confessar. Era uma das preocupações que o tinham contido nos últimos anos e que o tinha impedido de tomar o que sabia que podia obter de Rogue.

—Tentei me manter afastado de você.

Tinha que provar sua pele. Zeke baixou a cabeça, seus lábios pressionaram a suave pele sob a mandíbula de Rogue, bem ali onde a carne era tão sensível e onde seu pulso golpeava irregularmente.

Ele lambeu a carne e a sentiu tremer. Seus dentes arranharam essa área, e ele precisou de mais. O sabor dela era incrível. O som da sua respiração entrecortada, a sensação dela derretendo-se em seus braços era viciante

Deus, necessitava-a. A necessidade era como uma febre que o devorava por dentro. Sofria por ela. Sua alma estava dolorida por algo que não sabia como chamar.

Retrocedendo, emoldurou-lhe o pescoço com a mão, não de modo ameaçador, mas possessivamente.

—Pertencerá a mim.

Os olhos de Rogue se arregalaram, seu coração pulsava louco. Ela nunca tinha visto essa expressão no rosto ou nos olhos de um homem.

Zeke a contemplava como se com apenas seu olhar pudesse marcá-la. A pele estava tensa sobre suas maçãs do rosto e a luxúria fazia que seus olhos cintilassem com uma intenção que a fazia lutar por ar.

Ela não devia ter esperanças, mas não podia evitar esperar que significasse algo mais para



ele que suas outras amantes. Como tinha se permitido acreditar nisso? Não estava ela entre as que se sentavam e escutavam várias dessas amantes passadas chorar por ele sobre suas cervejas? Seria ela a seguinte?

—Não quer dizer isto. —Rogue sacudiu a cabeça lentamente, ouvindo-o em sua voz, vendo a possessividade em seus olhos.

—Acredita que não quero dizer isso, Rogue?

Um calafrio desceu pela coluna de Rogue quando a mão de Zeke acariciou da garganta até a clavícula e a deixou tremendo em resposta. Uma resposta que era tanto física como emocional. Com os dedos e a palma, ele a tocou completamente sem que nenhuma polegada de sua mão deixasse de tocá-la.

Engolindo fortemente, sentiu que as sensações a percorriam. Sua voz acariciava os sentidos, a mão dele sobre sua pele, a sensibilizava, recordando o prazer de seu beijo, de seu toque. Recordando todas as fantasias, os sonhos que tinha tido com este homem.

A antecipação e o entusiasmo a fizeram tremer. Seu coração pulsava fora de controle, e ela inclusive chegou a esperar (embora sabia que era melhor não permitir-se esse assunto) que possivelmente ele sentiria carinho por ela, só um pouco. Que as emoções que se elevavam dentro dela cada vez que pensava nele, cada vez que o via, seriam retribuídas em pequena medida.

Não pôde evitar que sua cabeça caísse para a parede enquanto os dedos e a mão de Zeke deslizavam até a elevação de seus seios, revelando a renda violeta que aparecia por cima do profundo decote de seu colete.

—Couro e renda. —As palavras chiaram, raspam ao sair de sua garganta com uma excitação primitiva—Sabe o que isto faz a um homem?

Ela lambeu os lábios lentamente, desejando mais dele.

—Possivelmente só faz isso a você.

Ele negou com a cabeça, devagar seus dedos desabotoaram o primeiro botão do colete.

—Não só a mim, meu bem. Cada homem que a vê, a deseja. Vejo na cara deles, nos olhos. Essa renda aparecendo pelo couro. Isso faz um homem querer domá-la.

Desabotoou o segundo botão. Logo o terceiro. Segundo a segundo o apertado material do colete de couro foi solto até que as bordas ficaram abertas, a regata de renda foi revelada e outra parte de sua resistência desapareceu.

Não usava sutiã. Seus seios se incharam, seus mamilos endureceram sob o fixo olhar de Zeke enquanto afastava as bordas do colete.

—Última oportunidade —disse ele, com voz suave, rouca—Diga que me vá, Rogue. Se ficar, não imagina as coisas que exigirei de você.

—Talvez. —Ela engoliu fortemente enquanto lutava por ar— Possivelmente você deveria ser o único que deva tomar essa decisão, Zeke. Não sou uma menina. E nunca suponha que não sei o que quero.

Queria tudo dele. Queria essa segurança nos olhos dele, que essa fúria que se elevava dentro dela fosse controlada, saciada. Desejava que o fogo que se elevava em seu interior fosse apagado. Desejava experimentar a fome selvagem e a necessidade que vislumbrava nos olhos



dele.

A fome fluíu por ela quando os lábios dele pousaram nos seus, cobrindo-os. Sua língua a invadiu enquanto a deixava sem respiração. Nada a havia feito jamais mais consciente da agitação e fúria com que a enchia com esse beijo. A sensação de seus lábios acariciando os seus, o prazer derramando-se por seu corpo, precipitando-se por suas veias.

Com força, as palmas grossas cobriram seus seios; os seguros e conhecedores dedos roçaram seus mamilos. O prazer disparou das pontas sensíveis dispersando-se sobre cada terminação nervosa. Pareciam pequenas implosões, rajadas de sensações que a fizeram ofegar e arquear mais perto do calor de suas mãos. Isto era incrível. Oh Deus, quanto tempo tinha esperado por seu toque?

Ela elevou as mãos dos seus lados, esfregou-as entre os curtos fios de seu cabelo e tentou obrigá-lo a beijá-la mais profundo, mais duro. Suas línguas entrelaçadas, seus lábios combinados.

Era incrível. A rajada de adrenalina por suas veias, o calor que chamuscava sua carne. Isto era com o que ela sonhava durante as horas mais escuras da noite.

Uma onda de prazer explodiu de seus mamilos até seu clitóris, inchando o pequeno broto entre suas coxas e fazendo-o palpitar a um ritmo duro e quente. A transpiração umedeceu sua pele e ela jurou que podia sentir o toque dele sob sua pele.

—Não. —Agarrou sua cabeça quando seus lábios se separaram dos dela. Ia parar nesse momento? Bem quando ela podia sentir aumentar o crescendo de seu prazer por sua vagina, esquentando-o, fazendo fluir seus sucos entre as coxas?

Encontrou-se com as mãos presas de novo por uma das dele. A fez recuar contra a parede, sobre a cabeça. Enquanto ela forçava suas pestanas a abrir e olhar as escuras e tensas linhas de sua expressão.

—Maldição, é como dinamite. —A mão livre de Zeke deslizou até o estômago dela, para logo apoiá-la ali e acariciá-la, deslizando-a sob a regata quando ela ofegou mais forte, gemendo.

Os dedos endurecidos roçaram a pele, enviando ondas de sensações que se derramaram por ela. O prazer era quase violento. Era incrível. A forma que golpeava contra suas terminações nervosas fez que estremecesse, fazendo que se apertasse muito mais contra ele enquanto Zeke a segurava, as mãos presas e seu corpo pressionando-a contra a parede.

—Olhe seu rosto —sussurrou ele—Um dia destes tomarei um espelho para que possa ver como é bom.

Diante de um espelho? Ela ruborizou ante a ideia e Rogue não era uma pessoa propensa a isso. Exceto com Zeke.

Só pensar nele podia fazê-la ruborizar.

Seu olhar pousou onde a mão que cobria o seio sobre a regata, levantando-o, pressionando o montículo inchado até que este pareceu querer transbordar pela beira da renda.

—Quero seu mamilo em minha boca, Rogue.

Ela elevou o olhar de um puxão, alargando-o e aí mesmo perdeu o fôlego. Um grito afogado escapou de seus lábios e o gemido que saiu deles a impressionou.

—Deseja seu mamilo em minha boca, amor?



O duro tremor que correu por sua coluna a impressionou.

—Tenho que suplicar por isso? —perguntou ela, assombrada pelo abafado de sua voz— Caramba Zeke, dominante como foi comigo, bem agora começa a pedir permissão.

—Sabichona. —Seus lábios se curvaram no sorrisinho mais sexy, inclusive quando seus castanhos olhos dourados pareceram flamejar com fogo.

Um segundo mais tarde a taça de renda da regata foi empurrada sob seu peito e ele abaixou a cabeça. Os quentes e firmes lábios rodearam seu mamilo. Um prazer áspero e extasiado rodeou a ponta sensível quando ela puxou contra seu apertão.

Precisava tocá-lo. Estava desesperada para tocá-lo, por senti-lo. Por sentir mais que isto. Para sustentar a cabeça mais perto de seu peito e forçar seu palpitante mamilo mais fundo na boca de Zeke. Desejava senti-lo sugar mais forte, sentir que seus dentes a roçavam.

—Oh Deus. Zeke. —Ela o sentiu. Seus dentes raspavam a ponta sensível, enviando uma avalanche de sensações correndo por seu clitóris e as profundidades de sua vagina.

Seus músculos tiveram espasmos internos, apertaram-se e um sentido de vazio a dominou.

Tentou não olhá-lo. Olhar seus lábios puxando seu peito, sentir sua língua curvando-se ao redor da intumescida ponta, provocou sensações que ferroaram em seu útero como afiados e eróticos dentes enquanto o coração de Rogue palpitava fora de controle.

Mas ela ainda tinha controle. Assegurou a si mesma. Até que as pestanas dele se elevaram, logo dobrou os joelhos e pressionou entre as coxas de Rogue enquanto baixava o braço e empurrava os quadris para frente.

Oh Deus, tenha misericórdia. O couro suave deslizou sobre o tecido dos jeans dele, pressionando sua firme coxa contra a sensível e inchada carne de sua vagina até que montou sua coxa.

Era delicioso. Era o maior prazer que Rogue jamais tinha conhecido em sua vida, e estava desesperada por mais. Gemeu ante a necessidade, ante o prazer.

Desejava mantê-lo desesperado por ela, por sentir cada sensação, cada emoção caótica que passava através dela. Este era Zeke, e ela tinha esperado muito tempo e tinha sonhado durante mais tempo ainda.

—Deixe-me tocá-lo.—gemeu ela lutando contra o aperto que ele tinha em seus pulsos. Ele levantou a cabeça e seus lábios roçaram o vale entre seus seios. Afastou a regata de seu outro seio, beijando os arredores da inflamada ponta de seu mamilo e sem responder ou ceder ante sua súplica, introduziu-o na boca.

Não havia coisa semelhante ao controle nos braços de Zeke. Ali só havia isto. Faíscas de prazer a abrasaram, deixando-a tremente, úmida pela transpiração e estremecida quando a mão dele deslizou de seu estômago até a cintura baixa de suas calças.

O botão e o zíper foram abertos rápida e eficazmente. O tecido foi afastado enquanto ele deslizava sua coxa para trás e pressionava sua mão dentro.

Rogue congelou. Inclusive sua respiração pareceu entupir nos pulmões quando os dedos de Zeke avançaram pouco a pouco, mais e mais abaixo.

Estava escorregadia e úmida. Podia sentir isso contra o meio das pernas da tanga que estava



usando. Os inflamados lábios interiores estavam quentes e escorregadios, carentes de cachos e aguardando por seu toque.

Seus dedos fizeram uma pausa bem sobre seu clitóris. A cabeça de Zeke se elevou de seu seio com uma última lambida a seu hipersensível mamilo.

—É virgem?

A pergunta a impressionou. Isto rasgou por sua mente com todas as implicações da verdade, coisa que poderia causar que se separasse dela.

—Ah realmente, Zeke —repreendeu ela ofegante e fracamente—Sou proprietária de um bar e motoqueira. De verdade acredita que sou virgem?

Valentes últimas palavras. Ela quase soprou ante sua própria audácia ao mentir. Não era como se ele não fosse averiguar a verdade bastante logo se isto continuasse.

O agudo e pequeno beliscão em seus lábios e o olhar estreito foram uma advertência.

—Essa foi uma agradável e evasiva resposta.

Ela ofegou quando soltou seus pulsos, só para pegá-la nos braços e levá-la ao dormitório a grandes passos.

Em segundos estava ricocheteando na cama, afastando o cabelo quando este caiu sobre os olhos e sentindo as mãos de Zeke nos quadris, puxando suas calças sobre as coxas.

Não perdeu tempo. Claramente ele devia sentir que já tinha esbanjado o suficiente. Retirou os sapatos dos pés e jogou as calças no chão antes que ela pudesse protestar. Se é que teria pensado em protestar. Estava segura que não teria podido. Por que teria que protestar?

Estava olhando atentamente entre as coxas dela, sua expressão tensa, com um músculo fazendo um tic nervoso em sua mandíbula quando se endireitou e começou a desabotoar sua camisa rapidamente. Só seu olhar era suficiente para tirar o fôlego, suficiente para fazer que seu coração encolhesse e doesse com as emoções que a percorriam.

E isto era mais que uma rapidinha casual para ele também. Ela não tinha nem ideia do que o amanhã traria, mas no momento, isto significava algo para ele. A escura emoção sombreava seus olhos e um tormentoso desejo encheu o ar ao redor deles.

—Tire o colete. —ordenou ele.

Não havia nada de pedido em sua voz, era uma ordem, clara e simples.

Isto a fez tremer. O domínio em sua expressão, em sua voz, era selvagem e erótico e chamava a selvagem Rogue que tinha lutado para manter sob controle dentro dela durante tanto tempo.

Seus dedos caíram sobre o colete quando ela sentou. Este deslizou facilmente de seus ombros.

—A regata. —Sua blusa caiu no chão antes que ele sentasse na beira da cama para tirar as botas.

Rogue tirou a regata enquanto lutava contra o desconcertante sentimento de estar nua diante dele. Ninguém a havia visto nua desde que era uma menina. Mas agora Zeke a estava vendo.

Ele ficou em pé, suas mãos dirigindo-se ao cinturão que rodeava seus quadris,



desabotoando-o rapidamente, com segurança.

O botão e o zíper de seu jeans vieram depois. Logo os tirou junto com os cômodos e estreitos boxers que usava. O tecido deslizou por suas poderosas coxas e liberou o pesado comprimento de seu membro ante o ávido olhar de Rogue.

O teve em sua boca. Tinha provado sua liberação. Mas na verdade não tinha visto sua ereção até agora.

Duro, grosso, pesado. A ponta era escura, alargada e avermelhada com um excesso de luxúria. Uma pequena gota de líquido pré-seminal adornava a ponta.

Rogue lambeu os lábios, a lembrança do sabor de sua liberação paralisou seus sentidos.

Estirou-se para ele quando as mãos de Zeke aterrissaram sobre seus ombros. Um joelho pousou na cama, ele a empurrou de costas, impôs-se sobre ela e sua cabeça desceu para que seus lábios tomassem os dela tomando o beijo que desejava.

Seus lábios capturaram os dela, mantiveram-nos prisioneiros quando sua língua deslizou entre eles e os conquistaram. O beijo foi duro, erótico, tão sensual que o prazer disso caiu de repente sobre os sentidos de Rogue, acendendo a luxúria que já ardia fora de controle.

O toque do pelo de seu peito contra seus mamilos a fez arquear-se e lançar um grito. O prazer não deveria ser tão extremo. Não deveria estar cheio de semelhante maravilha e desespero.

Um joelho deslizou entre suas coxas, pressionando alto e firme até que ela esteve balançando seus clitoris contra o poderoso músculo de sua coxa. E isso era tão bom. Ardia. Era quente. Tanto prazer, tantas sensações, que ela se perguntou se sobreviveria ao inferno.

Tinha esperado tanto tempo por isso. Tantos anos. E agora estava ali, nua, jazendo sob o pesado e musculoso corpo de Zeke. Suas mãos tocando-o, as pontas de seus dedos agarrando-se sobre cada um dos flexíveis e duros bíceps enquanto seu beijo devastava os sentidos.

—Agora. —Ele se retirou baixando os olhos para ela. Seu olhar era duro, brilhante, de uma crua cor dourada quando a observou com predadora consciência—Agora, Rogue, prepare-se para ver o por que esperei. Por que tentei com tanta intensidade me afastar de você. Veremos como é valente.

Capítulo 11

Quanto valente teria que ser? Foi um pensamento longínquo que cruzou sua mente. Esteve ali por um segundo, e se esfumou no seguinte quando ele se separou dela e agachou até seu jeans.

Quando retornou jogou uma camisinha na mesinha de noite e no segundo seguinte ela viu o brilho das algemas antes que Zeke lhe pegasse os pulsos, levantasse, e os tivesse preso a um dos barrotes de ferro que contornavam a cabeceira de sua cama.

Os olhos de Rogue se dirigiram rapidamente até as algemas que rodeavam os pulsos, e logo



de volta a Zeke com surpresa. Não havia nenhum sorriso zombador em sua cara, só luxúria pura e dominante quando a olhou.

—Supõe-se que isto deve me assustar? —Ela fez tilintar as ataduras metálicas e permitiu que um sorriso se formasse em seus lábios —Ah, xerife, as fantasias que tive com você e estas algemas.

Não lhe devolveu o sorriso. As pontas de seus dedos percorreram o vale no meio de seus seios até o montículo de sua vagina, com o olhar acompanhou a trajetória que estes fizeram antes de voltar a olhá-la nos olhos.

—Assustá-la? —Perguntou ele—Não, Rogue, isto não deve assustá-la absolutamente. Nunca faria mal a você.

O tom na voz de Zeke fez que o palpitar de seu coração se acelerasse. Era mais escuro, mais áspero, como se a fome que brilhava em seus olhos fosse a ponta do iceberg de algo que ele possuía.

Não estava assustada, mas era precavida. Zeke não brincava, estava decidido, ferozmente controlado. O coração acelerava no peito enquanto a palma pousava em seu abdômen e os lábios baixavam até seu pescoço.

—Há uma razão do por que não quer que o toque? —Perguntou ela.

—Há. — confessou, com voz rouca—Quero que sinta cada toque, cada sensação. Não se preocupe com nada mais. Só sinta.

Seus dentes raspavam seu ombro. Ardente prazer acalorado saltou selvagem pelas terminações nervosas e a chamuscou com o calor.

—E se eu também quisesse tocá-lo? —ofegou ela.

—Mau, muito mau. —Suas mãos acariciaram os lados, pressionando as pontas dos dedos, sentindo-a.

—Nada de entrar no prazer mútuo, não é? —Ela inspirou abruptamente quando separou suas coxas, a cabeça alta, e cravando o olhar no dela.

—Entrarei em você, Rogue —disse ele então—E muito em breve, estarei tão dentro de você que não saberá onde termina você e começo eu.

Um grito escapou dos lábios de Rogue quando os dentes mordiscaram um mamilo, e logo seus lábios se fechassem sobre este. Ele não se deteve ali, mas sim se atrasou tempo suficiente para fazê-la se arquear e retorcer sob seu toque antes de dirigir-se ao outro seio, torturando-o de prazer, e alimentando com mais força a ardente excitação dentro dela.

Havia algo no toque de Zeke que lhe tirava o juízo. Ela nunca teria acreditado em outro homem o suficiente para restringi-la dessa forma, sabia que não o faria. Mas com Zeke o avanço da fantasia à realidade parecia tão natural. Era uma língua de chamas candente sobre seu corpo onde sua boca a tocava, mas era natural.

Era Zeke. Duro, intenso. O homem que não podia tirar da cabeça, e que a estava tocando.

Rogue escutou o gemido que escapou de seus próprios lábios e teria se surpreendido pelo desespero se fosse capaz de pensar com clareza. Não podia pensar, só podia sentir. Sentir o que estava fazendo. Sentir suas mãos estendendo-se por suas coxas, seus lábios viajando de seus seios ao longo de seu abdômen, a forma que suas mãos abriam as pernas e se colocava entre elas.



—Sonhei provando você aqui outra vez. —Seus lábios estavam agora sobre o osso de seu quadril. Um beijo, uma pequena dentada que a fez arquear-se e lançar um grito de prazer.

—Tão bonita. —O dorso de seus dedos deslizaram ao longo da carne inchada— Ruborizada e úmida. Está tão molhada para mim, Rogue.

Ela podia sentir seus sucos fluindo de sua vagina, cobrindo seus lábios interiores, atormentando-a com a necessidade de seu toque.

Um estremecimento em resposta atravessou o corpo com a primeira feroz lambida contra seu clitóris. Um grito selvagem saiu de seus lábios enquanto a sensação corria passando pelo diminuto nó de nervos e espasmos de prazer contraíam seu útero.

Seus pés afundaram no colchão, seus olhos se abriram, e ela perdeu a visão do que ele estava fazendo. Suave e meigamente, seus dedos separaram as dobras. Sua mandíbula ficou tensa por longos segundos antes que seus lábios se separassem e um sopro de ar golpeasse o ultra sensível broto de seu clitóris antes que sua língua acariciasse pelas escorregadias dobras.

Tremendo, ofegante, Rogue sentiu que um desprendimento de prazer começava a explodir por seu corpo. Tremeu em baixo dele, a antecipação e a fome se formando dentro dela enquanto lutava por aferrar-se a alguma parte de si mesma.

Ela perdia a si mesma com seu toque. Podia sentir. Cada célula de seu corpo se estendia para ele enquanto o coração de Rogue se abria, sua alma se derretia, e se sentia unida a ele.

—Maldição, tem sabor de caramelo. —grunhiu Zeke, a voz tensa, rouca—Tão safadamente doce que poderia me afogar em você.

Mas em vez disso a lambeu. Da pulsante abertura de sua vagina até a vibrante dureza de seu clitóris. Uma lenta, longa lambida enquanto olhava a deixou sem fôlego. Sua língua se abateu sobre o nó de nervos para logo flutuar ao redor deste, tamborilando, acariciando e fazendo-a voar em um torvelinho de completo erotismo.

O prazer era torrencial. Caía sobre ela, por ela, formando-se e elevando-se até que esteve inundada na sensação com cada lambida. Então seus lábios se apertaram enquanto cobriam seus clitóris para entregar um gentil e extasiado pequeno beijo que quase a enviou voando de puro arrebo.

Sensação atrás de sensação atravessou por seu corpo. Seu útero se contraiu, seu sexo se empapou nisso.

Ela queria fechar os olhos. Queria deleitar-se no prazer que a atravessava. Mas queria olhar. Queria olhar fixamente em seus olhos nesse momento, e ver como desfrutava dela, torturava-a, deixava-a estremecida, tão perto da liberação que podia sentir que isto queimava na borda de sua mente.

—Goze, amor —sussurrou ele— Goze para mim.

Seus lábios se fecharam sobre seu clitóris. Ele bebeu o pequeno broto em sua boca, sua língua acariciou ao redor dele, sobre ele, brincando e Rogue explodiu. Como uma catapulta, a sensação voou dentro dela, explodindo, vibrando por seu corpo com uma violência que a fez gritar seu nome enquanto se arqueava contra ele e sentia a miríade de sensações atravessando-a.

Êxtase. Era êxtase. Brilhantes luz na frente dos olhos e faíscas detonaram em uma explosão



atrás da outra através de seus sentidos. Sentia que ele a tocava, por dentro e por fora. Sabia que nunca seria a mesma depois da posse de Zeke.

E ele não parou ali.

Ela gritou seu nome outra vez quando a mão de Zeke deslizou sob seu traseiro, apertou, e a levantou até que sua língua pudesse inundar-se dentro dela. O impulso rápido, feroz a fez derreter, e logo explodir. Seus sentidos se rebelaram com o prazer esmagante. A transpiração corria sobre sua pele enquanto os dedos apertavam as barras de ferro em que suas mãos estavam algemadas.

Tremores rasgaram por seu corpo. O prazer era tortuoso, extremo. Ardia por cada terminação nervosa, enviando chamas que corriam através de sua carne, e a deixava mais selvagem do já esteve antes.

Ela queria mais.

Abrindo os olhos olhou fixamente Zeke quando este se levantou de entre suas coxas e seus dedos desenrolaram a camisinha sobre o rígido comprimento de seu membro.

Por um segundo, ela considerou contar que era sua primeira vez. Quase permitiu que as palavras saíssem de seus lábios. Mas as fez recuar. Não o queria suave e sensível. Desejava Zeke como nesse momento, elementar, faminto, que seu olhar refletisse a fúria que ela sentia também atravessando-a.

—Levante-se para mim. —Ainda apoiando-se sobre os joelhos, a mão de Zeke agarrou seu quadril, puxou suas coxas até que suas pernas lhe cobrissem os quadris e a pesada largura da ponta de seu membro pressionou contra as dobras sensíveis da vagina.

—Ah Deus —suspirou ela, sentindo o calor e a dureza através do látex enquanto a dura coroa pressionava contra ela, nela.

Ver Zeke, com os músculos tensos e avultados, com as mãos segurando seus quadris enquanto pressionava contra ela, roubou-lhe o fôlego, os sentidos.

Olhou-a como se nada importasse, exceto tomá-la, tocá-la. A sensação de sua ereção a estirando, pressionado mais fundo alimentou a selvagem necessidade que ardia dentro de Rogue. Ela estava mais perto. Necessitando mais.

Não o queria lento e acalmado. Queria estar grosseiramente debaixo dele, mas a segurava, a sustentava, observava e entrou um mero centímetro antes de recuar.

—O que está esperando? —Corcoveando contra Zeke, lutou contra as restrições em seus pulsos e o fulminou com o olhar.

Ele tentava matá-la. Tinha que ser isso. Estava torturando-a além do suportável.

Mas ele também estava sendo torturado. O suor caía em uma fina e úmida linha de um lado de seu pescoço quando ficou quieto, baixando a vista para ela, seus dourados olhos eram ferozes e decididos. O desespero se abatia em sua expressão, nas linhas de tensão de seu rosto enquanto a fome brilhava em seus olhos.

—Preciso de você. —sussurrou ela suplicante, pedindo mais. Se ele parasse agora, poderia suportar?

—Me diga que é minha —exigiu ele, sua voz era escura e baixa—Diga, Rogue. Admita. É



minha.

Ela sacudiu a cabeça. Não podia lhe pertencer, não sabia como pertencer a ninguém, e sabia que ele tampouco sabia como.

—Diga, Rogue. —Empurrou mais fundo, estirando a inexplorada malha, esquentando-a com sua força e dureza.

—Diga isso: Minha. —As palavras eram um grunhido, um grunhido de propriedade enquanto seu membro se enterrava mais fundo, separando sua carne e enviando uma forte e feroz sacudida de eletrizante prazer por ela.

—Possivelmente —ofegou ela desesperada—Podemos negociar. Prometo isso, negociaremos. Mais tarde.

Negociar? Oh, Deus, onde queria chegar com isso? Ela o olhou fixamente e poderia ter rido de sua expressão se a necessidade não apressasse com força e rapidez por suas veias.

Ela tinha conseguido surpreendê-lo. Gostou disso, amou. Ele podia ter vantagem sobre ela aqui na cama, mas ela ainda tinha a capacidade de afetá-lo.

Ela puxou as algemas outra vez. Se estivesse livre. Se pudesse tocá-lo, tentar o controle que parecia tão duro como o aço enquanto a carne mal afundava dentro dela.

—Negociar? —Perguntou ele com cuidado, seus olhos se estreitaram, suas mãos se firmaram sobre os quadris dela— Quer negociar se me pertence ou não, Rogue?

—Sim —prometeu ela ofegante, cabeceando, tentando empurrar contra seu aperto—Mais tarde.

Um sorriso curvou o canto dos lábios dele. Não era um sorriso relaxado.

—Oh, garota má. —seu sorrisinho era escuro, conhecedor—Vamos negociar primeiro.

Ele deslizou mais fundo, empurrando dentro dela lento e pausado até que a barreira de sua virgindade o fizesse parar outra vez.

O falso assombro lhe alargou os olhos quando ele sentiu o escudo de sua virgindade.

—Por que, Rogue, tinha que mentir?

Ela sacudiu a cabeça rapidamente. Não tinha mentido. Realmente não.

—Não pare, Zeke. Por favor não pare.

—Mentiu, amor. —Ele deu uma olhada para onde sua ereção estava sepultada não mais que uns centímetros dentro dela—E se eu quiser castigá-la por isso?

—Tecnismos. —ofegou ela, apertando-se ao redor da carne que mantinha cativa— Discutiremos mais tarde, maldito seja. Foda-me, Zeke, antes que morra por isso.

Ela corcoveou contra ele outra vez, seus quadris lutando contra sua sujeição o suficiente para quase liberar-se, sentindo uma dura punhalada na frágil barreira. Mas também sentiu o prazer. O suficiente para lhe roubar o fôlego, deixá-la ofegante e enroscada em seus braços, em uma tentativa de experimentar mais, saber onde levavam as sensações que a percorriam e ameaçavam tomar.

Com força, as calosas mãos sustentaram seus quadris ainda enquanto ele se movia contra ela. Lentamente. Seu membro deslizou para trás, logo retornou. Os lentos e suaves impulsos fizeram que a adrenalina bombeasse repetidamente por seu sistema e chamadas famintas ardessem



rodeando-a.

—Não basta. —gritou Rogue, suas mãos se aferravam às barras da cama —Não basta, Zeke. Por favor.

As lágrimas encheram seus olhos enquanto o suor umedecia seu corpo. Ela lutou contra sua sujeição, retorcendo-se, elevando-se contra ele, necessitada. Oh Deus, necessitava-o. Tanto.

Ele se retirou outra vez, ignorando seu tenso e sufocado grito. Fazendo uma pausa na entrada de sua vagina, ficou quieto por um momento, deixando-a mover-se sobre a ponta. Seus sucos cobriram a carne coberta com a camisinha enquanto ela baixava a vista para onde eles se uniam.

Ela empurrou mais perto, ofegou e gritou quando ele se sepultou mais fundo, e mais fundo enquanto seus quadris se inundavam e seu membro atravessava o último véu de sua inocência.

Rogue ficou quieta. Seus olhos voaram do rosto de Zeke para onde ele estava sepultado dentro dela. Ardente calor e líquido prazer pareciam envolvê-la. Sentia como se estivesse se afogando em contraditórias sensações quando olhou os duros e grosseiramente afiados traços da cara dele.

—Você disse —grunhiu ele—Minha. Nega-o, maldita seja.

Rogue sacudiu a cabeça. Não negaria. Não confirmaria. Ela desconhecia o que significava pertencer a alguém, e estava segura que ele não tinha ideia do que significava possuir uma parte dela.

Ele poderia ter isto. Era delicioso. Era desesperador. Era verdadeiro. Esta necessidade, esta fome ardente, cada parte disto. Era o que ela entendia.

—Maldita seja. —blasfemou outra vez, retirando-se e sepultando-se totalmente dentro dela em um duro e longo golpe.

Sepultou-se com todo seu ser. Rogue sentiu uma rajada de emoção que não tinha sentido enquanto ele se movia sobre ela. As algemas desapareceram de suas mãos e ela estava tocando-o, abraçando-o.

Aferrou os braços nos ombros de Zeke, envolvendo as pernas ao redor de seus quadris, sua cabeça caiu para trás e um leve grito deixou seus lábios. Ele se moveu com força e rapidez dentro dela. Uma vez partida a barreira de sua virgindade, não relaxou o ritmo, não se deteve.

Os dedos de Zeke se enredaram em seu cabelo, voltaram-lhe a cabeça, e seus lábios pousaram na coluna de seu pescoço. Os fortes e ferozes beijos, o roçar de seus dentes, uma dentada e o rápido e duro impulso dentro dela eram os catalisadores. A explosão quando chegou a destruiu. Ela sentiu partes de seu corpo se dissolvendo, ardendo, transformados em cinzas. Não podia gritar, e mal podia respirar.

Os olhos totalmente abertos, olhando sem expressão o teto quando um acalorado beijo foi pressionado contra seu pescoço, e se sentiu em plena queda livre. Estava perdida nas sensações ardendo ao redor dela, dentro dela. Estava perdida em Zeke, e estava muito, muito temerosa que na verdade pudesse lhe pertencer de formas que poderiam chegar a ser aterradoras para ela depois.

—Ah Deus! —Uma áspera exclamação deixou os lábios dele, seus impulsos se fizeram mais



duros, levando a liberação de Rogue mais alto até que o sentiu tremer. Sentiu que o beijo em seu pescoço se tornava mais feroz, mais apaixonado. Marcando-a. Ele a tinha marcado. Outra vez.

Rogue apertou seu abraço sobre ele, mantendo-o junto dela enquanto se esticava com os estremecimentos finais de sua própria liberação, e o esgotamento começou a reclamá-la.

As pernas dela deslizaram sobre a cama, mas seus braços permaneceram ao redor de seu pescoço. Ela não queria soltá-lo. Não queria perdê-lo esta noite.

—Não vá ainda — sussurrou ela, arrastando as palavras pelo esforço e o prazer— Ainda não.

—Ainda não — concordou ele, seus lábios acariciando o ouvido— Nem tão cedo.

Ela quis gemer quando ele se retirou. Em troca, afrouxou seu abraço e o deixou mover-se, vendo como se levantava da cama e se dirigia ao banheiro.

Ficou surpreendida quando ouviu a ducha e decepcionada durante os poucos segundos antes que ele voltasse para o dormitório.

—Vamos, menina travessa. —Elevou-a nos braços antes que ela pudesse protestar e a levou ao banheiro— Tomaremos uma ducha e veremos se não me deixará dormir uns minutos esta noite.

Ela se abraçou contra seu peito em vez de protestar que ele seria o único a mantê-la acordada. Não queria protestar por isso, amava isto. Ansiava. Perguntou-se se alguma vez teria o bastante.

Zeke tinha o pressentimento que nunca teria o bastante do pequeno demônio de cabelo chamejante que levava para a ducha.

Colocando-a de pé, enfiou-a no box antes de fechar a porta e permitir que a água caísse sobre eles.

Levantou o olhar para ele, sua expressão era sonolenta, e ele juraria que o peito esticou em resposta.

Quando o afetou uma mulher como esta fazia? Nunca tinha tomado banho antes com nenhuma mulher. Nunca tinha ensaboado uma esponja e limpado o corpo de outra mulher como lavava o de Rogue. E ela nunca tinha sido atendida desta maneira.

Era virgem. Intacta. Inexplorada. Sem moldar. Seu corpo, agora, encaixaria só com o dele, sempre recordaria seu toque, sempre saberia quem tinha sido o primeiro.

Maldição, o orgulho crescia tão forte e denso dentro dele como seu membro inchava entre as coxas. Ela tinha esperado.

Não quis se enganar acreditando que tinha esperado por ele, ali jazia o desastre. Ali jazia uma relação que poderia terminar por destruir o equilíbrio que tinha encontrado em sua vida.

Conter-se com ela não tinha sido fácil. Tinha liberado tanto domínio dentro dele que agora poderia ser gentil com ela, suave. Mas não era suficiente. Queria muito mais. Queria-a tão selvagem que não soubesse nem seu próprio nome. Ele queria que gritasse por ele. Queria que ela jurasse que pertencia a ele, e só a ele.

E uma vez que o fizesse, perguntou-se ele, então o que? Poderia entregar-se a ela?

Enquanto observava as sensuais borbulhas de sabão deslizando pela linha de suas costas, até os pálidos e arredondados globos de seu traseiro, a pergunta zombou dele. Prometeu-se que



nunca entregaria sua alma a outra mulher. Havia-o feito com Elaina. Com o matrimônio tinha entregue a ela parte de si mesmo, sem ficar confortável no momento de soltar. E com o passar dos anos, tinha aprendido a lamentar essa decisão.

Não podia permitir que o arrependimento manchasse o que fosse que houvesse entre ele e Rogue. Ignorar suas próprias necessidades não funcionaria. Enquanto observava as borbulhas de sabão cobrir o traseiro de Rogue, apertou os dentes ante a necessidade que começava a embargá-lo outra vez.

Ele não podia deixá-la ir. Ainda não. E sabia que o que fosse que houvesse entre eles, não seria nada parecido ao que tinha experimentado com antigas amantes. Não deixaria a cama de Rogue quando a alvorada chegasse. Teria sorte se conseguisse chegar a tempo ao trabalho. Porque estava faminto. Porque esta necessidade que atendia suas vísceras o advertia que não conheceria uma medida de saciedade durante muitas horas.

Afastando o cabelo por cima do ombro, ele pousou seus lábios em seu pescoço, passou a esponja sobre o traseiro antes de pendurá-la na prateleira da ducha e capturar seus pulsos.

Ele escutou a pequena e entrecortada inspiração de ar, enquanto aplanava as mãos dela contra a parede da ducha e lhe abria as pernas com o pé.

—Desejo você outra vez. —Tinha que tê-la outra vez.

Dobrando os joelhos, agarrou seu membro, e o aproximou lentamente contra os inchados lábios de sua vagina, comprovando se estava preparada.

Teve que apertar os dentes para conter um grito de prazer. Merda, ela estava apertada, quente. Tão condenadamente boa.

Com lentos e suaves impulsos desta vez ele puxou dentro de Rogue até que o prendeu como um punho.

Sem a camisinha, o calor de sua vagina era eletrizante. Este crepitou ao redor de seu membro, causando que suas bolas se esticassem com a necessidade da liberação, e enviasse uma onda expansiva de prazer subindo e descendo por sua coluna.

Misericórdia. Estava matando-o de prazer. Movia-se contra ele, rodando os quadris, esfregando sua escorregadia e quente carne sobre sua ereção, levando-o mais fundo, e afastando-se dele, logo provocando-o para que empurrasse com força e profundo em seu interior.

Agarrando seus quadris, Zeke a manteve quieta, inundou-se dentro dela, e se perdeu. Não pôde se conter, não pôde tomá-la lento e suave, ainda não. Não antes que a fome que o rompia em pedaços fosse aliviada um pouco mais.

Necessitava-a rápido e duro, desesperada e gemendo.

—Zeke! —gritou ela, sua voz rouca, feroz. Ela se desfazia entre seus braços, apertando ao redor de seu membro, explodindo ao redor dele com uma força que o deixou atrasando sua própria liberação tempo suficiente para sair dela.

Com uma mão bombeou a dura carne até que seu sêmen se derramou sobre as costas dela. Enquanto a outra se deslizava do quadril até seus seios. Esfregou os mamilos, cobriu um seio, e baixou a cabeça até a parede da ducha em cima dela. Suas emoções estavam misturadas, intensas. Não podia lidar com elas, só podia deixá-las livres, deixar fluir com as mesmas sensações rasgadas



que sentia enquanto seu sêmen bombeava de seu membro.

—Merda. Deixa-me louco. —resmungou ele, tremendo ante o prazer que rasgava os frágeis laços de controle.

—Ainda não —disse Rogue, sua respiração era pesada, quase um ofego enquanto esfregava a cabeça contra seu queixo—. Dê-me um dia ou dois, então o deixarei louco.

Ele quase sorriu, porque tinha o pressentimento que isto definitivamente podia piorar. Podia converter-se em aditivo. Rogue era sua fraqueza, e o soube durante anos. Zeke não estava exatamente seguro sobre o que opinava em ter uma fraqueza. Mas sabia o que pensava em ter Rogue. E poderia ser a parte que realmente o preocupasse.

Capítulo 12

Rogue nunca tinha dormido com um homem. Diabos, nunca tinha dormido com ninguém, e não esperava cair adormecida depois que voltassem para a cama. Mas Zeke era inesgotável, como se fofocava que era com suas amantes. Como se a mesma natureza selvagem que a enchia também o fizesse nele, e a única maneira de Zeke para apagá-la fosse o sexo.

O qual estava bem para Rogue. Quando a tomou pela terceira vez, estava exausta e deslizou tranquilamente em seus braços para dormir, mas nunca imaginou que ainda estaria ali quando despertasse na manhã seguinte.

Não era uma garota de despertar ao amanhecer. O sol da manhã estava alto no céu, antes que a vigília tivesse começado a introduzir-se no quente e acolhedor sonho que estava desfrutando.

O travesseiro não era muito duro, nem muito suave. Evidentemente tinha feito de novo uma bola com as mantas na frente dela, algo para abraçar durante a noite, porque o braço estava apoiado em algo.

Algo que se moveu lenta e pausadamente. Algo que respirava. Não, não era a manta.

Lembranças da noite se precipitaram então nela, ruborizando seu rosto enquanto recordava como a tinha tomado Zeke sem desfalecer, e como ela tinha ido ao encontro de cada impulso. Por momentos tinha sido obrigada a morder a língua para reprimir os apelos por algo mais. Algo... algo mais.

Não é que não tivesse tido um orgasmo. Caramba, tinha tido. A satisfação definitivamente não tinha sido um problema. Mas havia uma inquietação subjacente que ainda não tinha conseguido compreender.

—Acorda, preguiçosa. —A voz de Zeke era áspera, ainda um pouco sonolenta.

—Ainda não é hora. —Quase sorriu—Não vou trabalhar até a noite.

Ele grunhiu diante disso.

—Bem, Janey ainda me olha feio e Alex está partindo o meu traseiro porque me pegou esperando por você na outra noite. Deveria surrá-la por isso, Rogue.



Ante a ameaça, as nádegas se apertaram. Certo, também tinha fantasiado com Zeke surrando-a mais de uma vez. Uma dessas pequenas surras eróticas que tinha lido uma vez ou duas vezes. Tinha um monte de fantasias com Zeke no meio.

—Ei, foi o único esperando. —Ela rodou sobre suas costas e o contemplou, o coração acelerou quando Zeke apoiou a cabeça na mão e permaneceu de lado, observando-a—Poderia ter me levado para casa se mostrasse algum interesse em fazê-lo.

Uma escura sobancelha marrom se arqueou.

—Ultimamente, estive mostrando um decidido interesse —assinalou—Inclusive meu filho conseguiu dar-se conta de meu interesse.

O rubor subiu ao rosto pela lembrança de como exatamente Shane sabia que seu pai estava interessado. Rodou sobre o estômago e enterrou a cara no travesseiro com a lembrança.

—Vá trabalhar. —balbuciou.

Ele riu entre dentes, a mão pousada em suas costas sob o lençol, os dedos massageando o quadril.

—Tome banho comigo. —Ela sentiu os lábios em seu ouvido, um terno beijo que recordou as dores que podia sentir nas suaves partes de seu corpo.

Entretanto, pensar em tomar banho com ele definitivamente despertou seu interesse. Assim como outras coisas. Sentiu-se umedecer, sentiu o clitóris despertando e formigando com o pensamento.

—Só tomar banho. —Mordiscou-lhe o ouvido antes que pudesse girar para ele—As outras atividades podem esperar até de noite.

Ela o contemplou, vendo a curvatura divertida em seus lábios, a calidez em seus olhos. Assim era sexy, brincalhão e sedutor. O cabelo curto não era o suficientemente comprido para despenteá-lo de verdade, mas não estava tão perfeitamente arrumado como quando chegou ao seu escritório na noite anterior.

—Talvez não queira esperar até a noite. —Deixou a mão pousar em seu peito antes de permitir-se deslizá-la para baixo, acariciando na passagem o abdômen e descendo.

—Descarada. —Apanhou sua mão—Brincaremos depois. Esta manhã, temos que conversar.

—Sobre o que? —Estava mais interessada em explorar o corpo masculino, agora que o tinha em sua cama.

—De seu garçom.

Rogue ficou imóvel. O resistente tom de sua voz assegurou que esse momento de brincadeira não ia acontecer agora mesmo.

Evidentemente Zeke não estava mais contente com Jonesy, esta manhã, do que tinha estado na noite anterior.

—Eu cuidarei de Jonesy. —Disse ela tirando a importância—Estive tratando com ele há vários anos, Zeke. Não preciso de sua ajuda.

—Não perguntei se precisa de minha ajuda. —Respondeu com voz mais dura. —Digo que vamos discutir isto. A discussão consistirá em como de rápido o despedirá.

Rogue tirou o lençol de cima e rodou para a borda da cama antes de ficar em pé,



completamente nua, e ir irada até a cadeira onde estava sua roupa, do outro lado do quarto.

—Tome banho; eu preparei café. —disse Rogue, ignorando o aborrecimento interno, perigoso e selvagem que queria mostrar.

—O café não dissipará isto, Rogue —a advertiu—Seu garçom não foi só desrespeitoso ontem à noite, foi ameaçador.

—E você não sabe nada sobre ele. —giro enquanto fechava o robe bem apertado—Não vou despedir Jonesy, e o advirto disso, Zeke, não aceito ordens que valem uma merda, assim melhor parar agora mesmo.

Ele estava esparramado na cama como se tivesse dormido ali durante anos em vez de horas. Sempre tinha se perguntado como seria despertar ao lado de Zeke; não tinha esperado isto.

—A próxima vez que a ameaçar, possivelmente não viva para lamentar. —a advertiu enquanto se levantava da cama, nu e excitado, o membro sobressaindo orgulhoso de seu corpo.

Ante a visão daquilo lhe fez água na boca, umedeceu a vagina. Nenhum homem tão arrogante como Zeke deveria ter um aspecto tão malditamente bom enquanto estava irritando uma mulher.

—Me assegurarei que da próxima vez não esteja por aqui. —sorriu em resposta com uma mofa crispada— Sei como arrumar isso com Jonesy, Zeke. Não é algo que precise que se encarregue por mim.

Um cenho enrugou o rosto de Zeke, e inclusive isso o fez ter um aspecto condenadamente quente. Diabos, não deveria ter que tratar com um irado Zeke enquanto ainda estava recordando o toque de suas mãos e sua posse na noite anterior.

—Precisa que me encarregue de algo por você? —grunhiu ele.

Deixou cair o olhar e deixou que um sorriso provocador se formasse em seus lábios. Podia pensar em várias coisas das quais podia encarregar-se. O cenho de Zeke só se intensificou, os lábios uma linha firme, e dando a volta foi irado para o banheiro enquanto ela o olhava surpreendida.

Maldição, Zeke possivelmente estava zangado, pensou ela com assombro. Nunca tinha visto Zeke irritado. Tentou-a ir diretamente para o banheiro atrás dele e unir-se na ducha.

Infelizmente, por nunca ter visto Zeke irritado, conteve-se, cautelosa de pressioná-lo ainda mais. Houve um brilho de advertência nos olhos dele antes de se afastar. Um olhar que fez sua barriga saltar de excitação inclusive quando partiu pisando duro.

Ele tinha razão em uma coisa. Ia ter que tratar com Jonesy. O que aconteceu ontem à noite na realidade não a tinha assustado, mas a tinha preocupado. Jonesy estava inusitadamente zangado com ela. Não era seu estilo perder o gênio até esse nível por tão pouca coisa.

Sacudindo a cabeça, abandonou o dormitório e se dirigiu para a cozinha. Pôs uma jarra de café, pôs algumas bolachas dinamarquesas empacotadas que tinha comprado no armazém no dia anterior sobre a pequena mesa da cozinha.

Zeke tinha se obrigado a afastar-se dela. O mais longe que pôde chegar foi na ducha. Era isso ou empurrá-la contra a parede e estalar contra ela com toda a luxúria frustrada de seu interior.



Exceto que isso era a única coisa que ela parecia pensar que era capaz de fazer. Fodê-la. Filha da puta, podia sentir o carma mordendo seu traseiro.

Durante anos, não quis nada de suas amantes exceto sexo. Agora, era tudo o que podia fazer para guardar-se de pedir mais que isso a Rogue. Era uma situação que ia ter que resolver.

Daria aquilo a Rogue uma completa nova compreensão do homem que queria como amante? A única vez que tinha deixado livres as emoções e o controle, tinha tomado Elaine como tinha tomado Rogue ontem à noite, e ela tinha chorado durante horas. Depois, sentiu-se o homem mais baixo andando sobre a face da terra durante meses.

Não importava como tinha respondido o corpo dela. Não importava se tinha encontrado liberação no ato. Pelo menos não tinha importado. Estava furiosa por havê-la tratado como uma puta que tivesse comprado para passar a noite, e tinha quebrado seu coração com o ato.

A vergonha tinha sido como um demônio ardendo dentro dele. Deslizou em sua alma e o deixou esforçando-se por enterrar a fomes que o atormentava.

Nunca tinha permitido entregar-se ao impulso com ela de novo. Diabos, nem sequer tinha sido consciente de tão complexo tinha sido a respeito de sexo e relações até Rogue.

Mas, depois da morte de Elaine, prometeu a si mesmo que nunca mais se envolveria. Por sua culpa ela tinha morrido. Sua investigação tinha sido comprometida e teve o contragolpe sobre sua mulher. Ele tinha jurado não deixar que acontecesse de novo. E agora, estava fazendo justamente isso. Estava acontecendo outra vez.

Estava deixando outra mulher ficar sob sua pele e em seu coração.

Apoiando as mãos na parede, deixou que a água morna caísse em cascata sobre a cabeça e lutou contra a necessidade de voltar para esse maldito quarto e simplesmente tomá-la. Tirar esses gritos apaixonados dos lábios, sentir os frágeis músculos de sua vagina apertando ao redor de seu membro enquanto entrava nela. Possuí-la. Deus, queria tudo dela. Não só seu corpo, mas todas essas intensas emoções que ardiam em seus olhos. Morria por isso, mas conhecia o preço de tomá-los. Era um preço que não pensava que pudesse pagar outra vez.

A necessidade nunca tinha sido tão difícil de controlar. E sabia onde levava isto. Uma vez que liberasse seu controle para entregar-se a um impulso, outro o golpearia por dentro. Tomá-la contra a parede, selvagem e incontrolado, não era nada comparado com as coisas que queria fazer. As maneiras em que queria tomá-la. Maneiras que só as amantes com mais experiência e enfastiadas teriam aceito alguma vez.

Diabos, ele nunca antes tinha insistido em ter sexo com uma mulher. Simplesmente fodia toda a noite quando a necessidade ardia por dentro e afastava os desejos que tinha retido durante tanto tempo.

Nunca tinha se entregado por completo a uma amante, assim que esses desejos não o tinham atormentado por muito tempo.

Entretanto quanto de si mesmo tinha dado a Rogue? Porque pela primeira vez desde que tinha retornado ao Kentucky, essas necessidades deslizavam dentro como uma lâmina afiada. E para Zeke, isso era um território condenadamente incômodo e desconhecido. Não estava seguro se queria entregar a uma mulher muito de si mesmo. Conteve-se durante muito tempo. Refreou-



se a si mesmo durante muitos anos. Ao dar-se conta do muito que estava liberando, foi suficiente para enviar faíscas de sensação percorrendo a coluna.

Isto também tinha o poder de deixar o membro completamente ereto e pulsando. Estava mais duro do que esteve na noite anterior, tão malditamente ansioso para fodê-la de novo que mal podia obrigar-se a permanecer na ducha.

Deus, desejava-a. Aqui mesmo, agora mesmo. De qualquer maneira que pudesse tê-la. Queria-a em seus braços, queria sua calidez e desejava seu sabor, a paixão e a suavidade rodeando-o, desejava-a de tal modo que quase podia senti-la contra a pele.

Morria por ela.

Entretanto era tão malditamente jovem, e tão inocente. A inocência o estava matando. Essa escura luxúria interna estava pressionando, insistindo que trocasse a inocência em seus olhos por todo o conhecimento feminino do prazer que ele podia oferecer. Os extremos da paixão. As escuras linhas entre o prazer e a dor que podiam enchê-la de sensações que ela nem podia imaginar.

Não era exatamente BDSM⁶. O que necessitava não cruzava essas linhas. Era uma luxúria canalizada. Uma escura infusão de prazer extremo e uma fome rompendo o controle. Era ouvi-la gritando seu nome porque necessitava tanto gozar que estava se fazendo em pedaços pela tensão. Era observar seus olhos enquanto tomava, quando dava prazer a si mesmo, ou enquanto fodia esse doce e pequeno traseiro e a enchia com um prazer/dor que a deixasse gritando.

Era deixar atrás o controle e tomá-la contra a parede, em uma mesa, ou melhor ainda, em seu terraço do fundo enquanto a natureza os olhava. Era fazer todas as coisas com ela que nunca se permitiu fazer com uma mulher quando estava envolto em uma relação com elas. Era ser quem e o que era quando nunca permitiu a si mesmo fazê-lo com nenhuma outra mulher. E agora, afastar-se de Rogue ia ser impossível.

Apertando os dentes, pegou a esponja que tinha pendurado na prateleira interna, ensaboou-a e começou a tomar banho em vez de voltar-se louco com um problema que de momento não podia resolver.

Tinha o suficiente para manter-se ocupado; não precisava acrescentá-la a seus problemas. Tinha uma reunião com o juiz e com Alex no final da manhã, e seus próprios relatórios para preencher. Não precisava da dor de cabeça adicional de perguntar-se se sua amante era tão inocente para o sexo dominante pelo que corriam seus gostos.

Queria possuí-la. Esse era o problema. Possuir suas emoções, sua apaixonada resposta, e as ardentes profundidades de seu coração. E possuir essas partes de Rogue nunca seria fácil. Roubaria-lhe a alma.

E esse pensamento foi suficiente para deixá-lo trancado em meio de suas próprias emoções. Foi suficiente para assegurar que estava indo longe, talvez muito longe e que partir depois seria quase impossível.

Rogue estava tomando sua primeira xícara de café quando Zeke veio do quarto

⁶ BDSM: B e D: Bondage e Disciplina; D e S: Dominação e Submissão; S e M: Sadismo e Masoquismo.



completamente vestido com roupas limpas. A visão desse uniforme oficial ajustado ao seu corpo enviou um calafrio pela coluna. Não era só o efeito das roupas sobre seu duro corpo, mas o efeito que a expressão masculina tinha em seu interior. Fez que seu coração palpitasse, fez que sua carne se sentisse muito sensível.

Ela elevou a sobrancelha ao uniforme que usava.

—Veio preparado.

—Guardo um uniforme extra no Tahoe. Desci antes e o peguei. —Deu de ombros enquanto pegava uma xícara de café—Tenho que estar de serviço em uma hora. Trabalha no restaurante esta noite?

Ela negou com a cabeça.

—Estou dois dias livres do restaurante. Tenho algumas coisas para resolver aqui.

—Coisas como Jonesy? —pressionou ele.

Jonesy a preocupava, mas não diria a Zeke. Havia algo na atitude do outro homem na noite anterior que a advertiu que seu garçom estava perto de ultrapassar a linha. Queria Rogue longe de Zeke, e não podia compreender por que.

—Já disse, Zeke, Jonesy é assunto meu. —advertiu enquanto contemplava esse feroz e exigente olhar.

Ele a olhava em resposta como se pudesse obrigá-la a fazer o que queria com nada mais que seus olhos. E Rogue tinha que admitir, quase desejou poder dar-lhe. Mas conhecia Jonesy, amava-o como um irmão. Ele a ajudou quando Nadine Grace e Dayle Mackay tentaram destroçar sua vida.

Tinha-a ensinado como brigar; tinha ensinado como ser quem sempre tinha querido ser.

—Zeke, Mantenha o nariz fora de meus assuntos —advertiu enquanto seu olhar piscava com um brilho perigoso. Ela não duvidava que estava planejando enfrentar ao Jonesy ele mesmo—Sei como dirigir as coisas de modo sutil sozinha.

Rogue quase riu com a frustração e o quê de excitação em sua expressão. Seu ato de rebeldia o excitou. O encantou.

—Estou certo que sim. —Pareceu estar de acordo ele. De algum modo Rogue duvidava que estivesse tão de acordo como soava.

Zeke parecia muito zangado.

Rogue o observou com suspicácia.

—Coloque o nariz em meus assuntos e me zangarei. —advertiu a Zeke—Não sou muito agradável quando me zango, Zeke.

Ele soprou diante disso.

—Bem, sou o que suas vítimas vêm chorando. —recordou—Até agora, quantos tentativas de processo teve, este ano, por destroçar homens em seu bar?

Ela quase ruborizou. Era um pouco propensa a utilizar o joelho em vez da fria razão. Mas em sua defesa, a fria razão nem sempre funcionava quando um homem estava repleto de bebida e fanfarronice.

—Este ano nenhuma, caso queira saber. —Ela o fulminou com o olhar—E se suas mães os



tivessem ensinado como se comportar, então não teria que os surrar, ou sim?

Os lábios de Zeke quase se curvam em um sorriso. Ela podia vê-lo conter sua diversão, mas estava ali.

Teria se ofendido se ela mesma, frequentemente, não achasse divertido.

Zeke levantou a xícara até os lábios e bebeu o café; enquanto o baixava, o telefone a seu lado soou imperativamente. O olhar de Rogue virou bruscamente para o quadril dele, logo à coxa enquanto continha a respiração. Maldição, estava verdadeiramente excitado, e as calças de seu uniforme não faziam nada para ocultar.

Franzindo o cenho, Zeke tirou o telefone da capa no quadril, verificou o número, logo o abriu com um seco:

—Oi.

Algo ia errado. Rogue sentiu imediatamente que sua expressão endureceu, sem mostrar emoção alguma. Seu olhar se fez inexpressivo, distante e algo perigoso se mostrou fugazmente em seus olhos enquanto escutava o que estivessem dizendo.

—Assegure a cena, já estou a caminho. —ordenou.

O cenho se intensificou.

—Me importa uma merda o que pense, Gene —espetou—Assegure a fodida cena e tente não pô-la em perigo mais do que possa.

O perigo parecia irradiar dele. De algum modo seu corpo parecia agora mais duro, quase mais musculoso, definitivamente preparado para a ação.

Rogue observou como fechava o telefone, o olhar travado no seu enquanto sentia que o coração começava a acelerar em seu peito.

—O que está errado? —perguntou.

Foi para ela, olhando-a fixamente com esses duros e ferozes olhos marrons.

—É a avó Walker, Rogue —disse, a voz incrivelmente terna enquanto estendia a mão em volta dela— Lisa a encontrou esta manhã. Está morta.

* * *

Parecia que a avó Walker soube que sua neta saiu da casa para levar um recado, liberou-se de seu tanque de oxigênio, saiu da cama, e tentou tomar um banho. Aparentemente tinha escorregado enquanto tentava entrar na banheira, caiu e bateu a cabeça antes de afundar na água.

Zeke observava enquanto o juiz carregava o corpo dentro do veículo oficial e se afastava. Os forenses tinham polvilhado a casa, mas Zeke duvidava que encontrassem algo. Não havia nada que indicasse um crime, mas mesmo assim, ardia sua nuca.

Rogue estava com Lisa e Janey na pequena sala de Lisa, tentando consolá-la. Lisa tinha levado de novo os meninos ao seu pai essa manhã. Enquanto ela saiu, a avó tinha morrido.

Sacudiu a cabeça enquanto retornava ao interior da casa, em silêncio, vigilante enquanto Gene falava com a equipe de forenses que estavam recolhendo.



Seu ajudante não esteve de acordo com a participação da equipe forense, mas desta vez, tinha sido decisão de Alex. O lar dos Walker estava nos limites de Somerset e a avó Walker tinha sido uma amiga de Janey Mackay e do chefe Alex Jansen.

O detetive que Alex tinha enviado era bom. Robert Leeson não era nenhum tolo. Com o cabelo escuro e olhos suspicazes, era um maldito bom detetive. Já tinha falado com Lisa, recolhido a informação que precisava e prometido manter Zeke informado de qualquer coisa que encontrasse.

Rogue e Janey tinham levado Lisa para sua casa depois que o detetive a interrogou. Estava em choque, causando pena e confusa. A sua avó nem sequer gostava de banheira, tinha afirmado Lisa. Tomava banho.

Não podia imaginar como ou porquê a anciã teria decidido tentar tomar um banho. A avó Walker estava doente, mas não delirante ou incapaz de tomar uma decisão racional. A anciã era teimosa, mas não era estúpida. Então por que tinha decidido desconectar o oxigênio e tentar tomar um banho antes que sua neta voltasse?

Primeiro os gêmeos Walker e agora a avó. A nuca ardia horrores.

Zeke retornou ao pequeno quarto, olhou ao redor lentamente com os olhos entrecerrados e tentou compreender o fio de advertência que cravava suas vísceras.

Não havia evidência de crime, nada que sugerisse que se cometeu um assassinato, mais o fato era que o estômago de Zeke estava revoltado e lhe ardia a nuca.

—Zeke, estou indo a menos que necessite que fique mais tempo.

Zeke girou para ver Gene o observando com expressão sombria.

—Vá. —Assentiu Zeke— Já o alcançarei.

—Deixarei meu relatório sobre sua mesa antes que saia do turno. —Assentiu Gene— Que pena da velha senhora Walker. Era uma boa mulher.

—Sim, era. —Zeke suspirou enquanto girava e contemplava o quarto.

Diabos. Igual a Joe e Jaime, isto não tinha bom aspecto; não tinha boa pinta.

Atrás dele, Gene suspirou com força e perguntou:

—Sabia que Lisa tinha um seguro de vida de seus irmãos e de sua avó?

Zeke deu a volta lentamente.

—Onde ouviu isso?

—Ela contratou o seguro aqui, na cidade. —respondeu Gene—Na agência de Aubry Riley. Não é uma soma enorme, mas sobrarão dinheiro depois dos funerais.

—Quando se inteirou disto?

—Ontem de noite Aubry veio depois que saiu do escritório. Esteve me contando das apólices dos irmãos, e mencionou o da avó. Joe e Jaime contrataram suas apólices. Ficava o sobrevivente entre eles. No caso que ambos morreram, Lisa era a beneficiária. Também é a beneficiária no seguro que a avó contratou faz uns vinte anos, depois da morte de seu marido.

Zeke esfregou a nuca.

—Falarei com Lisa e veremos se está à par das apólices.

Teria Lisa matado seus irmãos e a avó pelo seguro? Zeke já tinha visto antes.



—Então estou indo.—disse Gene—Vejo você mais tarde, Zeke.

Zeke esfregou a mandíbula enquanto girava para o quarto e concentrou o olhar no tanque de oxigênio, os cabos pendurando tristemente sobre os travesseiros da cama.

Lisa não matou seus irmãos. Ela não matou sua avó. Zeke podia sentir, apesar da evidência das apólices de seguro e as tentativas de fazer parecer como se cada morte tivesse uma explicação.

Alguém tinha matado com tal perfeita precisão que nem sequer um rastro de intruso tinha sido deixado para trás.

Enquanto contemplava o quarto o celular no cinturão soou exigentemente.

—Xerife Mayes —respondeu.

—Xerife? —A voz de Lisa Walker veio da linha, tímida e rouca pelas lágrimas— Queria perguntar. A avó mencionou que ligaria para você ontem à noite; disse que possivelmente soubesse quem era a garota que Joe e Jaime estavam vendo. Perguntava-me se me diria quem era?

Clique. Agora sentiu. Como uma peça de quebra-cabeça encaixando em seu lugar.

—Não me ligou, Lisa —disse com calma—Não disse quem era a garota?

Lisa suspirou.

—Disse que queria falar com você primeiro, estar segura antes de dizer algo mais. Já sabe como era a avó com as intrigas.

Ela tinha odiado as intrigas. Ela não fofocava, e não duvidava em repreender a quem viesse a ela com conversa frívola. Desta vez, Zeke desejou que tivesse faltado a esses princípios.

—Não mencionou nada? —perguntou Zeke.

—Disse que Joe a tinha ido ver uns dias antes que fosse assassinado. Estava risonho, disse que ele e Jaime tinham um encontro no sábado à noite. A avó estava dando uma bronca por isso, e Joe disse que compartilhar o que amavam era melhor que brigar e que nenhum a tivesse. Era a primeira vez que ele alguma vez mencionou amor a respeito de uma mulher, disse ela. Quando perguntei quem era, disse que não deu o nome, mas que algo a fez suspeitar de quem poderia ser. Não quis me dizer o que lhe contou.

Ela não tinha tentado ligar, Zeke sabia, mas talvez teria ligado para o escritório.

—Sinto muito, xerife. —Suspirou Lisa—Deveria tê-la pressionado.

—Não se preocupe com isso, Lisa —disse— Entretanto, se puder, poderia trazer as apólices de seguros que tem de sua avó e irmãos ao meu escritório? Precisarei repassá-las para me assegurar que tudo está pronto de minha parte.

—Posso levar amanhã. —Não houve vacilação em sua voz ou em sua atitude—Preciso delas para me ocupar dos funerais. —Sua voz quebrou.

—Sim, precisa, Lisa. —Suspirou—Verei você amanhã quando estiver pronta. Ligue para mim e faça saber quando vem.

—Farei. Adeus xerife. —Ela desconectou e Zeke dobrou o telefone antes de colocá-lo na capa e ir para a porta da frente.

Lisa não matou sua família pelo seguro. Zeke teve um pressentimento que quem tivesse



matado Joe e Jaime o havia feito por causa da mulher que estavam compartilhando, e agora a avó tinha morrido porque suspeitava quem era. Agora Zeke tinha que descobrir quem era antes que morresse alguém mais.

Capítulo 13

Jonesy retornou para trás do comprido balcão de bebidas quando Rogue entrou no bar essa noite. Tinha um cenho gravado na cara quando a fulminou com o olhar, mas os olhos castanhos não estavam cheios de fúria. Ela deu graças a Deus por isso, porque não tinha nervos para tratar com outra de suas raivas. Ele nunca tinha sido rude com ela em todos os anos que o tinha conhecido, mas admitiu que a tinha assustado um pouco na noite anterior.

Fez-lhe um gesto com a cabeça, mas manteve o olhar frio antes de rodear a pista de dança e verificar os gorilas. Tinha passado a tarde ao telefone com seus pais e avós para fazê-los saber da morte da avó Walker.

Seu pai se entristeceu, mas Rogue sabia que ele não sentia pena pela mulher que tinha conhecido uma vez.

Agora se preocupava mais por ela e pela série de mortes Walker que por nada mais. Tinha rogado, subornado, e tinha ordenado que voltasse para Boston. Ela tinha declinado docemente. Pelo menos tão docemente como foi possível enquanto vociferavam e gritavam um para o outro por telefone.

Era assim como se dava bem com seu pai. Calvin Walker não era o mais diplomático dos homens. Tato não era uma palavra de seu vocabulário fora da sala de um tribunal. E Rogue admitiu, que era, em alguns dias, muito parecida com seu pai mais que a sua mãe bostoniana de voz suave.

Isso a tinha deixado no humor perfeito para arrumar um encontro com um amigo que tinha telefonado depois de sua discussão com seu pai.

Timothy Cranston não era realmente um amigo, corrigiu-se. Mas bem um adversário amistoso. Ele não parecia gostar de ninguém realmente, exceto Janey Mackay e Alex Jansen. Frequentemente parecia que só tolerava os outros. O suspenso agente da Segurança Nacional era um espinho no traseiro de todos os demais. Mas Rogue gostava dele. Era resmungão e mal-humorado e raramente parecia sorrir quando era apropriado. Quando sorria, tendia a causar que os outros estremecessem com cautela.

Rogue não estremecia; em privado, ria geralmente das reações dos outros. Até agora. Agora sentia um pequeno tremor de cautela ela mesma.

Fez sua ronda no bar, parou, falou e riu com os clientes. Bateu os quadris com o contável da Virginia, balançou-se ao redor do mecânico que trabalhava para Natches Mackay, e dirigiu um sorriso ao ajudante Gene Maynard quando ele levantou a mão saudando-a do bar.

Jonesy ainda estava franzindo o cenho, mas servia cerveja como se supunha que devia fazê-



lo e indo com seu negócio. Satisfeita com isso no momento, embora sabia que ia ter que discutir sobre a noite anterior com ele.

Exalando cansadamente ante o pensamento, vislumbrou o agente Cranston em uma mesa de trás, oculto em um canto longe das mesas de bilhar que estavam situadas na sala aberta atrás da pista de dança.

Estava balançando uma cerveja; não a bebia realmente. Sua expressão era composta, quase inocente. Deus, ela desejava poder aperfeiçoar essa expressão para si mesma. Tinha estado tentando durante anos e ainda não a tinha conseguido exatamente.

Possivelmente tinha algo a ver com o traje enrugado que não lhe sentava bem ou o fino cabelo que caía sobre a testa. Sabia que havia algo compassivo e perigoso espreitando em seus olhos. Algo que advertia uma pessoa que não cruzasse com ele e que ainda assim convidava a confiar. Era um homenzinho estranho, isso estava malditamente claro.

—Cranston, vai deixar-me nervosa se continuar espreitando pelos cantos do meu bar. — disse enquanto se movia ao outro lado da mesa e fazia gestos a uma das garçonetes para uma cerveja.

Ele sorriu agradavelmente.

—Vivo para deixar as pessoas nervosas. Evita que conpirem contra mim.

—Ah, esse é seu segredo. —Devolveu-lhe o sorriso— Então o que o faz acreditar que deve evitar que eu conpire contra você?

Ele grunhiu ante isso.

—Não pensaria isso nem por um momento. É muito honesta para conspirar, senhorita Walker. Chutaria minhas bolas até a garganta e riria da minha angústia se quisesse me golpear.

Sorriu-lhe com aprovação.

—Desfruto tanto de um homem inteligente, agente Cranston.

O sorriso dele foi mais suave desta vez, mais manipulador quando levantou a cerveja e tomou um gole antes de perguntar.

—Então, é o xerife Mayes tão inteligente?

Que pergunta tão interessante.

Rogue se recostou em seu assento enquanto a garçonete se aproximava e colocava a garrafa gelada de cerveja sobre a mesa diante dela. Continuou olhando ao agente enquanto sorvia sua própria bebida e se perguntava onde se originou a pergunta.

—O xerife Mayes é muito inteligente. —respondeu por fim— Pelo que entendo, é um mestre em assegurar-se de que as joias familiares estejam bem protegidas.

Um largo sorriso enrugou o rosto de Timothy.

—Oh, quão evasiva é sua resposta. Diga-me. —Inclinou a cabeça a um lado enquanto a olhava— É verdade que se deita com ele?

—É verdade que não é de sua conta? —Abriu os olhos de par em par e pareceu um pouco surpreendida de que tivesse permitido que as palavras passassem por seus lábios — Perdoe-me, agente Cranston, estou segura de que foi a puta em mim que falava. Tento contê-la tão frequentemente como é possível.



Ele inclinou sua cerveja para ela em reconhecimento dessa insinuação não muito sutil de que ele tinha cruzado a linha.

—Você é uma mulher forte. —disse e se recostou em seu assento, olhou-a atentamente— Ouvi que há apostas sobre se você será a primeira mulher que o xerife reclama publicamente depois da morte de sua esposa.

—E isso não é de sua conta tanto como se me deito ou não com ele —indicou ela— Por que não me diz que demônios quer, agente Cranston, e me deixa voltar para o trabalho?

Ele arqueou os lábios ante sua petição.

—Só sou um homem curioso, Rogue. —indicou finalmente— E um que se preocupa com os fios que supostamente são desconexos. Sabia que seus primos subministraram informação à Segurança Nacional na operação onde prendemos Nadine Grace e o pequeno grupo terrorista local de Dayle Mackay?

Rogue o olhou fixamente com surpresa.

—Não —disse fracamente— Não sabia.

Mas não deveria havê-la surpreendido. Os meninos poderiam ter sido preguiçosos e um pouco vagos, mas em tudo isso, tinham tido uma veia patriótica de um quilômetro de largura. Jaime e Joe tinham tentado se unir ao exército quando completaram dezoito anos, mas um defeito pulmonar que compartilhavam os manteve fora do serviço.

Cranston assentiu quando se inclinou para frente outra vez, apoiou os braços sobre a mesa e perguntou:

—Acredita que Joe matou Jaime e logo a si mesmo?

—Não há evidência que sugira outra coisa pelo que sei. —indicou ela.

—E nos dias posteriores às suas mortes, sua avó escorrega e cai tentando tomar um banho? —perguntou— É uma coincidência?

—Por que se importa? Bem, acredita que Joe e Jaime eram cidadãos honrados por ajudá-lo uma vez. Isso não explica por que sai de seu caminho agora, agente Cranston, ou o que o faz pensar que eu tenho informação que você poderia utilizar. Assim por que não vai ao ponto enquanto ainda tenho um pouco de paciência.

—O fato. —Suspirou— O fato é que agora estou preocupado. Possivelmente não apanhamos a todos os que trabalhavam com Dayle no ano passado. A organização que dissolvemos não tinha listas de nomes para nos guiar a seus membros. Estivemos atirando na escuridão para encurralá-los. Quero me assegurar de que todos os cabos foram atados.

Isso tinha mais sentido. Rogue tinha a sensação que o agente Cranston não era do tipo benévolo; tendo confirmado ao menos parte da suspeita que se elevava em seu interior, embora não tocou a tensão que lhe atava os ombros.

—Então, sou a pessoa equivocada a quem perguntar. —disse ela— O último que ouvi é que o xerife Mayes estava investigando esse caso, não eu.

O olhar de Cranston piscou enquanto outro sorriso ameaçou curvando seus lábios.

—Assim é. —Assentiu— Mas os homens gostam de compartilhar coisas na escuridão com suas amantes. E você estava relacionada com os gêmeos e sua avó. Esperava que pudesse me



dizer mais do que tem ele.

Ela se inclinou para frente, os olhos entrecerrados e o olhar centrado nele.

—Se deseja informação, agente Cranston, então vá à fonte. Nunca o vi como um homem que goste de andar sigilosamente; não comece esse jogo agora. E enquanto está nisso, cesse com as pequenas insinuações com respeito a suas suspeitas a respeito de minha relação com o xerife. Não é de sua conta, nem da de ninguém mais. Agora, se não tem mais pergunta para acrescentar, tenho um bar para atender.

Ficou de pé, girou e se deparou com um duro peito masculino que bloqueava o caminho.

Maldito fosse seu gênio. Os olhos dispararam um olhar aos zangados olhos marrons de Zeke enquanto este olhava por cima de sua cabeça ao agente. Se ela tivesse estado prestando mais atenção, possivelmente teria suspeitado que ele estava ali. Deu-se conta de que deveria ter estado ali pelo menos durante a última parte da conversa porque os olhos do agente se moviam rapidamente por cima de seu ombro enquanto Cranston lutava contra um sorriso.

—O que faz aqui? —empurrando-o para passar, tentou tranquilizar o ritmo de seu coração, tentou tranquilizar suas esperanças.

Como Cranston havia dito, Zeke nunca tinha reclamado publicamente uma mulher. Tinha vindo aqui por ela ou por mais informação?

O olhar de Zeke voou ao dela.

—Por que não deveria estar aqui?

Genial, estava em um dos seus humores reservados. Respondendo uma pergunta com outra pergunta, seu olhar fixo e duro, sua expressão afiada e selvagem. Ela teve a sensação que não estava ali para utilizar as algemas outra vez. Pelo menos, não da maneira que ela teria preferido. Adivinhou que isso respondia a pergunta de se estava ali para vê-la ou não.

—Então os deixarei para que passem um pouco de tempo com isso dos laços masculinos. — Sorriu-lhe forçada— Embora se não for inconveniente, antes de partir, eu gostaria de saber do que soube sobre a avó Walker. Se puder encontrar tempo para mim, claro.

Ele arqueou uma sobrancelha. Ela odiava a arrogância dessa mudança de expressão suave e conhecedora.

—Não vim falar com o pequeno duende raivoso. —disse, referindo-se ao apelido que os Mackay tinham dado ao agente. —Vim ver você.

Ela estava segura de que não tinha ocultado sua surpresa.

—De verdade? —Não pôde conter sua surpresa, tampouco— Por que?

O olhar quente de Zeke se moveu sobre seu rosto tocou-lhe os topos suaves dos seios que se elevavam por cima do sutiã que combinava com a fina blusa violeta de seda, uma saia de couro que quase mostrava muito, e botas negras de couro por cima do joelho.

O olhar nesses olhos fez que o calor alagasse as bochechas de Rogue. Por um segundo ela pôde sentir as algemas ao redor dos pulsos outra vez, as fortes mãos em suas coxas enquanto separava suas pernas e o toque da língua em seus clitóris.

Um calor úmido alagou seu sexo, o clitóris inchou e os mamilos pressionaram exigentemente contra a renda de seu sutiã.



—Adeus, Cranston. —A voz de Zeke foi mais profunda, mais áspera quando pousou a mão na parte baixa das costas de Rogue e se aproximou de seu lado— Saúde os Mackays de minha parte.

A mão nas costas a aguilhoou para que se movesse na frente dele. Surpreendida, insegura, Rogue se permitiu ser dirigida para a saída do bar antes de girar para ele com um cenho.

—Não posso sair, Zeke. —Não tinha passado bastante tempo ali. Durante os passados seis meses se desdobrou para trabalhar no restaurante para ajudar Janey e logo lutar para pôr suficientes horas no bar para mantê-lo em funcionamento sem problemas.

—Jonesy ainda está aqui. —grunhiu ele— Deixe um recado com um de seus gorilas de que o verificará mais tarde. Devemos falar.

Sua espinha dorsal formigou em advertência ante a frieza em seu tom. Jogando um olhar ao redor, vislumbrou Ronnie, um dos gorilas mais antigos e gesticulou para ele.

—Faça Jonesy saber que estarei fora um momento —disse a ele— Não sei quando retornarei, mas o quero em meu escritório amanhã ao meio-dia.

Ronnie assentiu com a escura cabeça rapidamente, embora os olhos cor avelã eram suspicazes quando olhou para Zeke.

—O farei saber, senhorita Walker.

Zeke segurou sua mão então, entrelaçou os dedos com os seus e a dirigiu para fora na noite. A sensação da mão de Zeke segurando a sua a fazia pensar em coisas nas quais não queria escavar muito profundamente. Sentia um laço de emoção apertando seu coração e uma frágil chama de ardente esperança dentro dela.

Tinha vindo ao bar por ela. Tinha-a tirado do bar enquanto cada maldito cliente no edifício os olhava.

—Pode ser arrogante, sabe. —disse enquanto o som oco dos saltos faziam clique contra o estacionamento pavimentado.

—De verdade? —arrastou as palavras— E eu aqui pensando que estava sendo assombrosamente considerado. Depois de tudo, não atirei você sobre meu ombro desta vez.

O estômago de Rogue se encolheu, os seios pareciam mais cheios, inchados e sensíveis ante a implicação em seu tom.

—É só que não posso fugir sempre que você tiver vontade de me tirar do bar, Zeke —não pôde evitar discutir—Eu interrompo seu dia desse modo?

—Só com regularidade —grunhiu ele enquanto vislumbrou a grande pick up vermelha que ele conduzia, estacionada no extremo do estacionamento.

—Em seus sonhos —replicou— Amanhã, vou aparecer em seu escritório, fecharei a porta e o interrompereei. Verá o que quero dizer.

—Verá como se parece minha escrivania contra suas costas nuas. —lhe disse, a voz mais áspera quando a girou e a apertou contra a caminhonete— Maldita seja, Rogue, saboreio você uma maldita vez e é como um fodido narcótico do qual não posso conseguir suficiente.

Baixou a cabeça, os lábios se chocaram contra os dela, separou-os e se fez lugar para que a língua passasse.



Abraçá-lo era tudo o que importava. Agarrou-lhe a cabeça com os dedos, moveu os lábios sob os dele, o coração pulsava desenfreadamente no peito.

O que acontecia com ele? O que o fazia desejá-la até o ponto de que nada importava exceto seu beijo, seu toque? Tinha sentido falta dele, desejava-o. Não se tinha dado conta de quanto necessitava o conforto de seu toque até que esteve ali, abraçando-a, as mãos em seu traseiro, levantando-a contra seu peito enquanto ela envolvia os braços ao redor de seu pescoço.

—Zeke —sussurrou seu nome, o desespero a arranhava enquanto ele movia os lábios ao pescoço.

Acariciaram-se enquanto a barba noturna raspava contra a carne sob sua mandíbula.

Os dentes de Zeke mordiscando-a, lambendo-a com a língua.

—Preciso de você. —Ela moveu a língua sobre sua orelha enquanto dobrava as pernas para agarrar suas coxas, a saia se levantou, seu sexo embalou a pesada impressão de seu membro sob os jeans.

—Maldita seja. —Ele embrenhou os dedos em seu cabelo, puxou e os dedos enviaram ardente sensações ao curvar-se sobre sua cabeleira quando atirou a cabeça para trás.

Seus lábios se encontraram com os dela outra vez. Seu beijo era faminto, devorador. Moldou-lhe os lábios e a língua os acariciou, empurrando contra a dela antes de retirar-se, só para voltar outra vez.

Foi um beijo faminto e desesperado. Foi um beijo que alimentou a esperança dentro dela, uma esperança que tinha sido tão frágil que se negou a reconhecê-la. Uma esperança de que esta necessidade que ele tinha por ela era mais que física. Que essa emoção o abastecia assim como a luxúria. Que ele cuidasse dela. Que a necessitaria do modo como o necessitava.

Admitir que estava se apaixonando por ele não foi fácil. Permitir-se reconhecer que já não tinha controle sobre essas emoções dava medo.

Quase tanto medo como dar-se conta que não tinha controle sobre sua resposta a ele. Estava se perdendo em seu toque, em seu beijo, em sua fome por ela. Perdia-se até o ponto que ele poderia tomá-la justo aí, sob as luzes que brilhavam acima, contra o metal morno de sua caminhonete, e ela não ofereceria nenhum protesto. Desfrutaria do prazer e o calor com que ele a enchia.

—Rouba-me a mente. —gemeu ele quando levantou os lábios. Ela tentou seguir, tentou reter a fome e a necessidade que podia sentir saindo dele.

—Não te dei permissão para parar —choramingou— Volta aqui.

Ela recebeu uma risada áspera em resposta, mas ele a equilibrou sobre seus pés antes de afastar-se dela.

Maldito seja. Ela queria mais que um de seus pequenos festivais de provocação.

—Vamos, entra. —Abriu a porta do lado do passageiro e a levantou ao assento antes que ela tentasse utilizar o estribo que havia na lateral inferior da cabine.

—Aonde vou? —Arqueou os lábios quando o olhou fixamente, assombrada uma vez mais de que de algum modo, alguma coisa estivesse se desenvolvendo entre eles. Não estava segura do que era, mas era algo.



Algo mais que sexo, mas possivelmente algo menos que emoção.

—Passear. —Ele se estirou, tocou-lhe a bochecha com as pontas dos dedos e acariciou a linha da mandíbula com o polegar— Devemos falar.

Retirou-se antes que ela pudesse replicar. Rogue colocou as pernas na caminhonete, então fechou a porta, tudo sem dizer outra palavra.

Rogue deixou sair o fôlego com força enquanto o via rodear a parte dianteira da caminhonete. O corpo duro, elegante desse modo predador, vestido com jeans, uma camisa escura de algodão e botas. Maldição, ele fazia sua boca encher de água. Fazia que seu coração desejasse.

Ele fazia dar-se conta de todos os sonhos que nunca tinha sabido que tinha. Sonhos de ser mais para ele que possivelmente só sua pequena companheira atual de travesseiro.

O qual era assombrosamente gracioso realmente. Não era como se ele a tivesse levado para comer um hambúrguer, muito menos a algo tão público como um encontro. Deus nos livre que ele fizesse algo tão juvenil na sua idade.

—Esse olhar em sua cara é aterrador. —disse ele quando abriu a porta e se sentou no assento do condutor antes de girar a cabeça para olhá-la fixamente enquanto colocava a chave no contato e arrancava o motor.

—Aterrador? —perguntou com um sorriso— Como define aterrador, xerife Mayes?

Ele grunhiu ante isso.

—Encanto feminino e puro cálculo a partes iguais. Vi esse mesmo olhar em sua cara antes que quebrasse o nariz de Bobby Joe Wingate no ano passado na feira local.

Tinha quebrado o nariz de Bobby Joe.

—Não houve provas de que eu quebrei seu nariz —o recordou— Ele enterrou a cara no cimento; eu não a pus ali.

—Não, embora foi seu bonito punho o que o chocou contra ali —riu entre dentes enquanto saía do estacionamento— Estava ali, recorda? Ouvi o rangido.

—E não me prendeu?

Bobby Joe Wingate gostava de incomodar e atormentar aos que eram muito mais jovens que ele. O jovem de vinte e três anos que tinha abandonado os estudos tinha escolhido uma menina de treze anos cujo pai tinha sido detido sob suspeita de terrorismo.

A menina não sabia a razão da detenção de seu pai até que Bobby Joe tivesse começado a soltar acusações contra ela e seu tio. Rogue bateu nele antes de pensar. E como Zeke dizia, ele tinha estado ali. Aproximou-se quando Bobby Joe golpeou o cimento, deu-lhe um puxão para levantá-lo e o afastou rapidamente da multidão antes que alguém acabasse morto. Provavelmente Bobby Joe, porque se tivesse tentado devolver o golpe a Rogue, os seis motoristas que estavam com ela teriam arrancado sua cabeça e utilizado seus intestinos para estrangulá-lo.

—O tio da garota me encontrou e me disse o que estava acontecendo —disse ele— Se você não o tivesse golpeado, eu o teria feito. Bato mais forte.

Rogue permitiu que um sorriso lhe curvasse os lábios ante isso. Sim, Zeke poderia bater mais forte. Ela tinha tido o prazer supremo de vê-lo uma vez ou duas quando o tinha chamado



para que fosse ao bar quando as coisas ficavam um pouco muito rudes durante os conflitos entre clientes e gorilas.

—Então me tirou esta noite para discutir sobre Bobby Joe Wingate?

Ele conduzia pela cidade, os olhos no tráfego enquanto se dirigia aos limites mastreados do povoado.

Fora da cidade. Ela olhou como as luzes da cidade desapareciam e os faróis da caminhonete seguiam a faixa negra da estrada que serpenteava pela montanha.

—Bobby Joe não está no alto de minha lista de temas de discussão —admitiu ele por último enquanto dava a luz de alerta e girava saindo da estrada principal para um caminho rural que se internava nas montanhas.

—Então o que há no alto de sua lista de prioridades? —perguntou ela, colocando a mão sobre o comprimento curto de sua saia enquanto conduziam ao profundo das montanhas.

—Você.

Isso efetivamente a calou, no momento.

* * *

Zeke estacionou a caminhonete em uma clareira junto ao lago vários minutos mais tarde. Os raios de uma lua cheia brilhavam através da água que lambia as pedras grandes que tinham sido postas ao longo da borda.

Ele olhou fixamente pelo para-brisa, muito consciente de Rogue sentada no assento do lado, muito consciente de todas as coisas que queria dela.

—Assim estou no alto de sua lista de prioridades esta noite, não é? —perguntou ela afinal— Tenho que admitir, Zeke, que estou um pouco surpreendida. Nunca antes fui sua prioridade.

Sua voz fazia coisas com ele. Era suave, melódica; era um fôlego do calor do verão e um aviso do som doce de seus gritos quando gozava a seu redor. Deixava-o fodidamente duro. O fazia querer fodê-la, ali mesmo, agora mesmo.

—É minha prioridade há mais tempo de que pode imaginar. —Continuou olhando a água, franzindo o cenho ante a verdade dessa declaração.

—De verdade? —A suspeita enchia sua voz— Maldição, asseguro que estive me enganando Zeke. Adivinho que todos esses rechaços foram só sua maneira de dar o passo?

Jogou-lhe uma olhada.

—Sabichona.

Mostrando esse malvado sorriso dela, ela se inclinou para trás, os longos cachos acobreados dourados caindo sobre o ombro e girou completamente para ele enquanto soltava o cinto de segurança.

Cruzou uma perna sobre a outra, essas condenadas botas eróticas que o deixavam louco com o pensamento delas envoltas ao redor de suas costas. O couro embalava os joelhos, roçava-lhe as pernas e envolvia os pés até os saltos de dez centímetros que atraíam seu olhar.



Saltos de dez centímetros. Saltos agulha.

A ponta da bota bateu no chão da caminhonete e a olhou, obviamente espectador. A parte que o preocupava era que ela não estava respondendo ao aborrecido nome com o qual a tinha chamado.

Olhava-o com esses estranhos olhos dela, um puro violeta, não exatamente azul, não exatamente púrpura. Olhos que ameaçavam hipnotizá-lo. Ameaçavam tirá-lo do controle e fazê-lo esquecer exatamente por que a havia trazido aqui.

Não era para desfrutar de como a luz da lua fazia parecer seus olhos mais violetas, ou como a pele resplandecia com o brilho dos raios. Demônios. Estava se tornando foddidamente poético. Filho da puta, queria fodê-la até que suas bolas se sentissem em chamas pela necessidade. Aquilo não era poético no mais mínimo.

Merda.

Estava se aproximando dela. Não foi consciente disso até que curvou a mão ao redor do pescoço.

Controle. Ele sempre tinha conhecido o controle, sempre soube sua própria identidade e como conter as necessidades, a fome que o tentava.

Até Rogue.

—Não quero ferir você. —Curvou a mão contra a nuca, as pontas dos dedos acariciaram a carne suave que encontrou ali.

—Me ferir? —Inclinou a cabeça, o pescoço se dobrou em seu agarre quando esse sorriso o tentou— Tem medo de partir meu coração, Zeke? —Havia uma insinuação de diversão em sua voz agora— Ou o seu?

A mão apertou sua nuca.

—Quero que deixe Somerset. —Sua voz foi mais dura do que tinha pensado, uma estranha e ardente ira se elevava dentro dele enquanto o olhava, serena, os lábios inclinados nesse sorriso zombador enquanto seus olhos brilhavam com ira.

—Quer que deixe Somerset. —Dobrou o pescoço sob seu agarre enquanto uma leve e zombadora risada abandonava seus lábios—Agora por que não me surpreende isso? O que está errado, Zeke, é que o xerife grande e mau não pode lidar com uma ereção metida em seu jeans pela puta da cidade? —inclinou-se mais perto— Ou é esse o problema? É só pela puta da cidade?

A fúria cintilou por ele.

—Chame-se assim outra vez, Rogue, e possivelmente te mostre exatamente por que continuo tentando protegê-la. Não quer me empurrar além desse limite.

O sorriso de Rogue foi tão velho quanto o próprio tempo, tão sábio como um puro pecado erótico.

Ele se sentou imóvel enquanto ela se movia. Quando ela deslizou sobre ele como seda de cetim, essas pernas de couro cavalgaram suas coxas e o calor úmido do vagina se assentou sobre o comprimento coberto de tecido jeans de seu torturado membro.

—Diria có-có-có, mas acredito que necessita um enfoque mais direto. —Respirou contra seus lábios— Não tenho medo, Xerife, porque sabe o que sei?



As mãos de Zeke se deslizaram aos quadris; os dedos apertaram a carne coberta de couro.

—O que pensa que sabe?

—Sei —cantarolou—, que o xerife grande e mau é todo palavreado e nada de ação. Xerife Mayes, é um galinha. Um covarde com uma grande ereção quando se trata de algo mais que uma transa rapidinha na escuridão. Não tem guelra suficiente para dar mais de si mesmo que isso, e ambos sabemos.

Capítulo 14

Um covarde com uma ereção!

Deslizou a mão por seu pescoço, logo entre seu cabelo. Fechou os dedos em punhos entre os cachos e a dominação dentro dele se libertou. Perdeu o controle, e pela primeira vez em sua vida não tentou recuperá-lo ou suavizá-lo.

Em vez disso, um duro sorriso puxou seus lábios.

—Recorda, Rogue, você lançou o desafio.

—Não era um desafio. É a verdade —carregou sem descanso— O que está errado, Zeke, teme não poder me domar tão facilmente como suas outras mulheres?

Ele esperava encarecidamente que não, porque maldita seja se o que queria era que estivesse domesticada.

Ela jogou a cabeça para trás quando ele puxou seu cabelo, um puxão firme que inclinou seu queixo e colocou os lábios na posição perfeita para seu beijo.

Lutar contra suas necessidades nunca tinha sido tão difícil.

—Domesticá-la não é o que tinha em mente —grunhiu, baixou a cabeça, com o corpo tenso enquanto lutava por não tomar o que desejava.

—Domesticar-me é impossível. —mordiscou seus lábios; rompeu seu controle.

Ele não podia lutar contra isso, a fome oculta durante tantos anos e a força de sua luxúria golpeavam em seu interior, balançando-o até o centro.

O sabor dos lábios sob os sua era imprescindível neste ponto. Suave seda encontrando-se com ele, fome com fome, Rogue se levantou contra ele, envolveu os braços ao redor do pescoço, cravou-lhe os dedos no crânio.

Isto era o que ele desejava.

Apertou a mão em seu cabelo para atirá-la mais atrás, seus sentidos desfrutando do seu gemido quando o beijo se tornou mais quente, mais selvagem.

Demônios, não havia transado em um carro desde que tinha dezesseis anos, mas o pensamento de não tocá-la durante o prazo de tempo que tomaria levá-la para casa, ou a seu apartamento, era aborrecível.

Acalmar a luxúria que trovejava nas veias era imprescindível.

Tocar tanto dela como fosse possível era um vício, um instinto que não podia negar-se



mais.

Subindo a saia pelos quadris, agarrou-lhe o traseiro com as mãos, moveu-a forçando-a a cavalgar a aresta dura de seu membro enquanto o pressionava contra a quente vagina.

Conhecia seu sabor. Conhecia o apertado agarre por ela ao redor de seu membro. Sabia que nunca teria o bastante.

Rogue apertou as coxas ao redor de Zeke, ouviu seu frágil grito quando ressoou a seu redor. Nada importava exceto o toque de Zeke.

Arqueando as costas, ela se apertou mais perto de seu corpo, sentiu como a ereção pressionava com mais força entre as coxas.

O sangue trovejava em suas veias enquanto esfregava o clitóris contra o membro coberto pelos jeans. O apertado nó de nervos estava terrivelmente sensível, irradiando sensações.

—Linda garota —grunhiu enquanto jogava os lábios para atrás antes de beliscar seus lábios— Linda e doce Rogue.

Rude, escura pela luxúria, sua voz acariciava os sentidos de Rogue e a fazia estremecer com as necessidades que cresciam em seu interior. As mãos de Zeke agarraram a carne nua de seu traseiro, guiou-lhe os movimentos enquanto ela se balançava sobre ele.

Necessitava mais. Necessitava-o dentro dela, estirando-a, enchendo-a.

—Paciência, benzinho. —cantorolou, os dentes arranhando seu pescoço enquanto ela ofegava em busca de fôlego.

Se não fizesse algo logo, se não aliviasse a angústia que se elevava em seu interior, então ia acabar gritando de necessidade.

Não estava acostumada a isto ainda. A fome e a necessidade. Não era familiar, era um relâmpago crepitando através da carne e golpeando no broto apertado de seus clitóris.

—Paciência não é meu nome. —gemeu ela, agarrou com as mãos as bordas da camisa de Zeke e puxou.

Os botões voaram, soltaram-se de repente das costuras e o tecido se separou, revelando os quentes planos de seu largo peito salpicado de pelo.

Isto era o que necessitava. Arqueando as costas, Rogue apertou as mãos no peito, sentindo como os músculos se esticavam, flexionavam-se.

Embebeu-se dele. O sabor dele nos lábios, seu corpo duro contra o seu, intoxicava mais que o uísque.

—Aqui, querida. —Sua voz a envolveu, outra carícia, um toque de som que a fez tremer quando as pontas dos dedos acariciaram a fenda de seu traseiro.

Oh Deus, como imaginava que ia se negar alguma vez a ele? Necessitava-o. Necessitava isto. A única maneira em que uma mulher jamais poderia ter este homem. Com seu corpo. Já se preocuparia com segurar o coração mais tarde, por agora, nada importava exceto seu toque.

Os dedos de Zeke agarraram as bochechas do seu traseiro, separou-as e um conjunto de sensações se arrastavam para a entrada proibida da parte inferior de seu corpo. Ela pôde sentir a nata saindo de seu sexo enquanto se retorcia contra ele, tentando pressionar-se mais perto da ereção.



—Preciso de você. —chorou ofegante, lutando quando as mãos de Zeke se afastaram do traseiro aos quadris — Agora, Zeke. Tome agora.

Uma risada malvada em voz baixa se encontrou com sua exigência e um segundo mais tarde sentiu a carícia da palma sobre seu traseiro antes que se levantasse, logo caiu com um pequeno açoite quente que enviou um ardente prazer a atravessá-la.

O clitóris pulsou, o vagina se apertou com necessidade.

—Mais. —demandou.

Queria senti-lo outra vez.

Zeke se esticou contra ela.

—Assim, meu bem? —A mão caiu outra vez, a ardência ardeu mais quente.

Rodou os quadris, as coxas se apertaram. Inclinando a cabeça para trás, ela lutou em busca de ar quando a mão aterrissou outra vez, logo outra mais, acariciou a queimadura que começava a florescer em seu traseiro.

—O que está me fazendo? —Não podia recuperar o fôlego; não podia lutar contra a luxúria que seguia construindo-se dentro dela. Não, não era só luxúria. Era algo mais profundo, um pouco mais quente.

—Tudo. —Enredou uma mão no cabelo para segurá-la no lugar enquanto baixava os lábios outra vez, roubando os seus.

Ele não pediu o beijo, o possuiu, como possuía sua resposta. A língua se deslizou dentro, acariciando a dela, empurrando entre os lábios enquanto levantava os quadris e pressionava a membro com mais força contra seu sexo. Rodou os quadris, empurrou. A língua acariciava e se afundava enquanto ele se movia, girou Rogue quando levantou seu próprio corpo e a baixou ao longo do assento, abateu-se sobre ela rodeando-a.

Era malvado e erótico. A luz da lua se derramava sobre a cabine da caminhonete enquanto ela sentia como lhe rasgava as calcinhas.

Um segundo depois o espartilho que usava sobre a blusa de seda caiu e soltou os botões da blusa. As bordas se abriram sobre os seios.

Rogue olhou para Zeke, respirava com dificuldade. A expressão de Zeke estava grosseiramente lavrada. A carne sobre os maçãs do rosto estava estirada tensa enquanto seu olhar abrangia a queda e ascensão dos seios.

Enquanto olhava os montículos com pontas duras, levou as mãos ao cinturão. Rogue engoliu com força quando o desabotoou, logo o fecho e o zíper.

—Não trouxe uma camisinha. —Fez uma careta e liberou o comprimento pesado de seu membro.

Ela olhou fixamente a carne de pesadas veias. A ponta estava escura e ruborizada, brilhante pela umidade quando a grande mão acariciou a carne ereta.

—Não precisa de uma camisinha. —Estava protegida. E o desejava desse modo. Queria-o nu e quente, íntimo.

—Isto é perigoso, meu bem. —Os olhos vagaram sobre ela de maneira possessiva para cair finalmente em suas pernas. Estavam abertas sobre as coxas quando se apoiou sobre um joelho



ante ela, apoiou o outro pé no chão da caminhonete— Não tomei uma mulher, até você, sem camisinha desde meu matrimônio.

Rogue lambeu os lábios nervosamente. Desde seu matrimônio. Não tinha estado deste modo com outra mulher.

O pensamento enviou uma onda de esperança, de possessividade por ela quando se prometeu que não permitiria que qualquer emoção arraigasse em seu interior.

—Isso está bem, não me importa ser a primeira. —Sorriu-lhe enquanto apertava as palmas contra o duro abdômen, logo as deslizou mais abaixo—Não fique nervoso, xerife, prometo que não doerá.

A risada surpreendida de Zeke a fez sorrir amplamente enquanto lutava para respirar através do prazer que se envolvia ao seu redor.

Embora o sorriso vacilou quando a mão cavou de repente a carne quente e escorregadia entre as coxas. Arqueou as costas. Tremeu quando as pontas dos dedos separaram as dobras inchadas e encontraram a entrada de seu sexo que se convulsionava.

—Maldição, está muito molhada —gemeu, um rubor cobria os maçãs do seu rosto.

Elétrica, destrutiva. A sensação rompeu por seu corpo, arqueou-se contra ele quando um dedo a penetrou, apertou dentro e acariciou a malha tenra que se flexionou ao redor do dedo.

—Oh Deus, Zeke, não me excite. —gritou, os quadris se retorciam contra a penetração.

Erótico, o calor ardente a consumiu.

—Não vou excitá-la.—cantorolou— Vou fodê-la, Rogue. É isso o que deseja, querida? Meu membro estirando essa doce vagina?

—Com certeza. —exalou ela com voz rouca— Deus, Zeke, está me matando.

Um sorriso apertado lhe curvou os lábios quando retirou o dedo, então voltou a apertar, duro e profundo enquanto a almofadinha da palma pressionava contra o clitóris.

Oh, demônios, ela ia desfazer-se. Podia sentir os estremecimentos atravessando-a, destruindo qualquer controle que teria pensado que tinha enquanto seus sucos se derramavam ao redor do dedo.

Ele se inclinou para trás outra vez, retirando-se completamente antes de retornar, desta vez com dois dedos. A sensação acrescentada a fez agarrar seu pulso enquanto o olhava, separou os lábios quando o prazer se encrespou dentro dela.

—Maldição, adoro olhar seu rosto enquanto a toco. —exalou ele, sua voz tensa— Está preparada para gozar para mim, coração?

Uns tremores de êxtase lhe percorreram a pele enquanto os dedos empurravam dentro dela, retorciam-se, acariciavam e enviavam relâmpagos de prazer que a atravessavam.

Doía, ardia.

—Por favor. —A cabeça golpeava contra o assento de couro— Zeke, por favor, não posso suportar.

Era muito; não era suficiente. A vagina apertava os dedos, seu clitóris pulsava. A sensação formava redemoinhos e golpeava com brutal prazer, e mais de seus sedosos sucos se derramaram sobre os dedos de Zeke enquanto seu peito se encolhia com as emoções que a rasgavam.



Ao olhá-lo nos olhos viu-o fazer uma careta, viu como seu olhar se tornava duro, sua expressão se retorcia com emoções que não podia decifrar. Mas viu prazer em seus olhos. Viu a luxúria desesperada e viu uma necessidade dolorosa que golpeou um acorde em resposta dentro dela.

Havia agitação em seus olhos, uma chama que não se apagaria. Sabia, porque ela a sentia em sua própria alma.

—Vai foder-me ou vai excitar-me até a morte, xerife? —ela arrastou as palavras ofegante, excitada enquanto acariciava a mão que segurava o caule grosso de sua ereção.

Arrastou os dedos mais abaixo, o polegar acariciou a cabeça ultrassensível do membro e sorriu quando se dobrou sob seu toque.

—Toque-se. —A voz de Zeke se endureceu— Acaricie seus clitóris. Quero senti-la gozando contra meus dedos.

As pálpebras de Rogue caíram sobre seus olhos quando a necessidade debilitadora e o prazer surgiram com força em seu interior.

Lembranças, recordou-se enquanto a outra mão se movia lentamente, tocando primeiro o estômago, logo arrastando-se para o sensível montículo da vagina.

—Sim. —exalou ele, sua voz raspando a garganta— Deixe-me olhá-la, Rogue. Mostre-me como se dá prazer quando pensa em mim.

—Tem certeza que penso em você? —perguntou um segundo antes de ficar sem fôlego.

Ele empurrou os dedos dentro dela, com força e profundamente quando os dedos dela roçaram o clitóris.

—Sei que pensa em mim —indicou duramente— Sei, Rogue, porque eu penso em você. Quando estou sozinho em minha cama me masturbando, é seu rosto que vejo, seu toque o que sinto.

O sexo de Rogue sofreu espasmos, o útero se apertou e a onda de sensações foi como um murro de prazer em seu sistema. As palavras explícitas eram mais sexys, mais eróticas do que jamais imaginou que seriam.

—Maldição, olhe que doce —cantarolou ele quando se acariciou no clitóris— Faz com que minha boca se encha de água para saborear sua doce vagina, Rogue. Me faz doer.

—Então toma-o. —O polegar acariciou a cabeça do membro quando sentiu uma pequena gota de umidade ali— Tome, Zeke. Não sabe que pertence a você?

Não podia ocultar-se dele. Não pôde deter as palavras. Pertencia-lhe. Como em seu coração, pertencia também a ela.

—Maldita seja. —colocou-se sobre ela, seu grande corpo ocultou a luz da lua.

Os lábios agarraram um apertado e duro mamilo entre eles e o chupou enquanto empurrava a cabeça de seu membro contra sua entrada. Uma mão agarrou seu quadril, a outra afastou os dedos antes de segurar seu pulso e levá-lo sobre a cabeça.

Segurou-lhe a mão contra o assento e empurrou a outra mão sob o traseiro, levantou-a e se introduziu com força.

O calor açoitou sua vagina. Um golpe de pura e carnal sensação ardeu por seu corpo



enquanto arqueava as costas e gritava seu nome.

Estirava-se para ele; prazer brutal golpeava suas terminações nervosas sob a carne que rodeava a carne grossa que ele tinha empurrado em seu interior.

Ele se retirou, deteve-se, a língua deu um golpezinho ao mamilo antes de empurrar dentro dela, empurrando mais profundo, estirando-a mais.

Rogue sentia os dedos de sua mão livre aderidos ao lado do assento, as unhas cravadas no couro enquanto envolvia as pernas ao redor das costas de Zeke e se levantava para aproximar-se mais. Desejava todo ele dentro dela. Queria retê-lo ali por toda a eternidade e nunca conhecer um momento em que não a enchesse.

Desejava-o justo assim, fora de controle, encrespando-se dentro dela duro e rápido, sua respiração tão quebrada e agitada quanto a sua. Era diferente do que tinha sido ontem a noite. Desta vez, era mais forte, a paixão e a fome correram mais profundamente, de forma mais imperativa que essa primeira vez.

Era o que ela necessitava. O que desejava. Mais áspero, mais duro, um homem tomando sua mulher. Fazendo-a sua.

—Agarre-se em mim —grunhiu ele, levantando a cabeça do seio, os olhos castanhos brilharam com fome desesperada e furiosa antes que a cabeça baixasse ao outro mamilo— Agarre-me, Rogue.

Os lábios cobriram o apertado bico, sugou-o e enviou pulsos de êxtase de prazer do mamilo aos clitoris e mais à frente. As chamas ardiavam através da carne; Rogue tinha o peito apertado, não só com o prazer, mas também com algo muito mais profundo, algo que atava suas emoções e lhe assegurava que não havia escapatória a esta necessidade por um homem que parecia quase arrependido de sua fome por ela.

—Agarre-me, Rogue. —Era uma ordem, não uma petição.

Agarrá-lo. Precisava agarrá-lo. Soltou-lhe o pulso quando ela afrouxou os dedos do assento. Envolveu ambos os braços ao redor dele enquanto ele deslizava uma mão sob seu traseiro, Zeke colocou os dedos na fenda para encontrar o ultrassensível pequeno pórtico que ocultava.

Rogue voava na sensação. A respiração se suspendeu, cada músculo tenso, apertado com prazer enquanto ele começava a fode-la com golpes profundos e duros.

Os dedos acariciaram sua entrada traseira. Levou para trás a umidade da vagina, roçou a abertura sensível e fez girar seus sentidos.

Os quadris de Zeke se moveram mais rápido, mais forte. Os dedos acariciaram, apertaram, acalmaram as terminações nervosas do traseiro e logo pressionaram em seu interior, abriu-a, estirou-a enquanto ela sentia que o mundo estalava e se dissolia a seu redor.

O orgasmo, quando golpeou, foi como um cataclismo. Atravessou-a, rasgou-a com a sensação e logo com a emoção quando ele gritou seu nome, enterrou a cara no pescoço e começou a ejacular, quente e violento dentro do punho apertado de seu corpo.

Sentia-o, o pulso e o batimento de sua ereção, o calor molhado de sua liberação, e o beijo feroz que ele depositou na curva do ombro.

Sentiu-o abraçá-la, sentiu-o rodeá-la, os braços apertados, os músculos tensos, sua ereção



dando puxões em seu interior.

Ele tinha perdido o controle. Ela o pressentiu, sentiu-o. Seu toque dominante e possessivo, o gemido débil de seu nome, a tensão violenta que irradiou por seu corpo quando derramou sua liberação. Não tinha sido assim na primeira vez. Não tinha sido selvagem e indomável, tinha estado concentrado e controlado.

Rogue decidiu que ela ia ter que fazer algo para romper seu controle um pouco mais frequentemente.

* * *

Zeke estacionou a caminhonete no estacionamento da parte posterior do bar e desligou o motor em silêncio. Era consciente de que Rogue o estava olhando, do cenho na testa e a tensão que tinha estado crescendo constantemente entre eles desde que ele tinha arrumado suas roupas mais cedo e partiram do lago.

Tinha-a levado ali para falar, não para foder. Mas era como uma droga; uma vez que a tocava, tinha que ter mais. Quanto mais a tinha, mais a queria. Era um círculo vicioso que ameaçava destruir sua mente.

—Quer me dizer por que age como um asno, Zeke? —perguntou finalmente com curiosidade— Ou tenho que adivinhar?

Ele quase sorriu. Maldita seja, não achava que fosse fazê-lo rir.

—O que adivinharia? —Jogou-lhe uma olhada, dando-se conta de que tinha verdadeira curiosidade por saber qual seria sua resposta.

Os cachos chamejantes e desordenados de cabelo caíram sobre o ombro enquanto os olhos violetas o repassavam lentamente. Ela esteve silenciosa, pensativa durante uns longos momentos.

—Um matrimônio muito ruim seria muito fácil. —Suspirou por último—É misterioso, reservado. Aposto que sua mulher não conhecia seu eu verdadeiro.

Ele não deveria haver-se surpreendido por sua perspicácia.

—Ela não quis conhecer meu verdadeiro eu. —disse finalmente com ironia— As mulheres desejam a fantasia, Rogue. É o que minha mulher desejava, é o que minhas amantes desejaram.

—Se disser que é o que desejo, então possivelmente tenha que bater em você, Zeke. —Estreitou os olhos sobre ele—Não esperei cinco anos para perder minha virgindade com você, para que possa me dar algum tipo de canção e uma dança a respeito de como não pode ser o que demônios acha que eu desejo. Assim guarde isso.

—Por que esperou cinco anos para perder sua virgindade comigo? —Tinha guardado essa questão em silêncio, mas agora, Zeke se encontrou com que necessitava a resposta — Podia ter qualquer amante que desejasse, Rogue. Por que esperar?

—Porque sou uma imbecil? —Olhou-o fixamente, os olhos cintilavam com uma luz trêmula de ira. —Por que esperou cinco anos para tomar minha virgindade, Zeke?

—Demônios, há uma questão. —Deu a cabeça um rápido puxão— Porque sabia que seria problemática no primeiro segundo que pus os olhos sobre você. Toda estirada e apropriada em



suas roupas de professora, seus bonitos lábios sérios, mas esses olhos. —Riu entre dentes— Dirigiu um olhar furtivo entre minhas pernas ali mesmo, em meio dessa condenada reunião da prefeitura.

Ela não o negou.

—Você tem uma boa aparência, xerife. —riu— Mas não responde minha pergunta.

—Assim como você não respondeu a minha. —indicou ele.

Ela deu de ombros ante isso e girou a cabeça durante um longo momento.

—Chame de instinto. —respondeu por fim, voltando-se para olhá-lo —Soube que você poderia me satisfazer. Sua vez.

Oh, havia mais. Ela pensava que estava apaixonada por ele. Zeke podia ver em seus olhos. Perguntou-se quanto tempo levaria para dar-se conta que esse amor não era mais que um engano cuidadosamente inventado.

Mas ela queria respostas e eram respostas que ele sabia que doeriam.

—É uma tentação —respondeu finalmente— Jovem, selvagem, doce. A fantasia de cada velho safado.

Ela pareceu estremecer-se.

—Oh, assim sou sua crise dos quarenta? Pergunto-me no que isso converte Janey para Alex. Está tão cheio de merda, Zeke.

Ele bufou.

—Alex não vem com a mesma bagagem que eu, Rogue —lhe disse, sacudindo a cabeça— É jovem e é inocente.

—E quer me amarrar e foder meu traseiro até que grite por misericórdia. —ela arrastou as palavras— Deseja-me com os olhos enfaixados, quer me surrar e me deseja louca para desejá-lo. Quer ser um porco comigo, xerife, e está aterrorizado de perder todo esse seu perfeito controle.

Ele estalou os dentes, apertou as mãos no volante e lutou por manter a visão desses atos fora de sua cabeça. Se não pensasse neles, não o atormentariam tanto.

Ela se inclinou mais perto.

—Quer ficar rude e selvagem comigo, Zeke. Deseja-o tanto como uma ânsia.

—Já acabou? —Manteve sua expressão dura, impassível. Tinha conseguido manter seu controle durante anos, não ia soltá-lo agora.

Olhou-o longamente, antes que algo parecido à resignação cintilasse em seus olhos.

—Sim, agora terminei. —disse— Não se incomode em me ver subir as escadas. Conheço o caminho. —Alcançou o trinco da porta.

—Rogue. Não a peguei para foder. Quero conversar com você.

—Estivemos conversando. —Tinha os olhos cheios de sombras agora, com dor— Que mais tem a dizer?

—Esta investigação sobre as mortes dos gêmeos e sua avó —indicou— telefonei para Lisa esta tarde e a convenci de ir ficar com sua tia em Louisville. Quero que parta da cidade durante um tempo também. Até que saiba que demônios está acontecendo. Até que seja seguro.

Ela ficou imóvel, silenciosa. Zeke a olhou fixamente, vendo como o que havia dito se



afundava nessa pequena e rápida mente.

—Pensa que alguém está matando os Walker? —perguntou.

—Acredito que Joe e Jaime se amarraram com a garota equivocada —lhe disse— Acredito que mataram a avó porque possivelmente sabia quem era a garota. Joe e Jaime, mantiveram-na em segredo na maior parte, mas a avó Walker pensou que poderia saber quem era a garota. Disse a Lisa que estava tentando contatar comigo para me dizer quem era, mas morreu antes de comunicar-se comigo. Você e Lisa estavam perto dos gêmeos. Alguém poderia ter medo que pudesse recordar quem era a garota.

Alguém a poderia matar. Zeke não se esqueceu de como havia se sentido há seis meses, olhando fixamente sua forma inconsciente em uma cama do hospital depois que ela tinha sido atacada por algo que alguém temia que soubesse. Não podia imaginar que acontecesse outra vez, ou pior, que a encontrasse morta.

—Então quer que eu parta da cidade por meu próprio bem? —perguntou com cuidado.

—Retorne para casa, a Boston —disse— Não precisa aguentar as sandices que tem que aguentar aqui. Veja o que sente sendo Caitlyn Walker outra vez em vez da rebelde Rogue. Tenho a sensação que você gostaria mais do que pensa.

—Então, acredita que simplesmente deveria me afastar? Esquecer minha casa, meu bar e meus amigos?

—Sua casa é um pequeno apartamento feito pó sobre um bar cheio de ladrões e bêbados —grunhiu entre os dentes apertados— Seus amigos consistem em Janey Mackay e sua família, e você levou vários anos baixar a guarda o bastante para aceitá-los como amigos.

—E quanto a você? —cochichou— Fomos amigos uma vez.

—Nunca fomos amigos, Rogue —disse com brutalidade— Era o único homem que não ficava de pé e rogava um convite sempre que estava perto. Fui um desafio. Agora que tivemos nossa diversão, é tempo de encarar a realidade. Corre perigo aqui. Retorna à sua puta casa antes que seja muito tarde para se dar conta de onde pertence e esteja morta.

Rogue o olhou durante um longo e silencioso momento. Não havia lágrimas enchendo seus olhos, nenhuma dor enrugava seu rosto.

A amargura cintilou em seu olhar violeta embora pareceu endireitar os ombros e olhá-lo implacavelmente.

—Uau! Que discursinho —disse brandamente— E eu que pensava que toda essa merda de “é minha” que soltou a outra noite significava algo realmente. —O sorriso estava cheia de zombadora amargura— Oh bem, minha culpa foi acreditar nisso, não foi? —Agarrou o trinco da porta e a abriu lentamente—Vá para o inferno, xerife Mayes.

Saltou da caminhonete antes que pudesse alcançá-la e agarrá-la. A porta bateu ao fechar-se e ela cruzou a curta distância à porta de trás, abriu-a e desapareceu. Zeke estava sentado olhando-a fixamente enquanto esfregava o peito, perguntando-se pela dor profunda e dilaceradora que podia sentir ali.

Inalou, apertou os dentes, logo arrancou a caminhonete e retrocedeu.

Tinha-a tomado sem camisinha. Tinha-a reclamado, apesar de suas melhores intenções.



Tinha estado tão fodido que não soube afastar-se nesse momento. Sabia que tinha que tirá-la da cidade. Tinha que afastá-la do perigo que podia estar espreitando-a, inclusive agora. Não podia arriscar-se a que o passado se repetisse.

Sua alma não poderia lidar com isso outra vez.

Sacudindo a cabeça, tirou o celular do quadril, abriu-o e acionou a marcação rápida que tinha gravado mais cedo esse dia.

Esperou e quando uma voz masculina e profunda respondeu a chamada disse:

—Cal, é hora de fazer alguma coisa. Você deve levar sua filha para casa.

Calvin Walker ficou em silêncio durante um longo momento.

—Por que? —perguntou por fim.

—Porque, se não o fizer, ela poderá acabar morta.

Capítulo 15

O som do telefone tirou Rogue de um sono agitado. Os olhos se entreabriram enquanto olhava furiosa as persianas da janela. Tinha que ser muito cedo para que estivesse acordada. Mal havia luz entre as frestas das persianas.

Estendeu a mão para o telefone, procurou-o tateando, este caiu no chão, amaldiçoou antes de engatinhar para buscá-lo e rodar de costas na cama enquanto o abria.

—Pode morrer por me despertar tão cedo.

Sabia quem era. A única pessoa que se atreveria a ligar para ela tão cedo e ter a temeridade de rir em seu ouvido por isso.

—Irmãzinha, ficar resmungando comigo não seria bonito quando acabo de fazer um favor monumental para você.

A diversão encheu a voz de John Calvin Walker júnior.

Rogue quase sorriu ante o som. Mas pensou melhor. Se estava ligando, então ela tinha um problema.

—O que zangou o papai desta vez? —disse bocejando— Diga a ele que não pode cortar minha mesada, simplesmente porque nunca a uso.

John riu de novo.

—Acredito que talvez cancelou um envio que mamãe tinha preparado para você. Um pouco de seda, renda, e essas coisas que fazem sentir-se bem às garotas.

Ela se ergueu na cama.

—A coleção francesa? Achava que mamãe a enviou faz uma semana.

—Bem, parece que possivelmente houve um pequeno atraso ao enviá-la. —Rogue quase pôde ver os olhos violetas de John brilhando com diversão enquanto um sorriso curvava os cantos de seus lábios.

—Por que papai cancelaria meu envio? —perguntou-lhe, franzindo o cenho— Ele enviou as



coisas que comprou no Saudí o mês passado.

John riu entre dentes.

—Bem, querida irmã, poderia ser devido a uma importante chamada telefônica, recebida ontem à noite, do filho de um inimigo que estava acostumado a ter em Somerset. Parece que certo cavalheiro ligou para o pai e lhe confirmou suas suspeitas de que os Walkers foram assassinados. —A voz do John se endureceu— O jato da família está preparado para sair esta manhã. Hora estimada de chegada em Louisville, meio-dia. Tenha o traseiro ali e fique esperando.

Rogue respirou lentamente. Paciência, recordou a si mesma. Sem ela, seu pai e John ganhariam antes que a batalha começasse. Eram super protetores, convincentes e embora seu pai a amasse e tentasse permiti-la viver a vida como queria, continuava sendo seu pai.

Não havia nada que Rogue odiasse mais que a dedurassem. Quando era mais nova seu irmão e irmã mais velhos sempre a deduravam. Seus professores a deduravam, sua babá a dedurou. Rogue sempre tinha encontrado a maneira de meter-se em problemas. E seu pai sempre tinha dado a desculpa a sua mãe que ele a disciplinaria.

Calvin Walker tinha nascido para ser pai. Levou tempo para chegar a conhecer seus filhos na infância. Conhecia a melhor maneira de tratar com suas fraquezas e como tirar suas fortalezas.

Mas era muito, apesar do homem, um pai protetor.

—Diga a papai que ignore o xerife. Seja no que for que Joe e Jaime estavam envolvidos, não tomo parte disso.

—E você sabe quão bem papai vai escutar. —assinalou John com fria lógica— Coloca o traseiro nesse avião, Rogue. Já é hora de voltar para casa.

—Mas estou em casa, John. —Suspirou ela— Não deixarei Somerset. Se papai quer vir me visitar, então é mais que bem-vindo. Diabos, toda a família pode vir me visitar, mas o advirto isso de antemão, ao contrário do que Zeke Mayes acredite, sou mais que capaz de vigiar meu próprio traseiro.

—Assim, sentamo-nos e esperamos até que a chamada de telefone nos faça saber que está morta? —John estava se zangando. A voz era fria, calma. Nesse aspecto era muito parecido com Calvin Walker. Quanto mais zangado estava, mais gelado se tornava.

—Não, tem que aceitar que sou maior de idade e não preciso fugir ao seio da família cada vez que algum xerife paranoico deixa o cabelo do seu traseiro arrepiado.

—Sabe, Rogue, faz seis meses estivemos ao lado de sua cama no hospital depois de que algum bastardo tentou partir sua cabeça. Preferiria não fazê-lo outra vez, se não se importa.

—Não me importa o mínimo. —disse ela exasperada— Isto é ridículo, John. Não me faça enforcá-lo. Não vou voltar para Boston. Esta é minha casa e já sou o suficiente grande para decidir por mim mesma se fico ou vou.

—Deveria partir sua cabeça eu mesmo e arrastar seu traseiro para casa —espetou— Pelo que diz papai, Zeke Mayes não é nenhum idiota paranoico, Rogue. Estava o bastante preocupado para ligar para papai; isso significa que há algo com que preocupar-se.

—Bem, ele está de verdade preocupadíssimo de que alguém possa tocar esse coração congelado que tem. —Ela balançou as pernas fora da cama, a ira bulia em seu interior—Deixe-me



contar o problema de Zeke, John. Não pode afastar as mãos de mim, assim teve que assegurar-se de que papai me leve arrastada para casa para sua própria tranquilidade. Agora, realmente me importa um caralho se algum deles descansa tranquilo de noite. Sou uma adulta; decidirei por mim mesma quando colocar o rabo entre as pernas e fugir, se não se importa.

Ela estava elevando a voz. Estava tão furiosa que mal podia continuar. Como se atrevia Zeke a ligar para seu pai e incomodá-lo desta maneira? Como se atrevia seu pai a jogar em cima dela seu irmão em vez dele ligar para ela?

Isso era típico de papai. Sabia que se ele ligasse, Rogue ficaria uma fera. Em vez de confrontar seu aborrecimento, chamou John. Porque alguns dias John preferia brigar com ela a respirar.

Sim, a rivalidade entre irmãos estava ainda viva e abanando o rabo.

—Rogue, não me faça subir nesse jato e ir buscá-la. —a advertiu John.

—John, não me faça chamar papai e brigar com ele sobre isto. Sabe que só acabará açoitando seu traseiro. Sou sua favorita, recorda?

—É sua favorita porque está tão louca quanto ele. —a acusou John—Pode resolver isto aqui com ele. Sugiro que faça as malas.

—Sugiro que você vá fritar aspargos —lhe respondeu furiosa— Adeus, John.

—Rogue, não desligue.

Interrompeu a chamada, logo desligou o telefone. Rogue inalou lenta e profundamente. Se não tivesse que controlar a dor e a fúria que se agitavam nela, explodiria. Explodir não era uma boa coisa.

Nunca falhava em fazer-se mal a si mesma mais que aos outros, sempre que perdia o controle de seu gênio.

Maldito Zeke, pensou enquanto ia furiosa à ducha. Maldito delator. Nunca deveria ter ligado para seu pai e envolvê-lo desta maneira. Ela conhecia sua família. Podia esperar que cada um deles descesse sobre ela como uma praga de lagostas. Teria sorte se seus avós não voassem com o resto da prole.

Tremeu ante o pensamento. Amava seus avós, de verdade que sim. Mas eram perigosos.

Esquecer a reserva da elite de Boston que eles utilizavam como um escudo. Seus avós eram malvados. E não tomavam prisioneiros ou mostravam clemência.

la matar Zeke. Ia enforcá-lo e fazê-lo pedir clemência. Oh, tinha-a subestimado seriamente.

Uma hora depois, tomada banho, vestida e preparada para fazer-se notar, entrou na seção principal do bar, atrás do longo balcão de teca onde Jonesy estava comprovando o licor. Ele se endireitou de sua posição encurvada e a fulminou com o olhar.

Não tinham falado muito desde a noite em que Zeke o tinha pegado tentando jogá-la através do escritório e Rogue estava triste porque a amizade que uma vez tinha acreditado que tinham estava se desintegrando.

—Hoje trabalha nesse maldito restaurante? —ladrou Jonesy— É um dia triste quando um Walker está mais preocupado pelos assuntos das outras pessoas que os próprios.

Rogue ignorou o comentário enquanto o rodeava dirigindo-se para a caixa registradora e



recolhia os recibos das vendas das noites anteriores.

—Hoje temos que apresentar os pedidos —espetou ele— Ou você já encomendou?

—Então apresente. —disse ela— Sabe como fazer.

—É seu negócio —respondeu depreciativo— Faça você.

—Sempre poderia despedi-lo. Outra vez. E contratar alguém que o fizesse. — ela deu de ombros.

Odiava admitir que preferia trabalhar com Janey mais que trabalhar no Bar. O Bar a tinha salvo uma vez; tinha-a ajudado a refazer-se quando tinha estado ressentida pela perda de seu trabalho de ensinar e a humilhação das fotos que tinham publicado na internet.

Durante anos os motoqueiros que a tinham ajudado a sobreviver, lentamente foram se afastando. Uns poucos tinham morrido, outros tinham encontrado suas vidas, até que estiveram só ela e Jonesy. E agora, Jonesy também estava se afastando.

Talvez fosse o momento de admitir o que tinha percebido desde o começo. O bar não era uma parte permanente de sua vida. Era uma maneira de irritar as pessoas e um meio de subsistência. Não era o que gostava de fazer.

—Houve comentários sobre você saindo às escondidas com esse xerife ontem à noite —ele cuspiu— As pessoas gostam de fofocar sobre isto. Vai afetar o negócio.

Ela girou os olhos enquanto colocava os recibos em um envelope grande para repassá-los mais tarde.

—Minha vida privada é justo isso Jonesy, privada —informou—Se as pessoas não gostam, então podem procurar outro bar para ir.

Agora ela era precavida ao redor dele. Manteve-o em sua visão periférica e se assegurou que tinha espaço para fugir se precisasse. Deveria ter ordenado que se fosse do bar na noite que a tinha jogado através do escritório. Embora, aonde iria? Rogue o conhecia; sabia que não tinha nada exceto o bar e a casinha que possuía a uns poucos quilômetros.

Jonesy não tinha família, à exceção de uma filha com quem raramente falava, e os únicos amigos que havia feito no bar. Sempre foi resmungão, mas ultimamente tinha sido extremo, tenso e difícil para qualquer um estar junto dele.

—Lea se foi ontem à noite —lhe informou.

De algum jeito, isso não surpreendeu Rogue.

—Então contrate outro —respondeu enquanto olhava por cima do licor alinhado na parede e as prateleiras sob o bar.

—Não é assim fácil. —grunhiu com os dentes apertados.

Rogue se endireitou e o olhou com suspicácia enquanto ele se elevava por cima dela.

—O que o faria mais fácil, Jonesy, é se não assustasse os garçons —disse ela— Tem o sangue pior que um cão raivoso e os empregados se cansam de pagar o pato.

Deveria haver feito algo com ele antes. Sempre convencia a si mesma que Jonesy simplesmente era assim. Tinha um exterior grosseiro, e isso não significava nada. Mas agora estava começando a perguntar-se se não iria piorar.

—Uns fracos é o que são —espetou— Nenhum deles tem um pinga de juízo. —Você disse



que deixaria para mim o encargo de contratá-los, mas tinha que colocar seu nariz nisto, não? Diz-me que me encarregue de contratá-los, logo se vira e dá uma de mandona intrometida. Que bem me faz isto para que me considerem alguém?

—Jonesy, qual é seu problema? —deu a volta, a ira começava a golpeá-la com severidade por dentro— O que o faz pensar que pode me dizer como levar minha vida ou meu bar? E que demônios o fez pensar que podia me maltratar da maneira que fez na outra noite? Perdeu a maldita cabeça?

Ficou olhando surpreso, a cara ruborizada antes de dar a volta e passar a mão sobre a cabeça cortada.

—Não quis ser brusco com você. —soltou, de costas para ela— Foi um acidente, e não deveria tê-la tocado.

Uma desculpa de Jonesy?

—Então por que o fez?

Ele se girou lentamente, a expressão de fúria enquanto a olhava fixamente.

—Já não me escuta, Rogue. Sai com esse xerife sabendo malditamente bem que não ficará mais tempo do que o leve esvaziar das bolas. Igual a Joe e Jaime. Você disse que eram problemáticos. Sempre aqui se aproveitando dos outros à custa de cerveja e bajulando você. Ia lhes dar uma participação no bar, não? Ouvi você falando disso.

Tinha sido seu plano. Joe e Jaime adoravam o bar; Rogue sabia que estava crescendo seu descontentamento. Mas queria que permanecesse nas mãos dos Walker.

—Joe e Jaime adoravam o bar, Jonesy —disse ela, com uma sensação de tristeza envolvendo-a — Me ajudaram bastante aqui.

—Meteram-se em seu maldito caminho e ambos conspiraram para nos tirar este maldito bar —lhe espetou, com os braços robustos cruzados sobre o forte peito— Eram uns bons para nada, Rogue. Simplesmente não via isso. Igual a esse maldito xerife. Conseguirá que a matem bem morta como conseguiu que matassem sua mulher.

Rogue o contemplou com surpresa.

—Zeke não teve nada a ver com a morte de sua esposa —soltou furiosa em resposta— Morreu em um acidente de carro enquanto ele ainda estava em Los Angeles

Um brilho de malícia brilhou em seu olhar durante um segundo.

—Bom, há uma parte da intriga que não conhece. —riu entre dentes com frieza—Não, pequena. A mulher de Zeke Mayes foi assassinada porque ele foi um incompetente. Estava trabalhando em uma investigação em Los Angeles em uma cena de bondage. O melhor e casado detetive Mayes estava esquentando a putas de sado e uma delas descobriu quem era e o que estava fazendo. Sua mulher morreu e seu filho por pouco. Ele foi a causa pela qual morreu, como vai ser a razão pela qual você morra.

Putas de sado. Era um termo que Rogue tinha ouvido utilizar para as mulheres que gostavam da dor sexual. Chicotes, correntes, múltiplos companheiros sexuais, a lista era interminável.

—Onde ouviu este lixo, Jonesy? — perguntou enojada— A Zeke não agrada a dor, e duvido



muito seriamente que fizesse algo para provocar a morte de sua esposa, sem importar por que ou como morreu. E você tem que parar isto agora mesmo, antes que chame Alex Jansen e o tenha que escotar para fora de minha propriedade.

—Vai despedir-me, não? —Soprou, deixando cair os braços do peito, e movendo-se para trás ao longo do balcão— Verifique por si mesma. Não há muita gente que saiba o que aconteceu, mas eu estava aqui quando voltou com esse menino dele, e estava aqui antes que seu velho morresse. Seu papaizinho, uma noite, balbuciou a história completa dentro de uma cerveja, gemendo como uma garotinha porque seu menino era um fracasso.

Jonesy não mentia. Era um língua de trapo, mal-humorado, mas não era um mentiroso. Acreditava no que estava dizendo.

Rogue se negou a aceitar. A mulher de Zeke talvez tivesse morrido por causa de sua implicação em uma investigação, mas não era porque ele tivesse falhado. Conhecia-o muito bem. Seu férreo controle não lhe teria permitido tal fracasso.

—Jonesy, não me faça despedi-lo. —enfrentou-o, os ombros quadrados, a ira começando a formar-se dentro dela— Não pressione mais nossa amizade.

—Em outras palavras, por que te contei a verdade sobre esse idiota que está fodendo você? —disse-lhe depreciativamente.

—Se quer ver assim —replicou friamente—, então é exatamente o que quero dizer. Porque a próxima vez que este lixo saia de sua boca, sairá daqui.

Com isso deu a volta afastando-se dele e começou a fazer a lista do pedido do licor. Uma hora depois estava na cozinha detrás obtendo o pedido que o cozinheiro tinha deixado na noite anterior, antes de ir para seu escritório para fazer os encargos necessários.

Ainda tinha que revisar suas próprias finanças e ficar em dia com os impostos mensais, e os do restaurante Mackay a estavam esperando para que também os completasse.

Tinha um dia intenso pela frente, e de passagem uma pequena viagem a fazer ao escritório do xerife antes de se dirigir ao restaurante. Tanto Zeke, como Jonesy, averiguariam exatamente o muito que lhe importavam os delatores. O qual era nulo. Zero. E estava de saco cheio dos homens autocráticos e arrogantes. Era hora de fazer algo com ambos.

* * *

Essa tarde Zeke passou os dedos sobre o curto cabelo e contemplou os informes que os juízes do condado e da cidade tinham apresentado. O juiz do condado, Jay Adams, estava sentado na cadeira de visitas do outro lado da mesa, a cara enrugada se incrementava com um preocupado cenho enquanto Zeke lia o relatório.

Vários minutos depois Zeke levantou a cabeça e imobilizou o outro homem com os olhos.

—Está seguro disto, Jay? —perguntou tranquilamente.

—Gene e eu, ambos, fizemos as mesmas provas e chegamos às mesmas conclusões, Zeke. Não sei quem matou esses meninos, mas estavam inconscientes antes que se efetuassem os disparos. A ambos injetaram um monte de heroína, não só ao Joe. A evidência demonstra que



estavam quase mortos antes que disparassem. Não sei o que tem em marcha aqui, mas opino como um duplo assassinato e estou usando esse terreno para justificar a conservação do corpo da avó para uma autópsia.

Zeke esfregou a mandíbula com a mão e mudou de posição para os informes antes de soprar um forte fôlego.

—Por que? —Levantou o olhar para Jay—Por que chegar a estes extremos para ocultar um assassinato?

Jay deu de ombros.

—Diabos, parecia um assassinato-suicídio, Zeke. O mais provável é que nunca houvéssimos feito estas provas tão a fundo. Inclusive com suas suspeitas, normalmente não teria tido motivos. Foi uma semana muito lenta, igualmente infernal. Quem fez isto, quase conseguiu. Tivemos que procurar.

Ondeou a mão para o relatório.

—Não foi fácil.

Zeke baixou o olhar ao arquivo e soube, soube na boca do estômago, que os Walkers tinham sido assassinados pelo assassino da Liga pela Liberdade. O porquê o estava deixando louco. Não havia respostas para encontrar, nem maneiras de vincular Joe ou Jaime com uma mulher em concreto, ou assinalar se isto era um simples golpe da Liga e a mulher era secundária.

—Se rumorejava que os Walkers estavam cortejando a uma mulher específica. —disse Zeke— Disseram a sua avó que tinham um encontro com ela esse fim de semana. No dia dessa citação em particular, foram assassinados. Segundo sua irmã, a avó estava tentando entrar em contato comigo em relação à identidade dessa garota. Nunca ligou, mas acabou morrendo no mesmo dia.

—Soa como se estivesse procurando uma menina esperta, ou a um realmente irritado marido ou amante. —Jay deu de ombros enquanto se levantava— Se souber de algo, faça-me saber. Até então, tem nossos informes e as provas para continuar a investigação. Boa sorte.

—Obrigado, Jay. —Assentiu enquanto Jay dava a volta e abandonava a sala.

Ele sacudiu a cabeça quando fechou os arquivos e os deslizou na gaveta da lateral da mesa. Era hora de averiguar exatamente o que tinha acontecido a esses meninos.

Zeke tinha interrogado a todo mundo em quem pôde pensar que era próximo aos meninos Walker. Sabia que estavam subministrando informação ao DSN, mas Zeke conhecia Cranston e os Mackays. A menos que os meninos Walker tivessem deixado escapar essa informação, ninguém mais sabia. E por tudo o que se inteirou, Joe e Jaime não tinham falado. Mas a avó deve ter falado.

Passando os dedos pelo cabelo, tentou reduzir as possibilidades de quem teria escolhido Callie Walker para falar. Lisa não tinha tido respostas para ele, e Zeke não estava para tirá-las por si mesmo.

A única coisa da que estava seguro era que tinha a ver com a Liga pela Liberdade e o assassino que parecia uma sombra em sua vida. O mesmo assassino que poderia ameaçar a única mulher que Zeke se prometeu que sempre protegeria.

Rogue não ia abandonar a cidade, nem por seu próprio bem. Tinha aceitado isso em algum



momento na metade da noite quando olhava fixamente o teto, seu membro ficou duro como um pau, e as bolas o atormentaram de necessidade.

Ela era tão malditamente teimosa que ficaria acontecesse o que acontecesse. Ou morresse.

Esfregou o rosto com as mãos enquanto considerava o fato que talvez tivesse cometido um erro de julgamento ao chamar seu pai. Mas nesse momento nada tinha importado exceto sua proteção. Alguém estava matando os Walkers, e ela podia ser a seguinte. Esta investigação sobre as mortes de Joe e Jaime poderia possivelmente atrair o perigo à sua porta. Como a relação de sua mãe com seu pai e a Liga tinham atraído a morte à vida de Zeke em Los Angeles. Sua mãe tinha morrido quando as chamas tinham engolido sua casinha, mas o relatório do juiz constatou que tinha morrido muito antes que começasse o fogo.

Elaina morreu em um acidente de carro quando seu veículo ia a toda velocidade entre o tráfego de uma concorrida interestadual, diretamente contra um trailer em direção contrária. Tinha sido drogada, não com heroína, mas sim com uma mistura tóxica de narcóticos da qual não teria sobrevivido se tivesse conseguido resistir ao choque.

No dia da morte de Elaina recebeu uma direta nota impressa. *Protegemos os nossos.*

Era o lema da Liga. Soube no minuto ao lê-lo que sua mulher tinha morrido por culpa de seu passado, por sua investigação oculta de certos membros dessa Liga uma vez que se tornou detetive.

Pensou que estava sendo tão cuidadoso que não havia possibilidade que ninguém pudesse ter sabido o que estava fazendo. E se equivocou. Não tinha protegido sua família e deveria havê-lo feito, e agora Rogue estava sendo arrastada dentro do mesmo fogo.

Era o momento de chamar Cranston, pensou. Ele protegeria Rogue, e Cranston e os Mackay o ajudariam com a investigação. Não podia pô-la em perigo. Que Deus o ajudasse se permitia que algo acontecesse à sua Rogue.

E sabia, o perigo estava se arrastando mais perto.

Zeke podia notá-lo, esse sexto sentido, essa consciência de que o assassino não ia parar; só ficaria dando uma de galo de briga. Quem fosse tinha um gosto pelo assassinato e por brindar dor.

Um leve golpe na porta o fez levantar a cabeça; um segundo depois se abriu e Gene entrou.

—Saio de patrulha. —disse Gene, com um ligeiro cenho na testa— Acabo de ver sair o juiz. Tem o relatório dos Walkers?

—Ambos foram assassinados. —respondeu Zeke enquanto fazia gestos a Gene para que entrasse na sala.

O ajudante entrou e fechou a porta, franzindo o cenho.

—Bem, diabos. —disse soltando o ar com brutalidade—Agora sinto muitíssimo o que disse, Zeke. É difícil acreditar que alguém queria matar esses meninos.

—Bom, alguém queria e fez. —Zeke esfregou a nuca com cansaço. —A parte que me desconcerta mais é como conseguiram assim fácil. Necessitaria-se experiência e bolas para fazê-lo parecer tanto a um assassinato-suicídio e este o fez.

Gene se deixou cair na cadeira em frente à mesa enquanto o olhava pensativamente. Zeke odiava a suspeita que irritava agora suas tripas, o pressentimento que Gene de algum modo



formava parte disto.

—A experiência seria a parte difícil —disse Gene— Não temos muita gente, que eu saiba, que a teria, à exceção de nosso novo chefe, os meninos Mackay, e esse agente do DSN que parece estar rondando ao redor dos Mackays, o agente Cranston.

Zeke negou com a cabeça.

—Nenhum motivo e não é seu estilo. Quem foi que fez isto, tinha a ver com a mulher que os meninos Walker farejavam. —Isso e seu trabalho com o DSN. Zeke se guardou aquilo para si. Se Gene estava envolto nisto, então não precisava saber o que Zeke suspeitava dele.

—Como? —grunhiu Gene—Diabos, esses meninos sempre tinham uma mulher a que farejar.

—Lisa disse que sua avó esteve tentando contatar comigo no dia que morreu, para me dizer quem pensava que podia ser a garota. —Zeke se reclinou na cadeira e sacudiu a cabeça lentamente— Não me ligou aqui ou ao celular. Tenho o pressentimento que chamou alguém mais. O alguém mais, equivocado.

Gene o contemplou com assombro.

—Diabos —soltou ao final— Era diabo de briguenta; teria terminado com isto.

E se Gene estava comprometido nisto, então era melhor ator do que Zeke tinha dado crédito.

—Tenho uma solicitação em marcha para localizar os registros de seu telefone. Talvez tire algo dali. —Zeke tamborilou os dedos no braço da cadeira— A maneira em que morreu começou da mesma maneira em que morreram seus netos. Ela não decidiu tomar um banho por si só.

—Então temos um triplo homicídio e nenhum suspeito evidente. —Gene fez uma careta— Diabos, você pensava que conseguiríamos um descanso depois de toda essa merda com os Mackays e esses terroristas no ano passado. O que precisa que faça, Zeke?

—Mantenha as orelhas abertas, olhe se pode conseguir um nome. Tenho mais gente mais para interrogar. —Acima da lista estava o garçom de Rogue, Jonesy.

Jonesy tinha uma filha que esteve na cidade até o dia anterior. Angie Jones tinha só dezoito anos, bonita pelo que Zeke tinha ouvido. Seu nome não tinha sido vinculado aos Walkers, mas era um ângulo que não podia passar por cima. Gene também tinha uma filha, uma no princípio dos vinte anos, mas estava casada e vivia em Louisville.

—Farei isso. —Assentiu Gene, ficando em pé— E minha mulher me disse que o fizesse saber que está convidado para jantar do fim de semana que vem. Willa e seu novo marido virão de Louisville para nos visitar e perguntaram por você.

Zeke negou com a cabeça.

—Não posso no fim de semana que vem, Gene. Acho que Shane estará em casa e tento passar um pouco de tempo com ele quando está. —disse Zeke desculpando-se, entretanto não lamentava não poder ir.

—Bem. —Suspirou Gene— Imaginava, de todos os modos. —Assentiu bruscamente—Então nos veremos amanhã. Melhor tomar rumo para casa ou minha senhora provavelmente me esfolará pelo jantar. Boa noite, Zeke.



—Vejo você amanhã, Gene. —despediu-se em resposta quando Gene abandonou o escritório, então esfregou a nuca enquanto levantava da cadeira.

Recolhendo o relatório do juiz, foi para o arquivo, guardou-o, e logo fechou o alto armário cinza metálico e deu uma olhada no relógio.

Esta noite Rogue ia cedo ao restaurante. Ocuparia-se da papelada em vez de trabalhar como anfitriã.

Demônios. Havia-a fodido ontem à noite, era assim simples. Estava tão desesperado por tirá-la da linha de fogo e foi o bastante ególatra para pensar que podia fazê-la se zangar o suficiente, ou pior, machucá-la o suficiente, para enviá-la correndo para casa.

Deveria ter tido melhor critério. Deveria saber; essa era a razão pela qual ligou para seu pai, porque sabia em suas vísceras que não ia funcionar. Rogue não fugiria, não por qualquer coisa. Não tinha fugido de Nadine Grace e Dayle Mackay quando a ameaçaram com essas fotos, e não tinha fugido de seu assaltante seis meses atrás. Não ia fugir agora.

E definitivamente não fugiria quando se apresentasse amanhã pela tarde no bar para interrogar Jonesy.

Manteria-se ao lado do outro homem e olharia furiosa para Zeke todo o maldito momento. Estaria duro, excitado, e uma vez terminado o interrogatório tentaria levá-la ao seu quarto. Se ela não tentasse matá-lo primeiro.

Capítulo 16

Era Noite das Garotas no Bar. Esta era a razão que assegurava que Rogue estivesse no lugar das sete até depois de fechar. Noite de Garotas, primavera e verão, era frequentemente a noite mais desenfreada da semana.

Os sábados podiam ir em um bom segundo lugar, mas a maioria dos gorilas estavam de serviço na sexta-feira e no sábado a noite. As quartas-feiras eram folgadas nessa área, já que a maioria de seus gorilas tinham outros trabalhos durante a semana.

Ela continuava querendo contratar mais gorilas para as quartas-feiras, mas até agora tinha sido capaz de arrumar-se com o quadro mínimo de funcionários. Tinha quatro gorilas de serviço junto com Jonesy e Kent, o ajudante de garçom.

O bar estava cheio quase até o limite. A banda cantava a voz de grito as toadas e baladas de música country, e o álcool estava fluindo livremente. A grande maioria dos habituais estavam ali, assim como um surpreendente número de turistas da cidade, que desfrutavam do tempo quente pouco comum e das muitas atrações que obtinham no Lago Cumberland.

Enquanto avançava o dia, a frustração de Rogue só aumentava. Seu pai tinha ligado. Dez minutos depois sua mãe tinha ligado. Depois disso, seus avós e sua irmã. John não havia devolvido a chamada, e isso a preocupava mais que tudo.

Seu pai já não suspeitava que os Walkers tinham sido assassinados. Zeke tinha confirmado



seus temores e agora Calvin Walker estava decidido a conseguir que sua filha voltasse para casa.

Malditos todos. Tinha sido manipulada desde o momento que deu um passo nesta maldita cidade. Por uma pessoa ou outra tinha sido sacudida de um lado a outro até que se sentiu como uma fodida bola de borracha.

Contemplou o bar, dando-se conta do que tinha chegado a representar, a fuga da realidade que tinha sido durante todos estes anos. Tinha corrido aqui depois que sua vida se desmorou, e tinha moldado a si mesma como uma mulher que outros temiam. Homens e mulheres por igual. Rodeou-se de homens que estavam preparados para brigar imediatamente, e lhe tinham ensinado como brigar.

Como utilizar os punhos. Como utilizar os joelhos. Como ser tão safada que não se importava com que outros pensavam ou o que esperavam dela.

O problema era que importava. Sempre tinha importado. E só agora se deu conta disso.

—Rogue, dança comigo, benzinho. —Um braço se enroscou em sua cintura, jogando-a contra um forte corpo masculino. Vestido de camuflagem e cheirando a suor de uma semana.

Rogue enrugou o nariz e o empurrou com uma risada forçada.

—Deixe-me, Bubba —gritou em resposta— Logo.

Era típico. Uns poucos passos depois uma mão se estendeu para ela, as risadas, a maioria delas ébrias ou forçadas, ecoavam ao seu redor enquanto o cliente pedia uma dança. Um sorriso, uma negativa educada, e uma aversão mais forte por estar onde estava.

Estava ali quando queria estar de volta ao restaurante. Onde podia assegurar-se que Janey ou Alex, ou que Deus não o permitisse, Natches, não estavam bagunçando seu arquivo de contabilidade ou o esquema de reservas. Onde podia se vestir com algo mais que jeans ou couro.

Onde Rogue era mais que a puta de bar que sempre tinha permitido a todo mundo acreditar.

Maldito orgulho. Corria ampla e profundamente em seu interior, isso estava condenadamente claro. Tinha passado quatro anos ali, esfregando na cara de Nadine Grace e de Dayle Mackay que não podiam expulsá-la da cidade.

Esfregando na cara de Zeke que não podia ignorá-la.

Para que? Para ser a parceira de uma noite? Umas poucas horas que no final a tinham deixado sentindo-se descarnada e vazia por dentro. E magoada. Maldição, odiava sentir-se magoada. Era sua fraqueza. A fazia zangar, explodir e simplesmente conseguia fazê-la sair do sério. Magoada, e isto era como se seu cérebro provocasse um curto-circuito. Por norma, as pessoas não importavam, não lhes dava a oportunidade de machucá-la porque não podia lidar com esse tipo de dor.

Dor emocional. Rechaço. Merda, odiava o rechaço.

—Rogue, ponha seu traseiro atrás deste balcão por mim. —gritou Jonesy enquanto tirava o taco de beisebol debaixo do balcão— Jason tem um problema perto da porta.

Rogue saltou e lhe tirou bruscamente o taco de beisebol fora de seu agarre antes que pudesse detê-la.

—Você se encarrega do bar —gritou em resposta, a adrenalina desordenando seu sistema



nervoso—Me ocuparei do problema.

Girou se afastando, bateu o taco de beisebol em uma mão e sorriu maliciosamente. Não tinha tido uma boa e estimulante briga em um ano. Isso era tudo o que necessitava para esquecer. Podia zangar-se, sair do sério e logo seguir com seus assuntos. Podia limpar as estupidezes emocionais fora de sua cabeça, logo seguir com o de esquecer Zeke.

—Maldita seja, Rogue! —Ouvindo Jonesy ameaçar atrás dela e lhe lançou um sorriso sobre o ombro antes de afastar o cabelo e dirigir-se para o confronto que se desenvolvia perto da entrada do bar.

Não pensava utilizar o taco de beisebol. Nunca tinha utilizado o taco de beisebol. Usava o joelho só quando era necessário, mas as vezes que tinha sido obrigada a isso, tinham sido cotadas e a maioria dos homens se mantinham precavidos ao seu redor.

Movendo-se rapidamente através da multidão, abriu caminho no círculo de clientes que rodeavam os dois homens. Billy Joe Wingate e Luke Taylor. Dois meninos fracotes do lugar, um pouco demasiados bêbados e com bastante ira.

—Não me diga o que tenho que fazer, safado! —Cuspiu Billy Joe ao gorila atrás dele e esquivou seu agarre— Não vou a nenhuma maldita parte. Não até que este filho da puta se desculpe. —Billy Joe bateu as palmas no amplo peito de Luke, enviando o outro homem vários passos para trás, ricocheteou contra uma cliente que bateu contra o homem por trás dela.

Oh, briga.

—Alto. Alto. —Rogue saltou entre Luke e a escolta da mulher, as mãos obstinadas a cada extremo do taco de beisebol e pressionando-o forte no peito do homem— Para. Temos tudo sob controle. Jason, tira estes meninos daqui.

Jogou uma olhada por cima do ombro para ver Jason e o outro gorila lutando com Billy Joe e Luke.

—Resolvam isso fora, maldição. —gritou ela por cima da confusão enquanto os gorilas arrastavam os dois homens para a porta. Rogue girou rapidamente para o homem que estava contendo— Mantém aqui seu traseiro —gritou, pressionando o taco de beisebol contra seu peito para dar ênfase— Não me faça acertá-lo também na cabeça.

Ela se tirou do meio e girou para a porta onde Jason e o outro gorila estavam lutando com os dois jovens. Ambos os combatentes estavam demasiados bêbados e um pouco muito cheios de adrenalina e ira.

—Disse que não vou —gritou Billy Joe, os olhos avelã selvagens pela fúria enquanto fulminava com o olhar Luke—Não até que o faça desculpar-se.

—Não vou me desculpar, estúpido sacana —gritou Luke em resposta— Quer dá uma de idiota por uma putinha de bar, então melhor se acostumar à verdade.

—Ela não é nenhuma puta.

Rogue estava correndo para a porta quando Billy Joe conseguiu livrar-se de Jason e lançou um feroz murro em Luke. Rogue escolheu esse momento para meter-se entre eles e saiu voando quando esse murro se chocou em sua bochecha.

As estrelas explodiram na frente de seus olhos enquanto uma desumana maldição saía de



sua garganta. Girando-se, lançou um chute para cima, acertou Billy Joe no peito e o atirou para trás, talvez meio metro. Maldito seja.

Sentia a cara destroçada. Tropeçou depois da primeira reação instintiva e quase caiu de joelhos enquanto sacudia a cabeça e utilizava o taco de beisebol contra o chão para segurar-se.

Maldita seja. Rogue disse basta. Não estava aqui para levar um punho do tamanho de um presunto na cara.

—Tire-o fora daqui! —deu a volta, gritando a Jason enquanto a dor retumbava através da cabeça. Diabos, os olhos iam sair das órbitas.

A ira emergiu dentro dela, intensa e profunda enquanto batia com o taco de beisebol no peito de Billy Joe, agarrando ambos os extremos, tentando contê-lo enquanto ele se soltava do agarre de Jason de novo. Suas botas se deslizaram pelo chão de madeira enquanto um coro de maldições e acusações começavam a soar ao redor de sua cabeça.

—Billy Joe, basta! —gritou ela.

Billy Joe a agarrou pelos ombros, grunhindo, logo jogou o punho para trás, e no que se referia a ela, basta era basta.

Rogue balançou o joelho para cima, impactando entre as fortes coxas dele enquanto o punho aterrissava ao lado de sua cabeça. Billy Joe abriu os olhos de par em par, um uivo agudo encheu o ar enquanto o silêncio de repente ecoou ao redor dela, e Billy Joe Wingate caiu de joelhos, as mãos agora esmagadas entre suas coxas.

A cabeça de Rogue zumbia, jurou que havia pontinhos em frente a seus olhos, e estava agradecida a Deus que Billy Joe tivesse afastado o punho no último segundo.

—Tira esses safados do meu bar! —gritou a Jason quando este agarrou o jovem por debaixo dos braços e começou a arrastá-lo para fora da porta.

O outro gorila, Timmy, estava empurrando para fora Luke e Rogue os seguiu com o taco de beisebol. A adrenalina e a ira estavam bombeando nela. Doía-lhe a cabeça, doíam-lhe os olhos, e estava mais furiosa consigo mesma por permitir que ocorresse isto, que com Billy Joe por lhe lançar o primeiro murro.

Irrompeu no ar fresco da noite, fulminando os dois homens com o olhar enquanto os gorilas os jogavam no pavimento de asfalto. E é obvio se levantaram brigando, com os punhos em alto.

Umas fortes mãos a agarraram pelos ombros, e a giraram bruscamente, e ela jurou que viu a cara de Jonesy apagar-se por um precioso segundo.

—Perdeu a maldita cabeça? —gritou no seu rosto, a expressão retorcida de aborrecimento, os olhos ardendo, enquanto lhe sacudia a cabeça com rudeza — Olhe o que fizeram à sua maldita cara. Maldita seja! Merda, perdeu a cabeça.

Sacudiu-a até que a cabeça ia de um lado a outro sobre os ombros, e o enjoo aumentou pelo esforço que tomou reter a consciência. Justo quando pensava que ia perdê-la, um grito enfurecido soou detrás dela. Foi afastada bruscamente de Jonesy, tropeçou, e caiu contra outro forte corpo.

Umas mãos a ajudaram a segurar-se enquanto as maldições choviam ao seu redor.



Sacudindo a cabeça, Rogue piscou desesperada e se esforçou para entender o que estava acontecendo. Quando finalmente deu um jeito para limpar o olhar viu Jonesy deitado sobre o estômago, Zeke sentado escarranchado enquanto colocava as algemas nos seus pulsos.

Jonesy estava imóvel e em silêncio, mas não estava inconsciente. Estava olhando-a fixamente, o olhar coberto de resignação e dor. O tipo de dor alimentada pela traição e macerado de emoção.

—Que demônios está fazendo? —afastou-se bruscamente das mãos que a seguravam, jogou o cabelo para trás, foi pisando forte para Zeke enquanto este se levantava das costas de Jonesy— Solte-o. Agora.

—Uma merda que farei! Você viu seu maldito rosto, Rogue? Que demônios aconteceu aqui?

—Ele não me bateu. —Sua mão conectou fracamente com o peito dele. —Foram esses malditos ordinários que os gorilas estão segurando para você. Agora solte-o de uma maldita vez.

—Estava sacudindo você. —gritou no seu rosto, as mãos obstinadas aos braços dela, e Rogue pôde sentir os machucados que Jonesy já tinha deixado ali.

—Sim, bem, que demônios está tentando fazer?

Rogue o olhou fixamente, vendo a ira em seus olhos marrons, a tensão no corpo duro e magro. Zeke estava preparado para matar. Um músculo lhe marcava na mandíbula e os lábios eram uma linha esmagada de ira enquanto a olhava carrancudo.

—O adverti —grunhiu Zeke— Da próxima vez que pusesse as mãos em cima...

—Supere isso! —gritou em resposta — Se não posso ter direitos públicos com você, então que me amaldiçoem se você pode dar uma de protetor comigo. Agora solte-o.

Estavam cara a cara, quase nariz com nariz quando Zeke baixou a cabeça e a fulminou com o olhar. Ela pôde sentir uma forte brisa açoitando ao redor deles, sentiu a atenção dos espectadores cravada neles.

—Solte-o, Gene. —Os lábios de Zeke se retiraram dos dentes em um grunhido.

—Soltá-lo? —perguntou Gene com surpresa— Estava a ponto de lhe quebrar o maldito pescoço, xerife.

—Agora. —A ordem foi um grunhido animal que enviou um tremor a Rogue percorrendo sua coluna— Prenda os dois que começaram esta merda e que se desintoxiquem. Tome declaração.

—Certo, claro, xerife. —Gene clareou a garganta— Está fora de serviço, de todo modo é meu turno.

—Tem toda a razão, estou fora de serviço. —Os dedos de Zeke se deslizaram no cabelo de Rogue, jogou-lhe a cabeça para trás enquanto rodeava suas costas com o braço, puxando-a para ele— E Por Deus, que sei como me aproveitar disto.

Seus lábios aterrisaram sobre os dela em um beijo tão feroz, tão cheio de fome que ela soltou um ofego. Tão rápido como tinha começado, terminou. Levantou a cabeça, com os olhos entrecerrados e a olhou intensamente.

—Em público —grunhiu— Agora vamos, vai ao hospital.



Elevou-a nos braços antes que pudesse protestar e entre os olhares surpreendidos dos clientes e Jonesy, Rogue estava segura que chegou a ver um Mackay ou dois, levou-a a a pick-up que tinha utilizado na noite anterior. Seu veículo particular. No que a tinha tomado.

Abriu a porta, logo a empurrou dentro, com uma mão no traseiro e a pressionou ao longo do assento.

—Prenda o cinto de segurança. —ele soltou zangado, com voz brusca.

—Não vou ao maldito hospital. Tente me levar e prometo que lamentará. —prende o cinto de segurança antes de dar a volta para ele e comê-lo com os olhos— É um maldito delator. Não vou a nenhuma parte com você.

—Delator? —Girou a chave no contato e mudou de sentido no estacionamento com um chiado de pneus.

—Desde quando sou um maldito delator?

—Desde que ligou para meu pai —disse ela depreciativa—Oh de verdade, Zeke, acredita que preocupar meu pai salvaria seu traseiro? É uma merda. Vou chutar seu traseiro.

Estava aborrecida, furiosa, e o objeto de cada frustração que nunca teve, estava sentado na caminhonete ao seu lado.

—E por que diabos estou em sua caminhonete? —Bateu a mão com fúria no painel enquanto girava e o olhava fixamente.

—Porque evidentemente é onde corresponde que esteja —ele gritou em resposta, a voz brusca—Pelo amor de Deus, Rogue, por que não podia simplesmente voltar para Boston?

Isso a deteve. Rogue estreitou os olhos sobre ele, assimilando a maneira como suas mãos estavam obstinadas ao volante, a dura posição de seus lábios, o brilho de ira em seu olhar quando a fulminou. Ela pôde sentir o sangue trovejando agora em suas veias, a agitação e excitação palpitando em suas terminações nervosas.

—Por que é tão malditamente importante para você que volte para Boston? —discutiu—Vamos, Zeke, não tenho nada a ver com a morte de Joe e Jaime. Por que diabos deseja tanto que volte para Boston a menos que seja que não pode manter esse coração gelado que tem no frio enquanto estou aqui?

Zeke esticou a mandíbula e apertou o acelerador a fundo enquanto aceleravam, supôs ela, para sua fazenda.

Zeke apertou os lábios tensamente e conteve a ira pulsante que o embargava. Tudo o que podia ver acontecendo pela mente era Rogue, sacudida no aperto de Jonesy, a cabeça balançando sobre os ombros enquanto seu garçom a sacudia como um tapete.

Tinha hematomas nos braços pelos dedos do bastardo, tinha hematomas no rosto, cortesia de um punho que tinha ouvido enquanto estava algemando Jonesy. Um desses bastardos a tinha golpeado, não uma vez, mas sim duas vezes. Havia uma área escura perto de sua têmpora; a bochecha estava começando a inchar.

—Não era meu coração o que me preocupava proteger —disse rangendo os dentes— Entrará alguma vez nesse seu teimoso cérebro que possivelmente estava tentando protegê-la?

O silêncio continuou enchendo a cabine da caminhonete enquanto Zeke tomava o desvio



que se dirigia para sua fazenda. Diabos, deveria ter ido correndo com ela à emergência, não à sua fazenda, apesar de suas objeções.

—Não preciso da sua proteção. —Tremeu-lhe a voz e ele pôde ouvir a dor que ressoava nela— Não preciso nada de você, Zeke. Estou farta de sua atitude agora quente agora fria, estou de verdade farta de vê-lo só quando precisa foder.

Zeke lhe lançou um olhar furioso. Só quando precisava foder? Deu mais voltas por esse maldito bar e pelo restaurante Mackay em um dia do que fez em outros negócios. Esperava-a, vigiava-a, e maldita seja, tudo o que fazia era pensar nela, e ela pensava que só estava ali pelo sexo?

—Não preciso foder esta noite. —lhe disse com um olhar de indignação— Estava mais preocupado em afastar você da maldita gente do bar antes que acabasse com a cabeça partida. Pelo amor de Deus, Rogue, colocou-se em uma briga de bar entre dois homens que duplicam seu tamanho.

—Pelo amor de Deus, Zeke. —disse ela arrastando as palavras maliciosamente— Só acontece que era meu bar. —Gritou-lhe as duas últimas palavras— Não tem direito de me tirar dali, e é mais que certo que não tinha direito de algemar Jonesy.

—Tem sorte de que não a matasse. —A ira quase o consumiu ao recordar a visão de Jonesy sacudindo-a como uma boneca de pano —Esta é a segunda vez que esse bastardo pensa que pode maltratá-la.

—E é a segunda vez que ataca pela conclusão equivocada —o acusou ela—. Penso que o faz deliberadamente.

Zeke passou a mão pelo rosto antes de apertar o volante em um aperto mortal. Só uns minutos mais, disse a si mesmo. Estaria na fazenda, quando deveria havê-la levado ao hospital, para casa, e logo a giraria sobre seus joelhos e lhe surraria o traseiro por atrever-se a permitir estar em tal situação.

Maldita mulher teimosa. Rechaçava o cuidado médico, mas não lhe importava nenhum pouco saltar em meio de outra fodida briga de bar.

—Não tirei as conclusões equivocadas —ele disse com cuidado, tentando afogar sua ira— E Jonesy não sairá impune disto, Rogue. Terei meu próprio bate-papo com ele.

Rogue abriu os olhos de par em par com alarme. Alarme de verdade, não havia zombaria em seus olhos enquanto o olhava agora.

—Vai colocar-se em uma briga com ele porque me sacudiu um pouco? Por Deus, Zeke, isto é ridículo.

—Nem de perto tão ridículo como os nós com os que me amarrou. —Zeke sabia que estava atravessando barreiras que nem sequer se deu conta que se debilitavam por ela. Diabos, acabara de beijá-la, na frente das pessoas da quarta-feira de noite, no bar e levado-a arrastando à sua caminhonete antes de que os informes houvessem inclusive sido recolhidos. Quantas leis federais e do estado tinha quebrado com isso?

—Oh sim, Zeke, está realmente amarrado com nós a mim —soprou sarcasticamente. —Tão preso que continuamente estou tentando averiguar exatamente onde estamos. É como tentar



apanhar o vento.

Ouviu a dor em sua voz e não pôde culpá-la por isso. Estava tentando com todas suas forças assegurar-se de que ela não acabasse em perigo, que suas emoções fossem sacrificadas. Não era o que ele queria. Queria-a a salvo, e até que identificasse o homem que a Liga enviou para fazer o trabalho sujo, não estaria a salvo até que saísse do condado Pulaski.

—Não é tão difícil de averiguar —protestou ele ao final com uma borda de indignação— Diabos, Rogue, querê-la fora do condado até que esta investigação acabe não significa que tente negar nada do que há entre nós. Simplesmente significa que estou tentando protegê-la.

Fez o giro para a estrada de cascalho que se dirigia para sua fazenda e rogou que Shane não tivesse voltado para casa para passar a noite.

—Oh bem, esse é o porquê foi ontem à noite em vez de subir comigo —ela assinalou.

—Não subi com você porque estávamos tão zangados um com o outro pelo que ambos sabemos que poderia ter acontecido. Não quero transar enquanto estou zangado com você, Rogue. Temos coisas para resolver entre nós. Quero resolver antes.

—Coisas como que abandone a cidade? —discutiu ela— Pode se esquecer disto, Zeke. Não vai acontecer.

Bem, ele já tinha imaginado. Soltando um profundo fôlego tentou considerar um modo alternativo para assegurar-se de que não acabasse ferida, ou pior, morta. Diabos, já tinha perdido a sua mulher em uma investigação; não queria perder Rogue em outra.

—Discutiremos outras opções. —disse enquanto estacionava no caminho e parava o motor antes de girar para ela— Entretanto, não deixarei que se arrisque, quero deixar isso claro aqui e agora. Até que isto acabe, não pode trabalhar no bar, não pode viajar sozinha. Não até que descubra o que está em jogo.

A expressão de Rogue era dura enquanto as luzes exteriores refletiam sua pálida pele.

—Você soube de algo mais. —sussurrou ela.

Zeke respirou com força.

—Joe e Jaime foram assassinados, Rogue, e suspeito que a avó também. Se foi, isso significa que você está em perigo. Quem começou isto não terminou, e tenho um mau pressentimento. Quem foi acabará indo atrás de você.

Ela abriu os lábios, vulnerável e sedosa suavidade enquanto a língua os lambia, deixando um brilho brilhante de umidade que teria tentado a um santo.

Com um olhar de temor cintilando nos olhos, e ele não quis ver isso. Queria-a selvagem, zangada, risonha ou zombadora, mas nunca ferida ou assustada. E vê-lo fez que Zeke tivesse desejos de matar.

Capítulo 17

Rogue se sentou no sofá com uma bolsa de gelo sobre um lado do rosto. Em realidade, o



hematoma não era tão mau, mas podia entender por que Zeke tinha estado um pouco alterado. Com toda segurança, não tinha bom aspecto.

Trocou as calças de couro e o top de seda que usava no bar por uma das camisas brancas de Zeke. O tecido a envolveu em seu aroma e lhe deu uma sensação de calidez.

Com as pernas recolhidas embaixo ela observou como ele fazia um pequeno fogo na chaminé que tinha em frente. Trocou o uniforme por umas calças jeans, mas não usava nem camisa, nem sapatos.

Não havia dito muito depois de entrar em casa, e Rogue não sabia o que dizer nesse momento. Tinha ligado para o bar enquanto Zeke tomava banho para inteirar-se de que Jonesy tinha sido liberado e ainda estava no bar. Ao menos não tinha que preocupar-se por ele.

Entretanto, ia ter que tomar uma decisão sobre o bar. Sabia que Natches estava procurando vender sua participação no restaurante Mackay, assim se quisesse, podia comprar sua parte do negócio. Era algo no que pensar. Diabos, era algo que tinha estado pensando durante meses.

—Como sente o rosto? —Zeke se levantou da chaminé, voltou-se e se aproximou dela.

Ele não caminhava, avassalava. Os músculos escuros e fortes, mostravam seu poderio nos braços, peito e em seu forte abdômen. As calças jeans caídas sobre os quadris. E sob eles, Rogue podia notar que ainda estava muito excitado.

—Meu rosto está bem. —Deixou cair a bolsa de gelo na mesa de café em frente a ela antes de apoiar-se contra os almofadões do sofá. Enquanto isso, ele se sentou a seu lado.

Os dedos de Zeke se curvaram ao longo da mandíbula dela para girar o rosto para onde pudesse vê-lo melhor.

—Deveria ter ido ao hospital —disse com voz escura e rude.

—Tive piores. —respondeu Rogue tirando a importância disso. — Uma mulher me fez o pior de todos. Ela estava com um pequeno grupo de motoqueiros alguns anos atrás. Causou-me uma comoção cerebral com seu punho. Isso não foi divertido.

Sorriu-lhe e fez uma pequena piscada perversa.

—Vamos, Zeke. Deixa de me olhar furioso. Estou bem.

—Sim, está bem, por enquanto. —Sacudiu a cabeça e libertou sua mandíbula — E a próxima vez, Rogue?

—Bem, ocuparei-me da próxima vez quando se apresentar —disse em voz baixa, e depois perguntou vacilante— Está preocupado pelo que aconteceu a sua esposa?

Rogue observou como toda emoção apagou do seu rosto com a pergunta.

—O que ouviu de minha esposa? —finalmente perguntou.

Era uma boa coisa que ela não tivesse medo dos homens grandes como acontecia com sua irmã. Ou que não importasse a quem irritava.

—Escutei que sua esposa morreu durante uma investigação que estava levando a cabo em Los Angeles. Você se fez passar por um membro de SWAT⁷ interessado no estilo de vida BDSM⁸

⁷ SWAT: são as siglas de Special Weapons and Tactics (armas e táticas especiais), e originalmente do Special Weapons



para descobrir outro membro que estava metido com drogas.

—É incrível a informação que pode obter se cavar o suficiente. —E evidentemente, ela tinha cavado o suficiente para que Zeke apertasse a mandíbula. Diabos, seu corpo inteiro se apertou com furiosa tensão. Tinha sido capaz de cobrir a maior parte dos falatórios que seu pai tinha instigado à sua chegada em casa. Os rumores que seu pai tinha começado tiveram em mente um único propósito. Proteger a Liga, porque ele sabia condenadamente bem quem tinha matado a esposa de Zeke. E não era algo que Zeke fizesse.

—Minha esposa morreu por causa de uma investigação —concordou— Mas não foi a investigação com a qual estava envolvido em Los Angeles. Teve a ver com algo mais pessoal.

Deixou-lhe ver seus olhos e o que se refletia neles. A vergonha brotava dentro dele, e essa mesma fúria que o tinha açoitado durante tantos anos.

—O que significa isso? —Rogue o observou atentamente durante longos segundos.

—Significa que o que aconteceu a Elaina teve mais a ver com a razão pela qual minha mãe foi embora comigo para Los Angeles.

Cravou o olhar no fogo e lutou para não revelar toda a verdade. Ela merecia saber de tudo; infelizmente, Zeke não podia contar-lhe.

—Isso foi há muito tempo —murmurou Rogue.

Zeke assentiu.

—Faz muito tempo e esperava que suficientemente longe. Entretanto veio atrás de nós quando minha mãe decidiu ameaçar meu pai com algo que sabia. Primeiro a assassinaram. Quando comecei a investigar as coisas por mim mesmo, mataram Elaina e me advertiram que não continuasse com a investigação —apertou a mandíbula por causa das lembranças— Tive que pensar em Shane. Então desisti. Quando retornei aqui, comecei a investigar novamente. Depois estive seguindo a pista do mesmo homem. Um homem que assassinou por conta da Liga pela Liberdade. O mesmo grupo do qual Dayle e Nadine formaram parte.

Ele ouviu sua respiração difícil, contida e a olhou.

—Meu pai era um integrante da Liga —disse Zeke a seguir— E acredito que não precisa dizer que isto tem que ficar entre nós dois.

—Às vezes pode ser um idiota, Zeke.—o acusou com seus olhos violetas brilhando com fúria—É obvio que fica entre nós.

Quase sorriu ante sua veemência.

—Imaginei que o faria. —Sabia que ela o faria.

—Assim que se culpa pela morte de sua mãe e de sua esposa?

Seus olhos violetas se obscureceram. Zeke podia ver as conflituosas emoções que

Attack Team (equipe de ataque e armas especiais).

⁸ BDSM: é a denominação usualmente empregada para designar uma série de práticas e afeições sexuais relacionadas entre si e vinculadas ao que se denomina sexualidade convencional. B-Bondage D-disciplina e Dominação S-Submissão e Sadismo M-Masochismo.



impacientavam-se nesses olhos e seu coração encolheu. Não havia recriminação no olhar, só aceitação e confiança. Sacudiu a cabeça ao vê-lo.

—Maldição, é muito confiante.—disse ironicamente— Eu fui o motivo, Rogue. A fodi, simples assim. De algum jeito, consegui fazer a pergunta equivocada à pessoa equivocada. Eles se inteiraram do que estava fazendo e contra-atacaram. O chefe da Liga está agora entre as grades, mas aquele assassino ainda está rondando por aqui. Ainda não tenho provas, mas sei em minhas vísceras que matou Joe e Jamie, e suspeito que matou Callie Walker. Há muitas coincidências entre seus assassinatos e os assassinatos que o homem cometeu ao longo dos anos.

—Então, isto tem algo a ver com o que aconteceu no ano passado quando os Mackays e Cranston prenderam aqueles terroristas locais? —disse Rogue—Me perguntava... sabia que Joe e Jaime tinham amizade com os Mackays, mas não estava segura de se estavam passando informação. A Jonesy e a mim não estranhava, mas eles nunca disseram nada e eu não perguntei. Entretanto soube que tinham conexões com alguns dos suspeitos. Por um tempo eles trabalharam para Dayle, e eram amigos de vários dos homens presos.

—E Jonesy não deve saber nada mais —advertiu— Não até que saiba com certeza quem é quem e onde negociam.

—Não me encha o saco, Zeke. Sei como manter a boca fechada —o advertiu.

—E eu sei como protegê-la. —ele prometeu—Não deixarei que lhe façam mal por isso, Rogue.

—Cada um tem que ser responsável por si mesmo, Zeke —suspirou—Se estivesse assustada de que alguém aparecesse em minha porta, então tomaria medidas necessárias para me proteger. Isso seria de bom senso, não parece?

Ele se perguntou se qualquer outra mulher teria pensado nisto. Desejou havê-lo pensado ele mesmo então, possivelmente muitas coisas tivessem sido diferentes. Mas não o foram, e Rogue não deveria ter que proteger-se.

—Não. —disse brandamente enquanto deixava que o dorso dos dedos acariciasse sua bochecha machucada— Seria minha responsabilidade protegê-la.

E assim era como havia se sentido Elaina. Era responsabilidade de Zeke assegurar-se de que estivesse protegida para que pudesse desfrutar da vida a seu desejo.

—Olhe, garanhão, eu não preciso de você para proteger a esta macacada —informou mal humoradamente— Estive fazendo isso muito bem durante os últimos cinco anos e estou absolutamente segura de que continuarei fazendo-o bem por minha conta. Não é sua responsabilidade aplanar meu caminho me envolvendo em uma bolha, certo?

Não, não estava bem porque Zeke sabia que ela não tinha nem ideia do que podia estar enfrentando. A morte poderia estar em qualquer esquina, e não estaria preparada para isso. E se a tendência do assassino continuava, então com o tempo, Rogue seria o alvo, se já não o era. Estava muito perto de Joe, Jaime e sua avó. Também estava muito perto dele.

—É minha responsabilidade cuidar de você. —Ele a puxou pela nuca, mantendo sua cabeça no lugar enquanto desfrutava da sensação de sua pele sedosa na ponta dos dedos e da forma como parecia empurrar-se mais perto de seu toque.



O olhar violeta estava obscurecido com emoção enquanto ele a mantinha no lugar.

—Você somente continua pensando, Zeke —disse maliciosamente— Inclusive o deixarei acreditar nisso, quando me convier.

Ele quase se pôs a rir. Maldita seja, não deveria ter a habilidade para fazê-lo rir quando se enfrentava com a maior agitação emocional que jamais tinha conhecido em sua vida.

—Pirralha.

Baixou a cabeça, os lábios sussurraram sobre os dela.

—Garanhão. —disse arrastando as palavras enquanto separava os lábios e se apertava a ele.

Zeke começou com sucções pequenas. Seus lábios deram um puxão ao lábio inferior dela, a língua o acariciou quando sentiu as mãos de Rogue contra seu peito nu. Os dedos se estenderam, tocaram-no tentativamente, logo se enroscaram contra a áspera carne peluda do peito. As unhas delicadas raspavam a pele, e um gemido fraco e feminino escapou de seus lábios quando os dele se instalaram com mais firmeza sobre eles.

Era doce e quente, e tão viciador como o inferno. Maldição, tinha sentido falta dela na cama ontem à noite, tinha sentido tanta saudade que doía. Era como um raio de sol, e não se derramou em sua vida em todo o dia. Não era necessário, decidiu. Tinha que saboreá-la, manhã, tarde e noite.

Que diabos o fez acreditar que poderia prescindir de Rogue? perguntou-se enquanto a aproximava e gemia pelo sabor de seu beijo. Não havia nenhuma maldita maneira de que pudesse suportar que ela saísse de sua vida. Não quando estava começando a aprender o que significava tê-la. Não quando estava aprendendo, com cada novo toque, como Rogue afetava a sua sexualidade.

Queria conservar este beijo, queria fazer que durasse uma eternidade, mas Rogue lhe subia à cabeça mais rápido que o licor ilegal. Embebedava-o com sua própria luxúria, deixava-o louco para tomá-la de muitas maneiras. De todas as maneiras possíveis.

Rogue tremia pela magnitude do poder do beijo de Zeke. Inclinou-se para ele, deixou a ponta dos dedos rastrear a linha dura e musculosa de seu peito, e se permitiu inundar-se no prazer que estava se formando dentro dela.

Nesta ocasião havia um componente diferente no toque de Zeke. As mãos eram igualmente firmes, o beijo era igualmente quente, mas cada carícia, cada respiração quebrada parecia agora mais intensa, mais brusca, mais escura.

As mãos de Rogue se moveram brandamente do peito aos ombros, os dedos agarrando seus músculos duros, enquanto sentia as demandantes emoções bombardeando-a. O beijo era mais faminto, mais rude. As sensações transbordaram através dela quando lhe afundou a língua dentro da boca e encontrou a sua. Saboreou-o, desfrutou-se nele. Seu sabor era completamente masculino, infestado de luxúria, de paixão. Chamuscou-lhe os lábios, chamuscou-lhe a mente, e a deixou estendendo-se, apertando-se mais a ele, desesperada por mais.

Os braços de Rogue se enroscaram ao redor do pescoço de Zeke, os dedos aferrando a nuca enquanto lutava para ficar mais perto, cada vez mais perto.



—Aí tem, meu bem. —grunhiu contra seus lábios quando ela se ajoelhou e montou escarranchada sobre suas poderosas coxas— Tão doce.

Um grito escapou dos lábios de Rogue enquanto inclinava para trás a cabeça sobre os ombros. A sensação de suas mãos deslizando-se debaixo da longa camisa para abarcar seu traseiro, cativou-a. Sentia-se condenadamente bem. A forma em que suas calosas mãos abarcavam a redondez de seu traseiro e se curvavam no músculo dali. As pontas dos dedos giraram, acariciaram, puxaram os globos gêmeos e enviaram uma pontada de intenso prazer queimando a entrada oculta.

Retorcendo-se contra ele, podia sentir sua respiração ofegante, a ponta dos seios pressionando no tecido da camisa enquanto se esfregava contra seu peito como um gato.

—Maldição, aí o tem, querida —ele cantarolou. —Fique louca por mim, Rogue. Deixe-me sentir como se perde, meu bem.

Perdeu-se com o primeiro beijo. Perdeu-se dentro das sensações derramando-se sobre ela, e nas emoções derretendo seu coração das quais não podia escapar, sem importar o muito que tentasse.

Estar apaixonada por Zeke Mayes poderia ser um beco sem saída. Poderia ser a lição mais dolorosa de toda sua vida. Sabia, e estava entrando nisso com os olhos bem abertos.

Bom, metaforicamente bem abertos. No momento estavam fechados. Os quadris agitando-se contra ele, gritos quebrados caíam de seus lábios, enquanto se pressionava contra a dura ponta de seu membro com movimentos desesperados para sua vagina coberta de seda. O clitóris estava inchado, pulsando, necessitado. Sua vagina estava derramando sua escorregadia umidade, e ela não tinha vontade para lutar contra isso.

—Doce Rogue. —As mãos de Zeke se deslizaram sobre seu traseiro, ao longo dos flancos, logo abarcou os montículos inflamados dos seios. Os polegares calosos tamborilaram sobre os inchados mamilos e enviaram uma rajada de sensações diretamente ao clitóris.

Queria que durasse para sempre. Queria as chamas correndo depressa sobre sua pele para mantê-la cativada toda a vida.

Não queria que terminasse. Não queria arriscar-se jamais a perder este prazer ou este homem.

—Segure-se bem em mim, Rogue.

Estava-a levantando, ficando de pé enquanto envolvia as pernas ao redor dos quadris e gritava pela sensação da dura ponta do membro pressionando mais forte contra a carne úmida.

—Isto é tão bom. —gemeu Rogue quando ele caminhou— Oh, Deus, Zeke, é condenadamente perverso.

Cada passo era uma agonia, era o desejo em sua forma mais crua.

—Não viu o perverso ainda. —prometeu enquanto subia as escadas, as mãos indo para o traseiro de novo, apertando as bochechas, agarrando-a forte enquanto subia os degraus.

Cada passo rastelava fogosas sensações através do clitóris e impulsionava impactos de arcos fragmentados ao longo do corpo.

Deveria ser ilegal dar tanto prazer, pensou Rogue. Deveria haver uma lei contra a corrupção



da mente de uma mulher até que nada importasse exceto o toque de um homem.

Enquanto a levava, propôs-se assegurar-se que ele estivesse verdadeiramente enlouquecido por seu toque. Os lábios de Rogue se deslocaram pelo lado do pescoço enquanto ignorava seu gemido de misericórdia. Os dentes arranhavam sobre seu pulso, logo os lábios se instalaram na base do pescoço, separaram-se, e atraíram uma pequena parte de resistente pele dentro da boca para dar uma pequena dentada apaixonada.

Tinha levado sua marca mais de uma vez; agora ele poderia levar a sua.

Surpreendeu-se quando uma mão lhe soltou bruscamente o traseiro. A palma cobriu sua nuca, e um gemido estrangulado saiu dos lábios de Zeke quando pareceu tropeçar contra a parede.

Rogue apertou as pernas ao redor de seus quadris, e manteve os lábios no pescoço. Lambeu, mordiscou, e chupou delicadamente a pele masculina enquanto o ouvia amaldiçoar e logo sussurrar seu nome como em uma prece.

—Deveria surrá-la pelo que me faz. —A voz era escura e rude enquanto se movia para um dormitório.

—Promessas, promessas. —murmurou ela.

Um segundo mais tarde Rogue sentiu que suas costas encontrava o colchão, embora se negou a liberar o agarre que tinha sobre ele. Levantou os quadris e se esfregou contra sua ereção. Um ofego de agônica necessidade saiu de sua garganta pelo puro prazer sensual que rugiu pela ação.

—Tire essa maldita camisa. —Obrigou-a a baixar os braços enquanto se inclinava para atrás e rasgava os botões e todo o resto.

—Você gosta de rasgar minha roupa. —ofegou.

—Quero você nua. Nua e pronta para mim. Além disso, é minha camisa —recordou, o olhar percorrendo seus seios enquanto subiam e baixavam com cada respiração desesperada que tentava tomar.

Evidentemente, não importava se ela respirava ou não. Baixou a cabeça e Rogue observou, suspensa, presa em um torvelinho de prazer como os lábios desceram, separaram-se, e chuparam um mamilo apertado e duro dentro da quente e úmida caverna de sua boca.

Arqueando-se, gritou pelo prazer que açoitou ao longo dela através das terminações nervosas, que enviou raios de fogo percorrendo sua pele.

Apertando as pernas ao redor dos quadris, levantou-se mais perto da ereção que pulsava por debaixo de suas calças jeans e lhe cravou as unhas no couro cabeludo quando ele se esfregou contra ela.

Não havia nada como estar agarrada a ele, sentindo seu toque, perdendo-se no prazer. Acariciou-lhe cada mamilo, chupou-o deliciosamente, e a reduziu a mendigar pela posse.

—Ainda não. —grunhiu ele, um bom tempo depois quando afastou as pernas dela da cintura.

Enganchou os dedos no elástico das calcinhas enquanto se inclinava para trás, e retirava o frágil material das pernas antes de deixá-lo cair no chão.



A antecipação e a consciência sexual chismando agora no ar. Rogue sentiu o suor umedecendo sua pele, crepitando sobre a pele quando ele se endireitou ao lado da cama e baixou as mãos para a cintura das calças jeans.

Desfez-se delas rapidamente, eficientemente, e em questão de segundos parou diante dela, nu e excitado.

Rogue podia sentir a antecipação como uma carícia física quando a olhou, os olhos entreabertos, uma mão agarrando o caule de seu membro com a expressão tensa de necessidade.

—Abra as pernas para mim. —ordenou, com voz áspera.

Rogue abriu as pernas lentamente, olhando-o enquanto a excitação alagava seu corpo. Nesse momento se deu conta do muito que significava para ela e a aterrou. Deveria estar fugindo dele; deveria havê-lo expulsado de sua vida em vez de lhe dar a oportunidade de machucá-la mais.

Mas não podia fugir. Não podia dizer não. Precisava dele mais do que nunca teria desejado admitir.

—Tenha piedade.—grunhiu Zeke, o olhar centrado entre as coxas enquanto se deslocava entre as pernas, os largos ombros as separando mais quando se estendeu debaixo dela — Doce, doce Rogue. Será minha morte.

Não tinha tempo para discutir a afirmação. A cabeça de Rogue se inclinou para trás em um grito estrangulado quando os lábios desceram à carne úmida entre as coxas. Ardente e voraz, consumiu-a desde a primeira lambida. A língua formou redemoinhos ao redor do clitóris, lambeu nas dobras excessivamente sensíveis, e a enviou ao céu dentro de um prazer que não poderia negar se acaso quisesse.

A rajada de prazer era embriagadora. Separou mais as pernas cravando as unhas no couro cabeludo de Zeke. As sensações eram entristecedoras, trovejando através das veias. Nada importava exceto colá-lo a ela, senti-lo, tocá-lo.

—Zeke, por favor.—murmurou quando o prazer começou a aumentar e apertar entre as coxas.

—Oh, satisfaz-me muitíssimo⁹. —prometeu antes que os lábios se franzissem sobre o clitóris e o sugasse brandamente, brevemente.

Os quadris de Rogue se arquearam quando um prazer insuportável rasgou através dela pela carícia.

—Tranquila, meu bem. —cantarolou Zeke quando levantou a cabeça — Simplesmente sintase bem para mim.

Os lábios retornaram, outro beijo, o tato dos dedos movendo-se com cuidado através da nata, deslocando-se mais abaixo, mais abaixo e a seguir tocando, acariciando a entrada de seu traseiro.

A sensação fustigou através dela; conduziu candentes pontadas de prazer através do clitóris, do ventre. A paixão a açoitou completamente, vinculou-a a ele.

⁹ Nota de tradução: Trocadilho. No original “you please me very much” que joga com a frase anterior em que Rogue pede por favor ao Zeke.



Os dedos eram tão malvados como a boca. Ele extraiu umidade de sua vagina para a diminuta entrada do seu traseiro. Acariciou-o e massageou. Logo deslizou um longo dedo dentro dela, estirando a abertura, enviando chamadas de prazer através dela.

Querida mais. Necessitava mais. Podia sentir a mente dissolvendo-se quando gritou, arqueou-se e conduziu o dedo mais profundo só para choramingar em sinal de protesto quando ele se retirou.

—Vire-se, Rogue.

Não lhe deu tempo para girar. Antes que pudesse recuperar a respiração, levantou-se de entre as coxas, agarrou-lhe os quadris e a deitou sobre seu estômago.

Rogue sentiu as mãos nos quadris colocando-a bruscamente de joelhos.

A mão de Zeke acariciou o traseiro, logo aterrissou em uma série de avivados açoites que a fizeram estremecer, tremer de necessidade enquanto usava os dedos da outra mão para lubrificar e estirar seu traseiro.

Estava quase sem fôlego, sentindo o estiramento ardente que lhe produziam seus dedos, a tensão no ar, a fome que parecia queimar cada centímetro de sua carne.

Gritava seu nome, perdida na sensação, perdida na pura dominação do que ele estava fazendo. A importância do ato formou redemoinhos em sua cabeça. Uma sensação de submissão, de vinculação teceu cadeias de seda através de sua alma.

Quando sentiu a larga ponta de seu membro contra a abertura se aplacou, mal capaz de respirar agora, e definitivamente incapaz de protestar.

—É minha, Rogue? —As mãos acariciaram o traseiro antes de utilizar ambas para cobrir habilmente as bochechas dela.

—É meu? —Disse com voz estrangulada, a necessidade de possuir tanto dele quanto ele possuía dela, rasgando-a por dentro.

—Agora sempre seu, Rogue. —A voz era espessa quando a segurou quieta e empurrou dentro dela— Todo eu, Rogue. Toma tudo de mim.

—Oh Deus, Zeke. —Arqueou as costas quando o ardente prazer se rasgou através dela. Seu traseiro se separou sob a pressão enquanto as sensações queimantes como raios, em carne viva, começaram a correr velozmente através das terminações nervosas.

Pensou que o prazer não poderia tornar-se mais brutal. Pensou que tinha experimentado tudo a respeito de sensações extremas.

Quando a larga glândula transpassou a entrada sensível, Zeke se deteve. Rogue estava perdida nas chamadas dessa pequena penetração quando sentiu outra.

—Zeke! —Tentou gritar seu nome, mas o ofegante som foi mais uma débil súplica.

Sentiu o movimento do vibrador metido contra a entrada da vagina. Sentiu o pulso movendo-se contra as coxas enquanto ele o empalava lentamente.

—Vamos, querida. —cantorolou atrás dela enquanto o brinquedo deslizava lentamente dentro dela, separando-a, trabalhando cada terminação nervosa com uma vibrante carícia insidiosa.

Quando esteve agasalhado completamente em seu interior, pensou que ia tornar-se louca



de prazer. A vibração do brinquedo dentro dela disparou mini explosões dentro das terminações nervosas. Sua vagina se flexionou ao redor do vibrador, seu traseiro se apertou ao redor da intrusão que o penetrava levemente. Era uma singular acumulação de sensações e estava se afogando no prazer-dor que a embargava.

—Devagar. —gemeu Zeke atrás dela.

Devagar? Ela não queria devagar. Queria tudo.

—Aqui, querida. —Agarrou-lhe o braço, moveu-o brandamente para baixo até que a mão de Rogue esteve entre as coxas — Mantenha-o dentro de você.

Rogue choramingou pela exigência enquanto enroscava os dedos na pesada base. Pressionou a mão para frente, empurrando o brinquedo completamente dentro dela até que a extensão grossa e áspera que se elevava da base começou a massagear seu clitóris.

Perdeu a mente, os sentidos. A sensação a rasgou completamente quando Zeke começou a mover-se atrás dela. Aferrou-lhe os quadris com as mãos; o membro entrou em seu traseiro quando começou a fodê-la com movimentos longos e parecidos. Estava cheia, estirada, queimando, e consciente de todos e cada um dos golpes contra as terminações nervosas que estavam muito sensíveis para suportar o prazer durante muito tempo.

Sua vagina estava cheia, estirada, apertada pelo excitante brinquedo. Seu traseiro estava ardendo pelos fortes golpes com os que estava fodendo-a. Podia sentir cada vibrante batimento de sua ereção, cada grossa veia que corria ao longo dela.

Cravou a cabeça no colchão quando as mãos de Zeke se fecharam em seus quadris, e sentiu que o prazer começava a acumular-se criticamente dentro dela.

Cada osso e músculo em seu corpo começou a esticar-se. Perdeu o controle dos sentidos, do corpo. Ardentes labaredas corriam a toda velocidade sobre sua carne, e explodiam em seu ventre enquanto um gemido longo, agonizante saía de sua boca.

Ondas expansivas de destrutivo êxtase arderam fora de controle e rasgaram através da carne sensível como pequenas espetadas de sensações rompendo dentro dela.

Gritou seu nome, os músculos de seu traseiro se apertaram, tentando travar a ereção dentro dela. Sua vagina se agarrou com força ao vibrador, esticou-se. Seu clitóris explodiu em um cataclismo de sensações que correram velozmente para sua vagina, seu útero, e a cada ponto longínquo quando o escutou gritar seu nome.

Zeke empurrava dentro de Rogue forte e profundamente, suas mãos apertadas sobre ela, os músculos duros das coxas lhe pressionando a parte detrás das pernas, e em questão de segundos o sentiu gozar.

A sensação de cada jorro incrivelmente quente de sêmen dentro dela a lançou mais alto, mais forte dentro da voragem de êxtase.

Voava pelo tempo e o espaço, presa em um prazer tão intenso que se perguntou se o coração poderia suportá-lo.

Arqueou as costas, cravou as unhas nas mantas, e finalmente, com uma última explosão poderosa, foi jogada dentro de um lugar onde somente residiam a paixão e o prazer. Aonde não sabia nada, não sentia nada exceto o prazer atravessando-a completamente.



Ficou sacudindo-se, tremendo de esgotamento quando terminou. Derrubou-se na cama. Zeke a cobria, ainda enterrado dentro dela, os lábios em seu pescoço, os gemidos ainda lhe enchendo os ouvidos.

Suas mãos ainda agarravam seus quadris, seus lábios pressionavam o pescoço, seu beijo tão feroz como o agarre que tinha sobre ela.

—Deus, sim. —gemeu Zeke—Ai Deus, Rogue!

A voz de Zeke era atormentada, ofegante. Atrás dela, o peito dele subia e baixava violentamente contra suas costas enquanto sua carne tinha espasmos de prazer ao redor do membro e do brinquedo erótico ainda pressionado em seu interior.

Ao menos o vibrador já não zumbia. Em algum momento ele devia havê-lo desligado. Maldita boa coisa que fez, porque ela duvidava que tivesse a capacidade mental para fazê-lo.

Mas tinha a capacidade emocional. Seu coração, sua alma, e soube que simplesmente tinha entregado ambos a Zeke.

Capítulo 18

Ela ia acabar com ele. Esse era o pensamento concreto na cabeça de Zeke enquanto cobria cuidadosamente Rogue com uma manta depois que caiu em um sono exausto. Dormia tão profundamente como uma criança, aconchegada no centro da cama. Os cílios acobreados dourados apoiados brandamente nas bochechas, os lábios rosados sem batom, o rosto sem maquiagem, via-se como uma pequena fada inocente vinda para tentar a sua mente à loucura.

Estava fazendo um trabalho muito bom tornando-o louco. Porque ele sabia que não a deixaria ir depois desta noite. Ela era dele, e agora ia ter que tratar com o homem que tinha tentado da escuridão.

Ela poderia lidar com isso, disse Zeke estava seguro. O problema era se iria querer lidar com ele uma vez que aprendesse as regras do jogo?

Comprovando para assegurar-se que dormia profundamente depois de ambos tomarem banho, limpou o vibrador que tinha posto na gaveta da mesinha de noite depois que ela esteve na casa a última vez e voltou a colocá-lo na gaveta junto com o gel lubrificante.

Tinha sabido que chegaria a isto. Tinha sabido quando a meteu em sua cama, para onde conduziria essa perda de controle.

Depois de beijar sua testa delicadamente, vestiu-se e saiu da casa. Ainda estava escuro, mas o amanhecer não estava muito longe. O que significava que não tinha muito tempo para fazer o que tinha que fazer.

Agora estava controlado, mas não tinha mantido seu controle mais cedo. Tinha sabido que estava brutalmente descontrolado no momento em que despiu o bonito traseiro de Rogue ao seu olhar. Graças a Deus que não se deu conta que ele tinha estado montado em uma corda bamba. Mas ele sabia. Tinha-o sabido e não foi capaz de retirar-se da borda.



Fazia tudo o que podia para não surrá-la como queria e isso era somente porque estava muito desesperado por provar sua submissão sexual a ele.

Era inocente uns dias atrás, uma virgem. Não sabia das implicações do que estava fazendo, e não deveria havê-lo aceito tão facilmente. Ali deveria ter havido um pouco de medo, de cautela por parte dela. Tinha esperado ter que acalmá-la, ser suave. Em troca, Rogue tinha levantado esse pequeno traseiro insolente diretamente para ele e o convidou a fazer o pior.

Passou a mão pelo rosto enquanto colocava em movimento o motor da caminhonete e dava marcha ré pelo caminho de entrada. Essa noite, ela tinha se apropriado de uma parte dele que não acreditou que nunca fosse capaz de dar a uma mulher. Tinha-lhe roubado o coração quando ele acreditava que não tinha um coração para roubar.

Não foi somente o sexo ou a submissão. Não foi uma só coisa, Zeke entendeu de repente. Foi a compreensão no momento que a tinha tomado que não só lhe pertencia, mas sim que pertencia a ela. Porque em todos os anos que tinha sabido do escuro núcleo sexual que tinha, nunca tinha conhecido uma mulher como Rogue.

Era aventureira, selvagem como o vento, mas séria, honorável. Era uma mulher que amaria a um homem com cada pingo de seu coração, e sabia que o amava. Tinha estado em seus olhos, em seus suspiros, em cada resposta que tinha brindado a cada toque que lhe tinha dado.

Era dele, e protegê-la era seu direito, assegurar que nunca, jamais fosse machucada era seu privilégio.

Assegurar-se que nunca a perdesse por causa do trabalho que tanto significava para ele era imprescindível.

Essa parte seria mais difícil que o que se propunha fazer esta noite. Esta noite, asseguraria-se que um homem em particular entendesse que nunca ia pôr suas mãos sobre ela de novo.

Manter o controle quando chegou conduzindo à cena tinha sido quase impossível. Ceder às exigências de Rogue para que soltasse Jonesy tinha sido inclusive mais difícil. Mas há muito tempo se deu conta de algo sobre ela. Daria sua vida por um amigo; tinha-o provado quando tinha defendido Shane e tinha perdido a reputação. Ele não se arriscaria a um confronto, especialmente em público, por Jonesy.

Não, encarregaria-se de Jonesy em privado, somente entre eles dois enquanto Rogue dormia.

Não tomou mais de uma hora chegar ao Bar. Agora, eram perto das quatro da manhã, mas a caminhonete de Jonesy estava ainda no estacionamento, como Zeke sabia que estaria.

Geralmente o garçom estava no bar até que amanhecia, saindo justo quando o sol aparecia pelo horizonte e não retornava até pouco antes do turno da noite. Seus ajudantes junto com Rogue abriam o bar as cinco a cada tarde, exceto no domingo.

Entrou com a caminhonete na frente do estacionamento e desligou o motor antes de abandonar o veículo. A porta principal estava fechada com chave, Zeke se dirigiu a ela com passo seguro e esmurrou o pesado painel.

Não teve que esperar muito antes que fosse aberta e Jonesy saísse, a expressão cautelosa. Calvo e excessivamente musculoso, Jonesy era um touro de homem que a maioria dos



homens duvidavam em contrariar.

Zeke tinha a intenção de fazer mais que contrariá-lo.

—Mudou de opinião a respeito de me prender? —A cara larga de Jonesy se torceu em uma careta de desprezo quando enfrentou Zeke, apertando os fortes punhos — Não tem medo que Rogue poderia chorar um pouco se o fizer?

Uma risada dura saiu da garganta do garçom ante a declaração. Como se a ideia de Rogue chorando o divertisse. Enviou-lhe um jorro de pura raiva concentrada formando-se dentro dele.

—Não me preocupa se Rogue derrama lágrimas por você ou não, Jonesy. —disse Zeke arrastando as palavras— Os hematomas que deixou no braço dela esta noite sim me preocupam.

Por um momento houve um olhar de arrependimento nos olhos do garçom. Foi com a mesma rapidez substituído por uma careta de ódio.

—Ela nem sempre atende às razões.—cuspiu furiosamente— Essa garota se meteu diretamente nessa briga como se fosse da sua conta quem estava lançando murros. Melhor meu hematoma no braço que um pescoço quebrado de alguém mais.

Nem de brincadeira!

Zeke não tinha intenção de permanecer por aí discutindo com o outro homem; tinha vindo aqui por uma razão.

—Esta é a segunda vez que colocou a mão sobre o que me pertence. —afirmou Zeke em voz baixa— Não toque o que é meu, Jonesy, por nenhuma razão. De maneira nenhuma, não importa como.

—Pelo último que ouvi nenhum homem era o dono dessa garota.—grunhiu Jonesy— Estive atento nela durante quatro anos. Onde diabos estava quando ela precisava de alguém às suas costas? Você estava indo atrás de putas, Xerife. Deitando-se com fulanas e lixo enquanto eu estava atento a Rogue. Agora, acredita que pode entrar aqui tão leve e tratá-la como trata suas conquistas? Não enquanto ainda puder lhe inculcar um pouco de bom senso.

—Como a uma de minhas conquistas? —Os olhos de Zeke se entreabriram.

—Sim, as questionáveis putinhas que mantém pendurando de uma corda. Já sabe xerife, as que esconde de dia e fode de noite. Ou estou equivocado sobre Rogue? Talvez passar o momento com esse lixo Walker o pegou depois de tudo.

Acabou-se. Zeke viu a neblina vermelha que descia sobre seus olhos. Antes que pudesse refrear o impulso, a adrenalina subiu por suas veias. Seu punho voou, chocou-se contra a mandíbula muito dura de Jonesy, e enviou o outro homem voando ao lado do edifício.

Jonesy era um touro de homem. O golpe que tomou por surpresa não era o único que requeria para fazê-lo compreender quem era o macho principal na vida de Rogue. Zeke preferia matá-lo, diabos, mas bem o prenderia e o veria sofrer, mas sabia que Rogue nunca o toleraria.

Isso significava atacá-lo homem a homem.

A briga que se suscitou foi uma das brigas a murros mais duras nas quais Zeke tinha estado, possivelmente em sua vida. Os punhos de Jonesy eram como presuntos e se chocavam contra a carne como tijolos. Os rins de Zeke sofreram um golpe, e se não estivesse equivocado, Jonesy tinha perdido um dente.



—Sacana! —amaldiçoou Jonesy quando seu punho errou a mandíbula de Zeke.

Um segundo mais tarde um estrangulado:

—Vá a merda. —rompeu de seus lábios quando Zeke o jogou de um chute contra a parede de cimento do bar.

O nariz de Jonesy estava sangrando, os lábios estavam partidos, tinha um corte debaixo do olho, e estava segurando o estômago onde Zeke o tinha chutado só uns momentos antes.

Jonesy avançou afastando-se da parede. Desta vez, seu largo punho conectou com a mandíbula de Zeke, jogando-o para trás enquanto as estrelas explodiam diante de seus olhos durante uns preciosos segundos. Deu a Jonesy a abertura que necessitava para colocar outro murro nos rins e outro duro muito direito na mandíbula.

Zeke enterrou o punho no estômago de Jonesy, lançou-o para trás, novamente o golpeou com os punhos no estômago, na mandíbula, e outro nos rins.

O garçom caiu de joelhos, tossindo, resfolegando, enquanto segurava o estômago.

—Toque-a de novo, e da próxima vez passará um tempo atrás das grades. — advertiu Zeke, sua própria respiração agitada, rasgando em seu peito quando elevou Jonesy arrastando-o pela gola rasgada da camisa, e o lançou de novo contra a parede —Entendeu, Jonesy?

—Não a machuquei —tossiu Jonesy violentamente— Não machucaria Rogue.

—Entendeu? —Zeke golpeou a cabeça de Jonesy contra a parede— Responda-me, maldito seja.

—Não a machucaria.

—Disse a você que não a tocasse outra vez. Nunca. —grunhiu Zeke.

—Eu não sei você, Zeke, mas acredito que ele já entendeu.

Zeke congelou com o som da voz de Rogue atrás dele. Agora podia sentir seu estômago encolher-se com uma sensação de temor. Diabos, supunha-se que deveria estar em casa adormecida.

—Estamos fodidos. —disse Jonesy soprando em um sussurro, os olhos dilatados quando cravou o olhar em Zeke— Merda. Maldição. Ela vai em cima das nossas bolas.

—Solte-o, Zeke. —A voz era suave, a pronúncia de cada palavra cuidadosamente precisa.

Zeke afrouxou o aperto sobre a camisa de Jonesy, fez uma careta, e uma vez mais encontrou seu olhar.

—Fique fora disto —advertiu ao garçom a meia voz.

—Muito longe. —Jonesy assentiu rapidamente com a cabeça— Tão longe que sou só uma lembrança.

Isso era mau e Zeke sabia. Apertou os dentes, exalou, logo se voltou para enfrentar a fúria de Rogue.

Um táxi se retirava do estacionamento atrás dela. Estava de pé ali, vestida com a saia de couro que tinha usado na noite anterior e sua camisa branca. A camisa pendurava debaixo da saia e fazia que os negros saltos de plataforma parecessem ainda mais pecaminosos que antes.

—Achava que estava em casa —disse Zeke, mantendo a voz firme, tranquila— Deixei você lá por uma razão.



Olhou ao redor dele para onde a porta de entrada ao bar se fechou de um golpe atrás de Jonesy. Estava escapando como um rato de um navio a ponto de naufragar.

—Assim poderia espancar meu amigo? —A fúria brilhava em seus olhos e ruborizava seu rosto enquanto se movia lentamente para ele, cada passo lento e cauteloso.

Os selvagens cachos acobreados dourados, compridos até a cintura formavam redemoinhos ao redor dela na precoce luz do amanhecer. Os olhos violetas brilhavam com fúria no pálido rosto.

Parecia uma fada enfurecida decidida ao assassinato e ao caos. E era o traseiro de Zeke o que Rogue estava decidida a assassinar.

—Assim poderia chegar a um entendimento com seu amigo? —disse-lhe, limpando a boca com o braço enquanto se deslocava, caminhando a grandes passos longos para ela e a pegava pelo braço com um firme agarre.

—Solte-me! —sacudiu-se com força de seu agarre, a expressão torcendo-se com fúria— Nem sequer tente me tocar.

—Vamos. —Zeke endureceu a voz enquanto a arrastava para volta da porta que Jonesy tinha atravessado mais cedo— Agora. Não vou brigar com você no estacionamento.

—Por que não? Brigou com Jonesy no estacionamento. —respondeu aos gritos, tentando chutá-lo enquanto a arrastava para a entrada— Pode brigar comigo malditamente bem aqui.

—Jonesy é um assunto totalmente diferente, Rogue. —Zeke manteve à margem a frustração formando-se em seu interior. Manteve seu controle firmemente em seu lugar. A situação com Jonesy estava resolvida no que a ele se referia. Homem a homem.

Tinha o pressentimento que Jonesy não esqueceria as consequências de maltratar Rogue novamente.

Zeke teria preferido ver o bastardo despedido, mas até que Rogue estivesse farta da atitude do outro homem, a única coisa que Zeke poderia fazer era vigiar de perto a situação. E ainda mais de perto a Rogue. Se ela não terminasse por matá-lo antes que o dia acabasse.

—Foi muito longe desta vez, Zeke. —ela gritou enquanto ele mantinha os dedos travados ao redor de seu pulso e não fez nada a não ser arrastá-la através do bar— Isto não é da sua conta.

—Aí é onde se equivoca. Quando outro homem se atreve a pôr uma mão sobre minha mulher, é da minha maldita conta.—grunhiu.

Não o consentiria. Tendências possessivas a um lado, Zeke não teria permitido que nenhum homem tratasse uma mulher como Jonesy tinha tratado Rogue, sob nenhuma circunstância. Jonesy não estava atrás das grades pela intromissão de Rogue. Qualquer outro homem teria estado refrescando seus calcanhares no centro de detenção.

—E quem diz que sou sua mulher? —grunhiu-lhe enquanto avançavam através da porta privada e giravam para as escadas e ao seu apartamento acima— Não recordo te dar autorização para dar uma de Neanderthal comigo.

—Claro que o fez. —disse arrastando as palavras quando chegou ao patamar e provou o trinco.

Filha da puta, tinha deixado a porta sem chave de novo. Voltou-se e lhe cravou o olhar.



—O que lhe disse sobre fechar a porta com chave?

—Me desculpe, Zeke, mas não sabia que passaria a noite em outro lugar —replicou Rogue. Ele sacudiu a cabeça pela aparente falta de critério que ela tinha.

Rogue queria esbofetear a condescendência de seu rosto. Primeiro teria que recuperar seu pulso. Puxou uma vez mais quando ele abriu a porta lentamente e revistou os quartos do grande apartamento.

Diabos, deveria ter trazido a arma com ele.

—Está sendo muito super protetor, Zeke. Mencionei o muito que odeio ser protegida?

Rogue observou como Zeke se afastava dela. Cruzou os braços sobre os seios enquanto o olhava com ódio.

Como se atrevia a começar uma briga com seu garçom, por ela? Era sua briga; não necessitava dos grandes punhos masculinos ocupando-se de seus assuntos.

—Não me importa quanto o odeia. —afirmou enquanto se deslocava através da sala de estar e a cozinha e entrava em seu dormitório.

—Não se importa quanto o odeio? —Rogue olhou boquiaberta suas costas enquanto ele desaparecia através da porta antes de mover-se rapidamente para alcançá-lo— Que diabos está fazendo revistando meu apartamento, e como que não se importa quanto o odeio?

Deteve-se enquanto saía do banheiro e ficou olhando com esses seus olhos predadores, decididos. Esse olhar, tão dominante e contundente, deveria ter tido sua fúria golpeando para alcançar o máximo nível em vez de acendendo lembranças do tempo que tinha passado em sua cama durante toda a noite e da vigorosa sexualidade que tinha mostrado.

—Quero dizer, que é muito tarde para sair do jogo. —A voz era enérgica, escura—Eu a adverti, que estava entrando em algo que poderia não ser capaz de lidar, Rogue. Agora, simplesmente terá que aprender a lutar com isso. O que fez Jonesy era inapropriado e você se negou a despedi-lo, assim que me encarreguei disso.

—Batendo nele até quase matá-lo? Deixando que o golpeasse?

O sangue arruinava seu queixo e sua mandíbula, a camisa estava rasgada e ia ter um olho arroxado. Rogue tinha tido que fechar os dedos em punhos quando viu o dano pela primeira vez. Os punhos tinham permanecidos dobrados, esperando uma oportunidade para acrescentar uma mancha roxa à dura e teimosa expressão de Zeke.

Seu lábio inchava, e apostava que suas costelas já estavam machucadas. Não é que se visse ou agisse como se tivesse sequer um arranhão. Tinha os ombros erguidos e a arrogância estava estampada densa e clara em sua expressão.

—É uma coisa de homens. —Deu de ombros.

—É uma coisa de homens? Uma coisa de homens? —A incredulidade a enchia enquanto o olhava fixo—Foi completamente Neanderthal porque é uma coisa de homens?

—Não se encarregou da situação e o jogou de quatro à rua, eliminando assim o risco de que ele abusasse mais de você, assim me encarreguei disso.

—Encarregou-se disso? —Ela se mostrou surpreendida. Não podia acreditar na audácia absoluta que se apropriou dele para dizer tal coisa—É assim como se ocupa das brigas



domésticas, também, Zeke? Simplesmente moendo a pauladas a qualquer homem que não faz o que você acredita que deveria?

—Então estou de serviço. —O sorriso era tenso— Não estava de serviço esta manhã. E mais, o fato de que você seja minha mulher muda as regras. Ocupo-me do que é meu.

—Oh meu Deus —exclamou assombrada— Você enlouqueceu.

Cravou-lhe o olhar, assombrada, aturdida quando ele avançou lentamente para ela. Havia algo no movimento e no deslocamento de seu corpo. Uma aura de sexo e perigo que parecia encher o quarto e rodeá-la enquanto se afastava retrocedendo dele.

—Não me comprou. Não me possui. Está louco.

Zeke sorriu, uma curva lenta e arrogante de lábios.

—Aposto que suas calcinhas estão molhadas, Rogue. Aposto que agora mesmo está tão malditamente excitada que um forte sopro a faria gozar.

Tinha razão.

—Você enlouqueceu. —o acusou Rogue enquanto suas costas encontravam a parede.

—Sua vagina está quente e úmida —grunhiu— Vamos, Rogue, me diga que não está.

Sacudiu a cabeça, desejando poder ignorar a debilidade nos joelhos, o comichão entre as coxas.

—Está ensanguentado, arroxado e é um prepotente. —respondeu bruscamente— Isso não é excitante, Zeke.

—Mentirosa. —Veludo negro e sexo, a voz era áspera, primitiva. Enviou-lhe uma onda de calor chocando-se por seu corpo.

Rogue engoliu com força. A parede estava às suas costas; Zeke era outra parede pressionando apenas contra seus seios.

Os mamilos estavam endurecidos, sensibilizados quando o peito dele roçou contra o dela, estimulando-os até mais enquanto apoiava as mãos contra a parede, prendendo-a.

—Qual é seu problema? —Rogue desejava que sua voz não soasse tão fraca. Desejava conservar a fúria ardendo em lugar da excitação, mas era a excitação, a fome, atizada pela dominação completa que ele estava mostrando, as que tinham prioridade.

—Meu problema? —Entrecerrou os olhos, os escuros cílios marrons ocultando seus pensamentos, suas emoções enquanto deslocava uma mão da parede ao lado dela e roçava os nódulos na linha exposta de sua garganta.— Meu problema é uma ereção que unicamente você pode satisfazer. Meu problema é o fato que tentei, Rogue, me manter afastado de você. Tentei adverti-la que estava tratando com algo que poderia não estar preparada para lidar. Mas, escutou-me? —Roçou um sussurrante beijo ao lado dos lábios e quase lhe roubou a respiração com a carícia.

Que diabos acontecia com ela? Teria batido seu joelho nas bolas de qualquer outro homem que se atrevesse a tentar dominá-la. Não se considerava submissa, mas neste momento, sentiu-se tão feminina, muito mais fraca que Zeke, e entretanto tão parte dele, que não sabia o que outra coisa chamá-lo.

Estavam as mulheres de alguma forma programadas para ao menos a submissão sexual?



Era isso uma parte de sua composição genética, a necessidade de ser vencida sexualmente, de ser protegida?

—Isto é uma loucura. —ofegou Rogue quando os lábios do Zeke se deslizaram do canto dos seus e se moveram à linha da mandíbula.

Recostou a cabeça contra a parede e a inclinou para expor a vulnerável parte inferior da mandíbula.

O debilitador prazer fluiu através de seu corpo. Trovejou nas veias, correu a grande velocidade sobre as terminações nervosas, logo se concentrou em sua vagina onde se converteu em uma dor ardente.

—Isto é por sua esposa. —exalou grosseiramente— A perdeu. Acredita que tem que me proteger. Não o permitirei.

—Isto não é por ninguém, somente por você. —Mordiscou-lhe a linha da mandíbula—Só você e eu, Rogue.

Ela negou com a cabeça desesperadamente enquanto os lábios de Zeke se deslizavam ao longo do seu pescoço, esparramando fogo ao longo da pele enquanto ela lutava para encontrar a força para afastar-se dele.

—Entregou-se para mim. —Seus dentes rastrearam sua clavícula.

—Meu corpo.—protestou Rogue.

—Seu coração. —Sua voz retumbou quando forjou um caminho para o vale dos seios, afastando o tecido de algodão da camisa, e levantou uma mão para esconder na palma o montículo inchado de seu seio.

A sensação aumentando dentro dela outra vez. Recentemente o tinha tido, não fazia mais que umas horas, ainda seu corpo estava desfalecido, enternecido, necessitando-o.

E tinha razão, tinha-lhe dado o coração.

—Não te dava minha liberdade. —ofegou Rogue, tentando encontrar alguma frágil ameaça de independência. Certamente, em alguma parte havia algum farrapo persistente de independência dentro dela?

Levantou a cabeça quando agarrou os lados da camisa e a destroçou. Os botões se espalharam por todos os lados enquanto os lábios de Zeke roubavam os de Rogue em um beijo que estava segura, fritou qualquer capacidade que pudesse ter para falar, e muito menos para pensar.

Sua língua entrou entre os lábios dela, enredou-se com a dela, e o sabor dele lhe subiu à cabeça com a mesma força que um narcótico. Estava dentro dela, formando tão parte dela que não sabia como lutar contra ele.

Os braços de Rogue rodeavam o pescoço de Zeke quando se rendeu ao beijo. Uma parte dela sabia que ele tinha razão. Jonesy tinha um caráter que sempre tinha consentido e tinha que tomar cuidado. Realmente este só respeitava os homens dispostos a levantar seus punhos.

Irritou seu orgulho. Mas o orgulho era um fraco ideal quando Zeke parecia envolver-se ao seu redor. Quando a estava beijando como se estivesse afogando-se nela. Apesar do lábio partido e dos hematomas que sabia tinham que estar machucando seu corpo, apesar disso os lábios se



inclinaram sobre os dela enquanto as mãos largas lhe cavaram o traseiro e a levantaram para ele.

—Diga-me que me pertence. —Zeke mordiscou seus lábios, logo os lambeu para afastar o ardor da rude carícia— Agora, Rogue. Diga-me que é minha.

Ela negou com a cabeça quando ele levantou a sua e lhe cravou o olhar com predadora determinação.

—Mas é. —Deslizou os lábios para seu ouvido — Minha para abraçar, para proteger.

Mas era sua para amar? O pensamento sussurrou através de sua mente, logo se evaporou quando a girou, as mãos subindo brandamente pelos braços e lhe esmagando as palmas sobre a parede.

—Zeke.

—Está bem, meu bem. —Seu cabelo foi retirado a um lado, os lábios dele saboreando seu pescoço, propagando quentes beijos ao longo da sensível coluna enquanto as mãos abarcaram seus seios.

Cobriu-lhe com as palmas os sensíveis montículos; os dedos esfregaram os mamilos antes de prendê-los em dois dedos, manobrando-os delicadamente. Ondas de incrível prazer começaram a alagá-la. Rogue jogou a cabeça para trás contra o peito de Zeke, um gemido lhe separando os lábios.

—Queima-me vivo. —ele sussurrou ao seu ouvido enquanto movia uma mão dos seios.

Podia senti-lo atrás dela, desabotoando os jeans, liberando o pesado comprimento de sua ereção, e gemeu ofegante.

—Tenho uma cama. —ofegou, embora a ideia de mover-se no momento não estava no alto de sua lista de prioridades.

—Quem precisa de uma cama? Merda, Rogue, não acredito que possa esperar tanto tempo.

Ela sentiu que dobrava os joelhos quando seu braço se deslizou ao redor dos quadris, levantando-a e mantendo-a no lugar enquanto lhe abria as pernas com o pé.

—Diabos, tenho que adorar esses altos saltos. —gemeu quando Rogar sentiu a ponta do membro pressionar contra ela, ferro candente e duro.

A vertiginosa debilidade a transbordou, o prazer venceu qualquer objeção que ainda pudesse pensar ter quando sentiu o lento empalamento estirando sua vagina. Um grito afogado saiu de sua garganta, o prazer a entusiasmou, por dentro e por fora.

Era uma maldita boa coisa que a estivesse segurando, porque do contrário teria se derretido pelo chão.

O prazer violento rasgou através dela quando a ereção se moveu em seu interior. Lento, tortuosamente assim como seus sucos fluíam ao redor dele.

—Não posso suportar.—ofegou Rogue. Porque era muito bom. Porque havia algo nesta posição, sobre tê-lo atrás dela, controlando suas respostas, seus movimentos, que a fazia sentir mais frágil, mais feminina que nunca.

—Deveria me deter, Rogue? —deteve-se, enterrado até o punho dentro dela, palpitante e grosso, enchendo-a e roubando seus sentidos com um prazer contra o qual não podia lutar— Diga-



me que pare, Rogue, e o farei.

Os dedos de Rogue se fecharam em punhos contra a parede enquanto sentia o suor acumulando-se ao longo do corpo. Sua saia foi empurrada pelos quadris, a camisa se deslizou de seus ombros e pendurou na curva de seus braços. Era decadente, perverso. A posição, seu estado meio vestida, e a sensação de tê-lo dentro se somaram às sensações amotinando-se através dela.

Como poderia viver sem ele agora? Como poderia sobreviver sem a sensação dele tomando-a, possuindo-a?

—Não pare. —Os cílios se fecharam enquanto se permitiu descansar a cabeça contra seu ombro—Por favor, Zeke. Não pare.

Moveu-se. Uma retirada lenta e suave, logo uma estocada dura e violenta que a teve arqueando as costas e deixando cair um grito estrangulado dos lábios.

Agora, aferrava-lhe os quadris com ambas as mãos, mantendo-a no lugar, segurando-a no alto quando começou a fodê-la com golpes fortes e parecidos.

Rogue se perdeu no prazer, nas cintilantes explosões de prazer que começaram a percorrê-la. Pele contra pele, o aroma e o som do sexo rodeando-a, a rude respiração de Zeke na orelha. Combinaram-se para começar esse agudo e desesperado pendente para a liberação que era êxtase e tortura ao mesmo tempo.

Movia-se contra ele, empurrando para trás com cada dura investida de seu membro, enquanto sentia o prazer esticando-se em seu interior, correndo através dela.

—Zeke, oh Deus. Não pare. —soluçou, logo gritou quando suas estocadas se tornaram mais fortes, mais selvagens.

Rogue sentiu o controle de Zeke fazer-se pedaços. Sentiu-o no golpe de sua ereção dentro dela, no golpe da carne dura sobre as terminações nervosas brutalmente sensíveis. Sentiu-o no agarre pelas mãos em sua cintura e ouviu o masculino gemido, rude e rouco enquanto sentia o prazer explodir em seu interior.

Tentou gritar seu nome, mas tudo o que surgiu foi um grito ofegante quando sentiu os músculos vaginais apertar-se ao redor dele enquanto seu útero convulsionava com a liberação. Sensação sobre sensação estalaram dentro dela, até que esteve tremendo, soluçando, consciente de nada exceto dele, de seu toque, de seu calor enquanto o eufórico prazer a rodeava. Sentiu em seu interior a liberação de Zeke saindo a jorros, líquido quente e apaixonado. Ouviu-o gemer quando enterrou o rosto em seu pescoço e as mãos se apertaram em seus quadris.

Ela não era consciente de nada exceto do homem e do prazer. As brilhantes pulsações de prazer eram como descargas elétricas atravessando-a, estremecendo por todo seu corpo, deixando-a sem fôlego e fraca enquanto Zeke a segurava, mantendo-a entre a parede e seu corpo quando gemeu seu nome e estremeceu atrás dela.

Rogue sentiu mais que simplesmente o prazer de pé ali, as pernas como de borracha, as pulsações de prazer ainda ecoando através dela. Sentiu a emoção. Ouviu-a no rude gemido em seu ouvido, nas carícias duras e desesperadas dos lábios contra seu pescoço. Sentiu sua posse. Sentiu-se marcada, por dentro, por um homem que ainda não estava segura de que maneira interpretar ou predizer.



Mas nesses momentos, seu membro ainda enterrado dentro dela, as mãos duras sobre seus quadris, os lábios contra seu pescoço, Rogue soube uma coisa. Zeke tinha razão. Pertencia a ele irrevogavelmente.

O qual deixava uma muito importante pergunta. O que faria ela quando ele decidisse seguir seu caminho?

* * *

O sol estava no alto quando Zeke deslizou da cama de Rogue e se movimentou à cozinha com o telefone celular. Abrindo-o apertou a discagem rápida e esperou que a chamada se completasse.

—Xerife. —Cranston soava muito acordado, enquanto Zeke admitiu irritado que estava começando a arrastar uma falta de sono.

—É um bastardo, Cranston. —Suspirou—.Tirou-me das investigações que realizou aqui, e agora estou fodido. Preciso da sua ajuda.

—Eu não o tirei, Zeke —respondeu Cranston—O usei tão eficazmente como usei as outras ferramentas que tive á minha disposição. Esse é meu trabalho. Muitos olhos estão observando você e um assassino simplesmente está esperando uma desculpa para matá-lo ou ao seu filho, ou a ambos. Não podia me permitir isso.

—Sim, fez isso pela bondade de seu coração. —bufou Zeke.

—Não tenho coração —assegurou Cranston— Mas tento fixar metas a longo prazo em lugar de a curto prazo. A longo prazo, você é mais útil para mim, vivo antes que morto. A longo prazo foi, que soube que o exterminador estava ali fora e que o tinha no ponto de mira. Quando não o apanhamos na primeira investigação, precisei de você em seu lugar. Está no lugar, ele está matando de novo, e está tentando chamar sua atenção com estes assassinatos, do contrário teria mudado seu estilo o suficiente para despistá-lo. Agora me diga o que precisa.

Os lábios de Zeke se afinaram ao pensar em quão eficazmente Cranston o tinha usado.

—Está cobrindo minhas costas?

—Eu e três Mackays —admitiu Cranston— Ninguém mais. Reservamo-nos esta pequena operação e os dados imprescindíveis para sua solução. O chefe Jansen foi informado do que está acontecendo, mas está se contendo no momento. Está com a garota Walker?

—Estou distraído —afirmou, sabendo que era a maldita verdade— Quero que desta vez se tomem precauções. Shane está fora do estado, saiu em uma viagem escolar faz uns dias, assim está a salvo durante a próxima semana. Quero apanhar esse bastardo.

O silêncio encheu a linha por longos instantes.

—Em uma semana estará finalizado. —disse Cranston finalmente.

—Uma semana —disse Zeke— Usará Shane contra mim se assustar-se porque estou muito perto. Continuarei a investigação por minha parte enquanto mantenho segura a Rogue. Você e os Mackays façam todo seu clima e vamos encarregar-nos disto.

—E se for Maynard? —finalmente perguntou Cranston— Sei que é seu principal suspeito,



Zeke. Está olhando além dele?

—Suspeito de todo o mundo, exceto de Rogue —disse Zeke em voz baixa, consciente que esta era a primeira vez que tinha tachado alguma possibilidade de sua lista — Agora façamos. Eu brincarei de amante distraído, você me ajuda a encontrar um assassino.

—É bom estar trabalhando com você de novo, xerife —respondeu Cranston alegremente— Malditamente bom.

Zeke só queria sentir-se tão feliz pela situação. Enquanto jogava um olhar para trás à porta fechada do dormitório de Rogue, soube, entretanto que o tiro poderia sair pela culatra. Poderia perdê-la. E a ideia disso teve uma dor surda centrada em seu peito, e o recordou que pela primeira vez em mais de dez anos, tinha uma debilidade além de seu filho.

Pela primeira vez em sua vida, tinha medo de que pudesse estar realmente apaixonado.

Capítulo 19

Zeke entrou em seu escritório dois dias mais tarde para encontrar o relatório do juiz Jay Adams sobre a morte de Callie Walker.

A avó de Joe e Jaime não tinha morrido acidentalmente. O golpe que tinha recebido na cabeça tinha sido feito com um objeto contundente em lugar da borda da banheira como parecia.

O golpe poderia ter sido fatal no ato, mas a causa da morte tinha sido afogamento enquanto estava na banheira.

Leu o relatório antes de inspirar bruscamente e sacudir a cabeça. O juiz tinha entregado os corpos para o funeral, e Lisa Walker tinha sido avisada.

Esfregou as mãos sobre a cabeça antes de pegar o documento e guardá-lo sob chave no arquivo. Joe e Jaime, e depois sua avó. Uma mulher os tinha relacionado e Zeke não estava perto de averiguar quem era aquela mulher que tinha estado ali o dia das mortes dos gêmeos, e como ele, nem Cranston, nem os Mackays estavam perto de encontrar o assassino.

Tinha interrogado todos que pensava que podiam ser suspeito. Inclusive os Mackays estavam no alvo sobre a identidade da mulher. Nada disto tinha sentido. O condado Pulaski não era tão grande. Era próspero em intrigas como qualquer outro pequeno condado. Zeke apostava que conhecia cada amante, amante potencial, ou aspirante a amante que Joe e Jaime teriam podido ter em suas vidas sexuais. Todas menos uma. A que os tinha conduzido à morte. Ou tinha sido ela que tinha cometido os assassinatos?

O registro telefônico dos gêmeos tinha revelado muito pouco. Não tinham telefones celulares, portanto não havia registros para examinar. Simplesmente não havia nada para seguir exceto uma certeza absoluta no profundo de seu estômago do que os três assassinatos estavam relacionados.

Neste ponto, não havia muito mais que pudesse fazer sem pistas. Lisa Walker tinha ligado antes, informando que voltaria para casa a menos que ele estivesse a ponto de prender alguém.



Ela tinha coisas das quais ocupar-se, e o pai de seus filhos queria que os meninos voltassem para a cidade. Lisa ainda tinha família aqui, seu trabalho, uma vida.

Não podia manter-se afastada indefinidamente.

Este era um problema adicional. Quem quer que tenha matado os gêmeos e a sua avó, Callie Walker, não vacilaria em voltar a matar outra vez. Ele tinha a sensação de que o assassino poderia ter desfrutado da elaboração do jogo em que tinha convertido as mortes, tal como Cranston tinha sugerido.

Uma batida na porta de seu escritório fez que fosse do arquivo até sua escrivaninha enquanto a porta se abria e sua secretária aparecia.

—Zeke, tem uma visita. —Kendal Birchfield arqueou as expressivas sobrancelhas enquanto seus olhos azuis cintilavam com diversão— O senhor John Calvin Walker Júnior pediu uns momentos de seu tempo.

As sobrancelhas de Zeke se arquearam. John Calvin Walker júnior. Não podia ser outro que o filho de Calvin Walker.

Zeke sorriu enquanto tomava assento.

—Tenho poucos minutos, Kendal. Faça-o entrar.

Kendal lhe piscou o olho brincando antes de fechar a porta. Poucos segundos depois se abriu outra vez e o senhor John Calvin Walker Júnior entrou na sala.

Zeke não estava seguro de como esperava que fosse o irmão de Rogue. Um educado advogado de Boston, possivelmente. John Walker era conhecido por ser um advogado com guelra. Era suscetível com os casos que tomava, mas uma vez que pegava um raramente perdia. Os contatos de Zeke em D.C. tinham posicionado o jovem como uma força política a ter em conta.

Entretanto, essa não foi a primeira impressão que Zeke teve dele. John Walker ia vestido com jeans, uma camiseta de algodão branca enrugada, e umas botas gastas. Zeke o teria confundido com um surfista da Califórnia.

—Xerife Mayes. —Os olhos azul violeta estavam atrás de umas grossas pestanas loiras em um rosto bronzeado. O cabelo loiro platino, muito comprido, caía-lhe sobre os ombros e emoldurava suas duras e severas feições.

O menino se parecia muito com seu pai quando era mais jovem, à exceção de que Calvin Walker tinha tido o cabelo vermelho em vez de loiro e tinha sido maior e musculoso, onde John Walker era magro.

Seu apertão de mãos era firme e insinuava sua força. O olhar frio e decidido, e Zeke entendeu porque seus contatos em D.C. tinham previsto um futuro político neste jovem. Entretanto, Zeke viu algo que possivelmente eles não tinham visto. Viu uma decidida falta de engano nos olhos do outro homem.

—O que posso fazer por você, senhor Walker? —Zeke estendeu a mão para a cadeira do visitante em frente de sua escrivaninha enquanto ele tomava assento.

John Walker se sentou, embora se inclinou com um descuido preguiçoso.

—Assim, você é o xerife que se deita com minha irmã caçula. —O sorriso de John era tenso e severo— Perguntava-me o que tinha Jonesy tão alterado a respeito de você. Agora entendo.



Zeke se reclinou na cadeira e arqueou as sobrancelhas.

—O último que escutei é que Rogue tem mais de vinte e um anos.

Os olhos de John se estreitaram.

—Caitlyn —o corrigiu brandamente— E ela talvez tenha mais de vinte e um, mas você, xerife Mayes, é o suficientemente velho para ser seu pai.

Zeke devolveu o olhar implacavelmente, negando-se a ser arrastado a uma briga com o jovem Walker embora estivesse disposto a começar.

—Sua irmã é Rogue nesta área, senhor Walker. —disse ele sem alterar a voz— Ainda não conheci a nenhum homem que a chame Caitlyn e não tenha terminado sobre os joelhos com as mãos cobrindo suas bolas. Tem um joelho cruel. E está exagerando a diferença de idade um pouco.

O sorriso de John foi lento e pleno, desta vez, de diversão.

—Pequena bruxa. Ela sempre soube como ir nos pontos fracos. —Seu sorriso desapareceu rápido. —Isso não me explica por que um homem de sua idade está se aproveitando de minha irmã. Ou um homem com seu passado.

Zeke permaneceu imóvel. Seu olhar fixado friamente no irmão de Rogue, percebendo o que estava por vir. O jovem Walker não era um idiota; devia haver feito uma investigação de Zeke no minuto em que soube seu nome, e a informação que podia ter encontrado preocuparia a qualquer irmão.

—Tem realmente uma reputação em Los Angeles —indicou o outro homem— O detetive que derrubou uma das comunidades clandestinas de BDSM mais corruptas da nação? Depois da morte de sua esposa, chegou a se misturar na comunidade antes de sua investigação e as detenções posteriores que fez, não é assim?

Zeke apoiou os cotovelos nos braços da cadeira e juntou os dedos enquanto olhava fixamente para John Walker.

—A investigação não tinha nada a ver com os aspectos do BDSM dessa comunidade —indicou— Eu estava ali para encontrar um assassino e narcotraficante, senhor Walker. E o estilo de vida em si não tem nada a ver com minha relação com sua irmã.

O sorriso do John era afiado.

—Estranho, eu tinha escutado que não tinha relações.

—Estranho —Zeke arrastou as palavras— Eu tinha escutado que com quem dorme sua irmã e como vive sua vida realmente não é de sua maldita conta. Se essa for a razão pela qual está aqui, então possivelmente deveria voltar para casa.

—Ou possivelmente deveria perguntar a minha irmã sobre isso. —sugeriu John.

Zeke se inclinou para frente, apoiando os braços sobre a escrivaninha.

—Senhor Walker, antes que isto vá mais longe advirto-o, não vou tolerar nenhuma interferência em minha relação com Rogue. Você não quer fazer de mim um inimigo, e isso é algo que seus contatos deveriam havê-lo advertido. Deve pensar que veria um xerife tolo e popular sentado à sua frente, mas me deixe te assegurar, senhor Walker, este tolo, popular sabe como conservar o que lhe pertence.



Os grossos cílios se estreitaram sobre seus olhos violetas quando John o olhou fixamente.

—As brigas no estacionamento¹⁰ são um requisito para conservar a sua mulher neste condado? —perguntou— Jonesy me deteve antes de vir aqui. Sua cara estava um pouco pior pela briga e você não está muito melhor, inclusive dois dias depois. O que pensa Caitlyn de sua surra no homem que a protegeu durante quatro anos?

—Qual pensa que é o motivo pelo qual recebeu uma surra? —Zeke sorriu com frieza— Ou não perguntou a ele por que aconteceu?

—Disse que tinha protestado por seu tratamento com Caitlyn —disse brandamente— O nega?

Jonesy tinha mentido. Zeke tinha que admitir que o tinha surpreendido. Não tinha pensado que o garçom se incomodaria em mentir.

—O que aconteceu fica entre Jonesy e eu. —Finalmente deu de ombros—Se tiver perguntas ou objeções, então imagino que você pode solucionar com Rogue.

—Com Caitlyn. —indicou John outra vez.

—Que idade tem, senhor Walker? —perguntou-lhe Zeke então— Doze? Acredito que até o momento está bem informado do nome que sua irmã prefere, assim como o que mais lhe convém. Se não deixar os comentários imaturos, então terá que sair de meu escritório agora.

O silêncio encheu a sala quando John o olhou fixamente com olhos que pareciam lascas de gelo violeta. Finalmente, o jovem se endireitou na cadeira e sua expressão se suavizou.

—Joe e Jaime Walker, e sua avó, Callie Walker, foram assassinados, verdade?

A mudança de assunto não surpreendeu Zeke. Nenhuma das respostas que John tinha procurado sobre sua irmã tinha sido respondida claramente. O ar de irreverência polêmica tinha evaporado o nítido, gelado propósito que tinha enchido esses olhos violetas. Este era um homem com uma missão, e sua missão era identificar e eliminar a ameaça para sua irmã.

—De onde tirou a informação? —perguntou Zeke em vez de responder.

Os lábios de John se torceram.

—Deixe-me dizer que tenho minhas fontes como estou seguro de que você tem as suas, xerife. Joe, Jaime e sua avó eram importantes para Caitlyn. Mas ainda mais, estavam muito próximos a ela. Eu gostaria de saber se sua vida também está em perigo.

—Não sei. —Zeke se inclinou para frente e olhou para o homem mais jovem atentamente— Neste momento, não acredito que esteja, mas estou tomando precauções se por acaso esse for o caso.

—Deitando-se com ela? —Havia uma faísca de ira em seus olhos agora.

—Tomando precauções —repetiu friamente.

¹⁰ “Parking Lot Brawl” ou brigas no estacionamento consiste em que dois lutadores brigam em um estacionamento com liberdade para fazer o que quiserem. Uma variação é o Iron Circle Match (combate no círculo de metal), que é o mesmo, só que este combate tem lugar em meio de uma multidão de carros estacionados em círculo e com as luzes acesas. (N da T)



John fez um gesto severo.

—Vou assumir que não se deteve e viu sua irmã antes de vir aqui. —disse Zeke, mais que seguro de que esse era o caso.

John sorriu ironicamente.

—Minhas bolas ainda estão intactas. Que acredita?

—Acredito que sua irmã sabia como usar seu joelho antes inclusive que aparecesse em Somerset. —Zeke sorriu.

—Deixe-me simplesmente dizer que experimentei sua ira mais de uma vez. Mas sinceramente, fui o primeiro a lhe ensinar essa manobra. Uma garota tem que saber como proteger-se.

Zeke inclinou sua cabeça em acordo.

—E algumas vezes, necessita-se um punho antes que um joelho —disse ao irmão enquanto pensava em sua briga com Jonesy.

—Em essência, não tem nem ideia de quem matou Joe, Jaime, e sua avó, Callie?

Zeke sacudiu sua cabeça.

—Tudo o que sei é que uma mulher relaciona todos. Joe e Jaime estavam enredados com uma mulher ao mesmo tempo; oportunamente ambos iam reunir-se com ela na noite em que morreram. Poucos dias antes, sua avó disse a Lisa que acreditava saber quem era essa garota. Supunha-se que me ligaria. Foi encontrada morta no dia seguinte. Parecia que escorregou na banheira, batendo a cabeça, e se afogando. O relatório do forense dizia outra coisa. Callie Walker foi assassinada, como foram seus netos.

John estendeu a mão e esfregou um dedo sobre seu lábio inferior pensativamente enquanto Zeke lhe devolveia o olhar.

—Atacaram Rogue faz seis meses porque alguém pensou que ela sabia alguma coisa — refletiu em voz baixa — Esteve hospitalizada em torno de uma semana, xerife Mayes.

—Sou bem consciente disso, senhor Walker —indicou Zeke tranquilamente— Tenho a intenção de me assegurar de que não volte a ocorrer.

—Como a tenho eu. —John ficou de pé então. A deliberada aparência desajeitada que tinha mostrado quando entrou pela primeira vez no escritório já não a aparentava. O jovem agora se movia com uma graça instintiva e uma consciência predatória.

—John.

John se girou quando chegava à porta, sua expressão absorta.

—Sim, xerife?

—Não preciso da interferência de civis nisto. É minha investigação. Não esqueça.

Seus lábios se arquearam.

—Estou aqui, xerife, para velar pelo bem-estar de minha irmã.

—Enquanto se mantiver fora de minha investigação —advertiu— E de minha relação com sua irmã.

John arqueou uma sobrancelha.

—Não é seu marido, e essa é a única relação que afeta a minha irmã em que estou



obrigado a permanecer fora. Possivelmente isso é algo que faria bem em recordar.

John abriu a porta, caminhou fora do escritório, e com um clique do fecho deixou Zeke só com esse último pensamento. Era uma ideia que deveria tê-lo enchido com uma sensação de terror. Sempre que se mencionava o matrimônio, essa era normalmente sua sensação. Estranhamente, o terror não estava aqui agora.

Sacudiu a cabeça ante a ideia disso, pegou o chapéu antes de prender a pistola e se dirigir para a porta.

—Kendal, chame por radio Gene e o informe de que me dirijo fora. Eu gostaria de me encontrar com ele na cafeteria da cidade antes que se encarregue do turno da noite. —disse a sua secretária.

—Gene ligou enquanto estava reunido com o senhor Walker. Teve que tomar o resto do dia livre para levar sua esposa ao doutor em Louisville.

—Alicia está bem? —perguntou ele.

Kendal assentiu.

—Era uma verificação, mas ela queria que Gene a acompanhasse. Acredito que vão visitar sua filha Willa enquanto estão lá.

Zeke assentiu a isso.

—Então sairei.

—Xerife, recebeu uma chamada de Teddy Winfred. Perguntava se poderia passar por sua casa quando for possível.

Zeke se deteve e girou para ela.

—Teddy vive na estrada que conduz à casa dos gêmeos Walker, não é assim?

A expressão do Kendal era séria.

—Aproximadamente a três quilômetros.

—Dirigirei-me para lá agora.

—Xerife. —chamou ela outra vez enquanto começava a sair pela porta.

—Sim? —Voltou para ela outra vez, vendo a preocupação em seus olhos azuis.

—Pedi-me que me assegurasse de que ninguém soubesse que tinha solicitado que fosse a sua casa. E pediu que não dissesse a ninguém.

—Disse a alguém que ligou?

Ela inclinou a cabeça e o olhou fixamente com incredulidade.

—A quase ninguém —disse com brincadeira— Nem sequer disse a Gene quando ligou.

—Dirigirei-me para lá então. —despediu-se com um gesto de cabeça— Deixe o ajudante suplente desta noite saber que estarei no telefone se precisar de mim.

—Farei-o, chefe. —Kendal lhe mostrou um sorriso enquanto ele saía do escritório exterior movendo-se rapidamente pelo vestíbulo para a saída.

Minutos mais tarde estava em Tahoe dirigindo-se através da cidade para a casa de Winfred. Teddy Winfred tinha oitenta anos se Zeke estava em dia. Ele não se aventurava fora de sua trailer frequentemente e não gostava das visitas. O condenado tinha expulsado Gene com sua bengala quando o ajudante tinha passado por ali para perguntar sobre os corpos dos gêmeos Walker que



tinham sido encontrados. Era também um bom amigo de Callie Walker.

Entretanto, a partida para a casa de Winfred tinha atrasado seus planos de passar pelo apartamento de Rogue. Os dois dias anteriores tinham sido exaustivos para ele e também para Rogue enquanto ela trabalhava no restaurante até bem passada a hora do fechamento. Ele a recolhia depois do trabalho e voltava com ela ao seu apartamento onde passava a noite, mas ainda havia um ponto de tensão entre eles que não tinha tido tempo de tratar com ela.

A aparição de seu irmão não ajudaria no assunto. Tinha a sensação de que John Walker seria mais um problema do que valia a pena e definitivamente mais do que Zeke queria suportar nesse momento.

Se tinha algo de seu pai, Calvin Walker, então podia converter-se em um perigo se ficava muito tempo em Somerset. Calvin Walker tinha sido um demônio quando era jovem, mais frequentemente metido em problemas que fora deles, simplesmente porque não sabia como manter seu nariz fora dos assuntos dos outros. Não tinha surpreendido de tudo ao Zeke que Walker se convertesse em um advogado, e um em Boston nada menos. Zeke apostava que ele mantinha um grande revoo ali.

Sorriu abertamente quando pensou nisso. Recordava Calvin, embora o outro homem era uns quinze anos mais velho do que Zeke. Inclusive recordava o muito que seu pai e o de Gene tinham odiado o outro homem.

James Maynard tinha sido o ajudante de Thad Mayes durante vários anos quando Thad ocupou o escritório do xerife. Os dois homens se uniram para perseguir Calvin o mais frequentemente possível. Consideravam-no um jogo, uma maneira de sentir-se superior. Thad nem sempre tinha levado seu cargo com senso da justiça. Diferente de Zeke, tinha-o visto como um meio para alcançar o poder, uma forma de manter outros por baixo dele, e de assegurar-se que era aceito pela classe alta do condado naquele tempo.

Os sonhos de Thad não tinham sido os de Zeke, mas de todo modo, seu pai o tinha arrastado ao lado escuro da vida. Ele não foi o xerife do condado; tinha sido o xerife de Dayle Mackay, e o que Dayle tinha querido, Dayle o tinha conseguido. Quando Dayle tinha ordenado a Thad que provasse a lealdade de Zeke para a Liga, Thad o havia feito de uma forma que tinha destruído ao moço que Zeke tinha sido uma vez.

O sangue manchava suas mãos. Não era sangue inocente, mas ainda assim era um assassinato. Ainda era um pesadelo para o menino de quatorze anos que tinha sido uma vez. E ainda tinha a possibilidade de destruí-lo.

Tinha deixado um legado com o qual Zeke ainda se via forçado a lutar às vezes. Através desses anos, Gene sempre tinha estado a só uma chamada de distância. Um amigo que conhecia a escuridão e a compartilhava com Zeke. Por um tempo, Zeke tinha estado seguro de que Gene tinha abandonado a Liga. Entretanto, recentemente, viu-se obrigado a perguntar-se se isso era verdadeiramente certo.

Havia vezes que Zeke se perguntava se Gene alguma vez deixaria de estar sob o polegar de seu pai. Houve um tempo em que Zeke tinha pensado que Gene era dono de si mesmo; agora, não estava tão seguro disso.



Os pensamentos sobre Gene trouxeram Jonesy para a sua mente. Danny Jones era outro fator imprevisível, e um que ao mesmo tempo tinha sido parte do grupo íntimo de amigos de Thad Mayes. Danny “Jonesy” Jones tinha abandonado esse grupo ao defender Calvin Walker contra Thad Mayes e James Maynard. Isso tinha acabado com a amizade que Jonesy tinha com o pai de Zeke e o de Gene.

Essa informação tinha chegado através da investigação do ano anterior. Estava nos arquivos de seu contato em Washington que por fim tinha conseguido para ele. Uma vez se havia comentado que Jonesy estava no processo de seleção para a Liga quando aprendeu o que aquilo era e como afetaria suas amizades e sua vida. Tinha escolhido a amizade e por causa disso foi o objetivo de Thad muitas vezes.

Não o surpreendeu que quando Rogue se encontrou em problemas depois de chegar a Somerset, Jonesy tivesse intervindo. E agora que Rogue estava envolvida com Zeke, Jonesy se sentia ameaçado, tanto a nível pessoal como por Rogue. Isso não desculpava seu trato para ela, e Zeke nunca poderia esquecer como Jonesy tinha machucado os delicados braços dela. Não confiava no outro homem; havia algo sobre seu caráter que incomodava Zeke. Não era simplesmente a ira que controlava Jonesy. Havia algo mais. Algo que deixava Zeke com os nervos eriçados.

Ele empurrou seus pensamentos atrás em sua mente para tê-los em conta mais tarde enquanto parava no caminho de entrada de Teddy Winfred.

O trailer branco e individual estava colocado pacificamente dentro de uma pequena clareira rodeada de carvalhos, pinheiros e cornisos. O jardim estava cuidadosamente podado, e a velha caminhonete Ford modelo antigo de Teddy estava estacionada perto do trailer.

Zeke estacionou o Tahoe, desligou o motor, então saiu da caminhonete e caminhou a grandes passos pelo caminho de cascalho até a porta principal.

A porta se abriu quando ele se movimentou ao descolorido alpendre, e um envelhecido Teddy Winfred o encontrou com um grande sorriso em sua enrugada cara. Teddy ainda possuía a maioria de seus dentes e não lhe importava alardear sobre eles com seus grandes sorrisos.

—Teddy. —Zeke lhe deu um aperto de mãos— Kendal disse que ligou e pediu que me aproximasse.

—Entre. Entre. —O sorriso de Teddy relampejou outra vez quando seus apagados olhos de cor avelã cintilaram com humor enquanto o guiava pelo caminho até a pequena casa escrupulosamente limpa.

Um sofá puído e uma poltrona reclinável colocadas na sala de estar, de cara a um televisor de tela larga. Zeke conhecia os filhos de Teddy, um era pastor no condado, o outro proprietário de uma loja, Asseguravam-se de que seu pai estivesse bem cuidado. Que seu pai se negou a renunciar a sua independência e mudar-se para a casa de um deles era uma de seus maiores queixas.

—Como está, Teddy? —Zeke tirou o chapéu enquanto sentava onde Teddy estava indicando.

—Estou bem, Zeke. Realmente bem. —Teddy sacudiu a cabeça calva antes de passar uma mão sobre ela— Ouvi sobre Callie, como morreu e tudo isso. Pus-me a pensar sobre seus netos e



ela mortos. Diz-se, já sabe, que foram assassinados. Isso me preocupa.

Zeke se inclinou para frente na cadeira e olhou o homem mais velho.

—Por que se preocupa, Teddy?

—Bem, Zeke. —Ele esfregou suas nodosas mãos juntas antes das fechar firmemente devagar— Callie me ligou aquela manhã. A manhã em que se afogou. —Seus olhos cor avelã obscurecendo-se com tristeza.—Disse acreditar que seus netos tinham sido assassinados por causa de uma garota que estavam vendo. Perguntou-me se eu sabia quem era.

—Por que saberia quem era, Teddy? —perguntou Zeke.

Teddy suspirou.

—Eu sempre sei quando as pessoas vem e vão por esta estrada. E Joe e Jaime, pescavam muito por aqui atrás da casa, no riacho. Às vezes, bebiam e falavam e suas vozes chegavam realmente bem até aqui.

Zeke assentiu alentadamente.

—Escutou algo antes de suas mortes?

—Bem, verás, esse é o problema. —Teddy coçou a cabeça pensativamente. —Ouvi-os na noite antes que fossem assassinados. Estavam bêbados como alcoólatras, rindo e empoeirados. Abri a porta detrás para poder escutar melhor. —Sorriu sem arrependimento—Nós, pessoas velhas, gostamos de viver através dos jovens, meninos tolos como esses, já sabe.

—Posso imaginar, Teddy. —Zeke riu afogadamente— Sobre o que escutou Joe e Jaime falando?

—Bem, eles estavam falando sobre uma garota. Joe disse que ele ia a sério com ela, e Jaime riu, disse que se Joe ia a sério, então ele ficaria a sério, também. —Teddy sacudiu sua cabeça. —Esses dois se metiam em alguns jogos selvagens com garotas, sabe, não?

—Sei. —Zeke assentiu outra vez.

Teddy sacudiu a cabeça e inspirou bruscamente.

—Eu disse a Callie o que tinha ouvido e ela disse que ligaria para você. Mas quando parei sua neta no outro dia, disse que pensava que possivelmente Callie não tinha tido a oportunidade de falar com você.

—Callie não teve tempo de falar comigo, Teddy. —afirmou—Eu não fui consciente de que ela tentou contatar comigo até depois de sua morte.

Os olhos do Teddy cintilaram com umidade então.

—Foi assassinada, não, xerife? Porque tentava averiguar quem tinha matado seus netos.

—Não sei, Teddy. Até que saiba com quem os meninos estavam se encontrando e se ela tem algo a ver com tudo isto, não posso dizer nada. —indicou Zeke.

Teddy inspirou devagar antes de esfregar um lado de sua cara enrugada.

—Que mais escutou dos meninos essa noite, Teddy? —perguntou Zeke.

—Só entre você e eu, Zeke? —perguntou Teddy— Callie ia falar com você e terminou afogada na banheira. Eu não quero me afogar em minha banheira.

—Entendo, Teddy. —Ele assentiu—Isto ficará só entre nós dois.

Teddy assentiu outra vez.



—Não escutei muito, e isso foi o que eu disse a Callie. Eles estavam falando sobre ir a sério com essa garota, e Joe disse que teriam que ser realmente cuidadosos durante um tempo, porque senão o pai dela os mataria se soubesse. Pareciam falar como se estivessem um pouco preocupados sobre isso. Logo Jaime disse que conhecia uma forma de encarregar-se disso. Que sabia como manter o seu pai quieto. Contou a Jaime que tinha informação, que sabia que seu pai formava parte desses homens que eles tinham visto no verão passado e que seu pai não queria que ninguém soubesse que estava dentro desse grupo. Até agora, tinha-o tomado como uma forma de falar; você sabe como são esses meninos jovens, e Joe e Jaime podiam ter às vezes pequenas paranoias sobre coisas. Mas quando eu disse a Callie o que haviam dito, ficou muito silenciosa durante um momento. E disse, “É por isso que estou assustada, Teddy. É por isso que estou assustada”. E então desligou o telefone. O seguinte que escutei, é que tinha morrido.

O pai da garota formava parte do que tinha acontecido no verão anterior. Joe e Jaime tinham dado aos primos Mackay e ao DSN informação que os levou a descobrir as identidades de muitos cidadãos envolvidos na Liga pela Liberdade.

—Isso é tudo o que ela disse? Não te deu nenhum nome, Teddy?

Teddy sacudiu a cabeça.

—Não disse nenhum nome, Zeke. Desligou e essa foi a última vez que falei com ela.

Zeke olhou para Teddy pensativamente.

—E você acredita que Callie tinha averiguado quem era com essa informação? — perguntou.

Teddy suspirou.

—Só sei o que disse e como o disse. E conhecia Callie. Ela sabia algo. E penso que esse algo a levou à sua morte.

Zeke estava bastante seguro de que isso era malditamente certo. Considerou a informação que Teddy tinha dado. Não tinham um nome para seguir, mas definitivamente aqui havia informação que Timothy Cranston precisava saber.

O agente especial suspenso da Segurança Nacional podia ter informação que Zeke poderia utilizar. Zeke sabia que havia arquivos sobre terroristas nacionais dos que o agente do DSN suspeitava, embora Zeke nunca tinha tido o privilégio de ver esses documentos.

—Escutou algo mais, Teddy? — perguntou Zeke.

Teddy meneou a cabeça.

—Nada sobre a garota que estavam vendo. Eles começaram a falar sobre ter sido expulsos do bar de sua prima. Diziam que Rogue tinha um joelho cruel. —O olhar de Teddy se iluminou com uma insinuação de risada então—Escutei que Jonesy a ensinou como utilizar o joelho. Jonesy estava acostumado a ser um demônio como boxeador.

—Isso é o que ouvi. —Assentiu Zeke, levantando-se.

—Sabe que seu pai e Jonesy costumavam ser bons amigos —disse Teddy.

—Sei. —Afirmou Zeke.

—Sim. —Teddy esfregou suas mãos lentamente— Jonesy, James, e Thad, foram realmente íntimos no passado. Até que seu pai começou a relacionar-se com Dayle Mackay. Jonesy nunca



poderia ter-se dado bem com Dayle, sabe?

—Não sabia isso, Teddy.

Teddy afirmou com a cabeça.

—Seu pai era um bom homem quando era jovem, até que se relacionou com Dayle.

Teddy fez uma careta discretamente.

—Ele mudou. Mas acredito que todos os homens mudam em alguns aspectos quando ficam mais velhos. Alguns para melhor, outros para pior, não é?

—Isso parece, Teddy. —respondeu Zeke — Isso parece.

Teddy assentiu outra vez antes de passar suas mãos sobre a mandíbula.

—Embora tinha uma boa mãe. Ela o amava com loucura. Sempre estava tirando foto suas e de seu pai. Em cada lugar que ia, tirava fotos. Lembranças, chamava-as. —Ele sorriu ante isso— Ela estava acostumada a dizer que eram suas lembranças, e quando fosse mais velho lhe dariam um bom serviço. Vi-a uma vez quando eu estava caçando, tirando fotos nas montanhas. Seu pai e alguns amigos estavam pescando fora da cabana que ele tinha. Ela não me viu. Estava tirando fotos sua de seu pai, adivinhei. Havia bastante gente ali. Ela adorava suas fotos.

Zeke se esticou. As lembranças cintilaram em sua mente, comentários que sua mãe estava acostumada a fazer, discussões que tinha com seu pai. E um estranho comentário que se cravou em seu cérebro e disparou adrenalina através de seu corpo.

Sua mãe e as malditas fotos. Seu seguro, havia dito a seu pai quando Zeke tinha doze anos, talvez treze. Era seu seguro e se Thad fosse inteligente guardaria seu próprio seguro. Filho da puta, todos estes anos, tempo perdido investigando, procurando, e a prova que precisava poderia ter estado justo diante de seus narizes todo este tempo.

Capítulo 20

Rogue olhou com cautela para seu irmão enquanto ele rondava pela área da sala de estar e a cozinha no espaçoso apartamento.

Ele fazia que as paredes se encolhessem nas salas uma vez espaçosas. Caminhando como um tigre enjaulado, não teria se surpreendido se tivesse começado a grunhir.

—Sabe, mamãe e papai não ficarão contentes. —lançou-lhe um olhar fulminante enquanto se voltava e a olhava do outro lado do sofá—Por que diabos acredita que apareci? Papai chegará dentro de poucos dias, Caitlyn. Não está contente com esta situação.

—Terá que viver com isso. —Deu de ombros— Isto não é seu assunto mais do que é seu.

Não necessitava da interferência de sua família justamente agora. Tinha dado um jeito para manter seu pai longe durante os últimos cinco anos em troca de aguentar Jonesy, a quem tinha considerado o menor de dois males. Agora, tinha seu irmão aqui olhando por toda parte como uma versão mais jovem de seu pai, embora com o cabelo loiro em vez do dourado avermelhado deste.



—Papai não viverá simplesmente com isso, Cait —advertiu.

—Rogue —o corrigiu ela. Tinha perdido a conta das vezes que o tinha corrigido. Ele somente lhe lançou outro olhar, tal como havia feito cada vez que o recordava.

—Olhe, só volte para Boston durante algumas semanas. —Cruzou os braços sobre o peito e a olhou fixamente como se esse olhar fosse conseguir que se saísse com a sua.

Rogue quase sorriu. Por que os homens pensavam que tudo o que tinham que fazer era cruzar os braços sobre o peito e olhar fixamente a uma mulher com olhos decididos para sair-se com a sua? Isso não funcionava com ela.

—E fazer o que? —Ela sorriu— Me levará para passear com você cada noite e se assegurará de que esteja entretida?

A expressão dele não mudou.

—É obvio que não o fará. —ela mesma respondeu a sua própria pergunta com um tom de humor— E mamãe e papai têm coisas a fazer. Isso deixa a pobrezinha Rogue sentada no canto olhando as paredes.

—Caitlyn —grunhiu seu nome— Seu nome é Caitlyn. Merda, teve quatro anos, Cait. Teve muito tempo para dar o troco nos bastardos que a feriram. Agora é tempo de voltar para casa.

Olhou-o com surpresa, e admitiu, um pouco de raiva. Tinha pensado que seu irmão tinha melhor critério que acreditar que ela estava em Somerset por essa insignificante razão.

—Pensa que a única razão pela qual estou aqui é porque quero me vingar de alguém? —Tinha vontade de puxar os cabelos. Odiava negociar com seu irmão, ou seu pai, quando tinham algo metido na cabeça. Não se detinham até que saíam com a sua, e Rogue não tinha o espírito para ceder ante eles.

—Esse é exatamente o porquê de estar aqui. —resmungou com severidade— Diga-me que mais tem. Família? Amigos? Não fez amigos fora deste maldito bar até o ano passado.

—E o que? Tenho amigos agora. —Deu de ombros enquanto ajustava a barra de sua camiseta sobre a cintura dos jeans— Tenho um negócio, um trabalho, e um xerife. —Piscou um dos olhos provocativamente enquanto o via ruborizar-se de cólera.

Ela não havia dito a palavra amante, esta se sustentava no ar entre eles, desenquadrando a sensibilidade de seu irmão.

—Caitlyn...

—Rogue —cravou brandamente. Estava se cansando de recordar.

Ele fez uma careta.

—Inclusive eu conheço a reputação do xerife Mayes com as mulheres. Não é o tipo de homem que tem relações e sabe. Vai quebrar seu coração.

Rogue colocou as mãos nos bolsos traseiros de sua calça e lhe ofereceu um sorriso forçado, advertindo a si mesma de manter a boca fechada. Não queria brigar com seu irmão. Tinha passado muito tempo desde que o tinha visto. Deixaria que a sacaneasse um pouco, então talvez desceriam ao bar e lhe deixaria tomar um gole ou dois. Possivelmente uma cerveja poderia esfriá-lo um pouco.

—Nem sequer está me escutando, verdade? —acusou-a, um toque de indignação



aparecendo em sua voz.

—Deveria? —Rogue arqueou as sobrancelhas enquanto tirava as mãos dos bolsos e se separava dele para pegar as chaves do apartamento e o telefone celular da mesa da cozinha. — Descemos ao bar. Preciso verificar umas poucas coisas e você precisa de uma cerveja.

—Não preciso de uma maldita cerveja. —Seu olhar violeta se endureceu quando a olhou fixamente— Em vez disso, ajudarei você a fazer as malas.

Os lábios dela se arquearam.

—Pode vir abaixo por uma cerveja, ou pode encontrar um quarto de hotel para a primeiro noite. Mas preparar as malas não é algo que faremos.

Os lábios dele se estreitaram.

—Tem um quarto de hóspedes aqui; por que teria que encontrar um quarto de hotel?

—Porque não ficará aqui —informou enquanto ia para a porta.

—Porque seu xerife fica aqui? —resmungou.

—Mais ou menos. —Deu de ombros maliciosamente— Prefiro não ter meu irmão no quarto do lado enquanto estou dormindo com meu amante. É de mau gosto.

Ele arrastou as mãos por seu cabelo. A raiva marcou sua cara e resplandeceu em seus olhos quando ela passou diante dele.

—Vamos, John. —Abrindo a porta, olhou-o em sinal de advertência— Não estou de humor para brigar com você, e você não quer me pressionar. Vamos abaixo, tomamos uma cerveja e nos acalmamos. Pode voltar para casa amanhã e contar a papai que simplesmente sou tão teimosa como era antes e pode continuar com seus negócios.

—Pensa que basta dizer a papai que está sendo teimosa, não é, Rogue?

—É tudo o que bastava antes. —Ela se moveu para as escadas— Já sou maior de idade, John. Realmente posso tomar essas decisões por mim mesma.

Podia escutá-lo seguindo-a, a porta fechando-se antes que ela começasse a descer as escadas. A música ia à deriva por eles, soando selvagem enquanto uma melodia popular de rock clássico rugia na pista de dança e mais à frente.

—Você gosta de pensar que é grandinha. —soprou atrás dela— Não é mais que o desejo de uma anã.

Ela sorriu ante o comentário. O desejo de uma anã, essa era a maneira de seu pai de dizer que era muito pequena e delicada para as coisas que normalmente fazia. Era geralmente uma referência a outra briga em que se havia visto envolvida, ou quando ela se enfrentou cara a cara com Jonesy por algo que ele acabou dedurando.

Abrindo-se caminho através da porta que conduzia à área principal do bar, permitiu que um sorriso curvasse seus lábios. Ia ser duro a princípio ir do lar que tinha tido durante mais de quatro anos. O bar tinha sido sua rebelião, e ela havia feito um maldito bom trabalho rebelando-se nele. Embora possivelmente tenha maturado um pouco ao longo dos anos. O bar não era tão importante como tinha sido, ou possivelmente estava cansada de rebelar-se.

De toda maneira, sabia que seu tempo ali era limitado.

Indo atrás do longo balcão, pegou uma cerveja para seu irmão antes de tirar uma garrafa



gelada de sua marca favorita debaixo do balcão. Olhou a atividade dos garçons, desde Jonesy na caixa registradora, enquanto ele se acreditava na obrigação de ignorá-la, até Kent que cumpria ordens rápida e eficazmente.

—Deveria se mudar para Somerset, sabe. —Sorriu ante o olhar de horror de seu irmão. — Só pense, poderia escapar desse estilo de vida convencional que adotou para você e ter alguma diversão de verdade. Inclusive o permitiria encarregar-se do bar.

Apoiou o quadril contra o balcão enquanto olhava mais à frente, para a pista de dança antes de transferir o olhar de novo para seu irmão.

—Está de brincadeira. —Fez uma careta enquanto a fulminava com o olhar.

—Absolutamente —assegurou, elevando a voz para que a escutasse através do estrondo— Eu gosto de trabalhar com Janey, John. Quero passar mais tempo no restaurante que aqui. Você o faria bem aqui.

Agora que caía nisso, seu irmão encaixaria aqui, pensou. Ele tinha estado descontente durante anos na escrivaninha de advogados de seu pai. Onde sua irmã parecia encaixar muito bem, John e seu pai chocavam constantemente.

—Perdeu a cabeça. —deu-lhe as costas como se não valesse a pena escutá-la por mais tempo.

Rogue sorriu; conhecia seu irmão, e ele não estava tão desinteressado como queria aparentar. Seu corpo estava tenso, um cenho estava aparecendo em sua testa, prova de que ao menos estava considerando sua sugestão.

Sacudindo a cabeça para ele, ela terminou sua cerveja antes de jogar a garrafa e fazer suas rondas pelo bar.

Saudou os habituais, falou com os visitantes, e identificou os turistas que estavam de passagem em seu caminho a outros lugares. Sorriu e se assegurou de que as garçonetes mantinham as bebidas fluindo.

E apesar de tudo manteve um olho na porta, procurando uma figura, um homem.

—Ei, Rogue.

Girou-se para o tapinha em seu ombro.

—Gene, o que está fazendo? —Lançou ao ajudante um rápido sorriso enquanto olhava ao redor do bar.

—Não viu Zeke ainda? —perguntou-lhe enquanto olhava ao redor do bar, sua cara corada enrugando-se em um cenho.

—Ainda não. —Ela manteve seu sorriso relaxado, a preocupação fora de sua expressão— Normalmente chega antes que a noite acabe.

—Pensei que estaria no restaurante esta noite.

Ela olhou pelo bar enquanto sacudia a cabeça.

—Tinha algumas coisas das quais me ocupar, por isso tirei a noite livre.

—Coisas como seu irmão? —Seu sorriso foi lento e tranquilo— Já rondam as conversas sobre que outro Walker de Boston está na cidade. Escutei que é um demônio de advogado.

Gene elevou a voz para que ouvisse sobre a música, gritando o suficiente para que os que



estavam de pé e sentados ao redor deles escutassem a conversa com clareza. Rogue era consciente do interesse que estavam gerando; teria sido impossível perdê-lo.

—John é definitivamente um demônio de advogado. Se quer falar com ele, está aqui no bar. —Moveu a cabeça para onde estava situado John—Se me perdoar, há umas poucas coisas que preciso verificar.

—É óbvio —respondeu ele— Poderia fazer isso, Rogue. Diga ao Zeke que o estava procurando antes que ele deixasse o escritório. Não responde ao telefone celular, mas deixei algumas mensagens.

—Farei-o saber que o estava procurando—prometeu enquanto se afastava—Boa noite, Gene.

Se o visse. Verificou seu relógio. Ia dar nove horas e não o tinha visto ainda. Era estranho, e admitiu, que a preocupava.

Depois de fazer uma ronda completa pelo bar deslizou através da porta próxima ao balcão, tentando evitar que seu irmão ou Gene a descobrissem. Subiu as escadas, puxou de seu jeans a chave do apartamento, e abriu a porta antes de entrar.

O apartamento estava escuro. Ela nunca deixava o apartamento assim. Sempre deixava as luzes acesas, simplesmente porque odiava ir tateando até o interruptor.

Inclinando-se para trás, um grito surpreso abandonou seus lábios quando uma forte mão se apoderou de seu pulso, detendo-a enquanto fechava a porta, antes de encontrar-se contra a parede que havia atrás dela.

Teria gritado imediatamente se uma parte sua não tivesse reconhecido o homem que se apertava contra ela.

Seus lábios, separados por instinto, em lugar de deixar sair um furioso grito, deixaram sair um gemido, enquanto os duros lábios masculinos se esmagavam sobre os seus, e uma faminta língua os lambia.

Rogue rodeou com os braços o musculoso pescoço masculino. Arqueou-se entre as mãos que se deslizavam sob sua camiseta e lhe acariciavam as costas. Seus lábios lhe devolveram o tórrido beijo que ardia entre eles.

Saboreou-o, sentiu-o, o cheirou. Seus sentidos começaram a encher-se dele quando a levantou contra seu duro corpo, sua coxa deslizando-se entre as dela enquanto suas mãos a moviam para cavalgar o duro músculo.

Quente, vibrante prazer explodiu através de sua vagina. Instantaneamente, seus clitoris começou a inchar-se, seus sucos começando a derramar-se. Os seios se incharam debaixo do sutiã e seus mamilos se apertaram. Cada célula de seu corpo estava em alerta máximo para tocar e saborear este homem.

Seus lábios se fecharam sobre a língua dele, a dela encontrando-a, acariciando, lambendo. Um suave grito encheu o ar, afogando-se quando os lábios de ambos se encontraram de novo. Seu corpo esteve instantaneamente eletrizado, sensível, necessitado. Estava necessitada e se assombrou de sua resposta a ele. Do puro prazer, do sentido de antecipação que a enchia enquanto as duras mãos seguravam seus quadris, e o forte músculo de sua coxa se esfregava entre



os dela.

O sangue agora trovejava por suas veias; sua pele tornando-se sensível, seu corpo débil com a excitação. Assim era. Cada vez que a tocava, que estava perto, estava preparada para ele, esperando-o.

—John está aqui. —ofegou enquanto os lábios dele se moviam sobre ela e desciam por seu pescoço. Uma mão puxou o decote de sua camiseta, baixando-a sobre a clavícula enquanto devorava a pele dali.

A língua golpeou sobre a pele sensível enquanto ela inspirava duramente, sua cabeça caindo para trás para lhe dar melhor acesso enquanto a sensação de calor a percorria.

—Não está aqui em cima —grunhiu ele antes de rastelar seus dentes sobre a curva superior de seu seio— Verifiquei.

—Tem uma chave. —gemeu ela, suas unhas cravando-se nos músculos dos ombros de Zeke, sentindo a pele nua.

Devia ter tirado a camisa antes de entrar no apartamento. Ainda usava os jeans, supunha que ainda tinha as botas postas. Mas suas costas e seu peito estavam nus, quentes e duros.

—Sempre interrompe as coisas quando não deveria. —Esteve a ponto de perder a respiração quando as mãos dele empurraram sua camiseta sobre a curva de seus seios — Deus, Zeke, deixa-me louca.

Quando era duro e exigente, decidido a tomar o que queria. Fazia que sua pressão sanguínea se elevasse, que o calor estalasse através de seu corpo enquanto sua vagina se apertava de necessidade.

Sofria por ele. Sofria por ele todo o dia, esperando-o, necessitando-o.

—Quero deixá-la louca —respirou fundo sobre o vale de seus seios— Louca e selvagem. Vamos, Rogue, me mostre quão selvagem pode ser.

Quão selvagem podia ser? Estava fraca, arqueou-se para ele enquanto afastava o renda do sutiã e passava a língua sobre o mamilo.

—Selvagem? —gemeu—Diabos, Zeke, mal posso respirar.

Sua risada foi escura e sexy sobre as duras pontas dos seios quando seus lábios as cobriram, as sugando em sua boca, e enjoando seus sentidos.

O açoite de sua língua sobre o mamilo enviou fogo ondulando-se através de seu sistema nervoso. Cada sucção na dura ponta provocava uma reação direta a seu útero, roubando sua respiração e deixando-a ofegante de prazer.

Seu mundo estava ardendo com o prazer. Pontos de luz brilhavam atrás das pálpebras fechadas, e nada existia, nada era real exceto seu toque, este homem que a apertava com força contra ele, um poder que ela não havia sentido antes nele.

—Onde está o pequeno bastardo? —finalmente grunhiu enquanto sua cabeça se levantava do seio dela.

—Quem? —impulsionou-se para ele, desesperada por mais.

—Seu irmão. —Seu rosto se esfregou contra os seios dela, o roce de uma sombra escura de barba enviando um calafrio através de seu corpo.



—Oh. Abaixo, com Gene. Seu ajudante deixou uma mensagem no telefone celular para você. —Recordou finalmente— Tem que responder mais tarde. Muito mais tarde.

Sentiu como se esticava contra ela. Cada músculo em seu magro e tenso corpo parecia intensificar a dureza de aço.

—Definitivamente muito mais tarde —estive de acordo, embora estivesse se afastando agora, inclinando-se para trás antes de estender a mão ao seu lado para acender as luzes.

Rogue piscou ante o repentino brilho, olhando-o fixamente enquanto ele a liberava lentamente antes de puxar bruscamente sua camisa na parte posterior do sofá e enfiá-la sobre a cabeça.

—O que? —Olhou-o com um cenho enquanto ele passava os braços através das mangas e colocava a camisa por cima dos magros abdominais.

—Pegue uma jaqueta. —girou para ela, sua expressão dura— Fiz que Alex me deixasse aqui; teremos que levar sua moto até minha casa.

Rogue inclinou a cabeça para um lado enquanto o olhava com curiosidade.

—Estamos escapulindo, Zeke? —perguntou.

—Não pelas razões que deve estar pensando —grunhiu— Isto não tem nada a ver em tomar cuidado de que ninguém me veja com você. Simplesmente há algumas coisas que agora quero evitar.

Isto era bastante estranho; não poderia imaginar Zeke evitando nada que precisasse ser vigiado ou a ninguém que causasse problemas.

—Vai me explicar por que mais tarde, verdade?

Assentiu lentamente.

—Mais tarde. Prometo.

Lambendo seus lábios nervosamente, Rogue foi para o armário onde pegou sua jaqueta de couro de motoqueira, logo pegou as chaves da Harley do pequeno gancho dentro do armário.

—Aqui tem. —Lançou-lhe as chaves depois de fechar a porta do armário e girar para ele. — Sinto muito, não há uma porta secreta para sair daqui. Terá que assumir o risco de descer pelas escadas, suponho. A menos que queira deslizar pela janela detrás e se balançar pelo tubo do deságue ou algo parecido.

Ele olhou para a janela da sala enquanto o olhar de Rogue se estreitava.

—As explicações seriam boas. —disse finalmente.

Ele assentiu devagar.

—As explicações terão que esperar. Vamos.

Pegou sua própria jaqueta de couro do sofá; em que ela não se fixou até então.

Encolhendo os ombros, ele abriu a porta, olhou para baixo, então a guiou pelo apartamento antes de fechar a porta atrás deles.

Rogue permanecia em silêncio, embora as perguntas estavam começando a formar-se em sua cabeça. Seguiu-o pelas escadas, logo pelo pequeno vestíbulo para a porta detrás. Saíram do bar tão silenciosamente como evidentemente tinha entrado Zeke, e a conduziu diretamente ao estacionamento coberto atrás do bar onde ela guardava a Harley.



Ele se sentou escarranchado na moto rapidamente e colocou a chave enquanto Rogue se balançava no acolchoado assento traseiro. O batimento do motor da moto entre suas coxas sempre era estimulante, quase uma sensação sexual que a brindava com uma pequena emoção imprudente.

Vestiu o casco que Zeke lhe deu enquanto ele vestia um extra que tinha pego de um gancho justo em cima do estacionamento. Em questão de segundos, tinha levantado o suporte e estava tirando a moto do refúgio coberto antes de girar o guidão e acelerar do estacionamento detrás.

O pequeno caminho de asfalto que conduzia do solar traseiro através de uma extensa pradaria dava a um pequeno caminho vizinho que se separava da interestadual. Zeke girou para o pequeno caminho vizinho antes de acelerar o motor e se afastar do bar a toda velocidade.

Apoiando as mãos em sua dura cintura, Rogue montou atrás em silêncio. Podia sentir a tensão ardendo nele, sentir a necessidade, que por alguma razão, havia-o feito tirá-la do bar.

Perguntava-se se sua ausência nesse dia tinha algo a ver com sua tensão de agora. De acordo com sua secretária quando tinha ligado mais cedo, tinha tido um encontro fora da cidade e Kendal não sabia quando estaria de volta. Agora, fazia que Alex o deixasse fora do bar e eles escapavam em sua moto em lugar de em seu Tahoe?

Entretanto, não podia queixar-se por escapar com ele. Havia algo incrivelmente satisfatório sobre montar livremente atrás de Zeke, seu calor golpeando o ar frio da noite enquanto se agarrava nele.

Ela nunca tinha desfrutado montando atrás de ninguém. Sempre tinha amado o controle de ter o poder da moto. Mas de algum modo, com Zeke, parecia natural, correto. O sentimento era quase tão poderoso como estender-se em seus braços depois dos explosivos orgasmos que lhe dava.

A noite avançava, o vento era frio, mas não cortante. Havia uma insinuação de calidez no ar, a certeza na terra de que o calor do verão se aproximava. Diante dela, a certeza de que o calor de seu amante parecia envolver-se ao seu redor, prendendo-a enquanto conduzia pelos escuros caminhos para sua casa.

O passeio não foi longo, não mais de meia hora, mas o telefone celular ao seu lado tinha tocado duas vezes, e ela tinha tido a sensação que sabia quem era.

Seu irmão. Ou Jonesy. Eles não podiam saber que estava com Zeke, mas pelo menos podiam adivinhar que estava indo vê-la.

Por que, perguntou-se, estava John tão decidido a que deixasse Somerset e voltasse para Boston? O que conduzia não só Jonesy, mas também a seu irmão a tais extremos supostamente para salvá-la de Zeke? Isso a incomodava, primeiro Jonesy, depois John. Ambos estavam irritados ante a ideia dela estando com Zeke e não podia imaginar por que.

O risco de um coração quebrado era seu para tomá-lo, e esse risco era um que não queria perder, não agora, não depois de esperar tanto tempo pela oportunidade de lhe roubar o coração.

Mas estava roubando seu coração, ou estava enganando a si mesma? Ela tinha se devotado a ele durante anos; tinha tomado finalmente o que lhe oferecia, ou significava algo para ele?

Tinha que acreditar que significava algo, ao menos por agora.



Fechando os olhos apertadamente por uns preciosos segundos, aferrou-se à esperança, à súplica, de que isto poderia ser algo mais que um coração quebrado.

Seus olhos se abriram enquanto ele girava na borda da estrada que se dirigia à sua fazenda. A noite parecia escura, as estrelas estavam cobertas pela espessa cobertura de pinheiros que se estendia ante o céu noturno. Sentia-se isolada do resto do mundo, como se ela e Zeke estivessem viajando a um lugar onde ninguém podia alcançá-los, onde ninguém existia exceto eles dois.

Quando se desviou da espessa cobertura de árvores teve que percorrer o curto caminho até a casa. Levou a moto até as portas da garagem, parou, e chutou abaixo o suporte antes de desmontar, deixando o motor vibrando enquanto ia abrir as portas da garagem.

Rogue deslizou no assento que ele tinha desocupado, desfrutando do denso calor que tinha deixado, chutou para cima o suporte, e colocou a moto na garagem antes de desligar o motor, tirar o capacete e pendurá-lo no extremo de um dos guidões enquanto via como Zeke ia para ela.

O telefone celular em seu quadril soou imperiosamente.

Tirando-o, verificou o número, antes de levantar o olhar para Zeke.

—Jonesy e John estão cada vez mais impacientes. —disse a ele.

—Normalmente os informa? —perguntou.

Rogue agitou sua cabeça antes de abrir o telefone e levá-lo para a orelha.

—Estou ocupada —disse ao garçom—Qual é o problema?

—Onde diabos está? John está ficando louco procurando por você e está me deixando louco. —grunhiu Jonesy—Por que não pode fazer alguém saber quando diabos sai de moto de noite?

Seus lábios se estreitaram pela ira controlada de seu tom.

—Onde está John?

—Espera, pode falar com o pequeno bastardo você mesma. —espetou.

O fraco ruído da banda, a conversa, e os bons momentos em geral pôde escutar-se através do telefone durante longos segundos enquanto Rogue passava sua perna sobre o assento da moto e esperava impacientemente enquanto Zeke caminhava até o final da garagem antes de voltar, apoiar-se na parede, e cruzar os braços sobre o peito enquanto a olhava.

—Onde merda está? —grunhiu John através do telefone. —Estive ligando para cada maldito número que me deu, tentando localizá-la.

—Desde quando tenho que informá-lo sobre onde estou ou o que estou fazendo? —perguntou tranquilamente, consciente do ruído do bar desvanecendo-se ao fundo do telefone.

—Desde que suspeito que saiu correndo com esse maldito xerife com o que insiste em se deitar —replicou com severidade— Traz seu traseiro aqui, precisamos falar.

—Incendiou-se o bar? —perguntou finalmente com doçura.

—Não me sacaneie, Rogue. —Sua voz era irritada e áspera— Não, o maldito bar não se incendiou, ninguém está ferido, morto, ou hospitalizado, e você não está em perigo de ser demandada. O que te fará estar em perigo é o fato de que papai pegará o primeiro voo até aqui se fizer a chamada que estou a ponto de fazer.

A ira ameaçava explodir através dela. Zeke estava olhando-a com esses olhos deles, frios e



predadores, como se soubesse algo que ela não sabia e estivesse esperando a explosão.

John tinha explodido, Jonesy estava agindo malditamente estranho, e por alguma razão, Gene, o ajudante principal de Zeke, não podia entrar em contato com ele. Zeke nem sequer levava seu telefone celular.

—Não tenho quatorze anos —disse ela brandamente— Nem papai fará as regras pelas quais vivo nunca mais. Faz todas as chamadas que quiser. Mas tome cuidado, John, me cause muitos aborrecimentos e o deixarei jogado sobre o chão com suas bolas estrangulando você. Entendeu?

Fechou o telefone antes que ele pudesse responder, então girou, todo o tempo com seu olhar centrado no de Zeke.

—Suponho que as explicações chegarão logo. —disse ela.

—Supõe bem. —Ele deu de ombros— Isso não significa que tenha as respostas. —separou-se da parede e se dirigiu para a porta—Vamos para dentro, Rogue. Darei a você o que tenho. Neste ponto, é o melhor que posso fazer.

Sua voz era grave, carregada com algo amargo que oprimiu o peito de Rogue e a deixou dolorida. Deixou-a assustada.

Capítulo 21

Zeke podia notar a ira fervendo em seu interior. Era um núcleo escuro e constante que tinha começado anos atrás, quando se deu conta pela primeira vez do quão doentio se tornou seu pai. Quando, aos quatorze anos, Zeke cometeu seu primeiro assassinato.

O asco se revolia, espesso e gordurento, na boca do estômago, o sabor amargo queimava a língua ante as lembranças que raramente se permitia reviver. O nervosismo, o medo total que o tinha alagado quando levantou a pistola que jazia sobre uma mesinha. A comoção e a surpresa no rosto de sua vítima quando girou, apontou e apertou o gatilho.

Porque seu pai havia dito que o homem com o que se reuniram tentaria matá-los e logo mataria à mãe de Zeke. Assim não tinham escolha exceto esperá-lo, e o único modo de surpreendê-lo era se Zeke efetuasse o disparo.

Quatorze fodidos anos. Tão estupidamente leal a seu pai que não teria sabido distinguir seu traseiro de um buraco no chão. Tudo o que sabia era que seu pai disse que estava em problemas, que alguém ia tentar matar a todos. Como homens, era sua obrigação proteger sua mãe. Eles eram os cabeças da família, os protetores, os defensores. E Zeke o tinha engolido até o instante em que disparou essa pistola, viu os olhos do outro homem, ouviu seu último fôlego ofegante e sussurrou:

—Por que?

Às vezes aparecia em seus pesadelos, estava à espreita no mais recôndito de sua mente quando estava acordado, e uma parte de Zeke nunca esqueceu esse segundo de compreensão,



quando a morte vidrou os olhos do outro homem, e ele nunca voltou a ser o mesmo outra vez.

Por causa de seu pai. Porque tinha idolatrado o homem que o tinha criado, porque tinha acreditado nele. Porque tinha sido um estúpido, um tonto que o pai que amava tinha manipulado.

Zeke recordava um tempo quando Thad Mayes tinha sido um bom homem. Quando os olhos marrons de seu pai tinham sido claros, com risadas e bom humor. Até que aceitou um trato com o diabo. Um trato que tinha destruído seu matrimônio, a relação com seu filho, e Zeke suspeitava, que no final tinha arrebatado sua vida.

Abrindo a porta para a casa, pôs-se de lado enquanto Rogue ia para ele lentamente, o olhar violeta, escuro pela preocupação, a expressão pensativa.

A necessidade de tocá-la era quase insuportável. A necessidade de afundar-se dentro dela e esquecer os horrores do passado era uma ânsia que mal podia negar-se. A necessidade de segurá-la entre seus braços, de sentir sua calidez.

la mais à frente da fome, agora era uma compulsão, um vício. Necessitava seu toque até o ponto que às vezes mal podia funcionar.

Mas debaixo dessa necessidade feroz havia muita raiva. Era escura e estava fervendo em seu interior, exigindo ação. Era como um demônio roendo a alma, destruindo seu controle.

A ira corria nele muito profunda para considerar o contato. Formava muita parte dele esta noite, elevando-se de sua alma até que ameaçou transpassar cada poro de sua pele.

—O que está acontecendo, Zeke?

Ele sacudiu a cabeça e puxou sua mão.

—Entra. Este não é lugar para falar.

Permanecer afastado dela teria sido a decisão mais acertada. Se tivesse tido a fortaleza. Deus sabia, não a tinha tido. Teve que esforçar-se cada segundo dos últimos cinco anos para permanecer distante, para evitar tomá-la, até que perdeu a batalha.

Tinha vindo a ele inocente, doce e pura. A ilusão da experiência sexual e a selvagem disposição eram só isso, uma ilusão. Tinha-lhe levado um tempo para ver isso, dar-se conta de certas coisas sobre sua tempestuosa Rogue.

Ela era de doce açúcar por dentro. Essa dura fachada exterior era tão frágil que desafiava a compreensão. Era tão terna, tinha muito de tudo o que ele não merecia, que não deveria ter. E sua alma a tinha reclamado apesar de suas melhores intenções. O escuro e raivoso núcleo de seu ser lhe tinha dado alcance e tinha sido consolado por ela quando Zeke sabia que não merecia tal consolo.

Rogue lambeu os lábios e o corpo de Zeke se encolheu de desejo. Ela respirou profundamente, levantando os seios contra a camiseta, e as mãos arderam por cavar os firmes montes.

Ela era jovem, bonita. Entenderia o homem que era, o homem em que se converteu no processo?

Mas Rogue segurou sua mão. Seus dedos aceitando-o quando se irmanaram com os dela. Diminutos, frágeis, tão foddidamente suaves. Suas mãos eram como a seda e as suas as diminuía.

—Muita gente esteve procurando-o hoje. —disse ela baixinho enquanto a arrastava para o



interior da casa— Suponho que John te encontrou?

—John me encontrou. —Assentiu enquanto a conduzia dentro, logo fechou a porta e passou a chave.

Conectou o alarme, só para estar seguro. Não havia perigo que seu filho os descobrisse esta noite. Assegurou-se que Shane estava a salvo em Louisville e de que Lucinda o reteria ali. Não era o temor que seu filho visse algo que não deveria o que agora movia Zeke. Era o temor de ser pego com a guarda baixa antes que pudesse acabar o que começou.

—Gene estava procurando você. —disse ela então— Esteve no bar.

—Sei. —E não queria falar de Gene, ainda não. Quando crianças, tinham atravessado juntos um inferno e Zeke pensou que o vínculo que tinham desenvolvido então, seguiria em seus anos adultos. Tinha estado mais equivocado do que nunca pudesse haver imaginado.

—Está evitando-o? —perguntou enquanto a conduzia através da casa às escuras.

Zeke não acendeu as luzes enquanto a conduzia através da cozinha para a porta do porão. Estava aberta, a luz dali ainda estava acesa, iluminando as escadas enquanto a levava para baixo.

—Estou evitando-o. —esteve de acordo ele.

—Zeke. —deteve-se na metade das escadas, puxando a mão.

Zeke girou para ela. Não havia temor nos olhos de Rogue, mas havia um olhar de preocupação.

—As respostas que tenho estão lá em baixo —disse, com a mandíbula apertada ante a verdade de sua vida, uma verdade que não seria capaz de ocultar por muito mais tempo.

Seu pai tinha começado este legado, e agora Zeke ia ter que terminá-lo. Terminá-lo significaria revelar a verdade do passado, a verdade do que em quase se converteu e os limites cruzados por homens que uma vez tinha respeitado.

Dayle Mackay tinha começado isto décadas atrás. Com seu irmão e alguns amigos militares, destroçando mais vidas das quais Zeke queria considerar.

Zeke tinha trabalhado dez anos para descobrir a prova do que era Dayle, e em uns poucos meses os primos Mackay tinham conseguido fazer o que havia feito uma década. Mas esta va bem. Deixou-os fazê-lo; sabia o que estavam fazendo, e tinha permanecido à margem e observada o desdobramento como tinham ordenado. A Segurança Nacional tinha arrasado Somerset como uma praga. Homens que ele não sabia que estavam envolvidos tinham sido descobertos como terroristas locais trabalhando para a futura destruição do governo assim como da nação que conheciam.

Ajudou a reunir as evidências no ano passado, e guardou seu próprios segredos.

Até agora.

—Nasci em Somerset. —disse a Rogue enquanto a conduzia ao interior do porão.

Caixas sobre caixas de uma vida que não tinha querido recordar estavam agora abertas, os conteúdos esparramados pelo chão e as mesas que tinha usado para empilhá-las.

—Sei. —Tinha os dedos rígidos em seu agarre enquanto contemplava o porão.

—Parti aos quatorze. Tinha vinte e sete quando voltei.

Zeke lhe deu uma olhada enquanto ela assentia lentamente, o olhar violeta travado nele.



—Voltei, porque pensava que certamente com a morte de Thad Mayes, não poderia ser pior que quando era criança. E se fosse, tinha um plano.

A amargura emergiu de seu interior.

—Para se converter em xerife. —expôs ela.

Zeke assentiu a isso.

—Para me converter em xerife. Para limpar a fundo a imundície que sabia rondava justo debaixo da superfície de uma das áreas mais bonitas do mundo. Faria-a segura, pensei.

—A tem feito segura, Zeke. —aventurou ela em voz baixa.

Zeke negou com a cabeça enquanto soltava sua mão.

—Não, os primos Mackay e o DSN a fizeram segura. Trabalhei dez anos para reunir as provas que necessitava, e fui bloqueado em cada ocasião. Não pude averiguar o que ocorria durante anos.

Então Zeke se separou dela.

—Precisou o descuidado comentário de um ancião para me fazer lembrar de algumas coisas, e logo tudo encaixou.

Girou para ela e soltou o ar com dureza.

—Não vou abandonar a cidade. —disse então Rogue— Posso ver isso em seu rosto, Zeke. Vai me pedir outra vez que vá.

Ele negou com a cabeça ante aquilo.

—É muito tarde para qualquer um de nós, para escapar desta fodida confusão.

Girou e encarou os conteúdos das caixas que tinha esvaziado.

—Mamãe guardava tudo. —Suspirou— Tinha tantos trastes que teve que alugar um armazém para eles. Quando morreu e a casa ardeu com ela, simplesmente guardei todas estas caixas e depois as recuperei, pensando que algum dia as revistaria. Ver o que tinha guardado. Não esperava que tivesse tudo o que sempre tinha procurado. Tão logo encontrei algo, não foi tão difícil saber onde procurar o resto.

Havia fotos, havia diários que ele nunca soube que sua mãe guardava. Dúzias de diários, cada dia de sua vida documentada desde o dia em que se casou com Thad Mayes. Nunca tinha falado dos diários e ele nunca soube que os guardava. Depois do divórcio nunca tirou fotos, assim Zeke não recordou a câmara que tinha levado consigo durante o matrimônio com Thad Mayes.

Tinha esquecido a maior parte de sua vida como criança, porque recordar sempre trazia para a memória o aroma de sangue no ar, e a traição de um pai que tinha adorado.

—O que estava procurando? —perguntou.

—Provas. —respondeu, girando para ela— Prova de que Dayle Mackay, Nadine Grace e várias figuras políticas de alta classe de Kentucky estavam envolvidas na traição. Sabia. —Sacudiu a cabeça enquanto ia por volta das fotos— Sempre soube, só que não podia prová-lo.

—Dayle e Nadine desapareceram —sussurrou ela— Estão mortos, Zeke.

—Estão mortos, mas seu legado está vivo.

—Zeke, está me assustando.

Houve um tom de temor em sua voz, em seu olhar quando se girou para ela, e sabia que o



momento da verdade era agora ou nunca.

—Faz trinta anos, havia três amigos —disse—Eram como irmãos.

Expôs três fotos individuais. Thad Mayes, o pai de Gene, James Maynard e Danny Jones.

—Estes amigos caçavam juntos, foram juntos para festas, e gostavam, o que fizeram durante um tempo os Mackay, foder juntos. —Arqueou os lábios com amargura ante o pequeno ofego que escapou dos lábios de Rogue.

—Logo, chegou uma mulher. —Tirou outra foto, esta de Nadine Grace, então Nadine Mackay.

Então houve uma série de fotos. Depravadas, atos sexuais que tinham sido fotografados, de três homens com uma mulher. Ele deu uma olhada no rosto de Rogue e viu em seus olhos o mesmo asco que sentia cada vez que via essas fotos depois de encontrá-las. Não tinha nem ideia de quem as tinha tirado, ou por que. Mas foram a razão pela qual morreu sua mãe.

—Então, Nadine Mackay pôs seus olhos sobre outro homem. —Tirou uma foto de um jovem John Calvin Walker.

Parecia-se com seu filho, John. Esta foto mostrava Cal Walker em frente ao Bar, um sorriso radiante no rosto enquanto apertava a mão de Danny Jones.

—Aqui, ele e Danny “Jonesy” Jones eram bons amigos. Mas não acredito que soubesse que Jonesy estava envolvido nisto com seus outros amigos. Até que a mulher apareceu.

A mãe de Rogue, Brianna Evansworth.

—Zeke —sussurrou ela— Não me destroe.

Girou para ela e viu o temor e o desespero em seu rosto.

Zeke negou com a cabeça.

—Seu pai a amou do momento em que a viu. —Voltou para as fotos.

—Sabe por que seu pai abandonou Somerset?

Ela negou com a cabeça lentamente, com os olhos cheios de lágrimas.

—Porque Dayle Mackay a queria —expôs Zeke— Dayle queria o dinheiro dos Evansworth que trazia com ela, e pediu a seus três amigos, Thad, James e Jonesy, que o ajudassem.

Estava tudo registrado no diário de sua mãe. Anos de excessos sexuais e fotos que Dayle Mackay tinha enviado a Thad Mayes quando ele tentou negar ao outro homem o que queria.

—Jonesy se negou. Esse é o porquê de ter a perna ruim. Não por um acidente de moto, entretanto isso não ajudou. Foi disparado na perna por seu bom amigo Thad Mayes quando se inteirou que tinha avisado Cal Walker que Dayle Mackay ia tentar lhe tirar a mulher que amava. Dayle pensava que uma mulher podia ser treinada como um cão. Encadeá-la, matá-la de fome, abusar dela, e que esta obedeceria.

Zeke sentiu náusea.

—Cal e Brianna se foram para Boston —disse ele— Jonesy ficou, sua amizade com Thad e James teoricamente se rompeu. Mas Somerset era seu lar. Finalmente se casou e teve uma filha. Thad se divorciou e sua mulher e seu filho se mudaram, e o filho de James, Gene, lentamente se distanciou de seu pai. Não eram tempos felizes para o grupinho, não? —Jogou uma olhada para ela.



—Exceto para meu pai.

—Exceto para seu pai. —esteve de acordo Zeke.

—Mostremos o presente —disse ele— Joe e Jaime. Estavam apaixonados por uma garota. —girou-se para ela, lhe oprimiu o peito enquanto ela o contemplava— Uma garota muito jovem, e foram compartilhá-la. E aqui é quando as coisas ficam perigosas. Aqui é quando os pecados do pai voltam para persegui-los.

Esfregou as mãos sobre o rosto com cansaço.

—Aqui é, talvez, quando os filhos têm que pagar o preço pelos crimes de seus pais.

—Conhece a mulher que estavam vendo?

Zeke assentiu.

—Acredito que sei quem era. E sei porquê os meninos e a avó morreram.

Deslizou uma foto. Gene, quando era jovem, um adolescente. Seguiam uma série de fotos que mostravam seu amigo ao longo de sua vida, até de fato a morte de Thad Mayes. Porque Thad acreditava em assegurar-se. Tinha enviado fotos a sua ex-mulher durante anos.

Abriu as fotos em leque sobre a mesa enquanto Rogue se adiantava. Contemplou-as como ele, essa mesma fúria negra crescendo dentro dele enquanto ela levantava a mão para seu braço e seus dedos se apertaram ali.

—Oh Deus —sussurrou Rogue quando alcançou as fotos que incriminavam o homem que Zeke uma vez tinha querido como um irmão. A foto de Gene, seu pai, e Thad enquanto estavam juntos com outro casal, todos vestidos de camuflagem, os rifles sujeitos com facilidade em seus braços. O casal com a que estavam eram Dayle Mackay e Nadine Grace.

—Formavam parte da Liga pela Liberdade —sussurrou ela quando olhou fixamente as fotos— Inclusive Gene.

—Não era difícil de falhar. A LL adornava os ombros de suas roupas de camuflagem, mas inclusive mais incriminatório eram os corpos atados frente a eles. Os corpos sem vida de dois policiais do estado que se deram por desaparecidos dez anos atrás.

Foi um caso sem resolver, um que Zeke tinha estado investigando por sua conta durante anos. Todo este tempo, e a prova tinha estado sob seus narizes.

—Maldita seja, todo este tempo. —afastou-se dela girando, a ira convulsionava em seu interior—Tive a prova todo este tempo. Esse filho da puta do meu pai estava enviando a mamãe envelopes selados com fotos e ela nunca os abriu. Caixas de informação, de provas. Guardou-as em caixas em um puto armazém de aluguel em Los Angeles e nunca os abriu.

Porque ela sabia o que eram. Ele leu parte de seus diários, partes e retalhos. Ninguém teria suspeitado que Thad Mayes enviava a sua ex-mulher algo tão incriminatório. Ela não tinha formado parte da Liga, essa foi a razão do divórcio, mas ainda assim, tinha guardado seus segredos, tinha guardado as evidências contra ele e os homens que tinham formado a equipe.

Nesse caso, tinha escrito em seu diário, tinha pedido que tomasse qualquer coisa que enviasse e o guardasse, sem abrir, em um lugar seguro. Ele o recolheria mais tarde, tinha prometido. Nunca o recolheu.

Uns meses antes de sua morte ela tinha escrito nesse último diário que Thad ia facilitar sua



vida. Zeke era adulto e tinha sua própria vida, e era o momento de desfrutar da vida. Ameaçou entregar as fotos às autoridades. Fotos que ela tinha tirado enquanto estava com ele, fotos de homens que tinham formado a Liga pela Liberdade. Não tinha nem ideia das provas que guardava nesse maldito armazém de aluguel. Provas muito mais incriminatórias das que tinha obtido ela.

Tinha guardado esse diário, o último que tinha escrito antes de ser assassinada. Um ano mais tarde, Thad Mayes tinha morrido em outro inferno que tinha queimado seu corpo e qualquer evidência que tivesse podido guardar.

Tinha sido uns meros meses depois de ter tirado a foto dos dois oficiais do estado mortos.

—Joe e Jaime estavam vendo a filha mais jovem de Gene, Cammi —disse Rogue fracamente— Isto diz tudo, não?

Zeke sentiu como se a tensão fosse parti-lo em dois. Seus músculos, seus ossos, estavam tensos pela fúria que o percorria.

—Ela tem que ser a garota que estavam vendo. Joe e Jaime sabiam que Gene formava parte da Liga pela Liberdade —disse com dureza— Eles sabiam, e não disseram nada por Cammi. Porque estavam apaixonados por ela. Mas alguém ouviu por acaso a conversa que tiveram. Uma em que Jaime dizia que Gene formava parte do que aconteceu no ano passado com os Mackay. Que o utilizaria contra seu pai se causasse muitos problemas. Morreram pelo que sabiam, e esse é o porquê Callie Walker morreu também. Porque Gene tinha que guardar sua participação em segredo. —Fechou os punhos aos lados— Porque ainda formava parte da Liga.

—Tem provas?

Zeke negou com a cabeça.

—De tudo o que tenho provas é que forma parte da Liga, e das mortes daqueles oficiais.

—O que vai fazer, Zeke? —disse ela— Gene está no bar procurando-o. Disse que tinha tentado entrar em contato com você todo o dia. Tem que suspeitar de algo.

—Enviei por fax as fotos ao agente Cranston —disse enquanto girava para ela— Quero que fique aqui, Rogue, onde estará a salvo. Ninguém saberá que está aqui. Podem incendiar o bar com você dentro. Não se importam em matar testemunhas inocentes. Reúno-me com os primos Mackay e o agente Cranston na cidade em uma hora. Ocuparemos disso esta noite. De tudo.

Tinha estado ocupado. No momento em que a informação de Teddy Winfred fazia clique em seu cérebro, Zeke voltou para casa em busca das fotos que tinha de sua juventude. Para encontrá-las, encontrou as caixas dos envelopes selados e enviados que sua mãe tinha guardado. A informação de seus diários o tinha sacudido, enfurecido. Tinha-lhe levado a maior parte do dia encontrar tudo, e ainda havia mais para revistar. Mas tinha o que necessitava.

—E quanto a Cammi? —perguntou ela— Não forma parte disto, Zeke.

Ele a olhou surpreso. Cammi nunca tinha sido amável com Rogue. Tinha-a desprezado, insultado em incontáveis ocasiões durante anos, mas ainda assim Rogue estava pensando nela. E, como Rogue expôs, Cammi era inocente de tudo exceto de amar os homens equivocados. Esperava.

—Tomaremos cuidado com Cammi —prometeu— Quero sua promessa que ficará aqui. Mantenha o telefone desligado, permaneça incomunicável.



Sustentou-lhe o olhar, disposto, decidido que ela fizesse exatamente o que ele queria. Ainda não podia fazer promessas, não podia permitir-se acreditar em promessas ainda, não até que isto terminasse.

—O que é que não me conta? —Rogue fez a pergunta que ele esperava que não fizesse— Até que ponto está envolvido nisto, Zeke?

Zeke se inclinou contra a velha mesa, cruzando os braços sobre o peito, e observando-a atentamente.

—Olhe as fotos outra vez —disse em voz baixa— As do início, Rogue. Tinha quatorze anos antes que mamãe se divorciasse desse bastardo. A Liga é generacional, meu bem. Formava parte daquilo antes de ir para Los Angeles. Antes inclusive de entender o que significava, estava ali. Caçava com eles, escutava seus planos, e me deixei convencer que era correto, que eles tinham razão. Este é o porquê voltei, para vê-lo terminado. Os Mackay cortaram a cabeça da organização, mas o corpo ainda está vivo. Podem reagrupar-se se não acabar. Isto tem que acabar. Minha mãe e minha esposa foram assassinadas como advertência. Gene tem que saber o perto que estou de revelar sua participação nisto. Não posso arriscá-la. Morreria se a perdesse.

—Há mais. —Ela sacudiu a cabeça, esses cachos em chamas sussurrando pelos ombros e caindo pelas costas enquanto o olhava com os olhos mais bonitos do mundo.

Tentou ocultar o que sentia por ela. Desde a primeira vez que a viu, até agora. Como se um véu descobrisse sua alma, Zeke viu o que não queria ver. Os sentimentos avivados pelas necessidades. Saber que esta mulher tinha sido criada para ele. Ela podia ser sua fortaleza maior ou sua maior fraqueza nas mãos de seus inimigos.

—Jogou com todo mundo —disse ela ao final em voz baixa— Sempre suspeitou tudo isto. Não?

Zeke mal pôde ocultar sua surpresa.

—Não estou seguro de saber o que está dizendo. —obrigou-se a afastar-se da mesa, passeou para o outro lado do porão, logo girou para ela.

—Suspeitava que Gene formava parte da Liga e que Joe e Jaime de algum modo tinham sido assassinados por culpa do grupo.

Rogue não se moveu, mas o seguiu com o olhar, pensativamente, em parte zangada.

—Que parte eu jogo nisto, Zeke? —perguntou enquanto ondeava a mão para os papéis e as fotos espalhadas.— Como se deitar comigo o ajuda a obter onde está tentado chegar?

Zeke apertou a mandíbula. Diabos, esperava que ela não visse isso, porque enquanto talvez tivesse começado assim, não tinha que terminar desta maneira.

—Estavam-me vigiando —disse ele em voz baixa— Estavam concentrados em minha investigação da morte de Joe e Jaime. Não estavam vigiando o DSN ou os Mackay. Cranston nunca esteve suspenso do cargo, oficialmente. Os Mackay nunca estiveram fora do caso. Gene esteve vigiando você durante anos, simplesmente porque era a filha de Calvin e porque Jonesy tentava protegê-la. Perguntava-se o que sabia, o que Jonesy sabia. Deixei-os concentrar-se nisso enquanto os outros faziam seu trabalho.

Rogue sentiu a dor explodir em seu peito enquanto Zeke a olhava fixamente. O vazio de



emoção em sua voz, em seus olhos, feriu-a no mais profundo.

—Então tudo era um elaborado ardil? —sussurrou ela— nenhuma vez foi por nós, não, Zeke?

—Não posso me permitir que seja por nós, Rogue. —disse baixinho enquanto se separava dela de novo— Ainda não.

Não estava afastando-se porque não podia suportar vê-la magoada, viu ela. Afastou-se para recolher as armas que estavam no outro lado do porão. A arma e a cartucheira que prendeu em si com eficiência. O rifle que recolheu ao lado da parede.

—É uma mulher inteligente —disse, em tom preciso, tão frio que ela o sentiu vazio de toda emoção— Permaneça aqui onde está a salvo. Desligue o celular. Farei você saber quando acabar.

Conteve as lágrimas e a ira. Tentou engolir e sentiu como se asfixiasse pela opressão na garganta.

—John —sussurrou ela— O que acontece com meu irmão?

Deus, John tinha estado sempre certo. Não era por amor, não era porque Zeke quisesse algo emocionalmente com ela. Era por um engano muito elaborado. Era por seu trabalho, nada mais.

—Natches tem John à margem disto. —ele prometeu— Está a salvo. Você está a salvo. Agora me deixe limpar meu condado e consertar o dano que fez Thad Mayes a esta cidade sem deixar mais cicatrizes em minha consciência.

Cicatrizes em sua consciência. Estava protegendo-a, assim não sentiria nenhuma culpa se ela acabasse ferida. Não era nada mais que isso. Ela queria cair de joelhos pela dor; em troca, conseguiu erguer a cabeça e inclusive conseguiu assentir.

—Por todos os meios. —Ela forçou um tenso sorriso no rosto; inclusive deu um jeito para não derramar uma lágrima— Estou segura que encontrarei algo para fazer enquanto está fora salvando o mundo. —Ondeou a mão com descuido para ele— Divirta-se, xerife Mayes.

Mantenha-se a salvo, Zeke. Sussurrou as palavras em silêncio enquanto ele girava e se dirigia para as escadas.

Não choraria ainda, prometeu-se. Não ia se permitir derramar mais lágrimas por outra traição. Já tinha derramado muitas, tinha perdido suficientes sonhos. Não perderia também o orgulho.

Os pés de Zeke se apoiaram no primeiro degrau antes que ele parasse. Ainda de costas quando disse:

—Não queria que as coisas fossem desta maneira.

Tremeram-lhe os lábios, ela teve que obrigar-se a conter o pranto que lhe invadia a alma. Odiava-o. Por Deus, odiava-o!

Odiava-o tanto quanto o amava.

—Mas assim é —disse ela, mal contendo a dor— Falaremos mais tarde, Zeke. Tem trabalho a fazer. De acordo?

Ele assentiu, com a cabeça ainda girada.

—Tenho trabalho a fazer.



Com isso, subiu rapidamente as escadas e a deixou sozinha em um porão cheio de suas lembranças, de sua vida. Fotos e caixas de lembranças. Areia em uma garrafa. Conchas. Uma foto emoldurada do dia de seu casamento.

A primeira foto de Shane recém-nascido. E montões de fotos da infância de Zeke.

Girou-se e contemplou o porão, desejando que seu coração não se partisse nos pedaços que sabia que já se destroçou. Podia sentir a ferida aberta em sua alma e a dor que parecia interminável.

Apertou a mão no estômago, fez retroceder o soluço entupido na garganta e tomou um profundo e forte fôlego. Tinha os joelhos feitos um pudim, tremiam-lhe as mãos, e maldito fosse Zeke Mayes até o inferno, tinha lágrimas no rosto.

Tinha a respiração entrecortada quando envolveu os seios com os braços e se afastou das fotos, da história que tinha contado. Havia lacunas, faltava algo. Algo que não tinha contado.

Rogue girou e foi para a mesa, revolvendo as fotos, procurando respostas. Tinha que haver respostas ali. Havia mais que isto que tinha contado. Havia algo em seus olhos que o assegurou antes que ele se fosse. Havia demônios que o perseguiam, escuros lugares que ulceravam sua alma. Partes dele que tinha percebido e ainda não tinha conhecido.

Havia segredos.

Afastou a primeira pilha de fotos, e revisou as outras. Amontoou-as em prolixas filas ordenadas enquanto as inspecionava.

Havia fotos de Zeke quando bebê. Fotos dele com sua mãe e seu pai quando era pequeno, fotos enquanto crescia e se convertia em adolescente.

A maioria das fotos depois dos dez anos eram com seu pai. Em cada evolução havia uma dureza no rosto do uma vez atraente Thad Mayes. Um gelado esfriamento de réptil começava a mostrar-se em seus olhos.

Houve fotos que puseram o pelo da sua nuca em ponta. Fotos de Thad Mayes, James Maynard e Dayle Mackay participando de atos sexuais que teriam envergonhado aos homens mais hedonistas. Mas não havia mais fotos de Zeke.

—Sabe, queimou-as todas.

Rogue deu um coice, o temor a estrangulou quando viu o painel deslizando-se para revelar um espaço na parede de cimento do porão, e observou enquanto Jonesy o atravessava.

Com os olhos abertos, o terror crescendo dentro dela, observou enquanto entrava no porão e olhava ao redor lentamente, a expressão dura e cheia de lamento quando seu olhar foi para o seu.

—Jonesy. —sussurrou, um soluço ao final brotou de sua garganta.

—Sempre fomos os melhores amigos —disse ele baixinho—Thad, James e eu. Seu pai não mudou isso. Simplesmente havia algumas coisas que era muito jovem para compreender então.

Entrou completamente no porão e logo ela viu a pistola que segurava no flanco. A que levantou lentamente e apontou para ela.

—John está morto. —disse ele—Ocupei-me dele e desse bastardo Mackay antes de vir aqui por você e pelo xerife.



Ela sacudiu a cabeça. As mãos obstinadas desesperadamente no borda da mesa a seu lado, enquanto baixava a cabeça e se estremecia pela dor. Jonesy não. Oh Deus, não podia suportar. Gostava dele como a um tio. Salvou-a quando ela precisou. Tinha sido seu amigo.

—Por que? —soluçou, levantando a cabeça enquanto a ira começava a emanar dela —Por que, Jonesy?

Ele sacudiu a cabeça.

—O bastardo queimou as fotos de seu filho enquanto evidentemente salvava todas as demais. Thad era um idiota. Adverti-lhe que esse pequeno filho da puta acabaria voltando para morder nosso traseiro. Sempre foi um pequeno idiota insensato.

—Por que? —Pedi ela de novo. —Por que está aqui? Por que está metido nisto?

Jonesy inclinou a cabeça e a observou quase com curiosidade.

—Porque, apesar das crenças de seu xerife, a cabeça da serpente nunca foi cortada, querida. Mackay não tinha o temperamento para ser o cabeça de nada. Recebia ordens. Era um soldado que se converteu em um problema. Era uma doença. A cabeça estava viva e respirando. —Sorriu com uma fria e dura curvatura de lábios.

—E Zeke pôde fugir, mas não pôde ocultar-se da verdade. Forma parte disto. Sempre formará parte disto.

Capítulo 22

Ela estava ferida. Zeke jurou que podia sentir sua dor enquanto saía da casa e forçava a si mesmo a subir no Tahoe que tinha oculto no caminho de trás. O veículo estava oculto ali, sob a densa cobertura de árvores onde não seria detectado, junto a um velho caminho de terra que seu pai tinha utilizado quando seus pais tinham vivido nesta casa.

Seu pai se mudou a outra casa mais próxima da cidade depois que Zeke e sua mãe partiram. A fazenda tinha estado bastante abandonada durante anos, até que Zeke voltou.

Foi a coisa mais dura que Zeke jamais fez, forçar-se a entrar no veículo antes de arrancar o motor e sair ao caminho. Dirigiu-se de volta ao bar quando tudo dentro dele insistia em voltar para a casa, para explicar, para contar por que tinha que fazer isto e por que tinha que exorcizar os fantasmas de seu próprio passado.

Sua mãe não tinha deixado seu pai simplesmente por causa de suas atividades adúlteras. Nada foi jamais tão simples com sua mãe. Ela tinha se divorciado de Thad Mayes porque ele finalmente tinha cruzado uma linha inaceitável para ela. Tinha enganado seu filho para que cometesse um crime que ela sabia que o obcecava durante o resto de sua vida.

Aos quatorze anos, Zeke tinha disparado e matado um homem. Não importava que tivesse matado a outro dos membros da Liga, um do que seu pai desejava desfazer-se. Não importava que o homem fosse um desviado com os gostos sexuais criminalmente desenquadrados. O fato era que Zeke o tinha matado. Tinha levantado a pistola de seu pai da mesa, tinha-a girado e disparado



ao bastardo no coração, como seu pai tinha ensinado durante as práticas de tiro.

A velha cabana de caçadores onde o assassinato tinha acontecido já não existia agora, alguém a tinha queimado até os alicerces depois que Zeke e sua mãe deixaram a cidade. Zeke frequentemente se perguntava se seu pai a tinha destruído. Se tinha lamentado alguma vez essa noite e lutava por desfazer-se das lembranças também.

Zeke ainda tinha pesadelos. Ainda recordava o orgulho de seu pai, como tinha levantado a cabeça do homem morto com uma mão e sorrido à câmara que James Maynard esgrimia, como se a morte fosse um triunfo.

Ele tinha adoecido. Tinha vomitado durante dias. Durante semanas, tinha sido incapaz de dormir, até que por último contou para sua mãe o que tinha acontecido. Foi então quando ela fez as malas e escapou com ele para Los Angeles, junto com muitas das fotos que sabia que seu pai tinha.

Seu seguro, tinha-o chamado ela. E Thad Mayes tinha enviado mais seguros com o passar dos anos. Ele tinha estado crédulo de que ela não falaria; sua mãe sabia o preço de falar. Todos os que falavam morriam. As provas não importavam, mas ela tinha tido o bastante para continuar a salvo.

Agora Zeke estava rompendo essa lei subentendida de guardar silêncio. Ele tinha falado. Fazia anos tinha falado com Timothy Cranston quando os planos para apanhar o grupo de terroristas nacionais estavam sendo incubados.

Não sabia que os Mackay seriam introduzidos neles. Não sabia que ele seria afastado da investigação uma vez que começasse. Não sabia das fotos que sua mãe tinha amontado. Mas sabia agora. O DSN sabia agora. Eles sabiam tudo, inclusive seu próprio crime.

Ele tinha permanecido tão longe dela como foi possível até que já não foi possível, disse-se. Mas não a tinha utilizado até o ponto que ela acreditava. Levá-la a sua cama tinha sido algo contra o que não tinha podido lutar. Mas ainda assim, tinha servido para o trabalho que se impôs para si mesmo. O de apanhar os últimos membros da Liga.

Necessitava a atenção de Gene concentrada nele enquanto Cranston e os primos Mackay trabalhavam sua magia para terminar a investigação que tinham começado anos antes.

Chegaria a um ponto crítico esta noite. Tinham os assassinos dos Walker, tinham a informação sobre o último dos membros da Liga nesta área assim como dos outros. Tinham fotos, tinham os diários de sua mãe, todos os quais seriam entregues a Cranston no segundo que caíssem. E esta noite, Gene estaria no bar com os últimos membros da organização terrorista da pátria que finalmente seria arrancada pela raiz de seu condado para sempre.

Isso era quase tudo. Mais de vinte anos de inferno, e Zeke veria o final disso esta noite. Quando o sol rompesse pela manhã, o peso de uma vida de culpa desapareceria de seus ombros e ele teria a satisfação de saber que tinha terminado.

E esta noite, Zeke tinha quebrado o coração de Rogue. Tinha-o visto em seus olhos e ele tinha estado impotente para pará-lo, como tinha estado impotente para permanecer longe dela. Agarrou-se à desculpa para esquecer-se de seus próprios princípios e levá-la a sua cama. Sabia o que estava fazendo inclusive enquanto o tinha feito e tinha rezado para que ambos



sobrevivessem.

Sabia que ia feri-la, mas não tinha esperado sentir essa dor como se fosse uma parte dele também. Não tinha esperado feri-la por tudo o que sabia que não podiam ter.

Não é que Zeke estivesse disposto a deixá-la ir ainda. Sabia no fundo de sua alma que se sobrevivesse a esta noite, faria tudo quanto pudesse para curar seu coração e reclamá-lo outra vez. Mas se não voltasse, se não podia retornar para ela pelo motivo que fosse, então saberia que não o esperaria. A dor se aliviaria com a ira, e seu ódio a protegeria de sua lealdade.

Girando no caminho secundário que levava ao bar de Rogue, Zeke apertou as mãos no volante do Tahoe e sentiu os músculos da mandíbula flexionar-se ante o pensamento de reclamá-la, livre e claramente, sabendo que poderiam ter um futuro verdadeiro, antes que só o presente, ou a esperança de um futuro.

Isso tinha estado pendurando sobre sua cabeça durante muito tempo. O risco do descobrimento antes que os membros restantes da Liga fossem identificados. O risco de que os homens que procurava se dessem conta de quão profundamente estava ele nisto em vez de olhar de lado como tinha parecido.

Neste momento, nada importava exceto terminar e voltar para Rogue para explicar, para rogar perdão. Para tocá-la. Para saber que tinha o direito de tocá-la como necessitava. Que Deus o ajudasse, como necessitava.

A necessidade de tocá-la, de saboreá-la uma última vez quase tinha sido entristecedora. Embora se o tivesse feito, não teria saído da casa sem possuí-la, sem dizer a verdade. Sem amá-la.

—Retornarei, Rogue. —sussurrou e desejou ter dito antes de partir.

Fez o último giro para o bar quando o mundo explodiu ao seu redor.

Zeke deu um freio quando uma bola de fogo explodiu de noite onde o bar de Rogue tinha estado. Escombros e chamas romperam a escuridão enquanto uns veículos saíam do estacionamento a toda velocidade.

Chovia fogo. O chão se sacudiu com uma explosão secundária, incitando Zeke a apertar o acelerador enquanto ligava a sirene.

Os primos Mackay e o irmão de Rogue estavam nesse bar. Estavam esperando no escritório, olhando através das câmaras de segurança como Gene se encontrava com os outros membros da Liga que ainda estavam livres no bar. Esteve se encontrando com eles sob o nariz de Zeke. Tão seguro. Maldito. Tinha dado a confiança de Zeke por certa, tinha dado sua lealdade por certa.

Todos estes anos tinha acreditado em Gene com a verdade. Tinha discutido cada movimento que havia feito com o outro homem; tinha-o deixado entrar em cada passo que tinha tomado. E tinha sido traído. Tinha esperado estar equivocado.

Rezado para estar equivocado. Nunca tinha imaginado as profundidades da culpa de Gene.

Essa traição era como ácido na língua quando o Tahoe chiou no estacionamento do bar. O veículo se deslizou parando, balançando-se com a força aplicada aos freios enquanto Zeke vislumbrava Dawg arrastando Natches e John através do estacionamento.

Saltou do veículo, correndo para eles.



—Cranston e Rowdy. Onde estão? —gritou quando agarrou os ombros do Dawg, mantendo-o no lugar.

A cara de Dawg estava pálida, o sangue a frisava, os olhos verdes selvagens.

—Dentro. Maldição, estão dentro.

Tudo dentro de Zeke começou a coagular-se em completa raiva. Girando sobre os calcanhares, correu ao bar. Empurrando-se através dos histéricos clientes que saíam pela porta principal em turba, cambaleou na neblina cheia de fumaça do interior enquanto procurava os outros dois homens.

—Cranston! —gritou o nome do agente.

—Tenho-o. —Zeke se girou, olhando surpreso para Gene enquanto este tropeçava entre a neblina cheia de fumaça.

Ele e Rowdy carregavam um Cranston meio inconsciente. O cabelo loiro de Gene estava chamuscado, a fuligem cobria seu rosto. Uma navalhada pela testa gotejava sangue e Rowdy não tinha melhor aspecto.

—Saíamos deste inferno. —Zeke tomou o peso de Rowdy quando este oscilou e quase caiu de joelhos.

—Filho da puta, suas mulheres me matarão.

—Não merda —grunhiu Gene furiosamente, os olhos azuis enfurecidos— Se eu não acabo matando a cada puto sacana eu mesmo. Filhos da puta. Isto é o que obtenho por confiar em um condenado baboso agente da Segurança Nacional e em meu fodido melhor amigo.

A confusão e a raiva nublaram a mente de Zeke. Com as mãos cheias da forma quase inconsciente de Rowdy, não podia pegar Gene. Em vez disso, seguiu-o, para agachar-se finalmente e lançar o peso de Rowdy sobre o ombro para tirá-lo depressa do bar quando outra explosão o sacudiu.

Muito maldito licor. Ia explodir como mini-bombas quando o fogo comesse a estender-se pelo edifício inteiro.

—Graças a Deus. Filho da puta. Filho da puta. —Dawg correu para eles, os olhos verdes dementes na cara cansada— Está vivo?

Dawg afastou Rowdy de Zeke de um puxão quando Gene desabou na grama, o bastante longe do bar por segurança, e deixou que o peso de Timothy Cranston escorregasse ao chão.

—Que demônios aconteceu aqui? —Zeke rodeou Dawg, fulminando-o enquanto as sirenes começavam a encher o ar.

—A fodemos, isso é o que aconteceu —gritou Dawg— Estava vigiando o homem equivocado. Fodido Cranston, vou matar o filho da puta desta vez. Teve-nos vigiando Gene quando Gene estava trabalhando com ele todo o tempo. Ele não era o homem que procurávamos.

Dawg estava fora de controle. As veias pulsavam grossas e pesadas em seu pescoço enquanto seus olhos brilhavam com uma raiva que advertiu Zeke que o outro homem não pensaria antes de matar.

—De que demônios está falando? Estavam vigiando o homem equivocado?

—Porque eu não sou seu maldito assassino, fodido imbecil. —Gene tropeçou, oscilando



antes de endireitar-se— E Cranston sabia. Sujo bastardo, estive trabalhando com ele desde que esses dois oficiais da polícia do estado foram assassinados. Sim, essas fodidas fotos que encontrou? —mofou-se na cara de Zeke— Eu não matei esses homens, Zeke.

—Esteve ali!

—Estive ali, e toda minha fodida família estava em perigo se fazia algum puto movimento equivocado! —Gritou Gene— Minha família, Zeke. Minha mulher. Minhas meninas. Contatei com alguém que sabia que estava no DSN depois que levaram os corpos. O mórbido sacana me teve te vigiando.

O golpe ressoou por Zeke com a força de uma maré enquanto olhava fixamente para Gene. Cranston era um bastardo manipulador, não cabia nenhuma dúvida disso. Do momento que tinha chegado à cidade com a suposta desculpa de estar suspenso, Zeke sabia que estava jogando. Demônios, Zeke o tinha estado ajudando a jogar, e nunca tinha suspeitado que estava sendo abandonado a sua sorte como todos os outros agentes que tinham trabalhado alguma vez para Cranston.

—Teve-me vigiando-o. —grunhiu Zeke.

—E o assassino fugiu. —Dawg empurrou entre os dois homens— Seu assassino é Jonesy, Zeke. Escapou do bar depois de bater com um taco de beisebol no Natches e no Walker. Foi-se.

Zeke o olhou fixamente, lutando por processar a informação que o bombardeava agora.

Girou-se para Gene, as suspeitas que o rasgavam agora eram destrutivas. Cranston soube todo o tempo. Como Zeke, não tinha provas de suas suspeitas, diferente de Zeke, não tinha estado perseguindo sombras.

Cranston os tinha tido perseguindo sombras enquanto ele se centrava em Jonesy.

—Sabia que era Jonesy? —grunhiu Zeke a Gene.

Gene sacudiu a cabeça freneticamente.

—Jonesy não formava parte da Liga, Zeke.

—Está seguro? —Zeke o agarrou pela gola da camisa e o empurrou mais perto— Pensa, Gene. Sabe ele da casa? Minha casa?

Sabia Jonesy do túnel secreto no porão, ou da entrada dele?

Os olhos de Gene se abriram de par em par.

—Deus. A escondeu na casa. Deus, não, Zeke.

—Sabia ele da casa? —Zeke o sacudiu sem piedade— Sabia do túnel no porão?

Era a única maneira de chegar a ela sem ligar os alarmes que teriam chamado instantaneamente o telefone de Zeke. Era a única maneira de que qualquer um pudesse chegar a Rogue.

—Zeke, foi sua ideia —grunhiu Gene—. Papai me contou sobre isso. Jonesy ajudou a planejar a construção desse túnel antes que seu pai construísse a casa.

* * *

—Não achava que fosse ser assim. —A voz de Jonesy soava entristecida, cheia de pena, mas



Rogue também viu o brilho maníaco de determinação em seus olhos quando fechou lentamente o painel do túnel oculto.

Ele olhou fixamente ao redor do quarto, sua expressão resolvida, mas também pesada. Como se dois homens residissem dentro dele, mas o que segurava a arma fosse agora o dominante.

—Não achava que seria como, Jonesy? —Olhava à arma com incredulidade— Como um homem trai a todos os que ama?

Ela soube no momento que viu a arma que Gene não era o único homem que tinha traído um amigo. É obvio, tinha estado nas fotos também. Essas dispersadas através do escritório de Zeke. Os três homens, Thad Mayes, James Maynard e Jonesy. A amizade que tinham forjado sendo jovens não se quebrou.

A amizade que tinha ajudado Dayle Mackay e Nadine Grace em suas atividades traidoras nunca se desintegrou. Tinha permanecido forte, apesar do que os outros pensaram. O laço que os três tinham compartilhado tinha sido quase impossível de romper completamente.

—Eu não traio um amigo. —Cravou o olhar nela, a ira lhe escureceu os olhos— Um amigo teria escutado quando adverti que se mantivesse fora dos problemas. Seu pai escutou. Pegou sua mulher e deixou a cidade, como eu disse que fizesse. Infelizmente, não retornou e recolheu à filha como o adverti que fizesse durante os últimos cinco anos. Por alguma razão, Cal pensou que a ameaça se foi porque Thad, Dayle e Nadine desapareceram. —Sacudiu a cabeça com um pequeno grunhido zombador— Não considerou James uma ameaça, e pensou que a lealdade de Gene permaneceria com Zeke. Não é tão esperto como estava acostumado a ser, Rogue. Ou possivelmente, não importa o que aconteça à sua problemática filha.

Esse não era o caso. Seu pai tinha gritado, tinha-a perseguido e a tinha ameaçado durante cinco anos em uma tentativa de conseguir que voltasse para Boston. Seu esforço desesperado foi mandar John.

Teve dificuldade para respirar. Oh, Deus, John.

—Onde está John? —sussurrou, a declaração de que tinha matado seu irmão ricocheteava por sua mente—O que fez, Jonesy?

—O mesmo que fiz a Thad. —Suspirou— O taco de beisebol que mantenho no bar tem muitas manchas de sangue, Rogue. Agora tem a de seu irmão e a de Natches Mackay também. Neste momento, ardem nas chamas do inferno. Pus um explosivo no bar. Foi-se, pequena. Acompanhando seu irmão, Timothy Cranston, e esses bastardos primos Mackay.

—Não. —Sacudiu a cabeça com incredulidade—Você não machucaria John. Jonesy, por favor. Não faria mal ao John.

Onde estava o homem que seu pai havia dito que lhe confiaria a vida? O homem que Rogue tinha confiado sua vida?

Jonesy sacudiu a cabeça, a pena encheu seus olhos embora a arma nunca oscilou.

—Disse a você que se afastasse de Zeke Mayes, Rogue. Esteve tentando identificar os membros restantes da Liga há seis meses. Demônios, nós soubemos todo o tempo que ele trabalhava para o DSN para nos eliminar. Gene nos manteve informados. A Liga tem que



sobreviver. Nossos planos sobreviverão. O futuro é mais importante que a amizade ou o sangue, garota. —Sua voz subiu enquanto a irritação o enchia. Sua expressão se enrugou com a fúria e apertou a mão ao redor da arma.

Rogue podia sentir a intenção mortal que atravessava o quarto agora. Jonesy ia matá-la. Podia ver em seus olhos, na cara. O homem que ela tinha pensado que conhecia não existia. Nada existia atrás dos olhos que tinha pensado uma vez que podia ler, exceto a ira e uma determinação assassina.

A traição era um sabor rançoso em sua boca enquanto lutava para engolir através da estreiteza em sua garganta. Rogue queria rugir com dor agora. Podia sentir as afiadas feridas que se enterravam em sua alma, afundando-se nela com uma agonia desumana.

As lágrimas estavam presa na garganta e em seus olhos enquanto olhava para Jonesy, dos ombros poderosos à loucura que brilhava em seus olhos. Só podia ser loucura. Não podia haver nada cordato no que estava fazendo. Tinha matado John e Natches.

John iluminava o mundo com suas brincadeiras e sua risada. Era cínico, às vezes amargo, mas ele a tinha adorado, havia-a feito rir.

E Natches, com o sorriso torcido e a completa devoção a sua mulher e a criança não nascida ainda. Ele gostava de brincar que sua mulher seria a única que o mataria finalmente. Em vez disso, tinha sido Jonesy. Um amigo de confiança.

Ela não podia acreditar que qualquer um deles estivesse morto. John e Natches eram duros; eram fortes.

Jonesy os poderia ter ferido, mas se negava a acreditar que já não estivessem vivos.

Especialmente John. O irmão que a tinha ensinado como lutar, que ocultava rãs em suas gavetas quando era criança, que ensanguentou o nariz do seu amigo quando ela era jovem por assustá-la. Tinha-a protegido. Tinha-a amado. Ela não podia perdê-lo.

—Sim, é uma coisa dura, dar-se conta de que seu irmão morreu por sua culpa. Seus amigos. —Um brilho de pena nublou seus olhos durante uns segundos longos — Não foi fácil desfazer-se de John, desejo que saiba isso. Mas não foi tão duro como matar Thad Mayes. Fomos como irmãos. Mas ele era uma debilidade para a Liga. Todas essas fotos que havia feito dele e James Maynard. Ameaçou-nos com essas imagens, sabe? Queria sair. Queria ir para Los Angeles para ficar com esse bastardo de seu filho. —Jonesy bufou ante isso—Tornou-se fraco em sua velhice. Então essa estúpida mulher dele tentou nos chantagear e o idiota de seu filho fez as perguntas equivocadas. Encarregamo-nos da mulher de Thad, e da de Zeke, também. E nos ocupamos de Thad. Pensamos que Zeke captaria a mensagem, alto e claro. Quando retornou aqui, ia deixá-lo passar. Ele era agradável e calado, não estava revolvendo nada pelo que eu sabia.

—E Joe e Jaime? —sussurrou, os dedos apertados em punhos enquanto o olhava—Os matou também, verdade?

Ele sorriu ante isso.

—Confiavam em mim. Joe veio para mim, disse que sabia que Gene era parte da Liga. Queria utilizar essa informação para fazer que Gene desistisse no que a sua garota se referia. Eram estúpidos, Rogue, e sua avó não era mais inteligente. A estúpida rameira inclusive me chamou,



perguntando por Gene. —Sacudiu a cabeça— Assim a matei, também. E ninguém suspeitou. Sabe que chorou quando a tirei dessa cama e disse o que ia fazer. Chorou lágrimas e me rogou que não o fizesse.

E tinha desfrutado disso. Rogue viu em sua cara. Jonesy tinha desfrutado matando Callie Walker. Do mesmo modo que desfrutaria matando-a, deu-se conta.

—Como acredita que vai sair disto, Jonesy? —Sua voz estava cheia de lágrimas, lágrimas que se negava a soltar. Não lhe daria a satisfação de rogar nem de chorar. Não lhe permitiria desfrutar do que estava pronto para fazer— Zeke saberá que Gene não fez isto. Matou a muitas pessoas.

—E qualquer um que teria falado já está morto. —Deu de ombros— Manipulei o principal depósito de gasolina para que estalasse no bar. Terá eliminado a maior parte do edifício, especialmente a seção atrás onde Gene se encontrava com os poucos membros da cidade. Consegui John, Natches, e Cranston junto com os outros dois primos Mackay, não são uma ameaça se conseguiram sobreviver. A Liga se reformará sem os fracos bastardos que se encolhiam em suas casas para rezar por não ser detidos. Reedificarei a Liga aqui, e um dia, será mais gloriosa que nunca antes.

Essa maldita Liga. A Liga pela Liberdade. O grupo de fanáticos militares e de ex do exército que pensavam que poderiam empreender uma revolução e tomar o controle do governo. Rogue teria rido se a situação não fosse tão desesperadora neste momento.

—A Segurança Nacional rompeu a Liga, Jonesy. —recordou—Todos exceto alguns poucos atrasados estão na prisão ou mortos. Seus generais se foram. O dinheiro se foi. Como pode reedificar depois disso?

Ela tinha que pensar, tinha que mantê-lo falando, dar uma oportunidade de fugir dele. Não podia permitir que a matasse, não podia permitir ferir ninguém mais dos que amava.

—Reedificar nunca é duro. —Encolheu os ombros largos ante sua pergunta— Só necessita os homens corretos em seu lugar. Tenho essas conexões. Sei como fazê-lo.

—É um garçom —grunhiu— Em Kentucky, Jonesy. Isto não é uma cidade das grandes. Que conexões poderia ter?

Ele riu ante sua pergunta.

—Pobre Rogue. Sei que tem que ser duro morrer, querida. Prometo que me assegurarei que não doa. —Levantou a arma.

—Olhe as fotos, Jonesy. Zeke já sabe que está comprometido. —Atirou a mão sobre a mesa onde as imagens estavam dispersas—Thad Mayes não era estúpido. Enviou fotos à mãe de Zeke. Nem sequer as tem todas aqui —mentiu— Foi atrás dos outros. Não acredita que Thad teria se protegido, inclusive de você?

Ele se deteve, estreitou os olhos enquanto piscava à mesa e as fotos.

—Queimei essas fotos. —ele pareceu resfolegar.

—Ele fez cópias —o advertiu— Muitas cópias, Jonesy. Enviou-as à mãe de Zeke, e sabe que as enviou a outros lugares. Sabia que o trairia, Jonesy. Zeke saberá quando as encontrar. Saberá que fez voar o bar. Está perdido agora. Ele advertirá que não está.



Sacudiu a cabeça lentamente.

—Cobri meu traseiro. Todos exceto você me ouviram dizer que tinha que sair esta tarde. Não achava que tinha que estar ali.

—Ele saberá, Jonesy. Sabe que me ligou antes que chegasse aqui. Averiguará, especialmente quando encontrar as outras fotos.

Era uma mentira desesperada, mas lógica para ela. Thad tinha enviado fotos à mãe de Zeke; podia ter enviado outras cópias a outro lugar.

—Não há fotos aí dentro minhas. —Mas a indecisão piscou em seu olhar.

Rogue forçou um sorriso zombador nos lábios.

—Mas há, Jonesy. Há várias. —Retrocedeu e ondeou a mão para as centenas de imagens dispersadas sobre a mesa— Só olhe. Ele tem tudo o que necessita para detê-lo justo como os outros foram detidos.

Ela não tinha muito tempo. Rogue lutou para evitar o trovão do coração nos ouvidos e evitar que o pânico se assentasse. Não podia pensar em John nem em Natches; não podia permitir afundar-se no poço de desespero que a esperava.

Ela era lógica. Poderia encontrar uma saída para isto. Procurou pelo quarto com sua visão periférica e tentou encontrar um meio de escapar enquanto retrocedia da mesa, permitindo que Jonesy se movesse mais perto.

O porão se encheu com os anos de móveis velhos, de roupa e de caixas. Havia abajures apoiados contra mesas velhas, um rifle de caça no outro canto, um pedaço de madeira atirada atrás do sofá.

Desejo ter uma arma. Deveria ter pensado e fazer que Zeke lhe deixasse uma. Ele a tinha deixado aí, acreditando que estava protegida e ela tinha acreditado que estaria. Não, ela estava muito transtornada para pensar, muito ferida para usar o cérebro em vez das emoções.

Os planos melhor dispostos, pensou ela sarcasticamente. Zeke sabia do túnel. Tinha pensado que ela estaria a salvo, e se por acaso não estava, então tinha lhe dado um lugar onde esconder-se. Não podia saber que alguém mais sabia do túnel, especialmente Jonesy, porque ele não confiava em Jonesy para começar.

—Fodido louco. —murmurou Jonesy enquanto folheava um montão de fotos. —Sempre tirando estas condenadas imagens. Para a posteridade, dizia e Dayle sempre ria e dizia que ele tinha um agarre sobre Thad, que poderia mantê-lo afastado. —Fez uma careta tensa quando uma das fotos mais sexuais captou seu olhar—Disse que não tinha revelado as fotos e Dayle acreditou.

—Mas você o conhecia melhor —disse ela— Verdade, Jonesy?

Jonesy sorriu.

—Conhecia-o melhor. Soube que quando se fosse levaria esses negativos com ele. Soube que nos trairia por seu pequeno bastardo e o neto que Zeke não permitia que visse. Maldição, Zeke odiava seu velho, sabe.

—Não sabia. —mentiu outra vez.

Jonesy assentiu enquanto um olhar pensativo cruzava sua cara. Pegou uma foto dele, um homem muito mais jovem, com Thad e James Maynard. Zeke e Gene estavam nas fotos. Eram só



crianças, vestidos de camuflagem com amplos sorrisos no rosto.

—Adivinho que terei que me desfazer de James agora. —Suspirou—E de Gene. Isso federá. Embora James é ainda tão covarde como uma menina em sua fazenda. Nem sequer vai às reuniões. Não quer reedificar o que perdemos, diz que é muito velho. —se mofou então— Se é muito velho para lutar, então é muito velho para viver, não diria isso?

Rogue se apoiou contra o sofá quando a atenção de Jonesy voltou para as fotos. Os dedos se curvaram ao redor do pedaço de madeira que estava atrás.

Estava bastante perto dele, a quase dois metros. Se pudesse balançá-lo bem antes que ele pudesse levantar a arma, então teria uma oportunidade. Isso era tudo o que necessitava, uma oportunidade de lutar. Negava-se a ficar ali como um cordeiro para o sacrifício no altar de sua loucura. A Liga pela liberdade uma merda. Esses bastardos deveriam morrer de todos os modos. Todos estavam tão malditamente loucos como Jonesy, de outro modo nunca teriam se misturado em um esquema tão louco para tomar a nação.

—Me parece inteligente —disse ela fracamente quando os dedos se apertaram na madeira— Mais inteligente que você.

Quando ele girou, ela se moveu. Balançou o pedaço de madeira sobre sua cabeça antes que ele pudesse reagir. Ele levantou o braço, mas não foi o bastante rápido. Tinha-a ensinado o que John não ensinou a respeito de lutar. Tinha-lhe ensinado como desarmar, como chutar efetivamente, mas mais, a tinha ensinado como rebater um movimento defensivo.

Ela era baixa, fraca, ele sempre havia dito, assim que a tinha ensinado a ser efetiva mais que poderosa. Utilizando o ímpeto de seu corpo, os ombros, o golpeou no ombro com a madeira, fazendo que a arma caísse enquanto o chutava.

O salto da bota acertou seu queixo enquanto voltava a bater na sua cabeça com o pedaço de madeira.

O sangue orvalhou ao seu redor antes de deixar cair a madeira e correr para a escada.

Esqueça-se do túnel, ela não tinha a menor ideia de onde estava. Jonesy era maior que ela, mais rápido; necessitava cantos e móveis para ocultar-se atrás, não um túnel pelo qual correr.

Correu escada acima amaldiçoando suas botas inclusive enquanto se deleitava no sangue que tinham derramado. Abriu de repente a porta do porão quando uma explosão atrás dela enviou uma bala a poucos centímetros por cima de sua cabeça, estilhaçando a madeira.

Agachando-se, fechou a porta, trancou-a e pôs uma cadeira de cozinha contra ela antes de correr à porta traseira e para a noite.

Estava escuro e brumoso como o inferno enquanto a névoa do lago amortalhava a casa e o bosque que a rodeava.

A noite gotejava uma manta pesada de névoa espessa, tão espessa que se sentia sufocante enquanto tropeçava ao redor da casa e se agachou atrás do bordo de plantas plantadas ao redor.

Um rápido olhar à moto a fez soluçar afogando-se. Os pneus estavam furados. Não havia chance de escapar com ela. No momento, tudo o que tinha eram as sebes.

Era uma cobertura mínima, mas estava escuro, sua roupa era escura. Piscando para afastar as lágrimas, rezou por uma oportunidade.



Capítulo 23

Respirando lenta e profundamente, Rogue tentou reprimir o pânico que ameaçava aumentar em seu interior, agora que escapou da casa. Certamente não seria tão difícil esconder-se aqui durante um momento. Talvez Jonesy partisse.

Estremeceu ante o som da porta da cozinha fechando-se de repente.

A noite de repente parecia malévola e aterradora. O temor a congelou por dentro enquanto um calafrio subia pela coluna e se esforçava para ver o terreno dos arredores, através da espessa névoa.

—Assustada, não, pequena? —Na noite, a voz de Jonesy era quase coloquial enquanto falava— As noites ficam realmente escuras aqui nas montanhas sem as luzes da cidade as iluminando. A névoa cai, e não pode ver o que está atrás de você, ou o que tem diante. É verdadeiramente fácil perder-se ou cair por um precipício. Ou inclusive pior, cair no lago. A água está muito fria nesta época do ano, Rogue.

Ela tremeu ao pensar quão fria.

Com os olhos totalmente abertos, a respiração trabalhando penosamente em seu peito, ela se esforçou para permanecer no lugar em vez de sair correndo através da noite.

—Sabe a direção da estrada que sai daqui? —gritou— Esteve aqui muitas vezes que seria capaz de permanecer sobre o asfalto em vez do terreno montanhoso e saber onde está?

Ela era mais inteligente que isso. Conhecia a diferença entre uma estrada asfaltada e o terreno montanhoso.

Jonesy riu entre dentes de novo.

—Vamos, Rogue. Ao menos matarei você rápido. A noite a fará sofrer.

Por Deus, como seu pai e ela tinham estado tão equivocados com ele? Não era um amigo, era um monstro.

Ajoelhada atrás de uma espessa e densa sebe, Rogue sentiu cair a primeira lágrima. A noite era fria e úmida. Durante um breve instante recordou como se sentiam os braços de Zeke, a calidez de seu corpo. Um soluço se instalou em sua garganta ante a necessidade dessa calidez.

Antes, viu a dor nos olhos de Zeke quando se deu conta que Gene o tinha traído. Rogue sentiu essa dor ecoando dentro dela. Em uma noite tinha perdido o homem que amava, um amigo e possivelmente seu irmão.

—Rogue. —O grito de Jonesy estava cheio de regozijo enquanto se arrastava mais perto da sebe— Conheço o terreno, esta fazenda. Conheço cada centímetro disto e da casa. Pergunto-me se posso adivinhar onde se esconde.

Ela abriu os olhos completamente ante o som da voz, muitíssimo mais perto agora. Esforçando-se por mover-se em silêncio, avançou lentamente pela lateral da casa, com cuidado de não roçar as sebes.



Jonesy era um caçador. Seu pai tinha contado sobre as caçadas que haviam feito juntos e como Jonesy parecia ter quase um sexto sentido de onde se ocultava a presa, por qual caminho iria.

Ela não era um animal, disse a si mesma, mas na verdade havia alguma diferença entre um humano e um animal que sabia que era caçado?

O coração corria fora de controle, o sangue troava por suas veias, Rogue decidiu que não havia muita diferença. Havia uma consciência de morte planejando o ar, o formigamento da esperança, o desafio de viver. Tinha que viver. Que a amaldiçoassem se deixasse que Jonesy fizesse mais mal a sua família.

—Não me perguntou como dei um jeito para enganar seu pai e todo mundo todos estes anos. —Insidiosa e cheia de odiosa confiança, a voz de Jonesy ameaçou através da noite de novo, muito perto para seu gosto—Conto a você? —perguntou.

Sim, continue falando, idiota, assim saberei exatamente onde está.

Sua risada era grave, cruel.

—Seu pai estava tão agradecido por eu adverti-lo dos planos de Dayle Mackay a respeito da sua mãe, que lhe importava um caralho me enviar um bonito e volumoso cheque a cada natal. Não tinha nem ideia que tudo era um plano bem urdido para conseguir que saísse de Somerset. Olhe, seu pai era um bagunceiro e sua mãe era muito importante para matá-la. Mas funcionou, Rogue. Seu pai demonstrou ser uma boa fonte. Por que? A firma de advogados que estabeleceu até defendeu a vários de nossos membros e limpou seus bons nomes dos atos malvados que cometeram. É um bom homem —disse arrastando as palavras maliciosamente— Que mal que sua filha não seja tão inteligente.

Sim, muito mal que sua filha não atirou em você quando teve a oportunidade. Muito mal que simplesmente não te desse um tiro.

Rogue deslizou ao redor da parte traseira da casa, forçando a vista para ver além da névoa enquanto se esforçava para averiguar que caminho tomar, onde estaria o melhor lugar para esconder-se.

—Sei onde está, Rogue —cantou através da noite— Justo dobrando o canto, justo na curva. Procurando calidez antes que sua vida esteja a ponto de acabar.

Não era um poeta. Mas tinha razão. Estava justo na esquina. Infelizmente, não conhecia nada da casa de Zeke mais que o fato que o terraço traseiro deveria estar a uns metros dela.

Movendo-se cuidadosamente, esforçando-se por permanecer em silêncio, deu um jeito para encontrar o corrimão do alpendre. Agarrando-se à madeira com força, subiu por cima do corrimão antes de agachar-se e sentir seu passo pelas tábuas.

Esperaria ele que estivesse no alpendre?

Seguiu o corrimão, encontrando a abertura que se dirigia ao pátio, e se deteve ali. As unhas cravadas na madeira enquanto escutava e se esforçava por ouvir sobre seu acelerado coração. Não podia ouvir Jonesy.

Ele podia ouvi-la? Seu coração era como um trovão em seus ouvidos, sua respiração entrecortada. O temor tinha um sabor acre na boca agora enquanto seu estômago se encolhia de



pânico.

A noite em si mesmo sussurrava terror. A brisa que provinha do lago era um sussurro de propósito mortal. O movimento dos ramos, o rangido das árvores. O que era natural, o que era um assassino esperando para dar o golpe?

A névoa dançava lentamente ao redor dela, mutável e espessa, clareando-se e movendo-se através da noite com graça vã. As sombras se retorciam na bruma densa, reuniam-se, logo se distanciavam, sem dar uma pista do que estava perto e o que não.

Como podia um homem do tamanho de Jonesy mover-se tão sigilosamente? Por certo ela deveria ouvir algo.

Mordendo o lábio, ficou no lugar, rígida, imóvel, esperando. Observando. Rezando. Se Zeke chegasse a tempo.

* * *

—Tem que estar louco de amarrar para pensar que conseguiria escapar disto, Zeke. —Alex disse sentado ao seu lado no Tahoe enquanto Zeke apagava as luzes da caminhonete e efetuava o giro para a estrada de asfalto que ia para sua casa —É um caçador, um lutador. Tinha treinamento militar. Licenciado com desonra por bater em um oficial embora seus companheiros oficiais atestaram que o oficial bateu primeiro. Ao menos, é um pedaço de filho da puta. Se tiver Rogue, tirá-la não será fácil.

—Rogue estará me esperando. —Tinha que acreditar naquilo. Não era fraca; não era estúpida. Saber que ele estava vindo por ela, sem importar quão zangada estivesse quando ele partiu.

—Me escute, nenhum destes homens que estavam na Liga atuou com completa prudência —advertiu Alex enquanto deslizava a munição no rifle que levava.

Levava um aparelho de visão noturna na cabeça; uma pistola atada na coxa. Vestido de camuflagem com uma boina em conjunto cobrindo o cabelo, o chefe do departamento de polícia de Somerset tinha o aspecto do soldado das forças especiais que era há seis meses atrás.

Zeke conduziu com cuidado o Tahoe por ali, consciente de outros homens no assento de trás, e os da parte traseira. Montaram-se depois do interminável intercâmbio do que levavam em seus veículos. Os meninos Mackay acreditavam “no caso de”. Guardavam tudo o que necessitavam à mão no caso de algo ficasse feio de repente.

Dawg e Natches, remendados mas ainda sangrando, Rowdy, coxeando mas ainda andava, Cranston, um pouco pior pela refrega, mas estava inteiro. E Gene. Seu ajudante levava um rifle de franco-atirador similar ao de Alex, a expressão fria e ameaçadora igual, soube Alex, que a sua.

Desligando o motor, tirou a arma do coldre, verificou-a, logo a colocou de novo em seu lugar antes de pegar os carregadores extras de Alex e colocá-los no bolso grande da jaqueta escura de camuflagem que usava.

—Estamos a meio quilômetro da casa —disse— Natches, Rowdy e Cranston tomarão a entrada do túnel, Alex, Dawg, Gene e eu tomaremos as duas entradas da casa. —Olhou fixamente



para Gene através do espelho retrovisor— Você vem comigo.

Gene assentiu, encontrando-se com os olhos de Zeke, a expressão tensa por controlar a ira. Iam ter que tratar um com o outro, e com o Cranston quando isto terminasse. Mas por enquanto, nada importava exceto Rogue.

—Maynard, me dê o rifle. Teve tempo de chegar aqui; isso significa que um de nós tem que estar em posição para abatê-lo imediatamente —informou Natches, com voz dura, escura pela ameaça de violência enquanto Gene estendia o rifle de franco-atirador.

Sem confiar em ninguém, Natches começou a desarmá-lo com rapidez e efetividade. Em uns segundos o tinha desmontado, comprovado e montado enquanto Dawg armazenava munição nos bolsos de sua jaqueta.

—Está viva —disse Zeke —Isso é tudo o que importa.

Foi consciente dos olhares que os outros se fizeram entre eles.

—Se estivesse morta, a casa estaria em chamas. —Assinalou às sombras silenciosas adiante. Não havia sinais de luz, nem o resplendor de um fogo—Jonesy não deixaria nenhuma evidência. Foi muito cuidadoso até agora, continuaria sendo.

—A menos que a tirasse da casa —sugeriu Cranston.

Zeke o ignorou.

—Não a tiraria da casa —disse Gene— Jonesy faria parecer um suicídio ou incendiaria o lugar. Papai me contou uma vez que a Liga tinha um exterminador silencioso. Nunca disse quem era, mas aposto em Danny Jones.

Igual a Zeke.

—Em marcha.

Saíram do veículo em silêncio, movendo-se rapidamente junto à estrada asfaltada com os dispositivos de visão noturna postos. O verde turvo do monitor diante dos olhos brindou Zeke com uma pausa momentânea. Raramente utilizava a visão noturna. Mas agora, com a névoa do lago espessando-se ao redor das montanhas e dificultando a visibilidade normal, Zeke esteve agradecido por elas.

Com Alex, Dawg e Gene às suas costas marcou um ritmo rápido para a casa. Agora, podia sentir a picada do perigo, a consciência de que o tempo estava se esgotando.

Tinha que chegar a ela. Que Deus o ajudasse, não podia deixar que lhe fizessem mal, ou pior, que a tirassem para sempre. Nesse momento, nada importava exceto Rogue. Pensamentos davam voltas na cabeça, a raiva, o lamento e uma dor cegadora serpenteavam e se emaranhavam juntos até que a raiva floresceu pela incapacidade de mudar o perigo no qual ela se encontrava.

Não deveria tê-la deixado. Não deveria tê-la machucado. Deveria levar mais tempo, explicado mais, esclarecer as coisas. Deveria ter assegurado que ia voltar para ela, e que então se encarregariam do futuro. Deveria ter dito que a amava.

* * *

Rogue podia sentir o perigo, cobria-lhe a pele com uma sensação oleosa e a deixou



tremendo até o ponto que teve que apertar bem os dentes para evitar que batessem e a delatassem.

Já não podia ouvir Jonesy. Como podia um homem tão grande mover-se tão silenciosamente? Estava se movendo? Podia estar fazendo o mesmo que ela, esperando, observando.

Seus músculos estavam tendo câibras pelo esforço de permanecer completamente imóvel. Uma lágrima derramou de seus olhos, fez-lhe cócegas no queixo, mas se negou a secá-la.

Onde estava Zeke? Tinha que estar chegando. Tinha que estar perto. Não deixaria que lhe fizessem mal. Mas ia ter que ser capaz de fazer tudo o que pudesse para salvar a si mesma. Não era como se levasse uma pistola ou tivesse tomado emprestada uma. E estava muito claro que não era o suficientemente forte para brigar contra Jonesy.

Maldito seja. Esperava que soubesse que estava despedido. O bastardo tinha queimado seu bar? Como pôde fazer voar o bar?

Sacana.

Deus, estava assustada.

Apertou os dentes com força e esperava estar fora da vista. É obvio nesta névoa, ele poderia estar de pé a seu lado e não saberia.

Estremeceu toda quando o orvalho começou a filtrar-se na fina camiseta. A fria umidade começou a gelar ao fim de um momento, e não gostava do frio.

Queria estar nos braços de Zeke. Queria que a abraçasse, queria estar quente de novo contra sua pele nua. Queria uma oportunidade de chutá-lo por usá-la.

Não podia acreditar que tinha brincado com ela com tanta facilidade. Rogue não era fácil de paquerar. Ao menos, ela não pensava que fosse.

Mordeu o lábio quando ouviu um som de pés arrastando-se. Era o vento ou era a morte que se aproximava? Estava morta se Jonesy a encontrasse, e sabia.

Outro movimento, podia ser a brisa ou o som de um passo contra a grama.

Lutou contra a necessidade de fugir, de gritar.

—Cadela! Aqui está!

Ela gritou quando uns dedos cruéis a agarraram pelo cabelo e a puxaram para cima, logo sobre o corrimão. Rogue bateu contra o chão, elevando as mãos para a cabeça, cravando suas unhas na carne enquanto ele amaldiçoava.

—Lamentará isso, puta!

Um grito agônico atravessou seu sistema nervoso enquanto ele a levantava pelo ar. Um forte punho passou fugazmente pelo lateral de sua cabeça à grande velocidade, um momento antes que ela pudesse lhe dar um chute com o salto das botas.

Rebolando, arranhando, ela lutou para libertar-se enquanto ele a sacudia pelo ar, com a outra mão em movimento.

A pistola. Ele tinha uma pistola.

Os gritos de Rogue penetraram na noite enquanto se libertava do agarre pelo braço de Jonesy no qual sabia segurava a arma. Sacudiu-a enquanto as mãos dela tentavam alcançá-lo,



provocando que Rogue caísse contra ele. Ao sentir a arma na cintura dele, fez Rogue querer alcançá-la desesperadamente.

Jonesy lhe afastou as mãos de um golpe quando ela a notou, quase esteve em suas mãos. O golpe lhe intumescceu os pulsos enquanto sentia a arma bater no chão.

—Fodida cadela! —gritou de noite, seu punho golpeou contra a bochecha de Rogue enquanto ela lutava em seu agarre.

As estrelas explodiram na frente de seus olhos enquanto um olhar de escuridão começava a filtrar-se em sua mente. Rogue se sentiu enjoada, os joelhos frouxos enquanto começava a cair.

Ele a sacudiu e ela mal sitiou a dor em sua cabeça até que caiu de joelhos e a força de seu peso ameaçou arrancar seu cabelo da raiz.

—Onde está a fodida pistola, cadela? —gritou ao ouvido—Vou moê-la a pauladas antes de pôr uma bala entre seus olhos.

Estava escuro, tão escuro. Rogue se sentiu desfalecer, sentiu que a força abandonava seus membros.

De repente estava livre. Caiu ao chão com suficiente força para machucar os joelhos. O momento de liberdade pareceu lhe insuflar novas forças. Não muitas, só as suficientes para afastar-se engatinhando antes de tombar-se de costas e dar chutes.

Acertou-o nos joelhos com as afiadas pontas dos saltos, golpeando-o nas rótulas e sentindo uma onda de triunfo ante sua rajada de dor enquanto ele tropeçava para trás.

Girando, esforçou-se para engatinhar rapidamente afastando-se dele. As unhas rompendo-se contra o duro chão compacto. O cabelo caindo sobre a cara, cegando-a ainda mais.

Já era tão escuro que não importava o cabelo. Os cachos se emaranhavam nos braços, no rosto; as pedras cravavam nos joelhos e nas palmas das mãos.

Tinha que estar perto de salvar-se. O suficiente perto de ficar em pé e fugir. Deteve-se só o suficiente para tentar levantar-se. Quando os dedos dos pés se cravaram no chão, umas mãos toscas lhe rodearam os tornozelos e a atiraram de costas.

O rasgão do tecido onde seu jeans se romperam nos joelhos a enfureceu. Por que isso a irritou? Não sabia, mas um grunhido saiu de sua garganta enquanto tentava lhe dar outro chute.

—Queria ser amável com isto. —Sua voz era demente, monstruosa— Queria ter sido amável.

A pistola estava no rosto de Rogue.

Rogue ficou quieta. Notou o canhão pressionando em sua bochecha, olhou para cima, e através da névoa viu o demônio que a brandia.

—Há alguma maneira amável de assassinar alguém? —gritou— É isso o que disse a Joe e ao Jaime, que seria amável? É isso o que disse à avó?

—Não —disse com ar depreciativo— Disse a eles que arderiam no inferno. E ali é onde arderá você também.

O dedo se esticou no gatilho.

* * *



O grito de Rogue penetrou na névoa, esporeando Zeke através da noite enquanto se apressava para encontrá-la. O aparelho de visão noturna que levava pintava o mundo de um verde brumoso, mas tinha uma clara imagem de onde ia.

A casa estava justo na frente deles. Gene estava as suas costas, Alex saía a sua esquerda, enquanto Dawg tomava a direita.

Não parecia que pudesse correr o bastante rápido, não podia conseguir acelerar o bastante suas pernas; a adrenalina não fluía o bastante por seu corpo.

O desespero encheu sua mente enquanto a dor parecia lhe abrasar a alma. Chegou muito tarde. Ia ser muito tarde para salvá-la. Ia perdê-la. A única mulher que havia tocado seu coração, e ia perdê-la se não se apressasse.

Seus gritos se cravavam na cabeça. Perfuravam-no, enchendo-o de ira e dor. Quando alcançou a casa tirou a pistola da capa, agarrou-a com ambas as mãos, e rodeou a toda velocidade a lateral da casa.

Deus, tinha que correr mais rápido.

Parecia que levou uma eternidade para alcançar o canto da casa e rodear o alpendre traseiro. A névoa era tão condenadamente espessa que não sabia como Jonesy se conduziu através dela. Mas Zeke podia ver. Podia ver tudo em câmara lenta. A pistola no rosto dela; o dedo de Jonesy esticando-se no gatilho.

—Não! —gritou com raiva enquanto levantava a arma, logo observou enquanto Jonesy dava uma sacudida no mesmo instante e a parte posterior de sua cabeça explodiu na noite.

Zeke não parou para pensar, não se deu tempo para preocupar-se se por acaso os que disparavam podiam não ser amistosos.

Enquanto Jonesy caía sobre a forma caída de Rogue, afastou bruscamente o outro homem, jogando-o de costas no chão, e levantou Rogue em seus braços.

Mantendo o corpo curvado se apressou a subir as escadas do terraço, golpeou a porta da casa com o ombro, sentiu ceder as fechaduras, e caiu dentro da casa com ela. Seu corpo a cobria enquanto rodava através do chão, obrigando-se a ignorar os gritos de Rogue até que pôde tê-la a salvo no outro extremo da sala, atrás do sofá.

—Rogue. Meu bem. —Apoiando-a contra o sofá deixou que sua mão a percorresse, procurando com o olhar feridas ou ossos quebrados em seu corpo— Rogue, fale comigo.

—Filho da puta —gritou roucamente, a cara machucada se inchava, os olhos violetas cheios de raiva.

Zeke a observou em estado de choque até que a mão dela impactou no seu rosto. A bofetada aguda não foi suave. Acertou-o na bochecha com tanta força que soube que levaria a marca de sua mão durante horas. No segundo seguinte, sua sempre forte e impossivelmente teimosa Rogue caiu em seus braços chorando.

—Tenho você, meu bem. —Enterrou a cabeça em seu cabelo, um tremor atravessou seu corpo pelo perto que tinha estado de morrer— Está bem, meu bem. Tenho você.

Rogue nunca chorava. Não era uma chorona. Não se queixava. Estava soluçando em seus



braços, agarrando-se a ele com mãos desesperadas e tentando enterrar-se em seu peito.

E que Deus o ajudasse, não a culpava. Apertando os braços ao redor dela, a segurou, balançou-a, e fechou os olhos enquanto lutava contra a sobrecarga de temor e remorso que golpeava seu corpo.

Não deveria tê-la deixado. Não deveria havê-la deixado nunca, acreditando que estaria a salvo. Deveria ter tido em conta Jonesy, mas em troca tinha contado com a lealdade que o outro homem tinha parecido mostrar sempre para ela. Zeke sabia que teria devido ter melhor critério. Foi seu erro, e um pelo qual Rogue quase pagou.

—Maldição, Zeke está com problemas. —a voz baixa de Rowdy sussurrou através da sala em um tom de diversão e preocupação masculina— Nunca a ouvi chorar. Aposto que cortará seu membro.

—Cale-se, Rowdy —grunhiu Dawg.

—Sim, cale-se, Rowdy. —Proveio de Cranston, com a voz baixa e cheia de lamento.

Zeke elevou a cabeça e olhou o agente.

—Tenho que levá-la, Zeke. —Suspirou— Isto tem que ser concluído.

Seus braços se contraíram ao redor de Rogue. Deus, não sabia o que aconteceria. Soube durante todo o tempo que os pecados do passado nunca poderiam ser enterrados nem esquecidos pelo agente do DSN que sabia a verdade.

—Pelo amor de Deus, Cranston, lhe dê ao menos um dia ou dois —protestou Rowdy— Bastardo lisonjeador e sem coração. Alguém vai acabar te matando.

Então Zeke ouviu as sirenes uivando na distância. Reforços que teriam chegado muito tarde se Natches não tivesse obtido uma posição com esse rifle de franco-atirador. Zeke sabia que tinha que ter sido Natches, porque era o único que faltava nesse momento.

—Zeke conhece nosso trato —expôs Cranston— Precisamos da informação, essas fotos, e seu testemunho. Isto concluiu, meninos. As fotos que enviou antes tinham rostos de homens que não temos sob custódia, e ele os recorda. Este fodido grupo desapareceu. É maldita história e farei o que for necessário para dá-lo por terminado de uma vez. —Porque este grupo tinha destruído sua família, tinha matado sua mulher, sua filha e sua neta. Porque destruí-los era tudo o que via Cranston e não se deteria ante nada até vê-lo terminado.

Acabava aqui, justo como disse.

—Sem importar a quem tenha que destruir? —perguntou Rowdy.

—Sem importar a quem destrua —afirmou Cranston— Sem importar o que custar.

Zeke segurou mais perto Rogue, sentindo já o frio dentro de sua alma ao saber que tinha que soltá-la, afastar-se de novo, e afastar-se seria destruí-lo mais do que podia fazer a verdade de seu passado.

Pressionando os lábios no ouvido dela, sussurrou:

—Completa-me. Lembre-se, Rogue. Pela primeira vez em minha vida, sei o que acha que é o amor.

A cabeça dela se sacudiu contra o peito de Zeke quando outro soluço lhe saiu da garganta. Seus braços eram como sedosas faixas de aço ao redor de seu pescoço, e Deus sabia que ele não



sabia se tinha a força suficiente para obrigá-la a soltá-lo.

—Não usei você. —Beijou-a no topo da cabeça, na testa— Estava indefeso contra você. Sabe, Caitlyn Rogue. Não poderia ter me afastado por nada. Nem sequer por minha própria vida.

Capítulo 24

Mas ele partiu.

Uma semana mais tarde Rogue estava no estacionamento do que uma vez tinha sido o Bar e contemplava os escombros com uma sensação de... alívio.

Ela tinha perdido tudo o que possuía, exceto a Harley, mas estava agradecida de ter uma razão para afastar-se de tudo aquilo agora. Uma etapa tinha chegado ao seu final. O Bar tinha desaparecido, o perigoso Dayle Mackay e seus raivosos revolucionários tinham desaparecido. Jonesy tinha desaparecido.

Colocou as mãos nos bolsos de suas calças e deixou que seu olhar vagasse pelos enegrecidos restos de madeira onde as paredes desabaram.

—E agora o que? —O braço de seu pai rodeou seus ombros enquanto seu corpo alto e robusto lhe dava um lugar onde recostar-se.

Ela deu de ombros ante a pergunta.

—Comprei a participação de Natches Mackay. Suponho que agora sou co-proprietária de um restaurante.

Seu pai emitiu um forte suspiro quando ela levantou o olhar para as robustas feições de seu ainda de aparência agradável rosto.

—Quero que volte para casa —disse, enquanto sua mãe, Brianna Walker, colocava-se de seu outro lado.

—A maldita casa está muito tranquila. Com sua irmã casada e fora, e o maldito John nem sequer fica uma noite. O ninho está muito vazio.

Ela sorriu com isso.

—Sinto muito, papai. Esta é minha casa.

Somerset era sua casa. O lago Cumberland era seu lar.

Tudo o que ela tinha a fazer era esquecer um xerife arrogante e muito sexy e sua vida continuaria. Um dia inclusive poderia dormir toda a noite sem chorar.

—E quanto a Zeke? —Perguntou sua mãe como se lesse seus pensamentos— Ligou de novo ontem à noite.

Ele tinha ligado todas as noites durante as três últimas noites. Ela se negava a responder o telefone; negava-se a falar com ele. Ele tinha voltado para o trabalho, o crime no que tinha estado comprometido quando era uma criança nunca tinha sido mencionado, e por isso, ela estava contente. Seu pai o tinha traído, tinha tentado destruir a ele e seu futuro. Ninguém deveria ter que pagar por isso.



—Não quero falar de Zeke. —Ela não queria chorar de novo. A dor era como uma ferida inflamada dentro de sua alma que se negava a sanar.

Tinha-a usado. Ele poderia não ter suspeitado que Jonesy fosse o assassino que estava procurando, mas não tinha sido honesto com ela, tampouco. Não havia dito que a estava fodendo para que o assassino acreditasse que estava distraído com ela e não desse sua atenção a persegui-lo. Não havia dito que a única razão pela qual tinha ido a sua cama era melhorar as oportunidades de capturar a esse assassino.

Estava indefeso contra você. Sabe, Caitlyn Rogue. Não poderia ter me afastado por nada. Nem sequer por minha própria vida.

Tinha sussurrado essas palavras antes de ir com Cranston. Mas ainda assim se foi. Afastou-se dela sem um olhar para trás, para ajudar Cranston a rodear os últimos membros atrasados da organização que ele tinha lutado por derrubar.

James Maynard tinha sido detido, embora agora estivesse em liberdade condicional devido a sua cooperação com o Departamento de Segurança Nacional e o Departamento de Justiça. Ela tinha se informado de que Gene Maynard estava ajudando o DSN todo o tempo.

Tinha havido outros arrestos em Louisville assim como em Frankfort, e segundo Alex Jansen, a Liga pela Liberdade não era agora nada mais que uma má lembrança.

—Só volte para casa por algum tempo —insistiu seu pai— Um mês.

Ela negou com a cabeça outra vez enquanto um sorriso tocava seus lábios. Ele continuava tentando-o; tinha que lhe outorgar crédito por isso.

—Estou pronta para voltar para o apartamento agora, papai. Já deve estar bastante arrumado —disse enquanto dava a volta em seus braços e o abraçava rapidamente— Somente me leve para casa.

Houve um pequeno momento de silêncio. Seus pais compartilhavam esse olhar, pensou. O que compartilhavam cada vez que não sabiam o que fazer com os filhos que tinham criado.

—Bom. —Seu pai finalmente suspirou com força— Mas se não voltar para casa, então fico por aqui uma temporada. Dawg Mackay nos propôs usar sua casa flutuante agora que se mudou para a casa que construiu. Acredito que aceitaremos a oferta.

Ela quase se sobressaltou. Meu Deus, sobreviveria o lago Cumberland aos seus pais? Inclusive por uns dias? Certamente não ficariam mais que isso.

—Deveriam ir para casa, papai —ela começou a discutir a decisão.

—Caitlyn, seu pai disse que ficamos. A decisão foi tomada. —Ela usava sua melhor voz de “mamãe”. A que seus três voluntariosos filhos entendiam claramente. Essa era a última palavra.

E ponto.

—Muito bem, mas sabe que vai causar problemas enquanto estiverem aqui —informou a sua mãe enquanto se encaminhavam de retorno à limusine em que tinham chegado do aeroporto em Louisville— É um ímã para os problemas, mamãe. Ele e John. John já provoca confusões e não ficou aqui nem duas semanas.

—Estou segura de que todos sobreviveremos —assinalou sua mãe—A levaremos para casa, logo passaremos para verificar a casa flutuante do senhor Mackay. Parecia simplesmente



encantadora quando conduzimos ao redor do atracador. Sabia que seu pai estava acostumado a também ter um barco no lago? Quando era muito mais jovem.

—Não. —Rogue a olhou de esguelha— E estou segura de que não quero saber tampouco. Não me encha o saco com suas histórias dos encontros com papai. Por favor.

Sua mãe ria quando se sentaram na limusine e o veículo arrancou.

Rogue voltou o olhar aos restos chamuscados do Bar e se perguntou a respeito deste giro em sua vida. Tinha vinte e seis anos, e acabava de perder o único homem que alguma vez pôde haver-se imaginado amando. Saber que ele se afastou dela essa noite, alegando havê-la utilizado, empurrando-a para trás para ser protegida como uma bonequinha de porcelana enquanto ele saía para enfrentar os tipos maus, ainda tinha o poder de feri-la.

Não era que a tivesse deixado ali. Tinha acreditado que ela estaria a salvo, poderia perdoá-lo por isso.

Não, estava zangada, doída, porque tinha ido sem nada mais que um “até mais tarde”. Podia ter morrido acreditando que ele não sentia nada por ela.

Era a traição o que doía. Quando ele a necessitou, não quis aceitar que ela estivesse ali para ele. Não tinha contado todos os detalhes do que estava fazendo e por que estava fazendo. Não tinha compartilhado seus sentimentos com ela. Tão somente a tinha deixado ali. Podia ter morrido, podia ter sido detido por algo, e podia ter ido de sua vida, e ela não saberia se era mais importante para ele que a grama sob seus pés.

Porque tinha mentido. Tinha-a deixado pensar que simplesmente a usava, quando ela sabia, sabia no fundo de sua alma que lhe importava.

—Rogue? —Sua mãe pronunciou seu nome brandamente— Quando é jovem é muito fácil deixar que o orgulho se interponha no que é mais importante em sua vida. Não cometa esse engano.

Voltou as costas ao olhar compassivo de sua mãe e engoliu com dificuldade. Era só o orgulho?

—Mentiu para mim —sussurrou ela. —Deixou-me, negando que eu importasse alguma coisa para ele.

—E se não tivesse retornado? —Perguntou seu pai—E se tivesse morrido, Rogue? Ele cuidava de você.

Ela lutou contra as lágrimas que teriam caído.

—Somente se foi.

—E possivelmente não teve outra escolha —disse sua mãe amavelmente quando a limusine entrou em Somerset e se dirigiu por volta da área antiga do centro onde seu novo apartamento estava localizado— Os homens não são sempre tão lógicos como acreditam que são. Algumas vezes, Rogue, depende das mulheres que os amam destacar isso.

—E algumas vezes requer um bom chute. —resmungou seu pai com diversão— Sua mãe repartiu uns poucos ao longo dos anos.

Ela ficou olhando pela janela, com a garganta tensa pelas lágrimas não caídas enquanto lutava contra a dor que nunca parecia afrouxar, o frio que ela juraria que era evidente em sua



alma.

Meu Deus, tinha saudades de Zeke. Ansiava-o.

—Rogue. —Sua mãe pousou a mão sobre seu braço quando a limusine entrava na parte de trás do restaurante— Possivelmente deveria falar com ele.

Então viu o Tahoe, com o engalanado emblema do xerife na porta quando esta se abriu e Zeke saiu.

Vestia jeans outra vez, com a maldita placa pendurando de seu cinturão. Usava botas e uma camisa cinza de algodão. O sol resplandecia ao seu redor, fazendo que seus olhos parecessem mais dourados e sua expressão mais imponente enquanto o carro se aproximava do estacionamento.

—Somente fale com ele, Rogue. —propôs então seu pai amavelmente— Falar não dói.

O chofer abriu a porta e ela saiu lentamente, consciente que a porta se fechava atrás dela e segundos mais tarde o veículo partia.

Zeke se apoiou contra a parte da frente do Tahoe, com os braços cruzados sobre o peito e uma expressão imponente.

—Levou bastante tempo. —grunhiu ele, com voz escura, profunda. Sua cara estava quase cansada. Via-se tão mal como se sentia ela, como se o mundo também tivesse caído em cima.

Tirou as chaves do bolso, deu a volta, e se dirigiu às escadas do apartamento.

Estava seguindo-a? Podia senti-lo atrás dela, observando-a. Sentia-se como um coelho sob o olhar de um lobo faminto.

Olhou-o enquanto começava a subir as escadas. Estava atrás dela. O bastante longe para poder dizer que deliberadamente conservava a distância entre eles.

—Terminou a investigação? —Perguntou enquanto colocava a chave na porta e entrava.

—Acabou. Encurralaram os últimos membros na noite depois que Jonesy foi assassinado. Têm todas as provas que necessitam para prendê-los durante uma boa temporada.

Rogue assentiu.

—Pelo que ouvi, não tinham muitas oportunidades de êxito de toda forma. Um monte de velhas cacatuas procurando guerra.

—É um bom resumo. —Sua voz era cortante e fria enquanto entrava no apartamento atrás dela e fechava a porta— Mas estes velhos loucos eram mais inteligentes do que você pensava. E mais perigosos.

Ela assentiu. certo, tinha ouvido isso, também. Tinham assassinado um monte de bons homens e mulheres e eram responsáveis por até mais mortes durante os últimos trinta anos.

—Como está Gene? —Perguntou.

Zeke soprou.

—Isto foi duro para ele. Nem sequer sabia que Cammi estava vendo os meninos Walker. Sacudiu-o, deu-se conta de que ela se escondia dele. Fez sentido por que ela saiu correndo para suas irmãs depois de que fossem assassinados. Estava desolada.

—Amava-os? —Rogue girou e o olhou de sua posição na sala de estar.

—Importavam-lhe muitíssimo em qualquer caso. —Sacudiu a cabeça, com uma dura



expressão— Não era consciente de que alguém a andava procurando. Pensava que Joe tinha matado Jaime e depois a si mesmo, por ela. Gene está cuidando dela entretanto. Essa é a parte importante.

Essa era a parte importante, Rogue esteve de acordo. Como seu pai tinha tentando encarregar-se dela, e ela se negou a consenti-lo. Sua família se reuniu ao seu redor, dando conselho, oferecendo seu apoio, e nada evitava a dor; ninguém podia aliviá-la.

Voltou o olhar atrás para o Zeke e engoliu o nó de dor em sua garganta. Tinha passado muito tempo desde que havia sentido seus braços rodeando-a. Tantas noites em que ela tinha chorado sobre seu travesseiro, doída, ferida.

—Odeia-me, Rogue? —Perguntou ele então, de pé frente a ela, alto e tão arrogante, como se a desafiasse a que o atacasse a golpes. Como se o esperasse.

—Odiaria-me você? —Perguntou Rogue.

Ela tinha se perguntado durante a última semana se tinha razão ou estava equivocada em como se sentia. Deveria castigá-lo, ou deveria simplesmente amá-lo?

Zeke fez uma careta.

—Açoitaria seu maldito traseiro se me fizesse algo parecido —finalmente admitiu— Mas seria um filho da puta se te deixasse partir, Rogue. Não houve uma noite em que não estivesse tentando chegar a sua cama de qualquer maneira.

—Não posso açoitar seu traseiro —disse ela, engasgando com a voz espessa pela emoção— Que acha que devo fazer, Zeke, esperar até a próxima vez em que esteja preocupado por mim, que tenha medo que me machuquem, e o faça outra vez? Como sei quando está comprometido comigo em vez de com seus medos de perder alguém?

Sua mandíbula se esticou furiosamente.

—Agora soa como Shane. Não falou comigo desde que soube do que esteve acontecendo nos últimos dez anos. Está fazendo biquinhos em Louisville como um menino porque não disse a ele antes que saísse para essa viagem que estava acontecendo.

—Porque podia ter morrido enquanto ele estava fora —replicou ela— Porque o ama, Zeke. Como acredita você que nos faz sentir isso? Saber que nos poria de lado tão facilmente?

—Como se a protegesse? —grunhiu ele em resposta— Esperava que entendesse quão importante é para mim. Deus, Rogue, acredita que queria morrer sabendo que se houvesse dito como me sentia, você teria se angustiado mais? Ou se me tivessem detido e acusado de um assassinato que cometi quando era um menino, acredita que queria que se prendesse mim quando não tinha um futuro para te dar?

—E isso é aceitável? —Chorou ela— Muito bem, Zeke, troquemos a posição. Aceitaria-o você?

—Merda, não! —gritou em resposta. —É minha, maldita seja. Custe o que custar.

—Meu Deus, escute você. —Ela estava em sua cara, quase nariz com nariz, a cólera pulsava como uma tatuagem em suas veias— Escuta quão arrogante é! Por que deveria aceitá-lo? Por que não deveria você me pertencer também, Zeke? Acredita por um condenado minuto que só tomarei quando está a salvo? Meu Deus, o que é isso, um puto fim de semana ao ano?



Seus olhos se estreitaram.

—Você tomará, e ponto, cada maldito dia do ano —grunhiu ele em resposta— Certo, fui um fodido imbecil. Fui um estúpido. Fui um fodido idiota que amava sua mulher o suficiente para querer protegê-la. Assim atire em mim.

—Dê-me a arma. —Com os braços na cintura, a excitação e a cólera em seu sangue, lhe jogou as palavras.

Estava transtornada. As longas noites sem ele, a cólera porque se mantivera longe dela sem dizer que a amava. Que esperasse até que ela estivesse zangada, até que queria chutá-lo, antes de admiti-lo.

—Pequeno demônio. —O assombro fez mais escuro seu olhar e encheu sua cara— Pequena bruxa teimosa. Nem sequer vai dizer que me ama, verdade?

—Por que deveria? —Um bico se formou em seus lábios enquanto girava para afastar-se dele— Por que deveria te dizer alguma coisa?

Se pensava que ele ia deixá-la sair disto facilmente, estava equivocada. Ela tinha esperado estar equivocada. Rogava estar.

Antes que pudesse dar o primeiro passo ele envolveu um braço ao redor de sua cintura, levantou-a e logo atravessou o apartamento. Diretamente para seu dormitório e para a cama.

—Dirá. —prometeu, com a voz cheia de excitação e exigência— Antes que saia desta cama, prometo a você que dirá.

Rogue afastou o cabelo do rosto, apoiou-se nos cotovelos, e o observou despir-se. Rasgou a roupa. Os botões saltaram de sua camisa, suas botas foram lançadas ao chão, seu jeans, sua roupa de baixo e meias jogadas por tudo. Quando ficou em pé diante dela, toda carne escura e raivosa excitação, Rogue juraria que ficou sem fôlego.

Seu membro estava furiosamente congestionado, com a longa ponta avermelhada e pulsando enquanto seus dedos rodeavam o grosso eixo e o bombeavam com golpes lentos, eróticos.

—Dispa-se. —pediu ele, com voz rouca e os olhos obscurecidos.

—Você se tornou um horrível mandão. —murmurou, embora se levantou da cama enquanto o observava cuidadosamente.

Ela não arrancou a roupa. Dobrou o joelho e tirou primeiro um sapato, logo o outro e os deixou cair ao chão. Depois, com movimentos lentos e precisos, suas mãos agarraram a barra do leve suéter e o tirou pela cabeça, sacudindo finalmente o cabelo solto enquanto o gemido dele murmurava em seu ouvido.

Sua expressão era intensa agora, a cara ruborizada. Os olhos castanhos dourados pareciam mais escuros, mais predadores, quando os dedos dela foram ao botão de seu jeans.

O fechamento de metal se soltou facilmente, o zíper raspou ao abrir-se, e segundos mais tarde ela tirava a malha pelas pernas e ficava em pé ante ele sem nada mais que a atrevida renda negra de sua tanga e o sutiã. Enquanto ele olhava, ela levantou as mãos e cavou os montículos inchados de seus seios antes de abrir o fechamento de plástico do sutiã.

—Meu Deus, terei um ataque antes que você tire essas calcinhas —gemeu ele



roucamente— Poderia tentar se apressar, querida? Não é que tenha muito controle agora mesmo.

Ela sorriu. Então o deixaria sofrer. Merecia sofrer pelo que tinha feito. Só um pouco.

—Deveria me preocupar com seu controle? —Perguntou, sua voz era suave, deliberadamente sensual— De verdade, Zeke. Sofri uma semana. Onde esteve?

Seus olhos se estreitaram.

—Nem sequer falou comigo quando liguei, Rogue.

Ela deu de ombros.

—Talvez não quisesse um telefone entre nós, Zeke. Talvez quisesse você. E você não estava aqui.

Rogue tremeu quando deixou cair as pontas dos dedos por seu ventre e imaginou o toque dos dedos dele sobre ela. Calosos, ásperos, quentes.

—Pisa em uma linha muito fina, querida. —ele falou com voz áspera.

—Vai me algemar, xerife? —Seus dedos se inundaram sob o elástico de sua tanga, conteve o fôlego quando as pontas de seus dedos roçaram seu clitóris.

A expressão da cara dele era erótica como o inferno. Escura e primitiva. Ela se perguntou quanto tempo precisaria para quebrantar esse incrível controle.

—Maldita seja, é linda. —exalou quando Rogar arrastou os dedos de volta aos seios e insinuou um toque sobre seus mamilos.

—De verdade? —sorriu— Sou um pouco baixa.

—Para isso servem esses malditos saltos altos. —ele mal respirava—Rogue, querida, chegamos ao ponto crítico. —Sua mão apertou o membro—Tire suas calcinhas, querida.

—Tire-as você.

Era um desafio. Uma provocação. E ela deveria ter tido melhor critério. Teria-o se não tivesse produzido exatamente a reação que queria.

Zeke cruzou a distância em dois curtos passos. Seus dedos se curvaram sob o elástico da tanga e puxou.

Arrancou-lhe o tecido com um gemido. Um braço rodeou seu traseiro e a levantou, arrastando uma perna sobre o quadril dele quando se girou para a cama.

A pesada ponta do membro estava justo na entrada de sua vagina, pressionando contra ela enquanto a colocava de costas ao longo da cama, separava-lhe as pernas, e baixava o olhar para observar.

Era tão condenadamente sexy que deveria ser ilegal. Rogue olhava também. Observava como as dobras nuas de seu sexo se separavam e a úmida cabeça escura de sua ereção começava a pressionar dentro dela.

O calor a chamuscou por dentro. O prazer açoitou seu corpo, centrado no ponto da penetração, e logo crepitando sobre sua carne. Seu clitóris pulsou, e jurou que se ele não se apressasse, chegaria ao orgasmo antes que se estivesse sequer completamente dentro dela.

Estava desesperada, ardendo. Sua mão desceu pelo abdômen outra vez e seus dedos encontraram o tenso nó do clitóris enquanto Zeke empurrava contra ela.

—Meu Deus, isso é fodidamente sexy. —gemeu quando ela se tocou.



Seus quadris se elevaram e um grito deixou seus lábios enquanto ele se afundava mais profundamente dentro dela. O erótico estiramento era puro êxtase.

A dentada pequena de uma queimadura, um golpe de êxtase. As costas de Rogue se arquearam com as sensações, sua cabeça caiu sobre o colchão.

—Aí, querida. —exalou ele, com voz rouca, os músculos de seu abdômen se flexionaram quando o observou retroceder— Oh Deus. É tão doce. Tão apertada e quente.

O dedo dela esfregou seus clitóris enquanto ele começava a mover-se dentro de Rogue. Profundos e fortes impulsos que fizeram seus quadris se contorciam enquanto ela se masturbava seguindo o ritmo que ele criava.

Foi delicioso, ardente. O êxtase.

—Mais —implorou ela, olhando como seu membro saía, brilhando com seus sucos e logo empurrava dentro outra vez com um golpe duro, faminto.

Rogue podia sentir as sensações acumulando-se dentro dela, o apertado nó de calor em seu ventre, o batimento de seus clitóris, a aceleração em seu sangue, e a dor em seus mamilos. Estavam aumentando, assinalando a proximidade do orgasmo enquanto tentava empurrar essa constante ascensão mais rápido. Ela o queria agora. Queria explodir em seus braços, queria gritar seu nome.

Foi mais que só prazer, mais que simplesmente seu orgasmo iminente. Zeke estava aqui em seus braços, em sua cama. Ela ficou olhando-o, memorizando os muito excitados planos e ângulos de sua cara, o suor acumulado nos musculosos e tensos ombros.

Arqueando-se em seus braços, Rogue sentiu o trovão de advertência em suas veias, o violento desdobramento da quase violenta sensação quando seus quadris se curvaram contra ela, empurrando com força, acariciando, incrementando o prazer em seu interior, e se perguntou se sobreviveria. Se superaria o cataclismo que a percorria.

Rogue o viu enquanto estalava. As luzes cegadoras, o pulso e o batimento de sua vagina ao redor dos pesados impulsos em seu interior. A queimação do estiramento, a necessidade, o desejo, e finalmente a cegadora explosão que fez pedaços sua alma, que a fez gritar seu nome, retorcer-se em seus braços, e derreter-se por completo.

—Zeke. Oh Deus, Zeke. Amo você. Amo você.

Ele não podia deixá-la outra vez. Ela não poderia suportar. Não poderia vê-lo partir, vê-lo confrontar o perigo sozinho, sem saber que o amava, sem saber que quando retornasse, ela estaria ali. Acontecesse o que acontecesse.

Suas mãos agarraram a cara dele, seguraram-no enquanto empurrava nela até sua própria liberação. Seus olhos se encontraram, mesclaram-se.

—Amo você —chorou ela com voz rouca—Não sabe, Zeke? Embora não me ame, morreria por você.

Seus olhos castanhos dourados brilharam com calidez. Sua expressão se encolheu de dor, de remorso.

—Amo você até o ponto que não posso respirar de tanto como preciso de você. —Sua voz era agitada, ofegante—Deus, Rogue. Vivo por você.



Zeke estremecia contra ela; a sensação de sua liberação derramando-se dentro dela, a pressão de seu corpo contra ela, foi a perfeição. Estava onde devia estar.

Este era seu sonho. Depois dos pequenos enganos que ele tinha tentado com ela, depois da cólera e o orgulho machucado. Superados os medos. Aqui, nos braços de Zeke, Caitlyn Rogue encontrou um lar.

Epílogo

Um ano depois.

Era a festa do ano para o porto esportivo Mackay e seus habitantes, enquanto os proprietários do porto ofereciam a recepção para o xerife do condado Pulaski que finalmente havia atado o nó à maliciosa que lhe roubou o coração.

A noiva estava deliciosa com um vestido medieval cor marfim. O noivo estava elegante em seu smoking negro. O melhor homem, o chefe de polícia de Somerset, Alex Jansen permanecia de pé com a dama de honra, sua mulher, Janey Mackay Jansen.

As mesas que tinham sido montadas sob a carpa, levantada exclusivamente para o evento, estavam repletas. Mas a atração mais importante, inclusive para a noiva e o noivo, foram as três deliciosas filhas Mackay que tinham nascido dos primos Mackay no último ano.

Todas meninas. Seus pais as seguravam bem forte e fulminavam com o olhar os convidados que riam porque não podiam acreditar que os bem conhecidos primos Mackay tinham obtido, todos, uma vingança tão acorde.

—Sim, essas meninas vão ser mais selvagens que o vento —comentou um dos convidados— Não pode ver Natches aos cinquenta, mancando com a bengala para seguir o ritmo dessa menina dele?

Sua filha, com uma cabeça cheia de espesso cabelo negro frisado com dourado e curiosos olhos verdes, já contemplava seu papai, com uma faísca de travessura.

—E quanto a Dawg —se aventurou outro convidado— Uma filha. Cara. Não posso esperar para ver as aventuras nas quais se meterão essas meninas.

Dawg grunhiu.

—E acha que a menina do velho Rowdy não será a mais selvagem —desafiou outro convidado— Sempre é a mais tranquila do grupo. Sabe que é a cabeça.

Os convidados riram, olhando às três pequenas perfeitas de cabelo negro e olhos verdes, e sentindo um pouquinho de compaixão pelos ex-meninos maus do condado.



Três garotas Mackay. Primas. Lindas e já seguras de seu lugar no mundo.

Sim, lhes dê outros vinte anos e os Mackay seriam a fofoca da cidade outra vez. Os Mackay e os amigos que os acompanhavam. Os Meninos Travessos, um dia se converteriam em As Garotas Travessas.

Fim



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>